REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

Ano III - Março/2012 - Edição Multilíngue Semestral - Ilha de Desterro/Brasil

TRADUÇÕES

ISSN 2177-5141

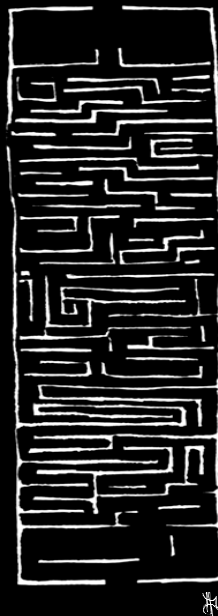
4

INTRO

"Entrei como um homem sem compreensão,

e sairei como um Espírito forte!"

Papiro de Nu

(O livro dos mortos)

EDITORIAL

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

ILHA DE DESTERRO/SC – BRASIL

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Fedra R. Hinojosa

REVISÃO
Equipe (n.t.)

Há mais de três milênios, quando a Civilização Minoica florescia no Mediterrâneo, na costa sul da ilha de Creta, um antigo código ou sistema de escrita foi cunhado em uma esfera de argila: o Disco de Festo. Encontrado durante uma escavação arqueológica em 1908, nas ruínas do palácio da homônima cidade de Festo, as incrições nele contidas guardam ainda um significado e um propósito desconhecidos, não decifrados até o momento. E embora tenham sido muitas as teses apresentadas em tentar aclarar os segredos por detrás de seu intrincado conjunto de signos, o mistério que esse pequeno disco guarda ainda permanece incógnito.

Datado de c. 1700 a.C., o Disco de Festo, que ilustra a capa desta edição da (n.t.), encontra-se atualmente no Museu Arqueológico de Iráclio, em Creta. Seu valor histórico reside não só em sua antiguidade (que data da era do bronze minoica) mas também no processo de registro dos símbolos feito em terracota, o que indica uma das ocorrências mais remotas de um processo de impressão. O disco de 16 cm de diâmetro apresenta inscrições em ambos os lados, separadas em grupos e dispostas em linhas em formato espiral. Nos dois lados há dezenas de sinais representados através de figuras humanas, objetos do cotidiano, animais e plantas. Supõe-se que os grupos em cada lado do disco encerram em si o conceito de uma palavra, mas o que ainda se ignora é se o conteúdo nele impresso forma um texto, um calendário, ou qualquer outro tipo de registro que há muito se perdera.

Mas o artefato de Festo não é um caso isolado na decodificação de antigos sistemas de escrita, muitos outros permanecem ainda não decifrados, como a escrita Linear A, conhecida como eteocretense, encontrada em Akrotiri, em Thera (Santorini), e cunhada em tabuinhas de argila. Ou então a escrita desenvolvida pelo povo polinésio de Rapa-Nui (Ilha de Páscoa), chamada de Rongorongo, gravada em tabletes e cajados de rocha obsidiana. Embora oriundos de ilhas, parece que esses antigos sistemas ficaram "ilhados" por não terem sido ainda decifrados ou decodificados, mas nem sempre se encontra uma Pedra de Roseta próxima aos seus locais de origem, o que facilitaria o trabalho de arqueólogos, estudiosos e tradutores. Como se sabe, a Pedra de Roseta é o fragmento de uma estela do Antigo Egito, encontrada em Rashid (Roseta), no delta do Nilo, cujo texto fora crucial para a compreensão moderna, e consequente tradução, dos hieroglifos egípcios.

Este número da revista (n.t.), portanto, é dedicado a estes antigos sistemas de escrita, a esses símbolos e inscrições cunhados em pedra e argila que um dia foram reflexo direto da linguagem de suas civilizações, e que parecem não querer "calar-se" frente ao tempo. Como diria Barthes, "a linguagem é como uma pele", com ela é que contatamos com os outros, e talvez o Disco de Festo e as tabuinhas de Rongorongo sejam exemplos de "línguas" que ainda têm muito a nos dizer, a nos revelar. E a tradução será o meio para a leitura desses fragmentos, a ponte necessária entre o passado e o presente.

(n.t.)

TRADUTORES/AS

Ana Santos
Bairon O. Vélez Escallón
Daniel da Silva Moreira
Davi Pessoa Carneiro
Denise Bottmann
Irta Sequeira Baris de Araújo
Larissa Costa da Mata
Lucie Koryntová
Márcio dos Santos Gomes
Michelle V. O. do Nascimento
Octávio Mendes Cajado
Oleg Almeida
Patrick Fernandes R. Ribeiro
Roberto Mário Schramm Jr.
Scott Ritter Hadley
Vanessa Lopes L. Hanes
Yuri Ikeda Fonseca

AGRADECIMENTOS
[direitos: texto e imagem]
· Bodleian Library,
University of Oxford (ING)
· British Museum
Dep.: Ancient Egypt (ING)

Por isso, nesta 4ª edição apresentamos desde um dos primeiros textos conhecidos da civilização, o *Livro dos Mortos* egípcio, como textos de autores modernos, da poesia à prosa. Na rubrica "Poesia Seleta" apresentamos quatro poetas, abrindo a seção com os *Epigramas|Epigrammata*, do poeta latino Décimo Magno Ausônio, tradução de Daniel da Silva Moreira, seguida da seleção *Mas é música|Ale je hudba*, do poeta tcheco Vladimír Holan, tradução de Lucie Koryntová; *Don Juan: Dedicatória a Robert Southey|Dedication to Robert Southey, Esq*, de Lord Byron, tradução de Roberto Mário Schramm Jr.; e *Três poemas acerca da morte|Tres poemas acerca de la muerte*, de Miguel de Unamuno, conjunto de poemas traduzido por Yuri Ikeda Fonseca. Na rubrica "Prosa poética", Bairon Oswaldo Vélez Escallón traduz o mexicano Juan José Arreola, na seleção intitulada *Metamoforse|Metamorfosis*.

Na sequência, em "Ensaios literários", quatro contribuições inéditas e autores pouco conhecidos do público brasileiro ilustram as páginas dessa seção, que abre com o ensaio *O vazio do poder na Itália|Il vuoto del potere in Italia*, de Pier Paolo Pasolini, tradução de Davi Pessoa Carneiro; *É esforço|Es esfuerzo*, texto do espanhol Rafael Barrett, tradução de Patrick Fernandes Rezende Ribeiro; *O Deus-criminoso|The criminal-God*, ensaio de Edgar Wind, tradução de Larissa Costa da Mata; e, por último, *Porque sou pagã|Why I am a Pagan*, memorável artigo da escritora indígena sioux Zitkjala-Ša, tradução realizada por Scott Ritter Hadley. À continuação, inauguramos a seção "Pensamento", com o *Ensaio sobre o Ser|Versuch über das Sein*, de J. G. von Herder, tradução de Márcio dos Santos Gomes.

Na seção "Contos & excertos", que já revelou muitos autores desconhecidos, apresentamos cinco traduções originais, entre elas um conto inédito de Edgar Allan Poe. Iniciamos com a seleção de textos timorenses, escritos em tétum, *Gentes e Culturas - Timor-Leste|Emarkultura - Timor Lorosa'e*, tradução de Irta Sequeira Baris de Araújo; excertos do romance *Repolhos e Reis|Cabbages and Kings*, de O. Henry, tradução de Vanessa Lopes Lourenço Hanes; a narrativa *Três heróis|Tres héroes*, do cubano José Martí, tradução de Michelle Vasconcelos O. do Nascimento; o conto do escritor russo Vsêvolod Gárchin, *A flor vermelha|Красный цветок*, tradução de Oleg Almeida; e o conto inédito em português de Edgar Allan Poe, *Von Kempelen e sua descoberta|Von Kempelen and his Discovery*, na prestigiosa tradução de Denise Bottmann.

Na rubrica "Memória da tradução", ao lado do papiro original em hieroglifos egípcios, publicamos o capítulo LXIV do "Papiro de Nu", que integra o *Livro dos Mortos* egípcio; a tradução é de Octávio Mendes Cajado, estabelecida a partir da versão inglesa, publicada pela editora Pensamento, em 1995. E na tradicional seção de encerramento "Ilustração", apresentamos o dístico realizado a partir do poema *Os Sinos|The Bells*, de Anne Sexton, tradução de Ana Santos e ilustração de Aline Daka.

Com essa exímia seleção de autores, que contou com a colaboração de diversos tradutores que nos enviaram solicitamente seus respectivos textos, encerramos o editorial desta edição, esperando que o leitor de nossa revista possa, por si só, de agora em diante, decifrar os signos que o aguardam nas páginas seguintes, oriundos da *pena* de diversos autores e, é claro, da *lida* de diversos tradutores.

Não há fronteiras que os impeçam! ■

O editor

Florença, março de 2012.

(n.t.) | 4°

ISSN 2177-5141

[(n.t.) | 4° acabou-se de editar em 15 de abril de 2012]
Fontes: **Book Antiqua**, **Palatino Linotype**, **Baramond**.

SUMÁRIO

poesia seleta

(n.t.) | Guadalajara

Epigramas

Décimo Magno Ausônio

O texto: Na obra de Décimo Magno Ausônio, praticamente inédita em português, um dos pontos de maior interesse é a sua coleção de epigramas, composta por pouco mais de cem poemas breves e em que estão representados vários aspectos da sociedade romana de sua época. Curtos e de assuntos variados, os epigramas nasceram na Grécia e foram, mais tarde, levados a Roma, onde conheceram expoentes entre os autores de todas as épocas da literatura latina. Os poemas selecionados para esta publicação tentam dar uma ideia da variedade temática própria ao gênero. Esta seleção tem ainda por objetivo dar a conhecer, ao menos numa pequena amostra, a poesia desse poeta tão pouco traduzido em língua portuguesa.

Texto traduzido: Ausonius. *Ausonius in two volumes*: with an english translation by Hugh G. Evelyn White (The Loeb Classical Library). Vol.2. London: Harvard University Press, 1985.

O autor: Décimo Magno Ausônio (310-395 d.C.), poeta nascido em Burdigala (cidade romana equivalente à atual Bordeaux, na França), teve uma cuidada formação intelectual, a partir da qual exerceu o ensino de Gramática e Retórica durante mais de 30 anos e alcançou a honra de se tornar o preceptor de Graciano, filho de Valentiniano, o que lhe garantiu ainda uma posição política de relevo no Império, tendo ocupado diversos cargos públicos. É considerado um dos primeiros autores cristãos em língua latina, apesar de sua obra, bastante extensa, estar muito mais ligada à estética anterior ao advento do cristianismo em Roma, tecendo um constante diálogo com a tradição literária romana.

O tradutor: Daniel da Silva Moreira atualmente é professor do conjunto de disciplinas de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É licenciado em Letras (Língua Portuguesa e literatura correspondente, 2007, e Língua Latina e literatura correspondente, 2010) pela UFJF e mestre em Estudos Literários (2011), também pela UFJF.

EPIGRAMMATA

"Versibus inscripsi quae mea texta meis."

DECIMUS MAGNUS AUSONIUS

XXV. COMMENDATIO CODICIS

Est quod mane legas, est et quod vespere; laetis
Seria miscuimus, tempore uti placeant.
Non unus vitae color est nec carminis unus
Lector; habet tempus pagina quaeque suum;
Hoc mitrata Venus, probat hoc galeata Minerva;
Stoicus has partes, has Epicurus amat;
Salva mihi veterum maneat dum regula morum,
Plaudat permissis sobria Musa iocis.

XXXIV. AD GALLAM PUELLAM IAM SENESCENTEM

Dicebam tibi: “Galla, senescimus; effugit aetas,
Utere rene tuo: casta puella anus est.”
Sprevisti. Obrepsit non intellecta senectus
Nec revocare potes, qui periere, dies,
Nunc piget et quereris, quod non aut ista voluntas
Tune fuit, aut non est nunc ea forma tibi.
Da tamen amplexus oblitaque gaudia iunge.
Da: fruar, et si non quod volo, quod volui.

LII. DEAE VENERI

Orta salo, suscepta solo, patre edita Caelo,
Aeneadum genetrix, hic habito alma Venus.

LIII. VERSUS IN VESTE CONTEXTI

Laudet Achaemenias orientis gloria telas:
    Molle aurum pallis, Graecia, texe tuis;
Non minus Ausoniam celebret dum fama Sabinam,
    Parcentem magnis sumptibus, arte parem.

LIV. ITEM

Sive probas Tyrio textam subtemine vestem
    Seu placet inscripti commoditas tituli,
Ipsius hoc dominae concinnat utrumque venustas,
    Has geminas artes una Sabina colit.

LV. DE EADEM SABINA

Licia qui texunt et carmina, carmina Musis,
    Licia contribuunt, casta Minerva, tibi.
Ast ego rem sociam non dissociabo Sabina,
    Versibus inscripsi quae mea texta meis.

LXXVIII. DE CASTORE FELLATORE QUI SUAM LINGEBAT UXOREM

Lambere cum vellet mediorum membra virorum
Castor nec posset vulgus habere domi,
Repperit, ut nullum fellator perderet inguen:
Uxoris coepit lingere membra suae.

IN PUERUM FORMOSUM

Dum dubitat natura, marem faceretne puellam:
Factus es, o pulcher, paene puella, puer.

Epigramas

"Eu, que em minhas vestes gravei meus próprios versos."

DÉCIMO MAGNO AUSÔNIO

XXV. RECOMENDAÇÃO DO LIVRO

Há o que ler de manhã e à tarde, uni o alegre
Ao grave, e que aprazam quando convém.
A vida não tem uma só cor, nem meu verso
Um só leitor, e tudo tem seu tempo;
Isto Vênus aprova e Minerva aquilo outro;
Estóico e epicurista têm suas partes.
Contanto que eu me atenha aos antigos costumes,
Que a sóbria Musa aplauda os chistes lícitos.

XXXIV. PARA GALLA, A MOÇA QUE AGORA ENVELHECE

Eu dizia: “Galla, envelhecemos; e o tempo voa;
    Goza a tua cona: a moça casta é já velha.”
Desprezaste. A velhice chegou furtivamente
    E não podes recobrar os dias perdidos.
Te arrependes e queixas, ou porque então não tiveste
    Vontade, ou porque agora não tens mais beleza.
Dá-me, enfim, abraços; partilha a alegria esquecida.
    Dá: e que eu frua, se não o que quero, o que quis.

LII. À DEUSA VÊNUS

Nascida do mar, colhida ao solo, filha do Céu,
    Mãe de Roma, aqui habito, a provedora Vênus.

LIII. VERSOS COSIDOS NUMA VESTE

Que a glória do Oriente exalte as tramas Aquemênidas[1],
Teça em teus mantos, ó Grécia, o ouro brando;
Desde que não menos se louve Sabina Ausônia[2],
Mais modesta em luxo, porém igual em arte.

[1] Os Aquemênidas foram uma dinastia de reis persas (entre eles estão Xerxes, Ciro, Artaxerxes e Dario) que governou a Pérsia durante muitos séculos; assim, a referência que se faz é aos até hoje famosos tecidos e tapetes persas.
[2] O vocábulo "Ausoniam" aqui significa, ao mesmo tempo, "mulher de Ausônio" e "que provém do oriente".

LIV. SOBRE O MESMO TEMA

Gostas do traje bordado em fio de Tiro[3]?
Ou te apraz sua bela inscrição gravada?
A formosa mulher concilia um e outra;
E estas artes gêmeas Sabina as une.

[3] Tiro foi uma antiga cidade fenícia situada na costa do Mar Mediterrâneo; particularmente conhecida pela produção de um tipo bastante raro de tinta púrpura, extraída a partir de um molusco, uma cor que era reservada, em muitas culturas antigas, aos nobres.

LV. SOBRE A MESMA SABINA

Ao tecermos carmes e tramas ofertamos versos
    Às Musas, e a ti os tecidos, casta Minerva.
Mas, Sabina, eu não dissociarei artes irmãs,
    Eu, que em minhas vestes gravei meus próprios versos.

LXXVIII. SOBRE CASTOR FELADOR QUE CHUPAVA SUA ESPOSA

Como Castor quisesse lamber membros de homens
    E não pudesse ter nenhum em casa,
Achou uma forma de não perder a prática:
    Passou a chupar as partes da esposa.

A UM RAPAZ FORMOSO [4]

Enquanto hesita a natureza entre criar macho ou fêmea,
  Tu és criado, ó belo rapaz, quase uma moça.

[4] Este epigrama, incluído pela tradição entre os poemas de Ausônio, trata-se muito provavelmente de um texto de outro autor de seu tempo, cujo nome não nos alcançou. A questão da autoria é de tal modo incerta que ele aparece, por exemplo, na *Anthologia Latina*, de Alexander Riese, atribuído a Virgílio. As edições mais recentes preferem, assim, trazê-lo em uma espécie de apêndice, em que sempre se chama a atenção para a imprecisão do nome do verdadeiro autor.

Mas é música

Vladimír Holan

O texto: Os poemas selecionados apresentam uma das muitas faces da obra multiforme de Vladimír Holan: a poesia diária à qual se dedicou, sobretudo, nos anos 1940 -50. Trata-se de pequenos escritos que revelam percepções cotidianas no quadro transcendental da condição humana, da história e do divino. Encontramos aqui os motivos constantemente explorados pelo poeta através de figuras retóricas que são o maior instrumento do seu pensamento assombrado pela claridade da dor: falta do amor nas relações humanas, impossibilidade de conhecer o outro, percepção de si próprio como de um sósia, impossibilidade de aproximar-se de Deus, a certeza da morte.

Textos consultados: Holan, Vladimír. "Na postupu", "Stále totéž", "Život II", "Lidský hlas", "Kdo jsi?", "Nemusí, ale", "Kdekoliv II'. *Ale je hudba* – Sebrané spisy Vladimíra Holana. Praha: Odeon, 1968. "Mors ascendit per fenetras". *Lamento* – Sebrané spisy Vladimíra Holana. Praha: Odeon, 1970, 248.

O autor: Poeta tcheco, grande solitário na vida e na literatura, 1905–1980. Após a curta participação na vanguarda checa, o *poetismo*, e a colaboração em revistas literárias, abandonou a vida social e fechou-se por trinta anos em sua casa em Kampa, uma ilha no centro da Praga. E apesar da condição financeira, dedicou-se plenamente à criação literária, desafiando o regime hostil do Comunismo. Seus companheiros literários eram os artistas e personagens fictícios de todos os tempos: Mozart, Hamlet, Ofélia, Orfeu… e a sua atualidade era toda a história. Sua obra é vasta e diversificada: dedicou-se tanto à lírica íntima da herança do pós-simbolismo, como na poesia que reflete os grandes momentos históricos da nação tcheca (2ª guerra mundial, protetorato alemão, liberação pelos soviéticos), ou ainda na poesia narrativa meditando sobre o destino humano. Elaborou uma linguagem poética inédita e multiforme: explorou tanto poesia regular como verso livre, investigando os limites da expressão com neologismos léxicos e sintáticos, arcaísmos, palavras coloquiais, vulgarismos etc. É um dos mais apreciados poetas tchecos fora do seu país.

A tradutora: Lucie Koryntová (1984, Praga) se dedica à investigação literária e à tradução do francês e do português. Cursa doutorado na Universidade de Carlos, em Praga, com o tema "Mimesis da linguagem poética de Vladimír Holan", e trabalha como redatora da revista *Plav – mensário para a literatura mundial e a tradução* (www.svetovka.cz).

ALE JE HUDBA

"Být sám je příliš mnoho na jednoho dvojníka,
ale s tebou jsi mi vždycky ještě chyběla ty..."

VLADIMÍR HOLAN

NA POSTUPU

Básníka nemůže omluvit nic, ani jeho smrt.
A přece z jeho nebezpečného bytí
zůstává zde vždycky ještě jaksi navíc
několik jeho znamení. A v nich
věru ne dokonalost: i kdyby jí byl ráj,
nýbrž pravdivost, i kdyby jí mělo být peklo…

STÁLE TOTÉŽ

Znám bytost, která kupuje
závoje od nevěst, jimž sešlo ze svatby.
A znám bytost, která oddaluje svatbu,
protože milenci neměli na snubní prsteny.
Ale ta bytost, narvaná do žinilkových sukní
věkovitého a už vlastně zvěčnělého návyku,
není tak bezcitná, jak by se zdálo!
Dovede přistoupit ke všem zrazeným a opuštěným dívkám,
a to právě ve chvíli, kdy se jich odříká i samota,
dovede zaměnit lásku, jež pomíjí,
se soucitem, který nenastává,
a dovede jim mohovitě zašeptat:
„Budu ti držet ruku na bříšku
a čekat, až to v něm kopne…”

ŽIVOT II

Hamlet mi řekl: „znáte to: pojednou nic, naprosto nic,
naprosto nic už naproti, nic jako chvíle, kdy se zdá,
že i budoucnost je za námi.
Kdo miluje, měl by se radovat!

Jenomže vesmír, ač prý ukončený, je i bezmezný.
Muži je náhle teskno, ženě zima,
nezabili se tedy, přicházejí k sobě
a vděčni jsou, že zase vidí něco z osudu,
i když je tím nestydatě přesná
cesta do chudobince…”

LIDSKÝ HLAS

Kámen i hvězda nevnucují nám svou hudbu,
květiny jsou tiché, věci až cosi zamlčují,
zvíře zapírá v sobě kvůli nám
souzvuk nevinnosti s tajemstvím,
vítr má vždycky cudnost pouhého znamení,
a co je zpěv, vědí jen oněmlí ptáci,
kterým jsi na Štědrý den hodil nevymlácený snop.

Stačí jim být, a to je nevýslovné. Ale my,
my máme strach, a nejen ve tmě,
ale i za úrodného světla
nevidíme svého bližního
a zděšeni až k zuřivému zaklínání
křičíme: „Jsi tady? Mluv!"

KDO JSI?

Nevím, říká-li se ještě ženám moje holubičko,
nikdy jsem se tě neptal, jsi-li šťastna,
zázračná, nedbáš a přicházíš do mého zbožňování,
aniž bych musil lhát, žárlit či zasloužit si lásku,
štěpná, tiskneš se k mé ostré bídě a dáváš se jí celá,
aniž bych se cítil provinilcem,
jíž a piješ se mnou všechny mé nenávistné zmatky,
které jsi prozářila svojí vidoucí prostotou,
dojímáš mne, aniž bych se cítil lepším, než jsem,
jako to pociťujeme při fantazii
složené pro dvě stě klavírů,
svobodná, osvobozuješ, a nemohu chtít víc,
nemohu chtít víc –
a přece ta mučivá úzkost ve mně,
ta úzkost o někoho, jehož nikdy nepoznám!

Být sám je příliš mnoho na jednoho dvojníka,
ale s tebou jsi mi vždycky ještě chyběla ty…

NEMUSÍ, ALE

Nemusí to být velký kopec noci,
aby z něho kdokoliv cítil,
že stále ještě hrajeme na zvířecích prknech
zbylých z Noemovy archy.

A nemusí to být velký kopec svítání,
aby z něho kdokoli viděl,
že je to stále ještě táž tram, která vozí lidi
do práce, na hřbitov nebo do nemocnice.

Ale bude to asi vždycky pouhá rokel dne,
v níž jenom někdo bude trpět
netrpělivostí toho, kdo je poslem
a současně tím, kdo zprávě naslouchá…

KDEKOLIV II

Večer je tak krásný, že se ostýcháš i jen toužit
z hlubin teskné prázdnoty:
Mrtví jako by šli na sobě v housenkách hřbitova,
zvíře jako by někdo děsil řeznickou zástěrou,
věci jako by nevěděly, kde jsou…
Ano, je psáno, že nikdo neuzří Boha živ.
Šetří nás tedy, když bydlí v mrákotě,
v ohni, v mlze, v oblaku, ve větru
a když chodí v oponách a v budoucnosti…

I svatí zahlédli jen jeho hřbet.

MORS ASCENDIT PER FENETRAS

Možná že démoni mohou proniknout zdmi,
možná že smrt opravdu vstupuje okny,
ale zavřenými dveřmi mohl vkročit
jen Ježíš Kristus, a to ještě k apoštolům…

Samojediný anděl strážný nepřichází, neodchází,
je stále s námi, věrný až k soucitu a ze soucitu lidský,
je stále s námi, se mnou skoro už padesát let –
a přece teprve dnes mne při láhvi vína napadlo,
že jsme mu dosud nikdy nenabídl,
aby se se mnou napil…

Mas é música

"Estar sozinho é demais para um sósia,
mas contigo eu sempre sentia ainda falta de ti..."

VLADIMÍR HOLAN

NA DIANTEIRA

O poeta, nada pode desculpá-lo, nem a sua morte.
Contudo, o seu ser perigoso
sempre deixa, de alguma maneira ainda,
vários de seus sinais. E neles
não há perfeição: mesmo que fosse o paraíso,
mas a verdade, mesmo que fosse o inferno…

SEMPRE A MESMA COISA

Conheço uma criatura que compra
véus de noivas cujo casamento não se realizou.
E conheço uma criatura que adia o casamento
porque os amantes não têm os anéis de noivado.
Mas aquela criatura, abarrotada nas saias de chenile,
do costume idoso, aliás já eternizado,
não é tão insensível como possa parecer!
Ela sabe chegar a todas as moças traídas e abandonadas,
bem no momento quando até a solidão renuncia a elas,
ela sabe trocar o amor que passa
pela compaixão que não começa,
e sabe murmurar-lhes faustosamente:
"Deixarei minha mão na sua barriga
e esperarei até nela espernear…"

A VIDA II

Hamlet me disse: "Você sabe: de repente, nada, absolutamente nada,
absolutamente nada em frente, nada como aquele momento que parece
deixar até o futuro atrás de nós.
Quem ama, deveria se alegrar!

Mas o universo, embora dizem ser finito, não tem limites.
De repente, o homem tem saudades, e a mulher, frio,
caso não se matarem, se reúnem juntos
e ficamos gratos por verem um pouco do destino,
apesar disso ser uma viagem, descaradamente certa,
para o hospício."

A VOZ HUMANA

A pedra e a estrela também não nos impõem a sua música,
as flores são silenciosas, as coisas parecem calar alguma coisa,
nega o animal em si mesmo, por nós,
a harmonia do mistério com a inocência,
o vento tem castidade de mero sinal,
e o que é o canto somente os pássaros mudos sabem,
aos quais lançaste a gavela de trigo.

Basta-lhes ser, e isto é incontável. Mas nós,
nós temos medo, e não apenas no escuro,
mas também na luz fértil
não vemos o nosso próximo
e assustados até a esconjuração furiosa
gritamos: *“Estás aqui? Fala!”*

QUEM ÉS?

Não sei se as mulheres ainda são chamadas de minha pombinha,
nunca te perguntei, se estavas feliz,
milagrosa, te distrais e chegas à minha adoração
sem que eu tenha que mentir, ter ciúmes ou ainda merecer o amor,
físsil, te recolhes para junto da minha miséria cortante, e te entregas a ela,
sem que me sinta culpado,
comes e bebes comigo todas as minhas confusões rancorosas
que iluminaste pela tua simplicidade vidente,
comoves-me, sem que eu me sinta melhor do que sou,
como o sentimos durante uma fantasia
composta para duzentos pianos,
livre, liberas, e eu quero mais,
e não posso querer mais –
e ainda aquela angústia dentro de mim,
ansiedade por alguém que nunca conhecerei!

Estar sozinho é demais para um sósia,
mas contigo eu sempre sentia ainda falta de ti…

NÃO É PRECISO, MAS

Não tem que ser um grande morro da noite,
para qualquer um sentir nele
que ainda representamos nas tábuas bestiais
que sobraram da Arca de Noé.

E não tem que ser um grande morro do alvorecer
para qualquer um ver nele
que é ainda o mesmo bonde que leva as pessoas
para o trabalho, o cemitério e o hospital.

Mas será sempre, provavelmente, apenas uma garganta do dia
em que somente um sofrerá
a impaciência de quem é mensageiro
e, ao mesmo tempo, quem escuta a mensagem…

EM QUALQUER LUGAR II

A tarde é tão bela, que te acanhas até mesmo em desejar
das profundezas do vazio saudoso:
Como se os mortos andassem sobre si nas lagartas ao cemitério,
como se alguém assustasse um bicho pelo avental do açougueiro,
como se as coisas não soubessem onde estão…
Sim, está escrito que ninguém na sua vida verá o Deus.
Ele nos poupa, então, quando vive no esmorecimento,
no fogo, na névoa, na nuvem, no vento,
e quando anda nas cortinas e no futuro…

Até os santos viram apenas o seu dorso.

MORS ASCENDIT PER FENETRAS

Talvez os demônios possam penetrar os paredes,
talvez a morte realmente entre pela janela,
mas pela porta fechada podia passar o pé
somente de Jesus, para junto dos apóstolos…

O solitário anjo da guarda não vem, não vai embora,
sempre está conosco, fiel até a compaixão e humano pela compaixão,
ainda está conosco, comigo há quase cinquenta anos –
e, no entanto, somente hoje, com a garrafa de vinho, percebi
que nunca lhe ofereci
para beber comigo…

DON JUAN

DEDICATÓRIA A ROBERT SOUTHEY

LORD BYRON

O TEXTO: As dezessete estrofes aqui recriadas foram originalmente suprimidas das primeiras edições do Don Juan de Byron, a partir de 1819. Foram publicadas em 1834, na 1ª edição das obras completas do poeta. Já deviam circular, todavia, nas piratarias e paródias que se aproveitavam da onda de popularidade que propelia o poema – clandestino desde o berço, pois fora publicado, inicialmente, em espalhafatoso e pouco secretivo anonimato. Anonimato que fez Byron julgar de mal tom publicar esse duríssimo (conquanto hilário) ataque nominal aos contemporâneos Lake Poets A principal vítima dessa dedicatória é o poeta e historiador britânico Robert Southey. Menos expressivo que os outros nomeados, Southey foi, contudo, um dos mais notáveis brasilianistas britânicos, autor da primeira história do Brasil em língua inglesa. O tônus da sátira de Byron, entretanto, não era dirigida nem a erudição do historiador nem a mediocridade do poeta: Byron ridicularizava, em Southey e nos demais, a trajetória de uma juventude politicamente contestadora e uma maturidade conformista. No decorrer do texto a crítica literária se extrapola para uma crítica do imperialismo britânico no cenário convulso da Europa pós-napoleônica.

Texto traduzido: Byron, George Gordon. *Don Juan: a new edition*. Boston: Philips, Samson & Co., 1858; e "Don Juan". *The Works of Lord Byron*, Vol VI. Disponível em: <http://www.gutenberg.org >

O AUTOR: George Gordon Noel, o sexto Barão Byron (1787 - 1824), foi dos escritores ingleses de maior popularidade e influência no século XIX. Aristocrata, e 'protocelebridade': a vida de Byron foi, ela mesma, maior do que a própria vida; vinda a terminar em tragicômico ataque de disenteria enquanto o poeta movia as tropas que financiara em favor da luta pela independência da Grécia. Poeta 'bestseller', deixou inacabada sua obra prima – o Don Juan, fragmento épico de altíssima comédia e um dos bastiões máximos da literatura em língua inglesa.

O TRADUTOR: Roberto Mário Schramm Jr. é mestrando no Programa de Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Dedica-se à tradução do Don Juan de Byron em versos lusófonos: uma recriação (ou recreação) da comédia byroniana em oitava rima.

DON JUAN
DEDICATION TO ROBERT SOUTHEY, ESQ

"Where shall I turn me not to view its bonds,
For I will never feel them?"

LORD BYRON

Difficile est proprie communia dicere.
[Horácio, *Ars Poetica* 128]

I

Bob Southey! You're a poet—Poet-laureate,
And representative of all the race,
Although't is true that you turn'd out a Tory at
Last—yours has lately been a common case;
And now, my Epic Renegade! what are ye at?
With all the Lakers, in and out of place?
A nest of tuneful persons, to my eye
Like "four and twenty Blackbirds in a pye;"

II

“Which pye being open'd they began to sing”
   (This old song and new simile holds good),
“A dainty dish to set before the King,”
   Or Regent, who admires such kind of food;—
And Coleridge, too, has lately taken wing,
   But like a hawk encumber'd with his hood,—
Explaining metaphysics to the nation—
I wish he would explain his Explanation.

III

You, Bob! are rather insolent, you know,
   At being disappointed in your wish
To supersede all warblers here below,
   And be the only Blackbird in the dish;
And then you overstrain yourself, or so,
   And tumble downward like the flying fish
Gasping on deck, because you soar too high, Bob,
And fall, for lack of moisture quite a-dry, Bob!

IV

And Wordsworth, in a rather long Excursion
   (I think the quarto holds five hundred pages),
Has given a sample from the vasty version
   Of his new system to perplex the sages;
'Tis poetry—at least by his assertion,
   And may appear so when the dog-star rages—
And he who understands it would be able
To add a story to the Tower of Babel.

V

You—Gentlemen! by dint of long seclusion
   From better company, have kept your own
At Keswick, and, through still continu'd fusion
   Of one another's minds, at last have grown
To deem as a most logical conclusion,
   That Poesy has wreaths for you alone:
There is a narrowness in such a notion,
Which makes me wish you'd change your lakes for ocean.

VI

I would not imitate the petty thought,
  Nor coin my self-love to so base a vice,
For all the glory your conversion brought,
  Since gold alone should not have been its price.
You have your salary; was't for that you wrought?
  And Wordsworth has his place in the Excise.
You're shabby fellows—true—but poets still,
And duly seated on the immortal hill.

VII

Your bays may hide the baldness of your brows—
   Perhaps some virtuous blushes—let them go—
To you I envy neither fruit nor boughs—
   And for the fame you would engross below,
The field is universal, and allows
   Scope to all such as feel the inherent glow:
Scott, Rogers, Campbell, Moore and Crabbe will try
'Gainst you the question with posterity.

VIII

For me, who, wandering with pedestrian Muses,
   Contend not with you on the winged steed,
I wish your fate may yield ye, when she chooses,
   The fame you envy, and the skill you need;
And, recollect, a poet nothing loses
   In giving to his brethren their full meed
Of merit, and complaint of present days
Is not the certain path to future praise.

IX

He that reserves his laurels for posterity
  (Who does not often claim the bright reversion)
Has generally no great crop to spare it, he
  Being only injured by his own assertion;
And although here and there some glorious rarity
  Arise like Titan from the sea's immersion,
The major part of such appellants go
To—God knows where—for no one else can know.

X

If, fallen in evil days on evil tongues,
  Milton appeal'd to the Avenger, Time,
If Time, the Avenger, execrates his wrongs,
  And makes the word "Miltonic" mean "sublime,"
He deign'd not to belie his soul in songs,
  Nor turn his very talent to a crime;
He did not loathe the Sire to laud the Son,
But closed the tyrant-hater he begun.

XI

Think'st thou, could he—the blind Old Man—arise
  Like Samuel from the grave, to freeze once more
The blood of monarchs with his prophecies
  Or be alive again—again all hoar
With time and trials, and those helpless eyes,
  And heartless daughters—worn—and pale—and poor;
Would he adore a sultan? he obey
The intellectual eunuch Castlereagh?

XII

Cold-blooded, smooth-faced, placid miscreant!
  Dabbling its sleek young hands in Erin's gore,
And thus for wider carnage taught to pant,
  Transferr'd to gorge upon a sister shore,
The vulgarest tool that Tyranny could want,
  With just enough of talent, and no more,
To lengthen fetters by another fix'd,
And offer poison long already mix'd.

XIII

An orator of such set trash of phrase
  Ineffably—legitimately vile,
That even its grossest flatterers dare not praise,
  Nor foes—all nations—condescend to smile,—
Not even a sprightly blunder's spark can blaze
  From that Ixion grindstone's ceaseless toil,
That turns and turns to give the world a notion
Of endless torments and perpetual motion.

XIV

A bungler even in its disgusting trade,
  And botching, patching, leaving still behind
Something of which its masters are afraid,
  States to be curb'd, and thoughts to be confined,
Conspiracy or Congress to be made—
  Cobbling at manacles for all mankind—
A tinkering slave-maker, who mends old chains,
With God and man's abhorrence for its gains.

XV

If we may judge of matter by the mind,
  Emasculated to the marrow It
Hath but two objects, how to serve, and bind,
  Deeming the chain it wears even men may fit,
Eutropius of its many masters, blind
  To worth as freedom, wisdom as to wit,
Fearless—because no feeling dwells in ice,
Its very courage stagnates to a vice.

XVI

Where shall I turn me not to view its bonds,
  For I will never feel them?—Italy!
Thy late reviving Roman soul desponds
  Beneath the lie this State-thing breathed o'er thee—
Thy clanking chain, and Erin's yet green wounds,
  Have voices—tongues to cry aloud for me.
Europe has slaves, allies, kings, armies still,
And Southey lives to sing them very ill.

XVII

Meantime, Sir Laureate, I proceed to dedicate,
In honest simple verse, this song to you,
And, if in flattering strains I do not predicate,
'Tis that I still retain my “buff and blue;”
My politics as yet are all to educate:
Apostasy's so fashionable, too,
To keep one creed's a task grown quite Herculean;
Is it not so, my Tory, ultra-Julian?

DON JUAN
DEDICATÓRIA A ROBERT SOUTHEY

"Não quero mais olhar pra tais grilhões
jamais hei de ostentá-los."

LORD BYRON

Difficile est proprie communia dicere.
[Horácio, *Ars Poetica* 128]

1

Quem diria, Southey! Poeta Laureado,
gênio da raça! recém convertido
em bom conservador – bem conservado,
(de tanta coisa assim temos sabido…),
dou-te, aqui, meu épico, ó renegado,
e aos sapos que poetam no distrito
dos lagos, porque aos brados façam céticas
críticas ao estado das artes poéticas.

2

Qual Sapos Cururus beirando o lago;
– nova símile para a anciã cantiga,
– batráquios vão cantando para o agrado
do rei Bretão que (tradição antiga)
paga a conta do Parnaso. Um, chamado
Colerige, se aparta um pouco dessa briga,
ao explicar metafísica à nação
quem dera ele explicasse a explicação.

3

Mas tu, Southey, sapo-pipa, sapo-rei;
se és mais do que os demais, não é à tôa:
que tu queiras ver valer a tua lei,
e reinar – único sapo da lagoa.
Só cuida não pulares da foguei-
ra para a frigideira; captou a
mensagem? tudo cor-de-rosa e, Opa!
A casa cai! O Sapo vira sopa!

4

Quer um exemplo? Wordsworth e sua longa
“Excursão”: mais de quatrocentas páginas...
nas quais tanto saber que nos assombra:
conceitos que põem os demais à margem, mas
será poesia? Quem sabe? Que responda
quem puder, se não dormiu nas passagens mais
“poéticas”. Pra que tanto escarcéu,
Pra reconstruir a torre de Babel?

5

Os sapos se excederam no convívio,
e privaram-se de boas companhias;
pensaram, entre si, que era possível
fundir as cucas, porque tão vazias.
O resultado até que previsível:
se acham os maiorais da poesia.
Pô! Pera lá! Lagoa não é Oceano
por que se for, entramos pelo cano.

6

Agora, eu não entro nessa boca,
porque ainda me sobrou meu amor próprio;
não me vendo por moeda assim tão pouca
e salário até me alegra, mas não topo!
se bem que Willy Wordsworth a maloca,
reformou só para hospedar colóquios
de Bardos laureados por um Asno
caídos de paraquedas no Parnaso.

7

Os Lauréis podem disfarçar perucas,
esconder carecas, rubras de vergonha
das odes que já caem do pé caducas;
a fama que o laurel proporciona
nem sempre adere a quem o tem na cuca,
mas vai cair melhor a quem oponha
às trevas passadas visões para o futuro
como Scott, Rogers, Crabbe, Campbell & Moore.

8

Pior pra mim que, servidor das musas
mais pedestres do parnaso, incapazes,
de vencer os corcéis alados e as medusas
que te servem, laureado, mas, rapaz, se o
gênio que invejas, precisas, mas recusas,
surgir em ti, melhor fazer as pazes
com o mundo, os pares e parares de
reclamar da vida e irritar a posteridade.

9

Imaginar-se absolvido pela história?
Vá lá, mas – sem querer ser demagogo,
quem não se quer coberto de ouro e glória?
Só que – herdeiro do titã ladrão do fogo –
poeta é só quem sabe e faz na hora
a história acontecer e vira o jogo.
Ninguém liga para quem se esconde
com papéis numa gaveta, sabe deus aonde.

10

Lembrei de John Milton; que as más línguas
e os maus dias negaram prêmios, louros;
que, “cego em gaza”, humilhado, a míngua
jamais negou-se a ser poeta e a dar no couro;
sublime ao evitar o crime singular
de ser poeta e puto, olhar o ouro –
uns puxam o saco da monarquia,
Milton tiranizava a tirania.

11

Ah Milton, hoje vivo na Inglaterra…
(por segundos superada a sepultura)
restaria um monarca sobre a terra
que não temesse do ceguinho a sacra fúria?
Apesar de tudo, a vista (nigérrima),
e as duas filhas (da puta); procura-
-ria sinecura Milton sob a lei
do Eunuco-Ômega, Castlereagh?

12

Cínico, suicida e sanguinário, o
visconde Casrlereagh, que encheu a pança,
na Irlanda, dos agentes funerários
depois do que fez guerra contra a França...
Albion jamais moveu mais ordinário,
peão cujo talento só alcança
firmar feios grilhões bretões e cons-
pirar pra derrotar napoleões.

13

Um narrador acérrimo ao ouvido
tão legitimamente demagogo
que mesmo ao puxa-saco sai doido
imagine ao inimigo! ó logo-
peia punida, ausência de sentido!
Como Ixion preso à roda de fogo
assim gira o discurso do visconde
tormento circular pra quem dispõe de

14

menos paciência do que ciência.
Castelreagh, língua solta cuja emenda
sai pior do que o soneto; carência
de tutano – que à regência não surpreenda
o ouro que ele entrega em cada conferência,
segredos que revela, embora não compreenda,
ourives de algemas, ferreiro da maldade
que remenda os grilhões da humanidade.

15

Se nossas mentes podem julgamento
proferir até a medula da matéria
na lata: servidão, prisão, tormento;
a cada vida uma cadeia que a encarcere!
Assim o quer o eunuco lazarento
e os seus sultões, patrões poltrões. Miséria
da liberdade, queda do edifício
da razão. Sim é não; virtude, vício.

16

Não quero mais olhar pra tais grilhões
jamais hei de ostentá-los. Tu, Itália,
outrora Roma eterna entre as nações
ressurges entre reinos em batalha.
Itália, Irlanda, Revolu(fic)ções,
de escravos a botar fogo na palha.
A Europa tem reis, leis, vilões, cavalos,
e Bob Southey tem canções para cantá-los.

17

No momento, Sir Laureado, dedico-
-me a dedicar-vos o presente épico.
Mantenho meu penacho e não me aplico
a puxar o vosso escalafobético
saquinho. Sei que não sou bom político,
Mas o que é pior? O Apóstata ou o cético?
Coerência. Uma tarefa hercúlea.
Não é meu borra-botas? Southey! Pulha!

Três poemas acerca da morte

Miguel de Unamuno

O texto: No poema "Elegia sobre a morte de um cão", o eu-lírico de Unamuno parte do lamento pela morte de seu cão para se perguntar sobre a existência de outro mundo após a morte, onde sua alma poderia reencontrar-se um dia com a alma do animal morto. No soneto "Morte", Unamuno remete a William Shakespeare, empregando o solilóquio de Hamlet para fazer, mais uma vez, uma indagação sobre a vida seguinte. Ambos os poemas foram publicados no livro *Poesías*, de 1907. Em seu último soneto, escrito em dezembro de 1936, três dias antes de seu próprio falecimento, novamente Unamuno relaciona vida, morte e sonho, e deixa ao término de sua obra poética uma grande interrogação sobre o sentido da vida em face da mortalidade.

Texto traduzido: Unamuno, Miguel de. *Antología Poética*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

O autor: Miguel de Unamuno (1864-1936), nascido em Bilbau, País Basco (Espanha), foi um importante romancista, poeta, teatrólogo, crítico literário e filósofo, sendo considerado como o principal representante do existencialismo espanhol. Mais de uma vez foi nomeado Reitor da Universidade de Salamanca e destituído por razões políticas, a última das quais por Francisco Franco, fato que ocorreu nos últimos meses de vida do escritor. A obra de Unamuno é marcada pelo desejo de eternidade e pela angústia frente à transitoriedade da existência humana.

O tradutor: Yuri Ikeda Fonseca é graduado em Direito pela Universidade Federal do Pará – UFPa.

Tres poemas acerca de la muerte

"Aurora de otro mundo es nuestro ocaso?
Sueña, alma mía, en tu sendero oscuro"

MIGUEL DE UNAMUNO

ELEGÍA EN LA MUERTE DE UN PERRO

La quietud sujetó con recia mano
al pobre perro inquieto,
y para siempre,
fiel se acostó en su madre
piadosa tierra.
Sus ojos mansos
no clavará en los míos
con la tristeza de faltarle el habla;
no lamerá mi mano
ni en mi regazo su cabeza fina
reposará.
Y ahora, ¿en qué sueñas?
¿dónde se fue tu espíritu sumiso?
¿no hay otro mundo
en que revivas tú, mi pobre bestia,
y encima de los cielos
te pasees brincando al lado mío?
¡El otro mundo!
¡Otro... otro y no éste!
Un mundo sin el perro,

sin las montañas blandas,
sin los serenos ríos
a que flanquean los serenos árboles,
sin pájaros ni flores,
sin perros, sin caballos,
sin bueyes que aran...
¡el otro mundo!
¡Mundo de los espíritus!
Pero allí ¿no tendremos
en torno de nuestra alma
las almas de los campos,
las almas de las rocas,
las almas de los árboles y ríos,
las de las bestias?
Allá, en el otro mundo,
tu alma, pobre perro,
¿no habrá de recostar en mi regazo
espiritual su espiritual cabeza?
La lengua de tu alma, pobre amigo,
¿no lamerá la mano de mi alma?
¡El otro mundo!
¡Otro... otro y no éste!
¡Oh, ya no volverás, mi pobre perro,
a sumergir los ojos
en los ojos que fueron tu mandato;
ve, la tierra te arranca
de quien fue tu ideal, tu dios, tu gloria!
Pero él, tu triste amo,
¿te tendrá en la otra vida?
¡El otro mundo!...
¡El otro mundo es el del puro espíritu!
¡Del espíritu puro!
¡Oh, terrible pureza,
inanidad, vacío!
¿No volveré a encontrarte, manso amigo?
¿Serás allí un recuerdo,
recuerdo puro?
Y este recuerdo
¿no correrá a mis ojos?

¿No saltará, blandiendo en alegría
enhiesto el rabo?
¿No lamerá la mano de mi espíritu?
¿No mirará a mis ojos?
Ese recuerdo,
¿no serás tú, tú mismo,
dueño de ti, viviendo vida eterna?
Tus sueños, ¿qué se hicieron?
¿Qué la piedad con que leal seguiste
de mi voz el mandato?
Yo fui tu religión, yo fui tu gloria;
a Dios en mí soñaste;
mis ojos fueron para ti ventana
del otro mundo.
¿Si supieras, mi perro,
qué triste está tu dios, porque te has muerto!
¡También tu dios se morirá algún día!
Moriste con tus ojos
en mis ojos clavados,
tal vez buscando en éstos el misterio
que te envolvía.
Y tus pupilas tristes
a espiar avezadas mis deseos,
preguntar parecían:
¿Adónde vamos, mi amo?
¿Adónde vamos?
El vivir con el hombre, pobre bestia,
te ha dado acaso un anhelar oscuro
que el lobo no conoce;
¡tal vez cuando acostabas la cabeza
en mi regazo
vagamente soñabas en ser hombre
después de muerto!
¡Ser hombre, pobre bestia!
Mira, mi pobre amigo,
mi fiel creyente;
al ver morir tus ojos que me miran,
al ver cristalizarse tu mirada,
antes fluida,

yo también te pregunto: ¿adónde vamos?
¡Ser hombre, pobre perro!
Mira, tu hermano,
ese otro pobre perro,
junto a la tumba de su dios, tendido,
aullando a los cielos,
¡llama a la muerte!
Tú has muerto en mansedumbre,
tú con dulzura,
entregándote a mí en la suprema
sumisión de la vida;
pero él, el que gime
junto a la tumba de su dios, de su amo,
ni morir sabe.
Tú al morir presentías vagamente
vivir en mi memoria,
no morirte del todo,
pero tu pobre hermano
se ve ya muerto en vida,
se ve perdido
y aúlla al cielo suplicando muerte.
Descansa en paz, mi pobre compañero,
descansa en paz; más triste
la suerte de tu dios que no la tuya.
Los dioses lloran,
los dioses lloran cuando muere el perro
que les lamió las manos,
que les miró a los ojos,
y al mirarles así les preguntaba:
¿adónde vamos?

MUERTE

To die, to sleep…, to sleep… perchance to dream
Hamlet, acto III, escena IV

Eres sueño de un dios; cuando despierte
¿al seno tornarás de que surgiste?
Serás al cabo lo que un día fuiste?
¿Parto de desnacer será tu muerte?

El sueño yace en la vigilia inerte?
Por dicha aquí el misterio nos asiste;
para remedio de la vida triste,
secreto inquebrantable es nuestra suerte.

Deja en la niebla hundido tu futuro
y ve tranquilo a dar tu último paso,
que cuanto menos luz, va más seguro.

Aurora de otro mundo es nuestro ocaso?
Sueña, alma mía, en tu sendero oscuro:
"¡Morir... dormir... dormir... soñar acaso!"

MORIR SOÑANDO

[Último poema de Unamuno, muerto el 31-XII-1936.]

Au fait, se disait-il à lui même, il paraît que
mon destin est de mourir en rêvant.
(Stendhal, Le Rouge et Le Noir, LXX, “La tranquilité”)

Morir soñando, sí, mas si se sueña
morir, la muerte es sueño; una ventana
hacia el vacío; no soñar; nirvana;
del tiempo al fin la eternidad se adueña.

Vivir el día de hoy bajo la enseña
del ayer deshaciéndose en mañana;
vivir encadenado a la desgana
¿es acaso vivir? ¿Y esto qué enseña?

¿Soñar la muerte no es matar el sueño?
¿Vivir el sueño no es matar la vida?
¿A qué poner en ello tanto empeño:

aprender lo que al punto al fin se olvida
escudriñando el implacable ceño
– cielo desierto – del eterno Dueño?

28 – día de Inocentes – de diciembre, 1936

Três poemas acerca da morte

"Aurora de outro mundo é o nosso ocaso?
Sonha, alma minha, em teu caminho escuro."

MIGUEL DE UNAMUNO

ELEGIA SOBRE A MORTE DE UM CÃO

Com mão forte a quietude sujeitou
o pobre cão inquieto,
e para sempre,
fiel acostou-se a sua mãe
piedosa terra.
Seus olhos mansos
não cravará nos meus
com a tristeza de faltar-lhe a fala;
não me lamberá a mão
nem no meu peito sua leal cabeça
repousará.
E agora, em que sonhas?
para onde foi teu espírito submisso?
não há outro mundo
em que revivas, meu pobre animal,
e acima dos céus
caminhes a brincar ao lado meu?
O outro mundo!
Outro... outro e não este!
Um mundo sem o cão,

sem as montanhas brandas,
sem os serenos rios,
flanqueados pelas serenas árvores,
sem pássaros nem flores,
sem cães, sem cavalos,
sem bois que aram...
o outro mundo!
O mundo dos espíritos!
Mas ali não teremos
em torno de nossa alma
as almas dos campos,
as almas das rochas,
as almas das árvores e dos rios?
as dos animais?
Lá, no outro mundo,
tua alma, pobre cão,
não deitará em meu espiritual
regaço sua espiritual cabeça?
A língua de tua alma, pobre amigo,
não lamberá a mão da minha alma?
O outro mundo!
Outro... outro e não este!
Oh, já não voltarás, meu pobre cão,
a submergir teus olhos
nos olhos que já foram tua ordem;
vê, a terra te arranca
de quem foi teu ideal, teu deus, tua glória!
Mas ele, teu triste amo,
te terá na outra vida?
O outro mundo!...
O outro mundo é o do puro espírito!
Do espírito puro!
Oh, terrível pureza,
inanidade, vazio!
Não voltarás a achar-me, manso amigo?
Serás ali lembrança,
pura lembrança?
E esta lembrança
não correrá a meus olhos?

Não saltará, vibrando de alegria,
erguido o rabo?
Não lamberá a mão de meu espírito?
Não olhará em meus olhos?
Essa lembrança
não serás tu, tu mesmo,
dono de ti, vivendo vida eterna?
Teus sonhos, que se fizeram?
E a piedade com que leal seguiste
de minha voz a ordem?
Eu fui tua religião, eu fui tua glória;
a Deus em mim sonhaste;
meus olhos foram para ti janela
do outro mundo.
Se soubesses, meu cão,
quão triste está teu deus porque morreste!
Também teu deus falecerá algum dia!
Morreste com teus olhos
em meus olhos cravados,
talvez buscando nestes o mistério
que te envolvia.
E tuas pupilas tristes
espiando veteranas meus desejos,
perguntar pareciam:
Para onde vamos, meu amo?
Para onde vamos?
O viver com o homem, pobre animal,
por acaso te deu um desejo obscuro
que o lobo não conhece;
talvez quando encostavas a cabeça
em meu regaço
vagamente sonhavas em ser homem
depois de morto!
Ser homem, pobre animal!
Olha, meu pobre amigo,
meu fiel crente;
ao ver morrer teus olhos que me fitam,
ao ver cristalizar-se o teu olhar,
antes fluido,

também te pergunto eu: para onde vamos?
Ser homem, pobre cão!
Olha, teu irmão,
este outro pobre cão,
junto à tumba de seu deus, deitado
uivando aos véus,
chama pela morte!
Morreste em mansidão,
tu com doçura,
entregando-te a mim numa suprema
submissão da vida;
mas ele, o que geme
junto à tumba de seu deus, de seu amo,
nem morrer sabe.
Tu ao morrer pressentias vagamente
viver-me na memória;
não morreste de todo,
mas teu pobre irmão
se vê já morto em vida,
se vê perdido
e uiva ao céu suplicando pela morte.
Descansa em paz, meu pobre companheiro,
descansa em paz; mais triste
a sorte do teu deus que não a tua.
Os deuses choram,
os deuses choram quando morre o cão
que lhes lambeu as mãos,
que lhes fitou os olhos,
e ao fitá-los assim lhes perguntava:
para onde vamos?

MORTE

To die, to sleep…, to sleep… perchance to dream
Hamlet, ato III, cena IV

De um deus és sonho; caso ele desperte
Ao seio voltarás do qual surgiste?
Ao cabo serás o que um dia foste?
Parto de desnascer será tua morte?

O sonho jaz numa vigília inerte?
Acaso aqui o mistério nos assiste;
Para remediar a vida triste,
Inquebrável segredo é nossa sorte.

Deixa fundido à névoa teu futuro
E vê calmo dar teu último passo,
Que quanto menos luz vai mais seguro.

Aurora de outro mundo é o nosso ocaso?
Sonha, alma minha, em teu caminho escuro.
Morrer... dormir... dormir... sonhar acaso!

MORRER SONHANDO

[Último poema de Unamuno, morto em 31/12/1936.]

Au fait, se disait-il à lui même, il parâit que
mon destin est de mourir en rêvant.
(Stendhal, Le Rouge et Le Noir, LXX, “La tranquilité”)

Morrer sonhando, sim, mas ao sonhar
com a morte, a morte é sonho; brecha arcana
direto ao vazio; não sonhar; nirvana;
do tempo o eterno irá se apoderar.

Viver o dia de hoje a se apegar
a um ontem que em futuro desmorona;
viver acorrentado ao tédio à tona
é viver? O que pode isso ensinar?

Sonhar a morte não destrói o sonho?
Viver o sonho não destrói a vida?
Por que nele empreender tanto labor,

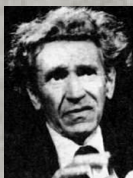
aprender o que ao término se olvida,
esquadrinhando o inexorável cenho
— céu deserto — do perenal Senhor?

28 – dia dos Inocentes – de dezembro, 1936

prosa poética

(n.t.)|Lisboa

METAMORFOSE

JUAN JOSÉ ARREOLA

O TEXTO: "Metamorfosis", "*Casus conscientiae*", "Armistício" e "*Kalenda maya*" fazem parte da coletânea *Bestiario*, e estão entre os textos da seção "Cantos de mal dolor". Já "Telemaquia" está incluído na seção "Prosódia", do mesmo livro. São textos emblemáticos de ficção breve, forma magistralmente executada por Juan José Arreola ao longo de sua vida, que trazem algumas de suas temáticas mais recorrentes. Os textos foram publicados a partir do ano 1958, na sequência da série iniciada com a coletânea *Punta de plata* – que foi sendo ampliada e corrigida pelo próprio autor em diversas edições até a coletânea definitiva *Bestiario*, de 1972.

Texto traduzido: Arreola, Juan José. *Obras*. México: Fondo de Cultura Económica. 1995.

O AUTOR: Juan José Arreola (Zapotlán el Grande, México, 1918 - Guadalajara, México, 2001). Ator, publicitário, vendedor, marceneiro, jornalista, comediante, garçom, impressor, editor e escritor autodidata, Arreola foi um dos maiores renovadores da literatura mexicana do século XX, junto com autores como Octávio Paz, Juan Rulfo, Carlos Fuentes ou Alfonso Reyes. Atuou na França, nas companhias teatrais de Louis Jouvet e Jean Louis Barrault, e no México, com Rodolfo Usigli e Xavier Villaurrutia. Dirigiu importantes publicações literárias, tais como *Los presentes*, *Cuadernos y Libros del unicornio*, *Revista Mester*, *Eos* e *Pan*. Suas principais obras são: *Hizo el bien mientras vivió* (1943), *Varia invención* (1949), *Confabulario* (1952), *La hora de todos* (1954), *Punta de plata* (1958), *Palíndroma* (1971), *Bestiario* (1972), *La palabra educación* (1973), *La feria* (1963), *Ramón López Velarde: el poeta revolucionario* (1997), *Prosodia y variaciones sintácticas* (1997), *Inventario* (2002) e *Estas páginas mías* (2005).

O TRADUTOR: Bairon Oswaldo Vélez Escallón (Bogotá, Colômbia, 1981): Doutorando em Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: flint1883@yahoo.com.mx

METAMOFORSIS

"Tu sangre derramada está clamando venganza.
Pero en mi desierto ya no caben espejismos."

JUAN JOSÉ ARREOLA

METAMORFOSIS

Como un meteoro capaz de resplandecer con luz propia a mediodía, como un joyel que contradice de golpe a todas las moscas de la tierra que cayeron en un plato de sopa, la mariposa entro por la ventana y fue a naufragar directamente en el caldillo de lentejas.

Deslumbrado por su fulgor instantáneo (luego disperso en la superficie grasienta de la comida casera), el hombre abandonó su rutina alimenticia y se puso inmediatamente a restaurar el prodigio. Con paciencia maniática recogió una por una las escamas de aquel tejado infinitesimal, reconstruyó de memoria el dibujo de las alas superiores e inferiores, devolviendo su gracia primitiva a las antenas y a las patitas, vaciando y rellenando el abdomen hasta conseguir la cintura de avispa que lo separa del tórax, eliminando cuidadosamente en cada partícula preciosa los más ínfimos residuos de manteca, desdoro y humedad.

La sopa lenta y conyugal se enfrió definitivamente. Al final de la tarea, que consumió los mejores años de su edad, el hombre supo con angustia que había disecado un ejemplar de mariposa común y corriente, una *Aphrodita vulgaris maculata* de esas que se encuentran por millares, clavada con alfileres toda la gama de sus mutaciones y variantes, en los más empolvados museos de historia natural y en el corazón de todos los hombres.

CASUS CONSCIENTIAE

Tu sangre derramada está clamando venganza. Pero en mi desierto ya no caben espejismos. Soy un alienado. Todo lo que me acontece ahora en la vigilia y en el sueño se resuelve y cambia de aspecto bajo la luz ambigua que esparce la lámpara en el gabinete del psicoanalista.

Yo soy el verdadero asesino. El otro ya está en la cárcel y disfruta todos los honores de la justicia mientras yo naufrago en libertad.

Para consolarme, el analista me cuenta viejas historias de errores judiciales. Por ejemplo, la de que Caín no es culpable. Abel murió abrumado por su complejo edípico y el supuesto homicida asumió la quijada de burro con estas enigmáticas palabras: "¿Acaso soy yo el superego de mi hermano?". Así justificó un drama primitivo de celos familiares, lleno de reminiscencias infantiles, que la Biblia encubre con el simple propósito de ejercitar la perspicacia de los exploradores del inconsciente. Para ellos, todos somos abeles y caínes que en alguna forma intercambian y enmascaran su culpa.

Pero yo no me doy por vencido. No puedo expiar mi pecado de omisión y llevo este remordimiento agudo y limpio como una hoja de puñal: me fue transmitido literalmente, de generación en generación, el instrumento del crimen. Y no he sido yo quien derramó tu sangre.

ARMISTÍCIO

Con fecha de hoy retiro de tu vida mis tropas de ocupación. Me desentiendo de todos los invasores en cuerpo y alma. Nos veremos las caras en la tierra de nadie. Allí donde un ángel señala desde lejos invitándonos a entrar: Se alquila paraíso en ruinas.

KALENDA MAYA

A Midsummer Night's Dream

En larguísimos túneles sombríos duermen las niñas alineadas como botellas de champaña. Los maléficos ángeles del sueño las repasan en silencio. Golosos catadores, prueban una por una las almas en agraz, les ponen sus gotas de alcohol o de acíbar, sus granos de azúcar. Así se van yendo por su lado las brutas, las demisecas y las dulces un día todas burbujeantes y núbiles. A las más exaltadas les aseguran el tapón de corcho con alambres, para sorprender a los ingenuos la noche del balazo.

Viene luego la promiscuidad de los brindis, conforme van saliendo las cosechas al mercado. Hay que compartir el amor, porque es una fermentación morbosa, se sube pronto a la cabeza, y nadie puede consumir una mujer entera. *¡Kalenda maya!* La fiesta continúa, mientras ruedan por el suelo las botellas vacías.

Sí, la fiesta continúa en la superficie. Pero allá, en las profundidades del sótano, sueñan las niñas con funestas alegorías, preparadas por espíritus malignos. Silenciosos entrenadores las ejercitan con sabios masajes, las inician en equivocados juegos. Pero sobre todo, les oprimen el pecho hasta asfixiarlas, para que puedan soportar el peso de los hombres y siga la comedia, la pesadilla del cisne tenebroso.

TELEMAQUIA

Dondequiera que haya un duelo, estaré de parte del que cae. Ya se trate de héroes o rufianes.

Estoy atado por el cuello a la teoría de esclavos esculpidos en la más antigua de las estelas. Soy el guerrero moribundo bajo el carro de Asurbanipal, y el hueso calcinado en los hornos de Dachau.

Héctor y Menelao, Francia y Alemania y los dos borrachos que se rompen el hocico en la taberna, me abruman con su discordia. Adondequiera que vuelvo los ojos, me tapa el paisaje del mundo un inmenso paño de Verónica con el rostro del Bien Escarnecido.

Espectador a la fuerza, veo a los contendientes que inician la lucha y quiero estar de parte de ninguno. Porque yo también soy dos: el que pega y el que recibe las bofetadas.

El hombre contra el hombre. ¿Alguien quiere apostar?

Señoras y señores: No hay salvación. En nosotros se está perdiendo la partida. El Diablo juega ahora las piezas blancas.

METAMORFOSE

"Teu sangue derramado está clamando por vingança.
Mas no meu deserto já não cabem miragens."

JUAN JOSÉ ARREOLA

METAMORFOSE

Como um meteoro capaz de resplandecer com luz própria ao meio-dia, como uma pequena joia que contradiz de golpe todas as moscas da terra que caíram num prato de sopa, a borboleta entrou pela janela e foi naufragar diretamente no caldo de lentilhas.

Deslumbrado pelo seu fulgor instantâneo (logo espalhado na superfície gordurosa da comida caseira), o homem abandonou sua rotina alimentícia e pôs-se imediatamente a restaurar o prodígio. Com paciência maníaca recolheu uma a uma as escamas daquele telhado infinitesimal, reconstruiu de memória o desenho das asas superiores e inferiores, devolvendo sua graça primitiva às antenas e às patinhas, esvaziando e recheando o abdome até conseguir a cintura de vespa que o separa do tórax, eliminando cuidadosamente em cada partícula preciosa os mais ínfimos resíduos de banha, desdouro e umidade.

A sopa lenta e conjugal esfriou definitivamente. No final da tarefa, que consumiu os melhores anos de sua idade, o homem soube com angústia que tinha dissecado um exemplar de mariposa comum e ordinária, uma *Aphrodita vulgaris maculata*, dessas que se encontram aos milhares, cravada com alfinetes toda a gama de suas mutações e variantes, nos mais empoeirados museus de história natural e no coração de todos os homens.

CASUS CONSCIENTIAE

Teu sangue derramado está clamando por vingança. Mas no meu deserto já não cabem miragens. Sou um alienado. Tudo o que me acontece agora na vigília e no sono se resolve e muda de aspecto sob a luz ambígua que espalha a lâmpada no gabinete do psicanalista.

Eu sou o verdadeiro assassino. O outro já está no cárcere e goza de todas as honras da justiça enquanto eu naufrago em liberdade.

Para consolar-me, o analista conta velhas estórias de erros judiciários. Por exemplo, a de que Caim não é culpado. Abel morreu abrumado pelo seu complexo edípico e o suposto homicida assumiu a queixada de burro com essas enigmáticas palavras: "Acaso sou eu o superego do meu irmão?". Assim justificou um drama primitivo de ciúmes familiares, farto de reminiscências infantis, que a Bíblia encobre com o simples propósito de exercitar a perspicácia dos exploradores do inconsciente. Para eles, todos somos abéis e caims que de alguma forma trocam e mascaram sua culpa.

Mas eu não me dou por vencido. Não posso expiar o meu pecado de omissão e levo esse remorso agudo e limpo como uma lâmina de punhal: foi-me transmitido literalmente, de geração em geração, o instrumento do crime. E não fui eu quem derramou teu sangue.

ARMISTÍCIO

Com data de hoje retiro da tua vida minhas tropas de ocupação. Desentendo-me de todos os invasores em corpo e alma. Veremos nossas faces na terra de ninguém. Ali onde um anjo acena de longe convidando-nos a entrar: Aluga-se paraíso em ruínas.

KALENDA MAIA

A Midsummer Night's Dream

Em compridíssimos túneis sombrios dormem as meninas alinhadas como garrafas de champanhe. Os maléficos anjos do sonho repassam-nas em silêncio. Gulosos degustadores, provam uma por uma as almas em agraz, põem-lhes suas gotas de álcool ou de agave, seus grãos de açúcar. Assim se vão separando as brutas, as demi-secas e as doces, um dia todas borbulhantes e núbeis. Às mais exaltadas asseguram-lhes a tampa de rolha com arame, para surpreender os ingênuos na noite do balaço.

Depois vem a promiscuidade dos brindes, conforme vão saindo as colheitas ao mercado. É preciso compartilhar o amor, porque é uma fermentação mórbida, sobe-se rápido à cabeça, e ninguém pode consumir uma mulher inteira. *Kalenda maia!* A festa continua, enquanto rodam pelo chão as garrafas vazias.

Sim, a festa continua na superfície. Mas lá, nas profundezas do porão, sonham as meninas com funestas alegorias, preparadas por espíritos malignos. Silenciosos treinadores exercitam-nas com sábias massagens, iniciam-nas em equivocados jogos. Mas, sobretudo, lhes oprimem o peito até asfixiá-las, para que possam suportar o peso dos homens e prossiga a comédia, o pesadelo do cisne tenebroso.

TELEMAQUIA

Onde quer que haja um duelo, estarei do lado de quem cai. Trate-se de heróis ou de bandidos.

Estou atado pelo pescoço à teoria de escravos esculpidos na mais antiga das estelas. Sou o guerreiro moribundo sob o carro de Assurbanipal, e o osso calcinado nos fornos de Dachau.

Heitor e Menelau, França e Alemanha e os dois bêbados que se quebram o focinho na taberna, me abrumam com sua discórdia. Para onde quer que volte os olhos, tapa-me a paisagem do mundo um imenso pano de Verônica com o rosto do Bem Escarnecido.

Espectador à força, vejo os contendedores que iniciam a luta e quero estar do lado de ninguém. Porque eu também sou dois: sou quem bate e quem recebe as bofetadas.

O homem contra o homem. Alguém quer apostar?

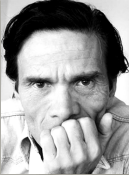
Senhoras e senhores: Não há salvação. Em nós está se perdendo a partida. O Diabo joga agora as peças brancas.

ensaios literários

(n.t.) | Alexandria

O vazio do poder na Itália

[O artigo dos vaga-lumes]

Pier Paolo Pasolini

O texto: "O vazio do poder na Itália" de Pier Paolo Pasolini foi publicado originalmente no jornal "Corriere della Sera" no dia 1 de fevereiro de 1975, sendo depois incluído na seleção de ensaios do livro *Scritti corsari*, no qual aparece com o título "L'articolo delle lucciole", pois com este título o texto passou a ser conhecido e comentado no meio intelectual. Recentemente, duas abordagens lhe atribuem destaque para o desenvolvimento de suas reflexões: a primeira, *Modernizzazione senza sviluppo: Il capitalismo secondo Pasolini* (Mondadori, 2005), de Giulio Sapelli; a segunda, *Survivance des lucioles* (Les Éditions de Minuit, 2009), de Georges Didi-Huberman. Torna-se fundamental o confronto deste artigo com a carta enviada por Pasolini ao seu amigo Franco Farolfi, entre os dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1941 (*Lettere 1940-1954*. Turim: Einaudi, 1986, p. 36-37).

Texto traduzido: Pasolini, Pier Paolo. "L'articolo delle ucciole". In. *Scritti corsari*. Prefácio de Alfonso Berardinelli. Milano: Garzanti, 2000, pp. 128-134.

O autor: Pier Paolo Pasolini nasceu em Bolonha, em 5 de março de 1922. Em 1942 é publicado o seu primeiro livro, *Poesia a Casarsa*. Sua produção poética se encontra também nos títulos *La meglio gioventù* (1954), *Le ceneri di Gramsci* (1957), *La religione del mio tempo* (1961), *Poesia in forma di rosa* (1964), *Trasumanar e organizzar* (1971). Em 1955 é publicado *Ragazzi di vita*, seguido de *Una vita violenta* (1959) e *Petrolio* (póstumo, 1992). Em 1960-61 é lançado seu filme *Accattone*. Pasolini também produziu durante esse período *Mamma Roma* (1962), *La ricotta* (1963), *Il Vangelo secondo Matteo* (1964), *Uccellacci e uccellini* (1966), *Teorema* (1968), *Medea* (1969). Na década seguinte, *Il Decameron* (1971), *I racconti di Canterbury* (1972), *Il fiore delle Mille e una notte* (1974) e *Salò o le 120 giornate di Sodoma* (1975).

O tradutor: Davi Pessoa Carneiro faz doutorado em Teoria Literária na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Atualmente realiza pesquisas na Universidade La Sapienza e na Biblioteca Nazionale de Roma sobre Elsa Morante e Macedonio Fernández. Publicou *Terceira Margem: Testemunha, Tradução* [Editora da Casa, 2008, SC]. Traduziu *A razão dos outros* e *Ou de um ou de nenhum*, de Luigi Pirandello [Lumme Editor, 2009/2010]; *Georges Bataille, filósofo*, de Franco Rella e Susanna Mati [EdUFSC, 2010], *Desgostos* e *Ligação direta: estética e política*, ambos livros de Mario Perniola [EdUSFC, 2010/2011] e *Mitos de origem*, de René Girard [Editora É, 2012].

IL VUOTO DEL POTERE IN ITALIA

[l'articolo delle lucciole]

"Oggi in Italia c'è un drammatico vuoto di potere...
non un vuoto di potere politico in senso tradizionale.
Ma un vuoto di potere in sé."

PIER PAOLO PASOLINI

"La distinzione tra fascismo aggettivo e fascismo sostantivo risale niente meno che al giornale 'Il Politecnico', cioè all'immediato dopoguerra..." Così comincia un intervento di Franco Fortini sul fascismo ("L'Europeo, 26-12-1974): intervento che, come si dice, io sottoscrivo tutto, e pienamente. Non posso però sottoscrivere il tendenzioso esordio. Infatti la distinzione tra "fascismi" fatta sul "Politecnico" non è né pertinente né attuale. Essa poteva valere ancora fino a circa una decina di anni fa: quando il regime democristiano era ancora la pura e semplice continuazione del regime fascista.

Ma una decina di anni fa, è successo "qualcosa". "Qualcosa" che non c'era e non era prevedibile non solo ai tempi del "Politecnico", ma nemmeno un anno prima che accadesse (o addirittura, come vedremo, mentre accadeva).

Il confronto reale tra "fascismi" non può essere dunque "cronologicamente", tra il fascismo fascista e il fascismo democristiano: ma tra il fascismo fascista e il fascismo radicalmente, totalmente, imprevedibilmente nuovo che è nato da quel "qualcosa" che è successo una decina di anni fa.

Poiché sono uno scrittore, e scrivo in polemica, o almeno discuto, con altri scrittori, mi si lasci dare una definizione di carattere poetico-letterario di quel fenomeno che è successo in Italia una decina di anni fa. Ciò servirà a

semplificare e ad abbreviare il nostro discorso (e probabilmente a capirlo anche meglio).

Nei primi anni sessanta, a causa dell'inquinamento dell'aria, e, soprattutto, in campagna, a causa dell'inquinamento dell'acqua (gli azzurri fiumi e le rogge trasparenti) sono cominciate a scomparire le lucciole. Il fenomeno è stato fulmineo e folgorante. Dopo pochi anni le lucciole non c'erano più. (Sono ora un ricordo, abbastanza straziante, del passato: e un uomo anziano che abbia un tale ricordo, non può riconoscere nei nuovi giovani se stesso giovane, e dunque non può più avere i bei rimpianti di una volta).

Quel "qualcosa" che è accaduto una decina di anni fa lo chiamerò dunque "scomparsa delle lucciole".

Il regime democristiano ha avuto due fasi assolutamente distinte, che non solo non si possono confrontare tra loro, implicandone una certa continuità, ma sono diventate addirittura storicamente incommensurabili.

La prima fase di tale regime (come giustamente hanno sempre insistito a chiamarlo i radicali) è quella che va dalla fine della guerra alla scomparsa delle lucciole, la seconda fase è quella che va dalla scomparsa delle lucciole a oggi. Osserviamole una alla volta.

Prima della scomparsa delle lucciole. La continuità tra fascismo fascista e fascismo democristiano è completa e assoluta. Taccio su ciò, che a questo proposito, si diceva anche allora, magari appunto nel "Politecnico": la mancata epurazione, la continuità dei codici, la violenza poliziesca, il disprezzo per la Costituzione. E mi soffermo su ciò che ha poi contato in una coscienza storica retrospettiva. La democrazia che gli antifascisti democristiani opponevano alla dittatura fascista, era spudoratamente formale.

Si fondava su una maggioranza assoluta ottenuta attraverso i voti di enormi strati di ceti medi e di enormi masse contadine, gestiti dal Vaticano. Tale gestione del Vaticano era possibile solo se fondata su un regime totalmente repressivo. In tale universo i "valori" che contavano erano gli stessi che per il fascismo: la Chiesa, la Patria, la famiglia, l'obbedienza, la disciplina, l'ordine, il risparmio, la moralità. Tali "valori" (come del resto durante il fascismo) erano "anche reali": appartenevano cioè alle culture particolari e concrete che costituivano l'Italia arcaicamente agricola e paleoindustriale. Ma nel momento in cui venivano assunti a "valori" nazionali non potevano che perdere ogni realtà, e divenire atroce, stupido, repressivo conformismo di Stato: il conformismo del potere fascista e

democristiano. Provincialità, rozzezza e ignoranza sia delle "élites" che, a livello diverso, delle masse, erano uguali sia durante il fascismo sia durante la prima fase del regime democristiano. Paradigmi di questa ignoranza erano il pragmatismo e il formalismo vaticani.

Tutto ciò che risulta chiaro e inequivocabilmente oggi, perché allora si nutrivano, da parte degli intellettuali e degli oppositori, insensate speranze. Si sperava che tutto ciò non fosse completamente vero, e che la democrazia formale contasse in fondo qualcosa.

Ora, prima di passare alla seconda fase, dovrò dedicare qualche riga al momento di transizione.

Durante la scomparsa delle lucciole. In questo periodo la distinzione tra fascismo e fascismo operata sul "Politecnico" poteva anche funzionare. Infatti sia il grande paese che si stava formando dentro il paese – cioè la massa operaia e contadina organizzata dal PCI – sia gli intellettuali anche più avanzati e critici, non si erano accorti che "le lucciole stavano scomparendo". Essi erano informati abbastanza bene dalla sociologia (che in quegli anni aveva messo in crisi il metodo dell'analisi marxista): ma erano informazioni ancora non vissute, in sostanza formalistiche. Nessuno poteva sospettare la realtà storica che sarebbe stato l'immediato futuro; né identificare quello che allora si chiamava "benessere" con lo "sviluppo" che avrebbe dovuto realizzare in Italia per la prima volta pienamente il "genocidio" di cui nel "Manifesto" parlava Marx.

Dopo la scomparsa delle lucciole. I "valori" nazionalizzati e quindi falsificati del vecchio universo agricolo e paleocapitalistico, di colpo non contano più. Chiesa, patria, famiglia, obbedienza, ordine, risparmio, moralità non contano più. E non servono neanche più in quanto falsi. Essi sopravvivono nel clerico-fascismo emarginato (anche il MSI in sostanza li ripudia). A sostituirli sono i "valori" di un nuovo tipo di civiltà, totalmente "altra" rispetto alla civiltà contadina e paleoindustriale. Questa esperienza è stata fatta già da altri Stati. Ma in Italia essa è del tutto particolare, perché si tratta della prima "unificazione" reale subita dal nostro paese; mentre negli altri paesi essa si sovrappone con una certa logica alla unificazione monarchica e alla ulteriore unificazione della rivoluzione borghese e industriale. Il trauma italiano del contatto tra l'"arcaicità" pluralistica e il livellamento industriale ha forse un solo precedente: la Germania prima di Hitler. Anche qui i valori delle diverse culture particolaristiche sono stati distrutti dalla violenta omologazione dell'industrializzazione: con la conseguente formazione di quelle enormi masse, non più antiche

(contadine, artigiane) e non ancor moderne (borghesi), che hanno costituito il selvaggio, aberrante, imponderabile corpo delle truppe naziste.

In Italia sta succedendo qualcosa di simile: e con ancora maggiore violenza, poiché l'industrializzazione degli anni Settanta costituisce una “mutazione” decisiva anche rispetto a quella tedesca di cinquant'anni fa. Non siamo più di fronte, come tutti ormai sanno, a “tempi nuovi”, ma a una nuova epoca della storia umana, di quella storia umana le cui scadenze sono millenaristiche. Era impossibile che gli italiani reagissero peggio di così a tale trauma storico. Essi sono diventati in pochi anni (specie nel centro-sud) un popolo degenerato, ridicolo, mostruoso, criminale. Basta soltanto uscire per strada per capirlo. Ma, naturalmente, per capire i cambiamenti della gente, bisogna amarla. Io, purtroppo, questa gente italiana, l'avevo amata: sia al di fuori degli schemi del potere (anzi, in opposizione disperata a essi), sia al di fuori degli schemi populisti e umanitari. Si trattava di un amore reale, radicato nel mio modo di essere. Ho visto dunque “coi miei sensi” il comportamento coatto del potere dei consumi ricreare e deformare la coscienza del popolo italiani, fino a una irreversibile degradazione. Cosa che non era accaduta durante il fascismo fascista, periodo in cui il comportamento era completamente dissociato dalla coscienza. Vanamente il potere “totalitario” iterava e reiterava le sue imposizioni comportamentistiche: la coscienza non ne era implicata. I “modelli” fascisti non erano che maschere, da mettere e levare. Quando il fascismo fascista è caduto, tutto è tornato come prima. Lo si è visto anche in Portogallo: dopo quarant'anni di fascismo, il popolo portoghese ha celebrato il primo maggio come se l'ultimo lo avesse celebrato l'anno prima.

È ridicolo dunque che Fortini retrodati la distinzione tra fascismo e fascismo al primo dopoguerra: la distinzione tra il fascismo fascista e il fascismo di questa seconda fase del potere democristiano non solo non ha confronti nella nostra storia, ma probabilmente nell'intera storia.

Io tuttavia non scrivo il presente articolo solo per polemizzare su questo punto, benché esso mi stia molto a cuore. Scrivo il presente articolo in realtà per una ragione molto diversa. Eccola.

Tutti i miei lettori si saranno certamente accorti del cambiamento dei potenti democristiani: in pochi mesi, essi sono diventati delle maschere funebri. È vero: essi continuano a sfoderare radiosi sorrisi, di una sincerità incredibile. Nelle loro pupille si raggruma della vera, beata luce di buon umore. Quando non si tratti dell'ammiccante luce dell'arguzia e della furberia. Cosa che agli elettori piace, pare, quanto la piena felicità. Inoltre, i

nostri potenti continuano imperterriti i loro sproloqui incomprensibili; in cui galleggiano i “flatus vocis” delle solite promesse stereotipe.

In realtà essi sono appunto delle maschere. Son certo che, a sollevare quelle maschere, non si troverebbe nemmeno un mucchio d'ossa o di cenere: ci sarebbe il nulla, il vuoto.

La spiegazione è semplice: oggi in realtà in Italia c'è un drammatico vuoto di potere. Ma questo è il punto: non un vuoto di potere legislativo o esecutivo, non un vuoto di potere dirigenziale, né, infine, un vuoto di potere politico in un qualsiasi senso tradizionale. Ma un vuoto di potere in sé.

Come siamo giunti, a questo vuoto? O, meglio, “come ci sono giunti gli uomini di potere?”.

La spiegazione, ancora, è semplice: gli uomini di potere democristiani sono passati dalla “fase delle lucciole” alla “fase della scomparsa delle lucciole” senza accorgersene. Per quanto ciò possa sembrare prossimo alla criminalità la loro inconsapevolezza su questo punto è stata assoluta; non hanno sospettato minimamente che il potere, che essi detenevano e gestivano, non stava semplicemente subendo una “normale” evoluzione, ma sta cambiando radicalmente natura.

Essi si sono illusi che nel loro regime tutto sostanzialmente sarebbe stato uguale: che, per esempio, avrebbero potuto contare in eterno sul Vaticano: senza accorgersi che il potere, che essi stessi continuavano a detenere e a gestire, non sapeva più che farsene del Vaticano quale centro di vita contadina, retrograda, povera. Essi si erano illusi di poter contare in eterno su un esercito nazionalista (come appunto i loro predecessori fascisti): e non vedevano che il potere, che essi stessi continuavano a detenere e a gestire, già manovrava per gettare la base di eserciti nuovi in quanto transnazionali, quasi polizie tecnocratiche. E lo stesso si dica per la famiglia, costretta, senza soluzione di continuità dai tempi del fascismo, al risparmio, alla moralità: ora il potere dei consumi imponeva a essa cambiamenti radicali nel senso della modernità, fino ad accettare il divorzio, e ormai, potenzialmente, tutto il resto, senza più limiti (o almeno fino ai limiti consentiti dalla permissività del nuovo potere, peggio che totalitario in quanto violentemente totalizzante).

Gli uomini del potere democristiani hanno subito tutto questo, credendo di amministrarselo e soprattutto di manipolarselo. Non si sono accorti che esso era “altro”: incommensurabile non solo a loro ma a tutta una forma di civiltà. Come sempre (cfr. Gramsci) solo nella lingua si sono avuti dei sintomi. Nella fase di transizione – ossia “durante” la scomparsa

delle lucciole — gli uomini di potere democristiani hanno quasi bruscamente cambiato il loro modo di esprimersi, adottando un linguaggio completamente nuovo (del resto incomprensibile come il latino): specialmente Aldo Moro: cioè (per una enigmatica correlazione) colui che appare come il meno implicato di tutti nelle cose orribili che sono state, organizzate dal '69 ad oggi, nel tentativo, finora formalmente riuscito, di conservare comunque il potere.

Dico formalmente perché, ripeto, nella realtà, i potenti democristiani coprono con la loro manovra da automi e i loro sorrisi, il vuoto. Il potere reale procede senza di loro: ed essi non hanno più nelle mani che quegli inutili apparati che, di essi, rendono reale nient'altro che il luttuoso doppiopetto.

Tuttavia nella storia il "vuoto" non può sussistere: esso può essere predicato solo in astratto e per assurdo. È probabile che in effetti il "vuoto" di cui parlo stia già riempiendosi, attraverso una crisi e un riassestamento che non può non sconvolgere l'intera nazione. Ne è un indice ad esempio l'attesa "morbosa" del colpo di Stato. Quasi che si trattasse soltanto di "sostituire" il gruppo di uomini che ci ha tanto spaventosamente governati per trenta anni, portando l'Italia al disastro economico, ecologico, urbanistico, antropologico. In realtà la falsa sostituzione di queste "teste di legno" (non meno, anzi più funereamente carnevalesche), attuata attraverso l'artificiale rinforzamento dei vecchi apparati del potere fascista, non servirebbe a niente (e sia chiaro che, in tal caso, la "truppa" sarebbe, già per sua costituzione, nazista). Il potere reale che da una decina di anni le "teste di legno" hanno servito senza accorgersi della sua realtà: ecco qualcosa che potrebbe aver già riempito il "vuoto" (vanificando anche la possibile partecipazione al governo del grande paese comunista che è nato nello sfacelo dell'Italia: perché non si tratta di "governare"). Di tale "potere reale" noi abbiamo immagini astratte e in fondo apocalittiche: non sappiamo raffigurarci quali "forme" esso assumerebbe sostituendosi direttamente ai servi che l'hanno preso per una semplice "modernizzazione" di tecniche. Ad ogni modo, quanto a me (se ciò ha qualche interesse per il lettore) sia chiaro: io, ancorché multinazionale, darei l'intera Montedison per una lucciola.

O vazio do poder na Itália

[o artigo dos vaga-lumes]

"Hoje, na Itália, há um vazio de poder dramático...
Não um vazio de poder político num sentido tradicional.
Mas um vazio de poder em si mesmo."

PIER PAOLO PASOLINI

"A distinção entre fascismo adjetivo e fascismo substantivo remonta nada menos do que à revista 'Il Politecnico', ou seja, ao imediato pós-guerra...". Assim começa uma participação de Franco Fortini sobre o fascismo ("L'Europeo", 26-12-1974): como se costuma dizer, eu concordo totalmente com sua intervenção, e plenamente. Não posso, porém, concordar com o seu tendencioso começo. De fato, a distinção entre "fascismos" feita em "Il Politecnico" não é nem pertinente nem atual. Ela podia ainda valer uma década atrás: quando o regime democrata-cristão era ainda a pura e simples continuação do regime fascista.

No entanto, uma década atrás aconteceu "algo". "Algo" que não existia e que não era previsível não somente nos tempos de "Il Politecnico", mas nem mesmo um ano antes do seu acontecimento (ou, realmente, como veremos, enquanto acontecia).

O confronto real entre "fascismos", portanto, não pode ser realizado "cronologicamente" entre o fascismo fascista e o fascismo democrata-cristão: mas, sim, entre o fascismo fascista e o fascismo radicalmente, totalmente, imprevisivelmente novo que nasceu daquele "algo" que aconteceu há, mais ou menos, uma década.

Como sou um escritor, e escrevo provocando polêmica, ou ao menos discuto, com outros escritores, me deixem dar uma definição de caráter poético-literário daquele fenômeno que aconteceu na Itália dez anos atrás.

Isso servirá para simplificar e para abreviar o nosso discurso (e também, provavelmente, para compreendê-lo melhor).

Nos primeiros anos da década de 60, por causa da poluição do ar, e, sobretudo, no campo, por causa da poluição da água (os rios azuis e os pequenos canais transparentes), começaram a desaparecer os vaga-lumes. O fenômeno foi fulminante e fulgurante. Depois de poucos anos os vaga-lumes desapareceram completamente. (Eles são, agora, uma lembrança muito dolorosa do passado: e um homem de idade, que tenha tal lembrança, não pode reconhecer nos novos jovens a sua própria juventude, e não pode mais ter as recordações maravilhosas daquele momento).

Aquele "algo" que aconteceu há mais ou menos dez anos o chamarei de "desaparecimento dos vaga-lumes".

O regime democrata-cristão teve duas fases absolutamente distintas, que não apenas podem ser confrontadas entre si, implicando uma sua certa continuidade, pois se tornaram, de fato, historicamente incomensuráveis.

A primeira fase de tal regime (como precisamente os radicais sempre insistiram em chamá-lo) é aquela que vai do final da guerra ao desaparecimento dos vaga-lumes; a segunda fase é aquela que vai do desaparecimento dos vaga-lumes até hoje. Observemos cada uma.

Antes do desaparecimento dos vaga-lumes. A continuação entre fascismo fascista e fascismo democrata-cristão é completa e absoluta. Calo-me sobre isso, que para tal propósito, se dizia também naquele momento, talvez, de fato, em "Il Politecnico": a ausente depuração, a continuação dos códigos, a violência policial, o desprezo pela Constituição. Detenho-me naquilo que foi levado em conta depois numa consciência histórica retrospectiva. A democracia que os antifascistas democrata-cristãos opunham à ditadura fascista era descaradamente formal.

Fundava-se numa maioria absoluta obtida através dos votos de enormes estratos sociais médios e de grandes massas camponesas, dirigidas pelo Vaticano. Tal gestão do Vaticano era possível somente se fundada num regime totalmente repressivo. Nesse universo os "valores" que contavam eram os mesmos que eram importantes para o fascismo: a Igreja, a pátria, a família, a obediência, a disciplina, a ordem, o não desperdício, a moralidade. Estes "valores" (como, de resto, durante o fascismo) eram "também reais": pertenciam às culturas especiais e concretas que constituíam a Itália arcaicamente agrícola e paleoindustrial. Mas no momento em que eram assumidas como "valores" nacionais não podiam senão perder qualquer realidade, tornando-se atroz, estúpido e repressivo conformismo de Estado:

o conformismo do poder fascista e democrata-cristão. Provincialismo, rudeza e ignorância, seja das *elites* que, em nível diferente, das massas, eram as mesmas tanto durante o fascismo quanto durante a primeira fase do regime democrata-cristão. Paradigmas dessa ignorância eram o pragmatismo e o formalismo do Vaticano.

Tudo isso se mostra, hoje, claro e de modo inequívoco, porque, naquele momento, se alimentavam esperanças insensatas, por parte dos intelectuais e dos opositores. Esperava-se que tudo aquilo não fosse totalmente verdadeiro, e que a democracia formal servisse, no final, para alguma coisa.

Agora, antes de passar à segunda fase, terei que dedicar algumas linhas ao momento de transição.

Durante o desaparecimento dos vaga-lumes. Neste período a distinção entre fascismo fascista e fascismo democrata-cristão, realizada em "Il Politecnico", podia, do mesmo modo, funcionar. De fato, seja o grande país que estava se formando dentro do país – ou seja, a massa operária e camponesa organizada pelo PCI – seja os intelectuais mesmo mais avançados e críticos, não tinham percebido que "os vaga-lumes estavam desaparecendo". Eles estavam muito bem informados pela sociologia (que naqueles anos tinha colocado em crise o método da análise marxista): mas eram ainda informações não vividas, substancialmente formalistas. Ninguém podia suspeitar da realidade histórica que seria o futuro imediato: nem identificar aquele que, então, se chamava "bem-estar", com o "desenvolvimento" que se realizaria plenamente na Itália, pela primeira vez, ou seja, o "genocídio" sobre o qual Marx falava no *Manifesto*.

Após o desaparecimento dos vaga-lumes. Os "valores" nacionalizados e, portanto, falsificados do velho universo agrícola e paleocapitalista, de repente, não servem mais. Igreja, pátria, família, obediência, ordem, não desperdício, moralidade, não servem mais. E não servem nem mesmo como falsos. Eles sobrevivem no clerofascismo marginalizado (até mesmo o MSI os repudia). Aqueles que os substituem são os "valores" de um novo tipo de civilização, totalmente "outra" em relação à civilização camponesa e paleoindustrial. Essa experiência já foi feita por outros Estados. Mas na Itália ela é muito singular, porque se trata da primeira "unificação" real sofrida pelo nosso país; enquanto nos outros países ela se sobrepõe, com uma certa lógica, à unificação monárquica e à unificação posterior da revolução burguesa e industrial. O trauma italiano do contato entre o "arcaico" pluralista e o nivelamento industrial tem, talvez, um único precedente: a Alemanha antes de Hitler. Também, aqui, os valores das diferentes e

singulares culturas foram destruídos pela violenta homologação da industrialização: com a formação, em seguida, daquelas enormes massas, não mais antigas (camponesas, artesanais) e não ainda modernas (burguesas), que constituíram o selvagem, aberrante, imponderável corpo das tropas nazistas.

Está acontecendo algo semelhante na Itália: e ainda com maior violência, pois a industrialização dos anos 70 realiza uma "mutação" decisiva também em relação àquela alemã de cinquenta anos atrás. Não estamos mais diante, como todos agora sabem, de "tempos novos", mas de uma nova época da história humana: daquela história humana que possui vencimentos milenares. Era impossível que os italianos reagissem ainda pior a tal trauma histórico. Eles se tornaram em poucos anos (especialmente no centro-sul) um povo degenerado, ridículo, monstruoso, criminoso. Basta caminhar pelas ruas para compreendê-lo. Porém, naturalmente, para entender as mudanças pelas quais as pessoas passaram, é necessário amá-las. Eu, infelizmente, as amei: seja através do lado de fora dos esquemas do poder (aliás, em oposição desesperada a eles), seja do lado de fora dos esquemas populistas e humanitários. Tratava-se de um amor real, radicado no meu modo de ser. Vi, assim, "com os meus sentidos", o comportamento forçado do poder do consumismo recriar e deformar a consciência do povo italiano, até chegar a uma degradação irreversível. Coisa que não tinha acontecido durante o fascismo fascista, período em que o comportamento estava completamente dissociado da consciência. Em vão o poder "totalitário" iterava e reiterava as suas imposições comportamentais: a consciência não estava implicada nele. Os "modelos" fascistas eram, ao contrário, máscaras, que poderiam ser colocadas e retiradas. Quando o fascismo fascista caiu, tudo voltou a ser como era antes. Viu-se a mesma coisa em Portugal: depois de quarenta anos de fascismo, o povo português celebrou o primeiro de maio como se o último tivesse sido celebrado no ano anterior.

É ridículo, portanto, que Fortini retroceda a distinção entre os dois tipos de fascismo no primeiro pós-guerra: a distinção entre o fascismo fascista e o fascismo dessa segunda fase do poder democrata-cristão não apenas não tem comparação na nossa história, mas, provavelmente, em toda a História.

Eu, no entanto, não escrevo este artigo somente para provocar polêmica sobre esse ponto, embora seja para mim muito especial. Escrevo-o, na realidade, por uma razão muito diferente. Aqui está ela.

Todos os meus leitores sem dúvida se deram conta da mudança dos poderosos democrata-cristãos: em poucos meses eles se tornaram máscaras fúnebres. É verdade: eles continuam ostentando sorrisos radiantes, de uma

sinceridade inacreditável. Nas suas pupilas se coagula uma verdadeira, beata luz de bom humor, quando não se trata da luz piscante da argúcia e da astúcia. Coisa que, parece, agrada aos eleitores, assim como a felicidade plena. Além disso, os nossos poderosos continuam impassíveis nos seus palavreados incompreensíveis, nos quais flutuam os *flatus vocis* das promessas estereotipadas habituais.

Na realidade, eles são, de fato, máscaras. Estou certo de que, ao levantar aquelas máscaras, não se encontraria nem mesmo um vestígio de ossos ou de cinzas: existiria apenas o nada, o vazio.

A explicação é simples: hoje, na Itália, há um vazio de poder dramático. E esta é a questão: não um vazio de poder legislativo ou executivo, não um vazio de poder político dirigente, nem, enfim, um vazio de poder político num sentido tradicional qualquer. Mas um vazio de poder em si mesmo.

Como chegamos a este vazio? Ou, melhor, "como os homens poderosos chegaram até ele"?

A explicação, ainda, é simples: os homens de poder democrata-cristão passaram, sem perceber, da "fase dos vaga-lumes" à "fase do desaparecimento dos vaga-lumes". Por mais que isso possa estar próximo à criminalidade o seu desconhecimento sobre tal questão foi absoluta: não suspeitaram minimamente que o poder, que eles detinham e gerenciavam, não estava simplesmente sofrendo uma evolução "normal", mas estava mudando radicalmente de natureza.

Eles se iludiram de que no seu regime tudo permaneceria substancialmente igual: que, por exemplo, poderiam contar eternamente com o Vaticano, sem se darem conta de que o poder, que eles mesmos continuavam possuindo e gerenciando, não sabia mais o que fazer com o Vaticano como centro de vida camponesa, retrógrada, pobre. Iludiram-se de poder contar eternamente com um exército nacionalista (como, de fato, os seus predecessores fascistas): e não conseguiam ver que o poder, que eles mesmos continuavam possuindo e gerenciando, já realizava manobras para criar a base de exércitos novos, como aqueles transnacionais, espécie de quase polícias tecnocráticas. E o mesmo se pode dizer para a família, forçada, sem solução de continuidade desde os tempos do fascismo, ao não desperdício e à moralidade: agora, o poder do consumismo lhe impunha mudanças radicais, até mesmo aceitando o divórcio, e ainda, potencialmente, todo o restante, sem mais limites (ou, ao menos, chegando aos limites permitidos pela permissividade do novo poder, pior do que o poder totalitário, violentamente totalizante).

Os homens do poder democrata-cristão sofreram tudo isso, acreditando que poderiam administrar tudo com os próprios meios. Não perceberam que o poder era “outro”: incomensurável não apenas a eles, mas a toda uma forma de civilização. Como sempre (cfr. Gramsci) demonstraram alguns sintomas somente na língua. Na fase de transição – ou seja, “durante o desaparecimento dos vaga-lumes” – os homens do poder democrata-cristão mudaram quase que bruscamente o seu modo de se manifestar, adotando uma linguagem completamente nova (de resto, incompreensível, assim como o latim): especialmente Aldo Moro, isto é (para uma correlação enigmática), aquele que surge como o menos implicado de todos em relação às coisas horríveis que foram organizadas de 1969 até hoje, na tentativa, até o momento formalmente realizada, de conservar, a todo custo, o poder.

Digo formalmente porque, repito, na realidade, os poderosos democrata-cristãos preenchem, com as suas manobras de autômatos e os seus sorrisos, o vazio. O poder real avança sem sua presença: e eles têm nas mãos unicamente aqueles aparatos inúteis que tornam real nada mais do que os seus fúnebres casacos.

No entanto, o “vazio” não pode vigorar na história: ele pode ser predicado apenas de modo abstrato e absurdo. É provável que o “vazio” de que falo esteja já efetivamente sendo preenchido por uma crise e por uma reordenação que não pode não perturbar toda a nação. Um índice disso, por exemplo, é a espera “mórbida” do golpe de Estado. Como se se tratasse somente de “substituir” o grupo de homens que nos governou de maneira assustadora por trinta anos, levando a Itália ao desastre econômico, ecológico, urbanístico, antropológico. Na realidade, a falsa substituição dessas “cabeças duras” por outras “cabeças duras” (não menos, ao contrário, mais tristemente carnavalescas), realizada pelo reforço artificial dos velhos aparatos do poder fascista, não serviria para nada (e esteja claro que, em tal caso, a “tropa” seria, já por sua constituição, nazista). As “cabeças duras” serviram, sem se darem conta da sua realidade, ao poder real por quase uma década: aqui está algo que poderia já ter preenchido o “vazio” (frustrando também a possível participação do governo do grande país comunista que nasceu na ruína da Itália: porque não se trata de “governar”). Desse “poder real” nós temos imagens abstratas e, no fundo, apocalípticas: não sabemos reconhecer quais “formas” ele assumiria, substituindo-o diretamente pelos servos que o tomaram por uma simples “modernização” de técnicas. De qualquer forma, no que diz respeito à minha opinião (se o leitor tem algum

interesse por ela), está claro: eu, ainda que multinacional, daria toda a Montedison[1] por um vaga-lume.

❧

[1] A Montecatini Edison S.p.A., de1966 a 1969, abreviada, depois, em Montedison S.p.A., foi um grande grupo industrial italiano, conhecido com este nome até 2002 (a partir de então mudando o nome para Edison); além de sua participação intensa na indústria química, os seus interesses passavam por vários setores, como o farmacêutico, metalúrgico, agroalimentar, editorial. (n.t.)

É ESFORÇO
RAFAEL BARRETT

O TEXTO: Publicado na obra *Moralidades actuales* no ano de 1910, precisamente na segunda quinzena de junho, publicou-se em Montevidéu, por Rafael Barrett e editor Orsini M. Bertani. O livro tinha 356 páginas em impressão artesanal. O tamanho do livro era de dezoito centímetros por onze centímetros e meio. Este livro foi o único de Barrett publicado em vida. Os outros livros são publicações póstumas. Trata-se de um livro contendo alguns ensaios sobre vários temas. Foram publicadas muitas críticas sobre *Moralidades actuales* em Montevidéu, quase todas no jornal "La Razón", entre muitos outros opinou o poeta sevilhano Leoncio Lasso de la Veja: "El río del pensamiento humano no siempre nos aporta en su cauce pepitas de oro puro", e o pensador José Enrique Rodó refletiu: "Es una inagotable excitación para pensar ese idearium inconsecuente y errabundo como la vida misma".

Texto traduzido: Barrett, Rafael. *Moralidades actuales*. Montevideo: O. M. Bertani editor, 1910.

O AUTOR: Jornalista, escritor e filósofo espanhol, 1876-1910. Residiu aos vinte anos de idade em Madrid onde se tornou amigo de Valle-Inclán, Ramiro de Maeztu e outros membros da geração de 98, mas foi nas viagens à Argentina, ao Uruguai e ao Paraguai que se definiu como um escritor durante o seu trabalho jornalístico. E foi no Paraguai onde desenvolveu grande parte de sua produção literária, tornando-se uma figura importante da literatura paraguaia durante o século XX. O seu trabalho não é muito conhecido. Produziu pouco e publicou a maior parte em jornais do Paraguai, Uruguai e Argentina. No entanto, seu pensamento influenciou profundamente na América Latina e especialmente na zona de Rio de la Plata. É especificamente conhecido por seus ensaios filosóficos, além de suas declarações políticas em favor do anarquismo.

O TRADUTOR: Patrick Fernandes Rezende Ribeiro é professor de língua espanhola no Centro de Língua e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná. É especialista em Metodologia do Ensino do Espanhol pela Universidade de Brasília e Licenciado em Letras - Espanhol e Português - pela Universidade Católica de Santos. Além de fazer traduções, também publicou artigos, resenhas, contos e poemas em português e em espanhol.

Es esfuerzo

"Estamos en marcha y no queremos detenernos.
El trágico aliento de lo irreparable acaricia nuestras sienes sudorosas."

RAFAEL BARRETT

La vida es un arma. ¿Dónde herir, sobre qué obstáculo crispar nuestros músculos, de qué cumbre colgar nuestros deseos? ¿Será mejor gastarnos de un golpe y morir la muerte ardiente de la bala aplastada contra el muro o envejecer en el camino sin término y sobrevivir a la esperanza? Las fuerzas que el destino olvidó un instante en nuestras manos son fuerzas de tempestad. Para el que tiene Jos ojos abiertos y el oído en guardia, para el que se ha incorporado una vez sobre la carne, la realidad es angustia. Gemidos de agonía y clamores de triunfo nos llaman en la noche. Nuestras pasiones, corno una jauría impaciente, olfatean el peligro y la gloria. Nos adivinamos dueños de lo imposible y nuestro espíritu ávido se desgarra.

Poner pie en la playa virgen, agitar lo maravilloso que duerme, sentir el soplo de lo desconocido, el estremecimiento de una forma nueva: he aquí lo necesario. Más vale lo horrible que lo viejo. Más vale deformar que repetir. Antes destruir que copiar. Vengan los monstruos si son jóvenes. El mal es lo que vamos dejando a nuestras espaldas. La belleza es el misterio que nace. Y ese hecho sublime, el advenimiento de lo que jamás existió, debe verificarse en las profundidades de nuestro ser. Dioses de un minuto, qué nos importan los martirios de la jornada, qué importa el desenlace negro si podemos contestar a la naturaleza: — ¡No me creaste en vano!

Es preciso que el hombre se mire y se diga: — Soy una herramienta. Traigamos a nuestra alma el sentimiento familiar del trabajo silencioso, y admiremos en ella la hermosura del mundo. Somos un medio, sí, pero el fin es grande. Somos chispas fugitivas de una prodigiosa hoguera. La majestad

del Universo brilla sobre nosotros, y vuelve sagrado nuestro esfuerzo humilde. Por poco que seamos, lo seremos todo si nos entregamos por entero. Hemos salido de las sombras para abrasarnos en la llama; hemos aparecido para distribuir nuestra sustancia y ennoblecer las cosas, nuestra misión es sembrar los pedazos de nuestro cuerpo y de nuestra inteligencia; abrir nuestras entrañas para que nuestro genio y nuestra sangre circulen por la tierra. Existimos en cuanto nos damos; negarnos es desvanecernos ignominiosamente. Somos una promesa; el vehículo de intenciones insondables. Vivimos por nuestros frutos; el único crimen es la esterilidad.

Nuestro esfuerzo se enlaza a los innumerables esfuerzos del espacio y del tiempo, y se identifica con el esfuerzo universal. Nuestro grito resuena por los ámbitos sin límite. Al movernos hacemos temblar a los astros. Ni un átomo, ni una idea se pierde en la eternidad. Somos hermanos de las piedras de nuestra choza, de los árboles sensibles y de los insectos veloces. Somos hermanos hasta de los imbéciles y de los criminales, ensayos sin éxito, hijos fracasados de la madre común. Somos hermanos hasta de la fatalidad que nos aplasta. Al luchar y al vencer colaboramos en la obra enorme, y también colaboramos al ser vencidos. El dolor y el aniquilamiento son también útiles. Bajo la guerra interminable y feroz canta una inmensa armonía. Lentamente se prolongan nuestros nervios, uniéndonos a lo ignoto. Lentamente nuestra razón extiende sus leyes a regiones remotas. Lentamente la ciencia integra los fenómenos en una unidad superior, cuya intuición es esencialmente religiosa, porque no es la religión lo que la ciencia destruye, sino las religiones. Extraños pensamientos cruzan las mentes. Sobre la humanidad se cierne un sueño confuso y grandioso. El horizonte está cargado de tinieblas, y en nuestro corazón sonríe la aurora.

No comprendemos todavía. Solamente nos es concedido amar. Empujados por voluntades supremas que en nosotros se levantan, caemos hacia el enigma sin fondo. Escuchamos la voz sin palabras que sube en nuestra conciencia, y a tientas trabajamos y combatimos. Nuestro heroísmo está hecho de nuestra ignorancia. Estamos en marcha, no sabemos adónde, y no queremos detenernos. El trágico aliento de lo irreparable acaricia nuestras sienes sudorosas.

É ESFORÇO

"Estamos em marcha e não queremos parar.
O trágico alento do irreparável acaricia nossas têmporas suadas."

RAFAEL BARRETT

A vida é uma arma. Onde ferir, sobre que obstáculo contrair nossos músculos, em que cume dependurar nossos desejos? Será melhor gastar-nos de um golpe e morrer a morte ardente da bala refreada contra o muro ou envelhecer no caminho sem fim e sobreviver à esperança? As forças que o destino esqueceu um instante em nossas mãos são forças de tempestade. Para o que tem os olhos abertos e o ouvido em guarda, para o que se incorporou uma vez sobre a carne, a realidade é angústia. Gemidos de agonia e clamores de triunfo nos chamam à noite. Nossas paixões, como uma matilha impaciente, farejam o perigo e a glória. Adivinhamo-nos donos do impossível e nosso espírito ávido se desgarra.

Por o pé na praia virgem, agitar o maravilhoso que dorme, sentir o sopro do desconhecido, o estremecimento de uma forma nova: eis aqui o necessário. Mais vale o horrível que o velho. Mais vale deformar que repetir. Antes destruir que copiar. Venham os monstros se são jovens. O mal é o que vamos deixando a nossas costas. A beleza é o mistério que nasce. E esse ato sublime, o advento do que jamais existiu, deve ser verificado nas profundezas de nosso ser. Deuses de um minuto, o que nos importa os martírios da jornada, o que importa o desenlace negro se podemos contradizer a natureza: — Não me criaste em vão!

É preciso que o homem se veja e se diga: — Sou uma ferramenta. Tragamos à nossa alma o sentimento familiar do trabalho silencioso, e admiremos nela a formosura do mundo. Somos um meio, sim, mas o fim é grande. Somos faíscas fugitivas de uma prodigiosa fogueira. A majestade do

Universo brilha sobre nós, e torna sagrado nosso esforço humilde. Por pouco que sejamos, seremos tudo se nos entregarmos por intero. Saímos das sombras para abrasar-nos na chama; aparecemos para distribuir nossa substância e enobrecer as coisas, nossa missão é semear as partes do nosso corpo e de nossa inteligência; abrir nossas entranhas para que nosso gênio e nosso sangue circulem pela terra. Existimos enquanto nos damos; negar-nos é desvanecer ignominiosamente. Somos uma promessa; o veículo de intenções insondáveis. Vivemos pelos nossos frutos; o único crime é a esterilidade.

Nosso esforço se enlaça aos inumeráveis esforços do espaço e do tempo, e se identifica com o esforço universal. Nosso grito ressoa pelos âmbitos sem limite. Ao mover-nos, fazemos os astros tremerem. Nenhum átomo, nenhuma ideia se perde na eternidade. Somos irmãos das pedras de nossa cabana, das árvores sensíveis e dos insetos velozes. Somos irmãos até dos imbecis e dos criminosos, ensaios sem êxito, filhos fracassados de uma mãe comum. Somos irmãos até da fatalidade que nos esmaga. Ao lutar e ao vencer colaboramos com a obra enorme, e também colaboramos ao sermos vencidos. A dor e o aniquilamento são também úteis. Sob a guerra interminável e feroz canta uma imensa harmonia. Lentamente se prolongam nossos nervos, unindo-nos ao ignoto. Lentamente nossa razão estende suas leis a regiões remotas. Lentamente a ciência integra os fenômenos numa unidade superior, cuja intuição é essencialmente religiosa, porque não é a religião o que a ciência destrói, mas as religiões. Estranhos pensamentos cruzam as mentes. Sobre a humanidade se peneira um sonho confuso e grandioso. O horizonte está carregado de trevas, e em nosso coração sorri a aurora.

Não compreendemos ainda. Somente nos é concedido amar. Empurrados por vontades supremas que em nós se levantam, caímos até o enigma sem fundo. Escutamos a voz sem palavras que ascende à nossa consciência, e às escuras trabalhamos e combatemos. Nosso heroísmo está feito de nossa ignorância. Estamos em marcha, não sabemos aonde, e não queremos parar. O trágico alento do irreparável acaricia nossas têmporas suadas.

O DEUS-CRIMINOSO

EDGAR WIND

O TEXTO: Este breve ensaio de Edgar Wind compunha a seção intitulada "Miscellaneous notes" (Notas variadas) do *Journal of the Warburg Institute* – denominado, a partir do número seguinte, de *Journal of the Warburg and Coultard Institutes* –, do qual Wind fora editor e fundador, com Rudolf Wittkower, e que continua a ser publicado até hoje pelo Instituto Warburg. Esse instituto, que se originou da transferência da biblioteca de Aby Warburg para a Inglaterra e foi incorporado à Universidade de Londres em 1944, reuniu diversos pesquisadores como os historiadores da arte Erwin Panofsky, Ernst Gombrich e Gertrud Bing e, mais recentemente, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman. Alguns dos verbetes de Wind publicados nessa revista, como "The Christian Democritus", compuseram a sua reunião póstuma de ensaios intitulada *A eloquência dos símbolos: Estudos em arte humanista* (1983, publicado em português pela Edusp em 1997).

Texto traduzido: Wind, E. The criminal-God. *The Journal of the Warburg Institute*, Londres, vol. I, p. 243-245, 1937-1938.

Agradecimentos: agradeço à Sra. Clare Hills-Nova, bibliotecária da Bodleian Library, Universidade de Oxford, quem obteve a meu pedido os direitos de publicação desta tradução.

O AUTOR: Edgar Wind (Berlim, 1900 – Londres, 1971) ocupou a cadeira de História da Arte na Univ. de Oxford em 1955. Doutorou-se em História da Arte pela Univ. de Hamburgo em 1922 e começou a sua carreira acadêmica na Univ. da Carolina do Norte em 1925, ensinando filosofia. Foi especialista em iconologia do Renascimento e discípulo de Panofsky, por meio de quem entrou em contato com Warburg. Vem sendo reivindicado por historiadores como Georges Didi-Huberman como um dos herdeiros mais próximos de Aby Warburg e de sua interpretação da história a partir do conceito de sobrevivência. Em 1933, poucos anos antes do seu retorno à Univ. de Hamburgo, colaborou com a transferência da biblioteca de Warburg para Londres, tornando-se o seu vice-diretor. É autor dos livros *Pagan Mysteries in the Renaissance* (1958), *Bellini's Feast of the Gods: A Study in Venetian Humanism* (1948) e de *Art and anarchy* (1963).

A TRADUTORA: Larissa Costa da Mata (1984) é doutoranda em Teoria da Literatura pela UFSC, com pesquisa que discute a obra do artista modernista Flávio de Carvalho no debate sobre o primitivismo nas vanguardas de princípios do século XX. No momento, vincula-se como pesquisadora visitante (CAPES) à Universidade de Yale (EUA). Fez o mestrado em literatura brasileira na UFSC, defendendo a dissertação *As máscaras modernistas: Adalgisa Nery e Maria Martins na vanguarda brasileira* em 2008. O presente texto de Wind foi reproduzido durante a pesquisa realizada na Biblioteca da Universidade de Leiden, Holanda, em 2008.

The criminal-God

“The criminal-god only incites and no longer atones for the viciousness of the masses.”

EDGAR WIND

Among primitive men, it was one of the duties of a ‘Divine King’ to have himself killed for the benefit of his people. Happily for the king, this periodic sacrifice degenerated into a symbolic form. In order to spare the life of the sovereign and yet reap the benefit of the ritual, a criminal was substituted for the king and was both honoured and killed in his place. Frazer, in an argument of appealing simplicity, explains the substitution as an act of economy[1]. But granting that the life of the king was saved by that act, how is it to be explained that the sacrifice continued to be considered effective?[2]

To offer a criminal in the place of a divine king presupposes — in the minds of people who did not wish to forego the magical profit of the sacrifice — that the criminal, by virtue of his inherent powers, was acceptable as a true equivalent. The powers of which the criminal is possessed induce him to place himself apart from the rules of the group. He thus resembles the king who stands above them. The equation of king and criminal becomes intelligible if Superior Power is understood as a force which is neutral to the distinction between good and evil and thus qualifies

[1] *The Scapegoat* (*The Golden Bough*, vol. 9) 1913, p. 396.

[2] Frazer shrinks from this question by assuming that the substitution took place in a “middle period” between superstition and enlightenment when “subterfuges are resorted to for the sake of preserving the old ritual in a form which will not offend the new morality”. In his view, it is “a common and successful device to consummate the sacrifice on the person of a malefactor, whose death at the altar or elsewhere is little likely to excite pity or indignation, since it partakes of the character of a punishment, and people recognize that if the miscreant had not been dealt with by the priest, it would have been needful in the public interest to hand him over to the executioner” (*Op. cit.*, p. 396). But assuming that the people were already so ‘enlightened’ as to be capable of this calculation, how could they suppose that a sacrifice which cost them so little, would be of any use?

the bearer as *taboo*[3]. To particularize this power is a function of the ritual. The divine and kingly honours paid to the criminal before he is killed are necessary to ensure the validity of the substitution.

This ritual, which in its original form was quite certainly a serious performance of imitational magic, degenerated into a mock ritual by being continued and repeated long after the criminal had ceased to be the substitute of a king and had become the mere victim of legal procedure. The connotation of a beneficial sacrifice had vanished, yet the killing retained the association of a feast. "It is no long ago," says Nietzsche in one of his most forceful attacks against the utilitarian explanation of punishment,[4] "that princely weddings and great popular festivals were inconceivable without executions, tortures, or perhaps an *Autodafé.*" In rejecting the view that legal punishment originated as an attempt at just retribution, he declares that in those powerful springs of human action which lie 'beyond good an evil' the desire to punish and the desire to hurt, which he calls "man's most elementary pleasure of feasting," are indistinguishable. Nor will he admit that they ever quite separate even in the most 'enlightened' states of jurisdiction: "An der grossen Strafe ist so viel Festliches".

Without this background of feast and ritual it would indeed be difficult to explain why the infliction of pain as a form of punishment should have been so very fanciful throughout the ages. The National Museum in Munich owns a whole collection of 'punishment masks' [...],[5] which, but for being made of metal and therefore painful to wear, could be mistaken for instruments of a primitive dance ritual. They were used for the punishment of minor offences (such as lying, slandering, etc.), and apart from hurting the wearer were meant to make him look ridiculous. Little whistles were attached to the mouthpiece of the mask, so that the criminal, who was placed on the pillory or dragged through the city, could express his anger or pain only by whistling. The mask, once the seat of magical power, has become an instrument of derision; but the mockery by which the criminal is insulted and punished retains as an ingredient the old pagan terror which the wearer of the mask inspires.

---

3 This idea still survives in the popular superstition of the virtues attached to the relics of criminals. "Es zeigt sich hier eine durchaus amoralische Überzeugung; denn je kraftvoller, aussergewöhnlicher, d.h. meist scheusslicher die Leistung eines Verbrechers gewesen ist, desto versprechender und begehrter sind seine Reliquien." *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, 1931, s.v. "Hingerichteter".

4 *Zur Genealogie der Moral II*, 6.

5 W. M. Schmid, *Altertümer des Bürgerlichen und Strafrechts* (Kataloge des Bayerischen National-museums VII), 1908, p. 35 ff.

Furthermore, the survival of ritual in legal punishments is obvious in the ancient forms of execution.[6] To break a man on the wheel, to crucify or to quarter him, are cruelties of such shrewd invention that even the cauldron of abnormal psychology does not produce sufficient mixtures to account for them. These cruelties were invented for a purpose, and the psychologist who would want us to believe that they were always meant to satisfy a 'disinterested pleasure,' conceives of human nature on too simple a scheme. The very shape of the wheel and the cross, the very act of quartering, point to ideas of a cosmic order and would be senseless but for a victim sacrificed for a cosmic purpose[7]. Just as the shape and number of the tools of torture — for example, the number of spokes in the wheel[8] — are prescribed to secure the cosmic analogy, so the torture itself must be long and subtle to render the sacrifice effective.

It is probably more a sign of human inertia than of human wickedness that these practices were continued long after they had lost their meaning. A mediæval executioner who broke a man on the wheel did not know he was repeating the form of a ritual by which his ancestors had sacrificed a god.[9] Nor did the Romans, when they crucified their criminals, remember the sacred powers once attached to this cruel procedure. To them it was just a vulgar form of execution. Yet the sacredness latent in the agony of the cross was brought to light again through the passion of Christ, who, in perishing on the cross as a criminal, re-enacted the sacrifice of the god. By releasing the emotional power this form of death held over the imagination, Christianity became the heir of the pagan tradition which it transfigured and preserved in the very act of overcoming it. It may be idle to question what would have happened had the Romans employed a form of execution which was less marked by a sacred past (for example, strangling or stabbing). It is

---

[6] A great wealth of material on this subject has been collected by Carl von Amira, *Die germanischen Todesstrafen, Untersuchungen zur Rechts-und Religionsgeschichte*, 1922. See in particular pp. 198-235: "Sakraler Charakter der öffentlichen Todestrafe." The Introduction surveys the whole literature on the subject, including that on the non-Germanic regions.

[7] A primitive parallel to the crucifixion is the sacrifice of the Mexican god Xipe who is suspended in the shape of a cross and pierced by arrows. This is a ritual of fertilization in which the piercing is an essential part. That in the killing of the victim his cross-shaped body is raised by means of a ladder, is to signify the union of heaven and earth (cf. K. Th. Preuss, *Der Unterbau des Dramas*, *Vorträge der Bibliothek Warburg 1927-1928*). For the cosmic symbolism of the death on the wheel, see Amira, *op. cit.*, p. 204 ff. who justly refers to the myth of Ixion bound to the burning wheel of the sun. The association of 'wheel' and 'fire' is universal in popular superstitions (cf. *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens, s.v.* "Rad"). Amira also points out that the death on the gallows in which it was essential that the body of the victim should be able to swing in the wind (*op. cit.*, p. 100) was originally a sacrifice to – we should say: of – a weather-god. Odin, the wind-god to whom the hanged criminal belonged, is described in the Edda as himself "hanging in the tree" and pierced through the side. Frazer in his essay on "Swinging as a Magical Rite" (*The Dying God*, 1911, Note B, pp. 277-285) mentions cases of swinging games as magical substitutes for hanging.

[8] Amira, *op. cit.*, p. 206.

[9] Yet the executioner was held in that doubtful honour which primitive people pay to those who have direct contact with gods: he was *taboo*. This has been brilliantly demonstrated by Amira (*op. cit.*, p. 229) who, strangely enough, fails to draw the natural conclusion; namely, that the criminal originally *was* the god.

legitimate, though, to wonder if in that case the Christian Church could have raised the instrument of the death of Christ to such a powerful sacred symbol.

By descending into the lowest human shape, by allowing himself to be shamed by a public execution, Christ gave a new sanctity to the sufferings of the criminal-god and shed a new lustre even on those with whom he was accidentally associated. Not only the sacred, but even the ordinary criminal assumes, in the view of a prominent modern psychologist (C. G. Jung), the function of a redeemer:

> "There must be some people who behave in the wrong way; they act as scapegoats and objects of interest for the normal ones. Think how grateful you are… that you can say, 'Thank Heaven, I am not that fellow who has committed the crime; I am a perfectly innocent creature'. You feel satisfaction, because the evil people have done it for you. This is the deeper meaning of the fact that Christ as the redeemer has been crucified between two thieves. Theses thieves in their way also were redeemers of mankind, they were the scapegoats."[10]

It may be wise, in this context, to remember a warning of Nietzsche: "Our highest wisdom will invariably — and should — sound like folly, even crime, in the ears of those not fit and predestined for it."[11] The danger of any psychological interpretation is that it might be mistaken for a rule of conduct. And who would want to encourage an attitude which would greet every fresh consignment of criminals as a welcome supply of scapegoats?

However, the danger is small in our time; for though the worship of the criminal has increased, his use as a scapegoat has diminished. Among the more innocent of recent cases, we may remember the tributes paid to Al Capone or, an even more harmless instance, to the accused Mayor Walker. Those who saw Mayor Walker on trial report that when he left the court house in which he had been charged with the vilest misuse of public trusts, he was cheered by the crowds, and flowers were strewn on his path. The mob proclaimed with cynical candour that they would have liked the chance to "get away with as much".

---

[10] C. G. Jung. *Fundamental Psychological Conceptions*, Five Lectures, London, 1936.

[11] *Jenseits von Gut und Böse*, II, 30.

This is the distinction of our age: *The criminal-god only incites and no longer atones for the viciousness of the masses.* We have reversed the procedure of our ancestors. They used to mock the criminal and then kill him. We worship him seriously — and let him live[12].

[12] Far be it from us to advocate the transformation of prisons into slaughter-houses. This would neither improve nor greatly alter the present psychology of the world. But what we do regret is the disappearance of mockery as a form of punishment. The one thing of which a criminal can be certain to-day is that he will enjoy the most competent and effective publicity. Even the non-criminal part of the population agree that unpaid advertisements are an honour and not a disgrace. What the gentle Earl of Shaftesbury used to call 'the test of ridicule' has lost its power over the imagination. As a moderate antidote we humbly recommend the revival of the pillory.

O Deus-criminoso

"O deus-criminoso apenas estimula
e já não expia a viciosidade das massas."

EDGAR WIND

Entre os homens primitivos um dos deveres de um "Rei Divino" era o de ser morto para o benefício do seu povo. Felizmente para o rei, esse sacrifício periódico decaiu assumindo uma forma simbólica. Para poupar a vida do soberano e, ainda assim, colher os frutos do ritual, um criminoso substituía o rei e era honrado e morto em seu lugar. Frazer, em um argumento de atraente simplicidade, explica essa substituição como um ato de economia[1]. No entanto, dado que a vida do rei era salva por esse ato, como explicar que o sacrifício ainda continuasse a ser considerado efetivo?[2]

Oferecer um criminoso no lugar de um rei divino pressupõe — nas mentes de pessoas que não pretendiam renunciar ao benefício do sacrifício — que o criminoso, em virtude de seus poderes inatos, seja aceitável como um equivalente legítimo. Os poderes dos quais o criminoso está possuído levam-no a distanciar-se das regras do grupo; portanto, ele se assemelha ao rei que está acima dessas regras. Essa equivalência entre o rei e o criminoso pode ser compreendida se o Poder Superior for concebido como uma força neutra à distinção entre o bem e o mal e que, por conseguinte, qualifica o seu

[1] The scapegoat (*The golden bough*, v. 9) 1913, p. 396.
[2] Frazer se desvia dessa questão ao supor que a substituição tenha acontecido em um "período intermediário" entre a superstição e a ilustração, quando "se valia de subterfúgios para preservar o velho ritual de um modo que não irá ofender a nova moralidade". Segundo essa visão, "a consumação do sacrifício na pessoa de um malfeitor [é] um dispositivo comum e bem-sucedido. De certo modo, é pouco provável que a sua morte no altar ou em outro lugar instigue piedade ou indignação, já que participa do caráter de uma punição, e que as pessoas reconheçam que, se o sacerdote não lidasse com o infame, teria sido de interesse público oferecê-lo ao carrasco" (*Op. cit.*, p. 396). No entanto, presumindo-se que as pessoas já estivessem tão "ilustradas" a ponto de serem capazes dessa avaliação, como poderiam supor que um sacrifício que lhes custou tão pouco teria alguma utilidade?

portador como *tabu*[3]. Uma das funções do ritual é particularizar esse poder, e as honras prestadas divina e regiamente ao criminoso antes que seja morto são necessárias para assegurar a validade dessa substituição.

Esse ritual — que, sem dúvida, era originalmente uma atuação séria de magia imitativa — em seu declínio tornou-se um ritual de escárnio, ao prosseguir e repetir-se muito depois de que o criminoso deixasse de ser o substituto de um rei e se tornasse a mera vítima de um procedimento legal. A conotação de sacrifício benéfico esvaneceu-se, mas ainda assim o assassinato manteve a associação com a festa. “Não foi há muito tempo”, afirma Nietzsche em um dos seus mais violentos ataques à explicação utilitarista da punição,[4] “que os casamentos dos príncipes e as grandes festividades populares eram inconcebíveis sem execuções, torturas ou talvez um *Auto-de-fé*”. Rejeitando a perspectiva de que a punição legal tenha se originado como uma tentativa de retribuição justa, ele declara que é nessas poderosas fontes da ação humana que repousam, “além do bem e do mal”, o desejo de punir e o desejo de ferir — que ele denomina de “o prazer de festejar mais elementar do homem” —, em que ambos são indiscerníveis. Ele não admitirá que tenham se tornado completamente distintos nem mesmo nos estados mais “iluminados” da jurisdição: “Depois da grande pena há tanta festividade”.

De fato, sem o contexto da festa e do ritual seria difícil justificar por que esse castigo doloroso como forma de punição teria sido tão extravagante ao longo de épocas. O Museu Nacional em Munique possui uma coleção completa de “máscaras de punição” [...] [5] que, se não fossem feitas de metal e, por essa razão, dolorosas de usar, poderiam ser confundidas com instrumentos de uma dança ritual primitiva. Essas máscaras eram utilizadas para a punição de pequenas infrações (como mentir, caluniar, etc.) e, além de ferirem a pessoa que as vestia, serviam para fazê-la parecer ridícula. Pequenos apitos eram presos ao bocal da máscara, de forma que o criminoso, estando no pelourinho ou sendo arrastado pela cidade, pudesse expressar a sua ira ou dor apenas apitando. A máscara, inicialmente a base de um poder mágico, tornou-se um instrumento de escárnio. Entretanto, a zombaria que insultava e punia o criminoso mantinha como ingrediente o antigo terror pagão inspirado por quem vestia a máscara.

---

[3] Essa ideia ainda sobrevive na superstição popular das virtudes associadas às relíquias dos criminosos. “Trata-se aqui de uma persuasão inteiramente amoral; o que quer dizer, quanto mais forte e extraordinário foi o desempenho de um criminoso, ou seja, mais hediondo, mais promissoras e atraentes são suas relíquias”. *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens* [Dicionário de superstição alemã], 1931, s.v., “Hingerichteter”. [Agradeço a Helano Ribeiro pela tradução das expressões e citações em alemão] (n.t.)

[4] *Zur genealogie der moral* II, 6. [*Genealogia da moral*].

[5] W. M. Schmid, *Altertümer des Bürgerlichen und Strafrechts* [Antiguidades do cidadão e do direito penal] (Kataloge des Bayerischen National-museums VII) 1908, p. 35 ff.

Além disso, a sobrevivência do ritual nas punições legais é óbvia nas formas antigas de execução.[6] Tanto despedaçar um homem na roda, como crucificá-lo ou esquartejá-lo são crueldades de uma invenção tão perspicaz que nem mesmo o caldeirão da psicologia anormal produz misturas suficientes para descrevê-las. Tais crueldades foram inventadas com um propósito, e o psicólogo que quisesse que acreditássemos que sempre serviram para satisfazer um "prazer desinteressado" concebe a natureza humana como um esquema simples demais. A própria forma da roda ou da cruz, o próprio ato de esquartejar, indicam ideias de uma ordem cósmica e não fariam sentido senão com uma vítima que fosse sacrificada por um propósito cósmico[7]. Assim como o formato e o número de ferramentas de tortura — por exemplo, o número de raios em uma roda[8] — são determinados para assegurar uma analogia cósmica, também a própria tortura deve ser longa e sutil para tornar o sacrifício efetivo.

Provavelmente, o fato de essas práticas terem continuado muito após terem perdido o seu sentido é mais um sinal da inércia do que da maldade humana. Um carrasco medieval que despedaçava um homem na roda não sabia que estava repetindo uma forma de ritual por meio da qual os seus ancestrais sacrificavam uma divindade[9]. Nem os Romanos, quando crucificavam os seus criminosos, lembraram-se dos poderes sagrados que uma vez estiveram atrelados a esse procedimento cruel. Para eles, era somente uma forma vulgar de execução — ainda que a sacralidade latente na agonia da cruz fosse trazida à luz novamente pela paixão de Cristo que, ao perecer na cruz como um criminoso, re-encenou o sacrifício do deus. Ao libertar o poder emocional, essa forma de morte exerceu controle sobre a

---

[6] Carl Von Amira reuniu um rico material sobre esse tema, *Die germanischen Todesstrafen, Untersuchungen zur Rechts-und Religionsgeschichte* [Os direitos penais germânicos, Exames da história da religião e do direito], 1922. Ver especialmente pp. 198-235: "Sakraler Charakter der öffentlichen Todestrafe" ["O caráter sacro do direito penal público"]. A Introdução traz um levantamento de toda a literatura no assunto, incluindo a de regiões não germânicas.

[7] Um paralelo primitivo da crucificação é o sacrifício do deus mexicano Xipe que foi pendurado em forma de cruz e perfurado por flechas. Trata-se de um ritual de fertilização no qual a perfuração é uma parte essencial. Quando uma vítima é morta, o seu corpo em forma de cruz é erguido por meio de uma escada para significar a união entre o céu e a terra (cf. K. Th. Preuss, *Der Unterbau des Dramas*, *Vorträge der Bibliothek Waburg* 1927-1928 – [O alicerce do drama. Palestras da Biblioteca Warburg 1927-1928]). Sobre o simbolismo cósmico da morte na roda, ver Amira, *op. cit.*, p. 204 ff. quem se refere justamente ao mito de Íxion amarrado à circunferência em chamas do sol. A associação entre a "roda" e o "fogo" é universal nas superstições populares (cf. *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, *s.v.* "Rad" [*Dicionário da superstição alemã*, s.v. "Rad"]). Amira também observa que a morte na forca, na qual era imprescindível que a vítima pudesse balançar ao vento (*op. cit.*, p. 100), era originalmente um sacrifício para – ou melhor, de – um deus do tempo. Odin, o deus do vento a quem os criminosos enforcados pertenciam, é descrito no Edda como se ele mesmo estivesse "pendurado em uma árvore" e perfurado pela lateral. Frazer, em seu ensaio sobre a "A suspensão como um ritual mágico" (*The dying God*, 1911, nota B, p. 277-185) menciona casos de jogos de suspensão como substitutos mágicos para o enforcamento.

[8] Amira, *op. cit.*, p. 206.

[9] Ainda assim, o carrasco era mantido por aquela honra duvidosa que os povos primitivos prestavam àqueles que tiveram contato direto com os deuses: ele era um *tabu*. Isso foi demonstrado brilhantemente por Amira (*op. cit.*, p. 229) quem, estranhamente, falha ao deduzir a conclusão natural, isto é, a de que o criminoso originalmente *era* o deus.

imaginação e o cristianismo se tornou então o herdeiro da tradição pagã transfigurada e preservada por ele no próprio ato de superá-la. Pode ser vão questionar-se o que teria acontecido se os romanos tivessem empregado uma forma de execução menos marcada por um passado sagrado (por exemplo, estrangular ou apunhalar). No entanto, é legítimo nos perguntarmos se, nesse caso, a Igreja Cristã teria conseguido promover o instrumento da morte de Cristo a um símbolo sagrado tão poderoso.

Decaindo até a forma humana mais vil, permitindo-se a humilhação em uma execução pública, Cristo deu uma nova santidade aos sofrimentos do deus-criminoso e uma nova luz mesmo àqueles com quem era associado acidentalmente. Até mesmo o criminoso comum — e não somente o sagrado — assume, na visão de um psicólogo moderno proeminente (C. G. Jung) a função de redentor:

> "Necessariamente devem existir algumas pessoas que se comportem da forma errada; elas agem como bodes expiatórios e são objetos de interesse das pessoas normais. Pense no quanto é grato... por poder dizer, 'Graças a Deus, não sou quem cometeu o crime, mas uma criatura perfeitamente inocente.' Sente-se satisfeito porque as pessoas más cometeram o crime em seu lugar. Esse é o significado mais profundo do fato de que Cristo, enquanto redentor, tenha sido crucificado entre dois ladrões. Esses ladrões, à maneira deles, também são redentores da humanidade, são os bodes expiatórios" [10].

Nesse contexto, seria prudente nos lembrarmos de uma advertência de Nietzsche: "O nosso saber mais elevado irá — e deve — soar invariavelmente como uma tolice, ou mesmo como um crime, aos ouvidos daqueles que não estiverem preparados ou predestinados para ele"[11]. O perigo de qualquer interpretação psicológica é que pode ser confundida com uma regra de conduta. E quem desejaria encorajar uma atitude que acolhesse toda prisão recente de criminosos como um suprimento bem-vindo de bodes expiatórios?

No entanto, esse risco é mínimo em nossa época; pois apesar de o culto ao criminoso ter crescido, o uso dele como bode expiatório diminuiu. Dentre os casos recentes mais inocentes, podemos nos lembrar dos tributos pagos a Al Capone ou, em uma instância ainda mais inofensiva, ao prefeito acusado,

---

[10] C. G. Jung, *Fundamental psychological concepts*, Five Lectures, Londres, 1936.
[11] *Jenseits Von Gut und Böse*, II, 30 [*Além do bem e do mal*].

James Walker*. Aqueles que viram o julgamento de Walker contam que ao deixar o tribunal no qual fora acusado pelo mais baixo abuso do crédito público, ele foi aplaudido pela multidão, e flores foram jogadas em seu caminho. E a máfia proclamou com cínica franqueza que teria gostado de ter a chance de "sair impune da mesma maneira".

Eis a distinção de nossa época: *O deus-criminoso apenas estimula e já não expia a viciosidade das massas.* Nós invertemos o procedimento dos nossos ancestrais: eles costumavam ridicularizar o criminoso e então matá-lo; nós o cultuamos profundamente — e o deixamos viver[12].

---

* Walker, James "Jimmy" (1881-1946) foi prefeito da cidade de Nova York entre 1925 e 1932. Era belo e popular, conhecido por frequentar as casas noturnas elegantes dos anos 1920. Filho de imigrantes irlandeses, foi membro do Tammany Hall (Clube Democrático de Nova York) e do corpo legislativo durante dezesseis anos e foi, por fim, recompensado com a prefeitura. Antes disso, havia trabalhado como compositor durante dez anos no Tin Pan Alley em Nova York. A sua sorte muda a partir da crise de 1929, quando começa a ser alvo de investigações de corrupção. Em 1932 renuncia ao cargo e parte para a Europa [Idem, p. 943]. (n.t.)

12 Longe de nós defendermos a transformação de prisões em matadouros. Isso não iria nem melhorar, nem alterar significativamente a presente psicologia do mundo. O que lamentamos, no entanto, é o desaparecimento do escárnio como uma forma de punição. A única coisa de que um criminoso pode estar certo hoje é de que irá aproveitar a publicidade mais competente e efetiva. Mesmo a parte não criminosa da população concorda que a publicidade gratuita é uma honra e não uma desgraça. O que o nobre Earl de Shaftesbury costumava chamar de "teste do ridículo" deixou de exercer poder sobre a imaginação. Como um antídoto moderado recomendaríamos, humildemente, o renascimento do pelourinho.

Porque sou pagã

Zitkala-Ša

O texto: Os textos, contos e ensaios de Zitkala-Ša descrevem a vida e o pensamento da etnia Sioux dos EUA num estilo similar a outros ensaístas de sua época, por serem escritos em inglês. De fato, a autora foi uma representante intelectual de muita importância para sua tribo e cultura porque podia expressar-se no idioma dos anglo-americanos sem cair em estereótipos comuns, elevando assim o debate entre os dois mundos. É precursora também de todo um movimento literário ameríndio que surgirá gerações depois.

Texto traduzido: Zitkala-Ša. "Why I Am a Pagan". Atlantic Monthly, 90 (1902), pp. 801-803. Electronic Text Center, University of Virginia Library. Disponível em: <http://www2.lib.virginia.edu/etext/index.html>.

A autora: Zitkala- Ša (Gertrude Simmons) nasceu em 1876 e formou parte da tribo Sioux, no estado de Dakota do Sul, EUA. Embora tenha sido batizada com nome cristão, batizou-se novamente com o nome de Zitkala- Ša, o "pássaro vermelho", mais conhecido entre seus leitores. Foi um dos primeiros escritores indígenas dos EUA que alcançou um público anglo-americano. Entre seus livros encontramos *Old Indian Legends*, de 1901, e *American Indian Stories*, de 1921. Este último, uma antologia de ensaios autobiográficos que foram publicados em vida. Além de ser uma escritora de renome, foi ativista dos direitos humanos e exímia violinista.

O tradutor: Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana.

Why I am a Pagan

"I prefer to their dogma my excursions into the natural gardens where the voice of the Great Spirit."

ZITKALA-ŠA

When the spirit swells my breast I love to roam leisurely among the green hills; or sometimes, sitting on the brink of the murmuring Missouri, I marvel at the great blue overhead. With half closed eyes I watch the huge cloud shadows in their noiseless play upon the high bluffs opposite me, while into my ear ripple the sweet, soft cadences of the river's song. Folded hands lie in my lap, for the time forgot. My heart and I lie small upon the earth like a grain of throbbing sand. Drifting clouds and tinkling waters, together with the warmth of a genial summer day, bespeak with eloquence the loving Mystery round about us. During the idle while I sat upon the sunny river brink, I grew somewhat, though my response be not so clearly manifest as in the green grass fringing the edge of the high bluff back of me.

At length retracing the uncertain footpath scaling the precipitous embankment, I seek the level lands where grow the wild prairie flowers. And they, the lovely little folk, soothe my soul with their perfumed breath.

Their quaint round faces of varied hue convince the heart which leaps with glad surprise that they, too, are living symbols of omnipotent thought. With a child's eager eye I drink in the myriad star shapes wrought in luxuriant color upon the green. Beautiful is the spiritual essence they embody.

I leave them nodding in the breeze but take along with me their impress upon my heart. I pause to rest me upon a rock embedded on the side of a foothill facing the low river bottom. Here the Stone-Boy, of whom the American aborigine tells, frolics about, shooting his baby arrows and

shouting aloud with glee at the tiny shafts of lightning that flash from the flying arrow-beaks. What an ideal warrior he became, baffling the siege of the pests of all the land till he triumphed over their united attack. And here he lay, — Invan, our great-great-grandfather, older than the hill he rested on, older than the race of men who love to tell of his wonderful career.

Interwoven with the thread of this Indian legend of the rock, I fain would trace a subtle knowledge of the native folk which enabled them to recognize a kinship to any and all parts of this vast universe. By the leading of an ancient trail, I move toward the Indian village.

With the strong, happy sense that both great and small are so surely enfolded in His magnitude that, without a miss, each has his allotted individual ground of opportunities, I am buoyant with good nature.

Yellow Breast, swaying upon the slender stem of a wild sunflower, warbles a sweet assurance of this as I pass near by. Breaking off the clear crystal song, he turns his wee head from side to side eyeing me wisely as slowly I plod with moccasined feet. Then again he yields himself to his song of joy. Flit, flit hither and yon, he fills the summer sky with his swift, sweet melody. And truly does it seem his vigorous freedom lies more in his little spirit than in his wing.

With these thoughts I reach the log cabin whither I am strongly drawn by the tie of a child to an aged mother. Out bounds my four-footed friend to meet me, frisking about my path with unmistakable delight. Chan is a black shaggy dog, "a thorough bred little mongrel," of whom I am very fond. Chan seems to understand many words in Sioux, and will go to her mat even when I whisper the word, though generally I think she is guided by the tone of the voice. Often she tries to imitate the sliding inflection and long drawn out voice to the amusement of our guests, but her articulation is quite beyond my ear. In both my hands I hold her shaggy head and gaze into her large brown eyes. At once the dilated pupils contract into tiny black dots, as if the roguish spirit within would evade my questioning.

Finally resuming the chair at my desk I feel in keen sympathy with my fellow creatures, for I seem to see clearly again that all are akin.

The racial lines, which once were bitterly real, now serve nothing more than marking out a living mosaic of human beings. And even here men of the same color are like the ivory keys of one instrument where each represents all the rest, yet varies from them in pitch and quality of voice. And those creatures who are for a time mere echoes of another's note are not unlike the fable of the thin sick man whose distorted shadow, dressed like a

real creature, came to the old master to make him follow as a shadow. Thus with a compassion for all echoes in human guise, I greet the solemn-faced "native preacher" whom I find awaiting me. I listen with respect for God's creature, though he mouth most strangely the jangling phrases of a bigoted creed.

As our tribe is one large family, where every person is related to all the others, he addressed me: —

"Cousin, I came from the morning church service to talk with you."

"Yes," I said interrogatively, as he paused for some word from me.

Shifting uneasily about in the straight-backed chair he sat upon, he began: "Every holy day (Sunday) I look about our little God's house, and not seeing you there, I am disappointed. This is why I come to-day. Cousin, as I watch you from afar, I see no unbecoming behavior and hear only good reports of you, which all the more burns me with the wish that you were a church member. Cousin, I was taught long years ago by kind missionaries to read the holy book. These godly men taught me also the folly of our old beliefs.

"There is one God who gives reward or punishment to the race of dead men. In the upper region the Christian dead are gathered in unceasing song and prayer. In the deep pit below, the sinful ones dance in torturing flames.

"Think upon these things, my cousin, and choose now to avoid the after-doom of hell fire!" Then followed a long silence in which he clasped tighter and unclasped again his interlocked fingers.

Like instantaneous lightning flashes came pictures of my own mother's making, for she, too, is now a follower of the new superstition.

"Knocking out the chinking of our log cabin, some evil hand thrust in a burning taper of braided dry grass, but failed of his intent, for the fire died out and the half burned brand fell inward to the floor. Directly above it, on a shelf, lay the holy book. This is what we found after our return from a several days' visit. Surely some great power is hid in the sacred book!"

Brushing away from my eyes many like pictures, I offered midday meal to the converted Indian sitting wordless and with downcast face. No sooner had he risen from the table with "Cousin, I have relished it," than the church bell rang.

Thither he hurried forth with his afternoon sermon. I watched him as he hastened along, his eyes bent fast upon the dusty road till he disappeared at the end of a quarter of a mile.

The little incident recalled to mind the copy of a missionary paper brought to my notice a few days ago, in which a "Christian" pugilist commented upon a recent article of mine, grossly perverting the spirit of my pen. Still I would not forget that the pale-faced missionary and the hoodooed aborigine are both God's creatures, though small indeed their own conceptions of Infinite Love. A wee child toddling in a wonder world, I prefer to their dogma my excursions into the natural gardens where the voice of the Great Spirit is heard in the twittering of birds, the rippling of mighty waters, and the sweet breathing of flowers. If this is Paganism, then at present, at least, I am a Pagan.

PORQUE SOU PAGÃ

"Prefiro, antes que seu dogma, meus passeios nos jardins naturais onde se escuta a voz do Grande Espírito."

ZITKALA-ŠA

Quando o espírito se incha no meu peito, gosto de vagar sem pressa entre as colinas verdes; ou às vezes, ao sentar-me à margem do murmurante Missouri, fico maravilhada pelo enorme azul acima. Com os olhos semi-cerrados, observo a sombra das nuvens em seu jogo silencioso sobre as falésias à minha frente, enquanto as doces e suaves cadências do canto do rio chegam ondulando ao meu ouvido. As mãos dobradas repousam em meu regaço pelo tempo esquecido. Meu coração e eu ficamos pequenos na terra como um grão de areia palpitante. Nuvens vagantes e águas tilintantes, juntas no calor de um dia de verão acolhedor, falam com eloquência do Mistério amoroso que nos rodeia. Durante o descanso, enquanto sentava à margem ensolarada do rio, cresci um pouco, embora minha resposta não seja tão clara como a grama verde que ladeia a beira das alcantiladas colinas atrás de mim.

Em seguida, ao regressar pelo caminho incerto que leva ao dique inclinado, sigo em direção às terras planas onde crescem as flores silvestres da pradaria. E eles, a gente pequena e encantadora, abrandam minha alma com seu alento perfumado.

Seus rostos pitorescos e redondos de matizes variados animam o coração que palpita com a alegre surpresa que eles também são símbolos vivos do pensamento onipotente. Com o olhar ávido de uma criança, absorvo a miríade de formas estelares forjada em cores exuberantes no verdor. Bela é a essência que encarnam.

Deixo-as balançando na brisa, mas levo comigo sua impressão em meu coração. Faço uma pausa para descansar numa pedra encravada ao lado duma

colina que leva ao fundo de um rio pouco profundo. Aqui o Menino-Pedra, de quem falam os aborígenes americanos, brinca, disparando flechas pueris e gritando alto com alegria aos relâmpagos que cintilam na ponta das flechas. Que guerreiro ideal ele se tornou, desconcertante o cerco das pragas de toda a terra até que ele triunfou sobre o ataque unido. E aqui jaz Invan, nosso tataravô, mais velho que a colina onde repousa; mais velho que a raça dos homens que narram com afã sua passagem maravilhosa.

Entretida com o fio desta lenda indígena da pedra, eu queria traçar um conhecimento apurado dos nativos que lhes permitisse reconhecer um parentesco com qualquer parte e com todas as partes do vasto universo. Tendo uma antiga senda como guia, caminhei em direção à aldeia indígena.

Com o entendimento forte e alegre que tanto os grandes quanto os pequenos estão completamente envoltos em Sua magnitude que todos, sem qualquer exceção, têm o seu campo individual de oportunidades, me animo ante tanta amabilidade.

Peito Amarelo, balançando sobre o talo esguio de um girassol silvestre, gorjeia uma doce aprovação disso, enquanto passo por perto. Interrompe o canto claro como o cristal, gira a cabeça pequenina de um lado a outro me olhando absorto, enquanto sigo laboriosamente de sandálias. Em seguida, entrega-se novamente a seu alegre canto. Voa e revoa, aqui e acolá, e enche o céu de verão com sua melodia veloz e suave. E, de fato, parece que sua liberdade vigorosa reside mais em seu pequeno espírito que em sua asa.

Com estes pensamentos chego à cabana feita de madeira atraída fortemente pelo vínculo entre uma criança e uma mãe idosa. Minha amiga de quatro patas corre em minha direção, saltando com inconfundível alegria. Chan é uma cadela preta e peluda, "uma vira-lata de raça pura", de quem gosto muito. Parece entender muitas palavras na língua Sioux, e vai para sua cama apenas com o sussurrar de uma ordem, embora eu ache que é o tom de voz que a guia. Muitas vezes ela tenta imitar a inflexão deslizante e a voz prolongada para a diversão de nossos convidados, mas meu ouvido não capta sua articulação. Com ambas as mãos, agarro sua cabeça e vejo dentro de seus grandes olhos castanhos. Imediatamente as pupilas dilatadas se contraem em pequenos pontos pretos, como se o espírito jocoso que ela leva dentro pudesse desvirtuar meu questionamento.

Por fim, ao retornar à minha mesa, sinto uma profunda simpatia pelos meus semelhantes, porque percebo claramente, outra vez, que todos somos iguais.

As linhas raciais, que eram uma vez amargamente reais, agora servem apenas para traçar um mosaico vivo de seres humanos. E aqui também os homens de mesma cor são como as teclas de marfim de um instrumento onde cada um representa todo o resto, mas varia em tom e classe de voz. E essas criaturas que são, por algum tempo, meros ecos de uma outra nota, não são diferentes da fábula do homem magro e doente cuja sombra distorcida, vestida como uma criatura real, vai até o seu velho mestre para obrigá-lo a segui-la como uma sombra. Assim, compadecida com todos os ecos de aparência humana, saudei o "índio predicador", que parecia me esperar. Escutei com deferência a criatura de Deus, ainda que ele pronunciasse de um modo estranho as frases ruidosas de um credo intolerante.

Como nossa tribo é uma família grande, onde cada um tem parentesco com os demais, ele se dirigiu a mim:

— Prima, eu vim do culto matinal para falar com você.

— Sim? Eu disse em tom de interrogação, enquanto ele esperava alguma palavra de mim.

Movendo-se inquieto com as costas retas na cadeira onde se sentava, começou:

— Todo dia santo (domingo) eu olho em volta de nossa pequena casa de Deus, e não vejo você lá, o que me decepciona. É por isso que venho hoje aqui. Prima, enquanto a observo de longe, não vejo nenhum comportamento inadequado, e ouço apenas comentários bons a seu respeito, que me fazem arder com o desejo de que você se tornasse um membro da igreja. Prima, há muitos anos missionários me ensinaram a ler o livro sagrado. Estes homens de Deus também me ensinaram as loucuras de nossas antigas crenças. Há só um Deus que recompensa ou castiga a raça dos homens mortos. Na região superior, os mortos cristãos juntam-se para cantar e rezar eternamente. No fosso profundo, lá embaixo, os pecadores dançam em chamas torturantes. Pense sobre essas coisas, minha prima, e decida agora, para evitar o castigo depois do fogo do inferno!

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto ele apertou e afrouxou novamente seus dedos entrelaçados.

Como *flashes* instantâneos, vieram-me imagens de minha própria mãe, porque agora ela também era seguidora da nova superstição.

— Ao abrir uma fenda em nossa cabana, alguma mão malvada jogou uma tocha acesa de grama seca trançada, mas seu propósito fracassou porque o fogo apagou-se e a tocha meio queimada caiu para dentro, no chão. Exatamente em cima, numa estante, estava o livro sagrado. Isto é o que

encontramos ao voltar de uma visita de vários dias. Certamente um grande poder está escondido no livro sagrado!

Apagando de minha vista várias imagens parecidas, ofereci almoço ao índio convertido sentado silenciosamente com a cara abatida. Assim que ele se levantou da mesa, disse:

— Prima, eu estou satisfeito.

E logo soou o sino da igreja.

Para lá correu com o sermão da tarde. Eu o olhava enquanto ele corria com seus olhos fixos no caminho empoeirado até desaparecer a um quarto de milha de distância.

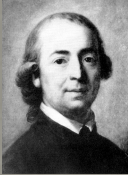
Este pequeno incidente me fez lembrar a cópia de um texto jesuítico que alguém me mostrou há poucos dias em que um pugilista "cristão" comentava sobre um recente artigo meu, pervertendo grosseiramente o espírito da minha pena. Contudo, eu jamais esqueceria que o missionário cara-pálida e o aborígine enfeitiçado são criaturas de Deus mesmo que seus conceitos próprios de Amor Infinito sejam verdadeiramente pequenos. Como uma pequena criança cambaleando num mundo maravilhoso, prefiro, antes que seu dogma, meus passeios nos jardins naturais onde se escuta a voz do Grande Espírito no canto das aves, no agitar das águas poderosas e na doce respiração das flores[1]. Se isso é paganismo, então, ao menos, neste momento, sou pagã.

[1] No livro *American Indian Stories* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1985), Zitkala-Ša usa praticamente os mesmos termos no texto "The Great Spirit", exceto a última oração sobre o "paganismo", mas adiciona este último parágrafo depois da "respiração das flores": "Here, in a fleeting quiet, I am awakened by the fluttering robe of the Great Spirit. To my innermost consciousness the phenomenal universe is a royal mantle, vibrating with His divine breath. Caught in its flowing fringes are the spangles and oscillating brilliants of sun, moon, and stars." ("Aqui, na quietude fugaz, despertam-me as ondulações de uma toga do Grande Espírito. Na parte mais íntima de minha consciência, o universo fenomenal é um manto real vibrando com Seu alento divino. Apanhados nas margens fluentes são as luminosidades e os brilhos oscilantes do sol, da lua e das estrelas") (n.t.)

pensamento

(n.t.) | Quito

Ensaio sobre o Ser

J. G. von Herder

O texto: Texto escrito provavelmente entre 1762 e 1764, período em que o autor frequentou as aulas de Immanuel Kant em Königsberg. Herder vale-se aqui do mesmo modo de argumentação utilizado por Kant contra Baumgarten no intuito de refutar os postulados de um dos textos pré-críticos mais importantes do filósofo de Königsberg intitulado *O único fundamento possível para uma demonstração da existência de Deus* (*Der einzige mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes*). O texto foi publicado pela primeira vez por Gottfried Martin em 1936 no 41º volume dos *Estudos sobre Kant* (Kant-Studien) e sofreu sucessivas releituras que buscaram corrigir as diversas lacunas apresentadas pelo original. O texto que serviu de base para a tradução foi editado nas obras reunidas do autor publicadas pela Deutscher Klassiker Verlag, organizadas por Ulrich Gaier.

Texto traduzido: Herder, Johann Gottfried. "Versuch über das Sein". In: ______; Gaier, Ulrich (org.) *Werke in zehn Bänden. Frühe Schriften 1764-1772.* Frankfurt a. M.: Deutscher Klassiker Verlag, v. 1, p. 9-21, 1985.

O autor: Johann Gottfried von Herder 1744-1803 nasceu em Möhrungen na antiga Prússia. Publicou aos 16 anos seu primeiro poema intitulado *Gesang an den Cyrus* e aos 17 iniciou seus estudos de Medicina e Teologia na Universidade de Königsberg, onde assistiu as preleções de Immanuel Kant e se tornou protegido de Johann Georg Hamann, um dos defensores da sensibilidade e das emoções contra a desmesura do racionalismo. Tornou-se pastor e a partir de 1767 publicou diversos textos a respeito de temas como teologia, literatura e filosofia. Em 1771 recebeu da Academia de Ciências de Berlim um prêmio pelo texto *Ensaio sobre a origem da linguagem*, o primeiro de uma série de prêmios que iria receber por seus textos. Foi um dos mais influentes pensadores alemães. Criador da concepção moderna de História e o iniciador de diversos estudos antropológicos sobre diversos povos.

O tradutor: Márcio dos Santos Gomes estudou Literatura e Filosofia na Universidade de Jena e é professor de Teoria da Literatura na Universidade Estadual da Paraíba.

Versuch über das Sein

"So ist das Sein: – unzergliederlich – unerweislich – der Mittelpunkt aller Gewißheit."

J. G. VON HERDER

Zuschrift

Ich übergebe Ihnen, hier einige Gedanken ein metaphysisches Exercitium, von denen die Prämissen in ihren Worten liegen. Habe ich falsch gedacht: wohl! ich schreibe nicht vor die Welt, weder vor die große noch akademische Umwelt ich schreibe nicht zu lehren, sondern zu lernen, noch vor das schwarze Brett um den Buchstaben M: Ihre Stimme wird gewisser und wahrer sein, als die Stimme des Publikums, des unbekannten Abgotts, den jeder nennt, das stets leere Schälle antwortet, und nicht höret. - Denke ich aber seicht — und — ja ich fühle es, ich bin *Epimetheus*: statt Prometheus Menschen toter Ton — werft den Kot ins Feuer; irdisches Feuer wird ihn verzehren. Doch Sie

Göttlicher — Sie —

Er glänzt Dein Nam hoch überm Himmel

Nachwelten neu Gestirn —

Du siehst, des Chaos Schaffgetümmel

siehst Gott wie ihn der erste werdend sah und blickst ins Nichts wirst Theseus vor den Drachen

siehst, das Gefühl; entmenscht liegts vor dir da und fühlsts doch selbst — Doch ich singe, auf einem Fuß da ich stehen und reden sollte.

Prolegomena

Es ist eine bekannte Wahrheit, die dem grauen Aristoteles ehemals unversehens vom Bart floß, und die seitdem sie Locke erhob überall nachgebetet wurde: daß alle unsere Begriffe sinnlich wären, wiederholte überall die leere Tafel, der unsere Seele bei der Geburt gliche und die Philosophen winkten sich unter einander Ehrengrüße zu, daß ihre vor dem Pöbel mit so hübsch bunten Charaktern bemalt wäre. Iis ist vielleicht eine andre Frage, ob unsre Begriffe nicht anders als *sinnlich sein können*, obs zu unserm innern Sinn, keinen anderen Weg als duch die Schlumpfwinkel der äußern gebe. So lange man bloß aus Erfahrungssätzen deren Prämissen stets der Idealist leugnet, beweisen will, so demonstriert man immer hypothetisch sicher, aber ohne den geringsten Einfluß auf ihn: Eine Frage, die mit mir die ganze ehrwürdige Gesellschaft der Idealisten tut. Um sie zu beantworten, wird man erst untersuchen müssen: ob das Bewußtsein vom gemeinen Vorstellungsvermögen wesentlich unterschieden werde. Ich glaube, wir würden a priori diese Frage schwer beantworten können, wenn nicht Erfahrungsbegriffe um uns antworteten. — Nun aber macht dies den charakteristischen Vorzug unseres Denkens vor den Tieren aus. — Tiere denken also, Menschen sind sich auch des Denkens bewußt! Gut. So kann der äußere (Sinn) ohne innern statt finden: Tiere sehen im Sinne Bilder, Menschen *ihre* Bilder, Philosophen in den Augen ihre Bilder, Portraits ihrer selbst. Ich habe jetzt den innern Sinn; habe ich deswegen auch äußere Eindrücke? Ein jeder, der nach dem eignen Zustand schließt: wird so gleich dies bejahen, und erklärt man überdem den innern Sinn, durch das Vermögen, sich der äußern Vorstellungen bewußt zu sein; so ist die Sache so weise und leicht abgetan, als in den gelehrtsten philosophischen Beweisen, da man das zu Beweisende in die Erklärung bringt^.) Allein versteht man nur darunter überhaupt das Vermögen der deutlichen Vorstellungen ohne auf die *menschlichen* Wege der Aufmerksamkeit: Abstraktion und Reflexion zu sehen: so wird alsdenn nichts unmittelbar daraus folgen, als daß ohne Sinne keine Ideen von äußerlichen Dingen in unser Ich kommen können daß man kein Teil des Universums sein kann. Allein dies gibt der Egoist zu, und glaubt doch Vorstellungen des Ichs, und um ihn zu widerlegen, wird man die Unmöglichkeit zeigen müssen, daß alle unsere Begriffe nach einem göttlichen Gesetz sich nicht aus dem innern principium des Geistes entwickeln lassen.

So! — indessen gibts doch eine egoistische Gedankenwelt ein Etwas, was frei von allen sinnlichen Eindrücken, ohne alle *gegebne* Begriffe, ohne die entfernte Prämisse a posteriori vielleicht einzig zu sich *ich* sagen kann: — göttlich zu sich sagen kann: ich denke durch mich; und alles andere durch mich. Vielleicht würde diese Unterscheidung des göttlichen Denkart von dem Gedanken jedes andern Etwas, in seinem ganzen Umfange ausgebreitet wo nicht Licht, so doch Schatten und eine Decke vor vorwitzige Kinder ausbreiten, die geboren sind, um sich selbst kennen zu lernen.

Zurück also zu mir — und wie betrübt — alle meine Vorstellungen sind sinnlich — sind dunkel — sinnlich und dunkel schon längst als gleichbedeutende Ausdrücke bewiesen Der elende Trost zur Deutlichkeit — die Abstraktion, die *Zergliederung* aber wie weit erstreckt sich der — die Zergliederung geht nicht ins Unendliche fort, denn meine Begriffe sind sinnlich. Ich ziehe sie ab, verfeinige sie vom Sinnlichen, bis dieses sich nicht mehr verfeinigen läßt, der gröbere Klumpen bleibt übrig siehe das war unzerglie — derlich. Sinnlich und unzergliederlich sind also Synonyma. Je sinnlicher also ein Begriff desto unzergliederlicher — und gibts einen der am meisten sinnlich ist, so wird man nichts in ihm zergliedern können so wird er auch völlig ungewiß sein — ja wenn wir ganz Philosophen ohne Menschen wären: — Aber sind nicht die sinnlichen Begriffe gewiß! — haben sie nicht eben die *Überzeugungs*kraft so wie die zer—gliederten gewiß sind; weil sie eine *Beweis*kraft haben. Nehmt hie, die beiden äußersten Gedanken unserer Zwittermenschheit, so wird jener am wenigsten überzeugen, dieser gar nicht beweisen. Jener wird von übertriebenen Philosophen: dieser vom Pöbel in Zweifel gezogen, bei jedem ist die entgegengesetzte Gewißheit völlig unnötig und unmöglich, und doch beide auf der höchsten Stufe der Gewißheit aber jener der subjektiven dieser der objektiven.

Würde man also den allersinnlichsten Begriff ausforschen, so würde er völlig vor uns unzergliederlich — sinnlich höchst gewiß, und fast ein theoretischer Instinkt, die Grundlage aller andern Erfahrungsbegriffe und völlig indemonstrabel sein; unter ihn würden sich die andern unzergliederlichen Begriffe sammlen lassen, und es würde in ihrem verwornnen Chaos wo nicht objektiv so doch subjektiv in Beziehung auf uns eine Ordnung gefunden man sähe insonderheit den Grund der Unzergliederlichkeit der nie in den Sachen sondern in uns liegt, und schriebe das nicht andern Wesen zu, was bloß von uns gelten kann. Gibts *einen* allersinnlichsten Begriff? — Dies fodert die Einheit, da bei jedem aliquoties ein quid zum Grunde liegen muß; und welches ist diese Eins? Das was auch dem Etwas zum Grunde liegen muß. Der Begriff des Seins wer kann sich

einen sinnlichem Begriff denken, ein einfachere Wort ausfinden, einen Begriff erdenken, dem er nicht zu Grunde lege; hier reiße ich den Faden ab den ich am Ende anknüpfen werde.

1 KAPITEL: VOM SEIN ALS EINEM BEGRIFF
ERSTER ABSCHNITT
1 Stück

a) Ich möchte meinen Zweck ganz vereiteln, wenn ich um zu beweisen daß das Sein unerklärlich wäre, mit einer Erklärung davon anfinge. Der gemeine Begriff, der Eindruck der Natur davon erklärt es gnug, daß man hier ein Realsein, der Begriff den das Ideal — und Exsistentialsein jo gemeinschaftlich haben, versteht, dessen Kopie das logische Sein ist; welches sich zu ihm, wie die Symmetrie der Farben zum lebenden Original verhält. Hier zeigt sich keine Armut unserer Sprache, wenn man es nicht erklären kann sondernes liegt in der Sache selbst.

b) Dies Sein ist unzergliederlich — ich glaube daß der Begriff des Allersinnlichsten eine Identität mit diesem Satze hat, die in diesem Falle die größtmögliche Gewißheit geben kann: aber doch wie viele Mühe haben sich die Philosophen gegeben, dies zu erklären. Woher dies? Sie hatten viele partial unzergliederliche Sätze erklärt und welches Glück kennt ein Ende, kennt Schranken! — Anderthalb Fußbreit, die ganze Person ist bezwungen! — Einige sahen das Ende unserer Bemühung und zum Spaß leugneten sie den Mond! — und alles in Feuer! schlagt eine Brücke zum Mond, wir wollen fliegen — und zeigen daß ein Mond ist —

Ebenso gings mit dem Sein— einige feine Geister, die das *Ende* der Philosophie und die *unendlichen* Bemühungen der Philosophen übersahen warfen ihnen eine Nuß vor, um ihnen ihre Endlichkeit zu zeigen: sie leugneten das Sein wovon sie die Mutter Natur längst überzeugt hatte; seht unsere Orthodoxen, beweisen — lächerlich werden — und mit dem Geifer im Munde lästern; anstatt ihnen die Unzergliederlichkeit dieses Begriffs zu zeigen und so den Zweck ihres Problems zu erfüllen. —

Wir führen einige Irrwege der Philosophen an, um uns völlig unseres Weges zu vergewissern Man hat oft das Sein, aus dem, was wir uns nach einem dunkeln Begriff vorhergehend gedenken, erklären wollen So fängt ganz wider die Methode Baumgarten vom logischen Nichts an; bauet darauf

einen allgemeinen Grundsatz in dem schon das a. und Sein vorkommen als Begriffe die das *Etwas* voraussetzen, was er durch das non nihil erklären will; ja sollte dies auch nicht eine Erklärung sondern bloß illustratio sein: nach dem alten: opposita, juxta etc., so — »doch wir müssen nicht behaupten, sondern das Fehlerhafte beweisen — wie untrüglich rechnet nicht mit entgegengesetzten Größen die Mathematik.« Ja! eben in die Kluft zwischen Philosophie und Mathematik fielen die Weltweisen! Das Nichts ist doch das Gegenteil vom Sein; und wie dieses nun entweder ein logisches oder Realsein ist; so wird das Nichts sich eben so einteilen lassen; so wird das entgegengesetzte Nichts auch zwiefach sein: (ohne uns weiter in die Arten der Entgegensetzung einzulassen, merken wir daß die Folge vom logischen Sein und vom Realsein hypothetisch aufgehoben bloß Gegenstände der Mathematik sind die der Versuch etc. in die Philosophie einführen): da bloß das Hypothetische dies Nichts nexu als etwas zu Behandelndes macht: so sieht man daß bei der absoluten Aufhebung des Realseins die doch allein der absoluten Position des Realseins entgegensteht, diese Rechnung trügt. Hebt nemlich das Sein absolut auf; — so schwindet alles Materiale und also auch das Formale indessen kann ich dies nicht eine Unmöglichkeit nennen, weil diese das Materiale setzt, und das Formale verneint — Selbst der Sprachgebrauch zeigt uns diese Kluft . Ein jedes von dem Sein kann auf eine logische oder reale Weise contradictorie oder contrarie aufgehoben werden. Hebt das logische Sein logisch auf: = logisches o Nichts; und dies ist der mathematische Fall, wo unser Verstand das logische Sein als sein Geschöpf auch aufheben kann. Schulden und nicht Schulden; hebt das logische Sein real auf: so ist die Folge —. Hebt das Realsein logisch auf; so ist die Folge ein begriffliches.

Nennt die Folge vom logischen Sein und vom Realsein hypothetisch aufgehoben: es bleibt nichts (nihil) nennt die Folge vom Realsein absolut aufgehoben es bleibt *das* Nichts (to nihil) Dem letztern liegt also stets der Begriff des Seins — des Etwas zum Grunde: ein neuer Beweis daß es die Grundlage alles unseres Denkens sei und das Element, mit dem wir umhüllt sind.

Nun wirds aber ein verschwindender Begriff sein dieses Nichts als Sein verstohlnerweise zu behandeln, und vielleicht ist dies der Fehltritt a priori der a posteriori lachen macht und den Baumgarten § 20. 23. 227. 228 begeht. Hieraus bekommen die Sätze Licht die oft Schwürigkeiten gemacht hatten: es war was; und wird nichts; Es ist was und wird nichts; Es ist was und <war> nichts. Die Nichtunmöglichkeit der beiden ersten Sätze wird man nicht aus dem principio contradictionis sondern dem Begriff des Nichts

zeigen. Das logische Wesen des Seins wird also nicht aus dem Nichts erklärt werden; doch — der Grund des Seins — allerdings denkt man sich einen dunklen Begriff der Möglichkeit voraus, aus dem das Realwesen des Seins erklärt werden soll, und den man auch also in die Definition des Seins gebracht hat.

SECTIO II

Da alle Möglichkeit entweder logisch nach dem principio contradictionis oder real ist; so werden wir den Ursprung dieses Begriffs durchforschen, vielleicht finden wir, was wir suchen. Der Begriff des Seins ist subjektiv ohne Zweifel eher gewesen, als der von der Möglichkeit und die Real-möglichkeit eher als die logische da Menschen eher gewesen sind als Philosophen. Jene also zuerst! Da die Entgegensetzung über unsere Abstraktionen ein Licht ausbreitet; so wird sie die erste gewesen sein, die den sinnlichen Menschen Aufmerksamkeit einflößte — hier sähe man aus Gründen unerwartete Wirkungen entstehen. Dort gewiß erwartete fehlen: Man erstaunte zuerst da man es aber öfters wahrnahm: sann man auf die Ursache nennte das Unbemerkte in der Ursache Kraft, und die Beziehung zwischen beiden die Möglichkeit und die fehlende Beziehung eine Realunmöglichkeit. — Da Kraft also die Beziehung zwischen Realgründen und Folgen; und die Möglichkeit eine Beziehung der Kraft auf die Folgen ist: so mußte wenn das Sein der Folge aus der Möglichkeit erklärt wird: diese Erklärung im Begriff der *Kraft* liegen: nun zeigt aber der Ursprung dieses Begriffs daß da das Sein ein völliger Erfahrungsbegriff ist, jene bloß willkürliche logische Untereinanderordnungen der Begriffe sind, und also unmöglich das Wesentliche im Sein erklären können, welches sie schon voraussetzen und was bei allen diesen Begriffen die die erste Reihe nach den Erfahrungsbegriffen sind noch stets ganz zum Grunde bleibt. Eben daher kann ich, weder aus einer einzelnen Erfahrung als einer individuellen begreifen: die Frage woher etwas sei, noch kann ich sie durch alle *willkürlichen* logischen Untereinanderordnungen als einen *gegebnen* Begriff (nehmen). — Der Begriff des logisch Möglichen ist ein willkürlich szientifischer Begriff, der weit später als der den werden kann; und also noch viel weniger das Wesen der Sache bestimmen wird. Gesetzt er werde diesen Begriff zwar nicht erschöpfen, aber wesentlich zu demselben gehören: so lege ich die weite Frage vor: sind die Fälle des logisch Möglichen den Fällen des Wirklichen gleich? Geschieht alles logisch Mögliche in der Zeitfolge auf einmal? Niemand wird sich dies zu bejahen getrauen, und also erklärt das

logisch Mögliche nichts im Realsein weil man stets das logische Wesen völlig erklärt haben kann, ohne doch das Realwesen berührt zu haben, und man dies erkennt ohne jenes einzusehen. — Und dies ist ja das einzige Geschäfte der Philosophen — ja! und *muß* es auch sein, nur daß sie nicht Schlüsse von diesem logisch Möglichen auf das Realsein machen, daß sie glauben, das Realsein erklärt zu haben, wenn sie den ganz verschiednen Begriff des logisch Möglichen weit auskramen, und mit jenem vermischen. Endlich schöpfe ich Othem! Das Sein wird also kein nonnihil kein complementum possibilitatis, kein Inbegriff der logischen Prädikate sein weil wir diese Begriffe haben absondern können, so daß das Sein noch ganz blieb. Lasse man dieses Sein mit dem Crusius also lieber un*erklärt*-, oder um die Verwirrung zu vermeiden — wie aber wird es sich durch die absolute Position *bestimmen* lassen: da die Position entweder völlig identisch mit dem Sein und als — denn ein bloß noch dunklerer Wortwechsel sein muß, oder vielmehr eine Art von Sein die der Sprachgebrauch nicht füglich von Gott sagt — Noch 3 Worte! — Das Realsein ist der erste absolute Begriff völlig heterogeneisch (doch auch dies nicht einmal) mit dem Nichts: daher nicht o + a = a: er bleibt bei der logischen Möglichkeit noch stets ganz übrig und die Realmöglichkeit setzt ihn voraus und gibt sich keine Mühe, ihn zu erklären.

KAPITEL 2:
VOM SEIN ALS DEM GLIED EINES SATZES

Sätze von dieser Art will ich wegen ihrer Besonderheit Existentialpropositionen nennen: ihnen fehlet offenbar ein Prädikat: und wenn man ihnen auch durch eine Veränderung: Ein Gott ist: ein Gott ist exsistent: ein grammatisches giebt: nie wird es ein *logisches* werden; weil dieses stets als ein Partialbcgriff im Subjekt enthalten sein muß; nun aber ist dies Subjekt einer Proposition ein bloß logisches Geschöpf, eine Beziehung der Begriffe nach der logischen Möglichkeit: da aber das Sein hier als ein Realbegriff gar nicht mit der logischen Möglichkeit identisch, folglich kein Partial— begriff des Subjekts und also auch kein Prädikat ist: — Unmittelbar folgt hieraus, daß jeder solche Exsistentialsatz unbeweislich weil beweisen eben ist, durch Zergliederung die Identität des Subjekts und Prädikats finden.

Kehren wir auch den Satz um: (Wenn) etwas exsistiert: ist Gott: so würde er wohl dem Ursprung unseres Begriffs dadurch gemäßer, aber nicht beweislicher, weil das Subjekt hier wieder nicht logisch; sondern real ist und es hier noch deutlich wird, daß das logische Wesen (Gott) nicht im Begriff des Existierens liege (v.Kap. 1 Sect.2.) Denn + alles Mögliche ists = + allem Wirklichen? Der gemeine Sinn werde hier unser Lehrer: Keinen Erfahrungsbegriff sucht man a priori zu beweisen — Nur in 2 Fällen hat man Existentialbegriffe gesucht etc. wider die Idealisten und Atheisten. Aber mit schlechtem Fortgang. Man wird aus dem Vorigen sehen, woher der Idealismus nie aus dem logisch Möglichen widerlegt werden kann, und woraus soll er denn? Der einzig mögliche Beweis vom Dasein Gottes hat alle vorige Ritter und Riesen und Abenteuer niedergelegt; und darf ichs wagen wo kein Materiale zu denken ist, da ist auch keine innere Möglichkeit wo keine innere Möglichkeit ist; da ist eine absolute Unmöglichkeit folglich setzt alle innere Möglichkeit ein Etwas voraus: Allein sollte der mittelste Satz nicht heißen: wo keine innere Möglichkeit ist da ists nicht möglich: (Dies sind bloß gleichbedeutende Ausdrücke) Hier scheint ein verneinender Satz *unendlich* ausgesprochen zu sein statt non est possibile; est non possibile (impossibile). Keine innere Möglichkeit scheint mit einer absoluten Unmöglichkeit nicht einerlei zu sein weil die Verneinung der Möglich-keit das Materiale aufhob, und die Unmöglichkeit beides materialiter setzt, und nur im Aufheben formaliter die Repugnanz besteht. Die letzte ist ein phoenomenon substantiale betrogen und setzt ein Materiale tectim voraus, was doch die Verneinung der innern Möglichkeit aufhob. Sein ist also ein so schwindender Begriff, eben wie das Unding dem realen Nichtsein entgegengesetzt. — (Kap. i. Sect. i.) Selbst auch der Sprachgebrauch scheint zu widersprechen: alles Aufheben des materialiter Denklichen hebt die innere Möglichkeit auf (als eine fehlende Bestimmung) atque wodurch (als einem fehlenden Grunde) etc. etc. Schließe ich aber: ohne ein Denkliches ist keine innere Möglichkeit ohne innere Möglichkeit ist nichts möglich folglich ist ohne ein Denkliches nichts möglich Wo nichts möglich ist; ist auch kein Dasein Nun exsistiert was — folglich etc. etc. muß ein Denkliches ein Materiale etc. so ist dies ein Schluß durch einen Umweg geschlossen, der zwar den Wolfischen sehr verfeinern und allgemein machen (kann), aber ohne die Demonstrationsschärfe.

Kurz alle unsere logische Möglichkeit endigt sich in der Kluft: es exsistiert nichts Denkliches und alsdenn ist keine innere Möglichkeit kein Grund keine Folge nichts etc. etc. Sagte ich aber: es exsistiert *ein* Nichts: so wäre es eine logische Unmöglichkeit.

(am Rand) Überdem ein Schluß von der Möglichkeit als Folge, ist der nicht ein Schluß a posteriori; und wenn ist dieser einer Demonstrationskraft fähig? — ferner — aus dem bloß hypothetisch angenommenen Satz: wenn keine innere etc. folgt etwas bloß *hypothetisch*: so etc. es sei denn, daß ich die Hypothesis durch einen experimentellen Satz sicher mache: also: (bricht ab)

SECTIO II

Das Sein unerweislich — Kein Dasein Gottes erweislich. Kein Idealist zu widerlegen — alle Exsistentialsätze, der größte Teil der menschlichen Erkenntnis nicht zu beweisen — o alles ungewiß, nein nicht ungewiß, auch nicht im Erweise ungewiß: sondern gewiß und gar nicht zu erweisen. Das Sein so wie wirs genommen haben hat niemand geleugnet: überstudierten Philosophen kam der Gedanke des Zweifels ein, und sie suchten es zu beweisen — Alle aufs beste jetzt zu erweisende Sätze sind ohne dieses Sein nichts; bloße Verhältnisse. Es ist der erste, sinnliche Begriff, dessen Gewißheit allem zum Grunde liegt: Diese Gewißheit ist uns n angeboren, die Natur hat den Weltweisen die Mühe benommen zu beweisen, da sie überzeugt hat: — er ist der Mittelpunkt aller Gewißheit; da auf der einen Seite alle sinnlichen Etwas und auf der andern alle Vernunftetwas unter ihm stehen; da z. E. der höchste Grad der Demonstration quidquid est, illud est, zunächst an ihn gränzet. — Sind die sinnlichen oder die vernünftigen Schlüsse gewisser: Eine artige Vergleichung zwischen völlig ungleichartigen Sachen, die z. E. logische und Exsistentialschlüsse sind, die einen Grad in einem positiven Etwas setzt. Man sieht hieraus die Widersinnigkeit Exsistentialsätze demonstrieren beweisen zu wollen, da sie völlig heterogeneisch sind: wer wollte fodern, daß man ein logisches Wesen wie ein Genus, qua tale als einen Exsistentialbegriff in individuo stellen sollte. Man lasse sich also die Lust vergehen, die Exsistentialsätze vom Dasein Gottes zu demonstrieren: da die Exsistenz: Etwas in die Prämisse kommen muß. Man bessre die Kausalschlüsse aus: so werden sie die größtmögliche Gewißheit in ihrer Art haben, ohne daß man von absoluter Demonstration träumt.

So ist das Sein: — unzergliederlich – unerweislich — der Mittelpunkt aller Gewißheit.

SCHLUSSBETRACHTUNG

Gibts im Chaos der unzergliederlichen und unauflöslichen Begriffe keine Ordnung keine Einheit? — So lange wir alle Gegenstände bloß objektiv betrachten, und die subjektive Philosophie insofern fahren lassen: wird man such *hier* stammlen; müssen nicht alle diese materialen Grundsätze einen Beziehungspunkt in uns haben; wohlan! und unter die Einheit könnte man sie sammlen. Alle äußerlichen Begriffe also werden als sinnliche qua strictissime tales unzergliederlich sein. — Das Sein ist der allersinnlichste; er ist also der eine total unzergliederliche und alle andere sind dies nur zum Teil, weil sie sich alle in ihn auflösen lassen. Anbei behält ein jeder Begriff etwas eignes Unzergliederli- ches in so fern wir *ihn* empfinden, und das ihn zum besonderen Begriff macht. Das Sein ist bei allen Begriffen ähnlich und die mehr oder weniger Zergliederlichkeit beruht auf der Mehrheit und Wenigerheit des Seins in die sie sich zergliedern lassen. Je mehr Sein bei der Auflösung nebst dem eignen Begriff gefunden werde desto mehr zergliederlich et vice versa. So werden vielleicht nach dem Begriff des Seins das juxta, post und per die unzergliederlichsten sein: indessen kann ich sie noch alle 3. ins Sein Zerfällen, (daher der Begriff des quoties entsteht) und alle 3 haben nebst diesem Sein was Individuelles was im isten ubi, im 2ten quando und im 3ten per heißt. Da bloß die Art der Gelangung zu Begriffen die Unzergliederlichkeit macht: so sieht man die Verschiedenheit bei verschiednen Subjekten: Je reiner und kürzer die Wege sind, durch die die Begriffe zu uns gelangen, je weniger an diesen kleben bleibt: desto zergliederlicher — Alle Teile des Universums werden also zwar extensiv an der Zahl gleich viel; intensiv aber nicht gleich großes Unzergliederliches haben. (Und Gott, dem kein Begriff von außen gegeben ist, hat keinen, als den Begriff seines Seins als unzergliederlich Doch dies ist bloß auf kindische Art geschlossen) Uns, die wir ein sehr vermischtes Ich haben, an beiden Sinnen gebunden sind uns wenig durch die Abstraktion leicht machen, und auf einen ZusLuiid der Befreiung warten, sind alle unzergliederlichen intensiv aber nicht gleich großes Unzergliederliches haben. (Und Gott, dem Begriffe sehr unzergliederlich. Schon das Sein teilt sich bei uns in das Ideal- und Exsistentialsein; beide besondere Begriffe keiner aus dem andern erklärlich. Daher schloß so ich bin mir bewußt, darum bin ich; weil beide vom Idealaufs Existentialsein schlössen. Bloß unsere Fesseln, die Äußerlichkeit unserer Begriffe machts, daß ein jedes dieser Sein das ubi und quando bei sich haben: — reden wir aber von Wesen überhaupt, ohne darauf

zu sehen obs Teile eines Ganzen, sind, von dem sie die Begriffe bekommen, so muß man von diesem zwiefachen Sein das Gemeinschafdiche beider Begriffe abstrahieren, so wie wirs getan haben.

Ensaio sobre o Ser

"Então o Ser é indivisível e imperscrutável,
o núcleo central de toda a certeza."

J. G. VON HERDER

Apêndice

Encaminho-lhe aqui algumas reflexões, na verdade, um exercício metafísico, cujas premissas encontram expressas no próprio texto. Se acaso pensei de maneira incorreta? Seguramente, como se poderá perceber. Não escrevo para o mundo ou para a academia com objetivo de ensinar, mas sim de aprender. Não uso, tampouco, o quadro negro 'por ostentar a letra M.'[1]. Vosso clamor será mais certo e mais verdadeiro do que o do público — um Deus falso e desconhecido, a quem todos rogam e que, além de responder com palavras vagas, não lhe dá ouvidos. Sendo assim, penso de maneira superficial — e — sim, realizo essa experiência, sou Epimeteu e não um Prometeu-humano — tonalidade morta — Arremesseis os excrementos ao fogo; o fogo telúrico irá consumi-los — Mas o Senhor —

Mais divino — O senhor —

Ele faz seu nome brilhar por sobre o céu

    Em direção a outros mundos novas estrelas

Tu vês, do caos o rebuliço das ovelhas

    Vês Deus quando o primeiro que veio a ser o contemplou

e olhou para o nada — tornou-se Teseu frente ao Dragão

    Vês, o sentimento desumanizado jazer diante de ti

e tu o sentes por ti mesmo

---

[1] Referência ao título de 'Magister' (professor). (n.t.)

Mas sim eu declamo sobre um pé só
pois tenho de raciocinar e me manter de pé. —

Prolegômenos

Há um fato notório trazido à tona pelo velho Aristóteles que passou despercebido em sua época e que tempos depois, alçado às alturas por Locke, vem sendo propagado aos quatro cantos: o de que todos os nossos conceitos são produto dos nossos sentidos e que, portanto, caso a tábula rasa possa ser equiparada à nossa alma quando do momento do nosso nascimento, diriam os filósofos, em meio a cumprimentos recíprocos, que seus costumes, em comparação aos das camadas mais baixas da população, são mais dignos de admiração e que possuem uma extensão cromática maior. É questão de outra ordem examinar se nossos conceitos jamais poderiam ser algo diferente do que sensíveis, de imaginar, portanto, que para ter acesso a nosso senso interno (Sinn) houvesse outro meio senão o de encarar os refúgios do mundo exterior. Enquanto se procurar provar, os princípios da experiência, sempre refutados pelos idealistas, esses poderão ser demonstrados, com certo grau de certeza, recorrendo-se ao expediente da hipótese sem que, com isso, no entanto, se consiga convencer tais pensadores. Para que se consiga prová-los, há de se investigar, primeiramente, se é possível distinguir a consciência da faculdade de representar, pois, é bem isso o que marca a distância do nosso pensamento da dos animais. — Animais refletem, os humanos, entretanto, possuem consciência de suas reflexões. Bem, nesse caso então, o senso externo pode existir sem a intervenção do senso interno. Os animais contemplam imagens por meio de seu senso interno, enquanto que os humanos contemplam através de *suas próprias* imagens; já os filósofos contemplam-se a si mesmos nos olhos de suas pinturas. Bem, então sou dotado de um senso interno, será então que por isso sou dotado também de impressões externas? Qualquer um pode admitir isso prontamente se partir de sua própria condição existencial. Dessa maneira, se poderá depreender o próprio senso interno valendo-se da capacidade de tornar-se consciente das representações externas. Assim, resolve-se a questão de maneira simples e inteligente tal como no caso das mais doutas provas filosóficas, ao se esclarecer o que, na verdade, deveria ser provado. Dessa maneira, no entanto, tem-se em vista unicamente a faculdade das representações passíveis de serem compreendidas sem que se sejam considerados os caminhos relativos à atenção humana: a abstração e a reflexão. De imediato, nada se poderá

deduzir disso senão que nenhuma ideia de objetos externos possa atingir nosso 'eu' de outra maneira que pela via dos sentidos, e que, portanto, pode-se imaginar, por consequência disso, não ser parte do universo. O egoísta concordará exclusivamente com essa tese e, se apesar disso, acreditar poder refutar as representações do eu, assim como aquelas que com ele se relacionam, terá que demonstrar a impossibilidade de que todos os nossos conceitos não possam, por efeito de uma lei divina, ser deduzidos do princípio interno do espírito.

Eureka! Enquanto isso, no mundo dos pensamentos do egoísta, persiste ainda algo destituído de todas as impressões de experiência, algo que, sem os conceitos dados, sem as mais remotas premissas *a posteriori*, talvez possa dizer solitariamente *eu* para si mesmo, possa dizer a si mesmo que é divino: "eu penso por mim mesmo, tudo mais por mim mesmo". A diferença entre o modo de pensar divino e o pensamento de um algo qualquer, visto como algo independente do pensamento das coisas, talvez não possa ser propagado em toda sua extensão no lugar onde impere a luz, mas somente onde reinam as sombras, lá onde um manto possa ser estendido diante de crianças rabugentas nascidas com objetivo único de conhecerem a si mesmas.

De volta a mim mesmo — e meio abatido — todas as minhas representações são sensíveis; são obscuras. 'Sensíveis' e 'obscuras' são expressões que desde há muito já foram provadas — o velho consolo da clareza — a abstração, a *divisão* — até onde vai — a divisão não pode ser realizada ao infinito, pois meus conceitos são sensíveis (sinnlich). Eu divido as abstrações, as depuro das percepções, até que elas não possam mais ser purificadas, o que sobra é a massa bruta que não pode mais ser dividida. Veja! Ela é indivisível! Sensíveis e indivisíveis são sinônimos! Quanto mais um conceito estiver fundado na sensibilidade, mais indivisível ele será e, se existir um que possa ser o mais sensível de todos, não se poderá dividi-lo de nenhuma forma. Assim, ele será algo completamente incerto. — Ah! Se pudéssemos ser filósofos sem necessitar sermos humanos! Mas os conceitos oriundos da sensibilidade não são claros! Eles não são dotados do mesmo poder de *persuasão* dos conceitos isolados, porque, na verdade, possuem um poder de *prova*! Tomem os dois mais expressivos pensamentos de nossa 'humanidade hermafrodita', então perceberão que o primeiro é o que menos convence e o segundo nada irá provar. Aquele será forjado por filósofos exaltados, esse pela massa em meio a suas dúvidas. Para aquele a oposição à certeza é desnecessária e impossível, e para ambos na mais alta escala de certeza, aquele na subjetiva e esse na objetiva.

Se pudéssemos investigar o conceito que dentre todos está mais próximo da sensibilidade, ele nos apareceria como indivisível — seria certamente algo altamente sensível, praticamente um instinto em forma de teoria, o fundamento de todas as configurações de conceitos da sensibilidade, além de ser completamente indemonstrável. Sob sua égide reunir-se-iam os outros conceitos indissecáveis e, em seu caos e confusão, encontrar-se-ia uma ordem na qual nada é de forma objetiva, mas só subjetivamente na relação conosco — ali se veria que o fundamento de toda a impossibilidade de divisão não se encontra nas coisas, mas em nós mesmos, e que não seriam delegadas às outras coisas, o que só tem validade para nós mesmos. Há um conceito mais sensível de que todos os outros? O conceito de 'Ser'. Quem pode pensar num conceito mais próximo da sensibilidade que esse? Quem pode imaginar uma palavra, um conceito, a que ele não sirva de fundamento, aqui interrompo a discussão à qual retornarei posteriormente.

1. CAPÍTULO: DO SER COMO CONCEITO
PARÁGRAFO 1
Parte 1

a) Eu não seria coerente com meu propósito, se para provar que Ser é algo inexplicável, iniciasse aqui com uma explicação. A precariedade do conceito, a impressão a propósito de sua natureza, ilustra suficientemente o fato de nos encontrarmos diante de um 'Ser real' (Realsein), atributo esse passível de ser aplicado tanto a 'Ser ideal' quanto a 'Ser existente', que permite compreender o 'Ser lógico' como sua cópia, além de também permitir observar que essa possui uma relação simétrica com aqueles, tal como as cores na relação que estabelecem com o original vivo. Se não conseguirmos esclarecer a questão a contento, o problema não estará na deficiência de nossa linguagem, mas na coisa mesma.

b) Ser é algo indivisível. Acredito que o conceito mais sensível de todos possa ser equiparado a essa sentença, que, nesse caso, pode lhe conferir o maior grau de certeza possível. Mas como os filósofos se esforçaram para esclarecer esse fato! Qual é a razão disso? Eles explicaram muitas sentenças parciais indivisíveis, mas a sorte que vislumbra o fim, vislumbra igualmente as barreiras — um passo e meio adiante e o sujeito está vencido — Alguns anteciparam o propósito de nossos esforços e, por ironia, quiseram recusar o óbvio!

O mesmo se passou com o Ser — alguns espíritos mais perspicazes percebendo o *fim* da filosofia e não os *infinitos* esforços realizados pelos filósofos, os criticaram apontando-lhes sua finitude. Eles negavam o Ser de que a mãe natureza desde há muito já os havia convencido. Observem esses nossos ortodoxos! Ao invés de mostrar-lhes a indivisibilidade desse conceito e, com isso, resolver o problema, blasfemam raivosos, o que tornam ridículas suas provas.

Apontamos aqui para os descaminhos dos filósofos, para que possamos nos assegurar de nosso próprio caminho. Buscou-se por diversas vezes esclarecer o Ser apelidando-no com o que chamamos anteriormente de 'conceito obscuro'. Assim o faz Baumgarten, de maneira bastante anti-metódica, partindo do 'nada' lógico, apoiando sobre ele um princípio geral, no qual "a" e "Ser" aparecem como conceitos, pressupondo *algo* que ele almeja esclarecer recorrendo ao *non nihil*. Essa não deveria ser considerada uma explicação, mas apenas uma ilustração segundo o que dizem os antigos: *opposita*, *juxta*, etc. Então, "não temos que supor, mas sim provar aquilo que ainda contém falhas. A matemática infalível não conta com grandezas que se lhe opõem". Sim! É mesmo aí, nesse espaço que divide a filosofia e a matemática que tombaram os sábios do mundo! O nada é o contrário de Ser e, tal como ele, pode ser subdividido em Ser real e Ser lógico. Assim, o nada em oposição, também pode ser dividido duplamente (sem que precisemos nos ater aos tipos de oposição, observamos que caso as consequências da divisão entre Ser lógico e Ser real possam ser subsumidas hipoteticamente, esses serão apenas objetos da matemática, tal como o procedimento de tentativa e erro, etc. que procuram se imiscuir na filosofia, já que somente por hipótese esse *nada nexu* pode ser objeto de discussão. Conclui-se, portanto, que caso seja possível uma subsunção (Aufhebung) absoluta do Ser real, essa só poderá contrapor-se ao Ser real, o que faz desse cálculo uma falácia. Ao se subsumir (Aufhebung) o Ser ao absoluto, desaparece toda a forma e também toda a matéria e, nessa operação não consigo apontar nenhuma impossibilidade, pois a realização dessa ação pressupõe tanto a matéria quanto a forma. Mesmo o uso da linguagem nos sugere esse abismo. Cada Ser pode ser contraposto real ou logicamente tanto a seu contrário quanto a seu contraditório. Ao se subsumir (aufheben) o Ser lógico logicamente, o resultado é = 0, ou seja, lógico, nada. E esse é o caso matemático no qual o nosso entendimento pode também subsumir (aufheben) o Ser lógico como algo criado. Ter dívidas ou não ter dívidas, se se subsume (aufheben) o Ser lógico, então o resultado é —. Se se subsume (aufheben) logicamente o Ser real, então o resultado é algo conceitual.

Se se toma o resultado hipotético da contraposição entre o Ser lógico com o Ser real, a consequência é nada (nihil). Se se toma o resultado do Ser real contraposto de forma absoluta, a consequência é *o nada* (to nihil). Ao último subjaz sempre o conceito de Ser — do Algo como fundamento, o que é uma nova prova que a base de nosso pensamento está no elemento que nos circunda.

Daqui para frente será raro observar esse nada na condição de Ser, ser tratado às ocultas e talvez esse seja o erro *a priori* que Baumgarten cometa nos parágrafos 20, 23, 227 e 228 e que provoca risos *a posteriori*. A partir disso, as sentenças esclarecem o que anteriormente nos causava certas dificuldades: 'havia algo e esse se torna nada'; 'há algo e esse se torna nada'; 'há algo e não havia nada'. A não impossibilidade das duas sentenças iniciais não será demonstrada a partir do *principio contraditionis*, mas a partir do conceito de nada. A essência lógica do Ser não será esclarecida recorrendo-se ao nada, mas sim — o fundamento do Ser, mesmo que se tome de antemão um conceito obscuro de possibilidade, a partir do qual a essência real do Ser possa ser esclarecida e que tenha sido acrescentada à definição de Ser.

SEÇÃO II

Uma vez que qualquer possibilidade ou é lógica segundo o *principio contraditionis* ou é real; passaremos a investigar o fundamento desse conceito para talvez chegar ao que buscamos. O conceito de Ser contém, sem dúvida, mais realidade subjetiva do que o conceito de possibilidade e o conceito de possibilidade real, mais realidade do que o conceito de possibilidade lógica, uma vez que 'pessoas' possuem mais grau de existência do que 'filósofos'. Elas, portanto, primeiro! Já que a oposição lança uma luz em nossas abstrações, então ela terá sido a primeira a produzir a atenção (Aufmerksamkeit) nas pessoas sensíveis — vê-se aqui como implicações imprevistas podem surgir dos fundamentos, quando escasseiam as previstas. De início, espantava-se com o que se podia perceber frequentemente, a despeito de se lhe poder apontar uma causa. O que não era compreendido era chamado de força. Uma vez que a força marca a relação entre fundamentos reais e consequências e que a possibilidade marca a relação de força nas consequências, se o Ser da consequência puder ser explicado pela possibilidade, essa explicação se encontra no conceito de *força.* Assim, a origem desse conceito mostra que, uma vez que Ser é um conceito da sensibilidade, aquelas meras subcategorizações lógicas dos conceitos,

forjadas de maneira arbitrária não conseguem esclarecer o essencial no Ser por elas pressuposto, uma vez que, de acordo com a primeira série, todos esses conceitos devem ser tomados como conceitos da experiência, ele sempre lhe estará servindo de fundamento. Exatamente por isso, eu não posso nem compreender a pergunta de onde algo surge a partir de uma experiência individual nem posso tomá-lo como um conceito dado a partir de subcategorizações lógicas. O conceito do logicamente possível é um conceito arbitrário da ciência, surgido muito posteriormente ao conceito da possibilidade real, sem o qual não se consegue compreendê-lo, já que esse lhe serve fundamento e está muito menos apto para definir a essência das coisas. Posto que ele não poderá exaurir o conceito, mas fundamentalmente pertencer ao mesmo, coloco a seguinte questão: será que os casos do logicamente possível são iguais aos casos do real? Será que todo o logicamente possível acontece de uma vez só no decurso do tempo? Ninguém terá coragem de afirmar tal coisa e, por isso, explicará o logicamente possível no Ser real, porque a essência lógica sempre poderá ser esclarecida sem que se toque no Ser real e se poderá aceitar tal fato sem que o Ser real seja atingido. E essa é a única ocupação dos filósofos — Sim! E *tem* de sê-lo, só pelo fato de eles, valendo-se do conceito do logicamente possível, não terem chegado a conclusões a respeito do Ser real, eles acreditam ter demonstrado o Ser real por prova, ao confundir ambos os conceitos. E ao final eu crio 'respiração'! Pelo fato de ter-se isolado tais conceitos não podermos dizer que o Ser não será um *non nihil*, um *complementum possibilitatis*, nem qualquer conceito de predicados lógicos, pois, a despeito de todos eles, ele se conservará uno. Como o fez Crusius, que deixou esse Ser preferencialmente sem explicação — Como esse Ser se deixará determinar da posição absoluta? Pelo fato da posição ter de Ser ou completamente idêntica ao Ser, e com isso parecer ser uma simples troca de palavras ainda mais obscura, ou talvez um certo de uso da linguagem não muito confortavelmente diz de Deus: mais 3 palavras! O Ser real é o primeiro conceito absoluto (e também nisso, em nada) completamente diferente do nada: daí o + a = a, ele é o que sobra inteiro da possibilidade lógica e a possibilidade real o pressupõe, não se empenhando para esclarecê-lo.

2. CAPÍTULO:
DO SER COMO COMPONENTE DE UMA SENTENÇA

Por conta de sua especificidade chamarei as sentenças desse tipo de 'proposições existenciais', pois nelas falta evidentemente um predicado. Mesmo que lhe sejam acrescentados um predicado gramatical como, por exemplo, como nas sentenças 'um Deus é', 'um Deus é existente', jamais ela se tornará uma sentença *lógica*, porque essa sempre deverá estar contida no sujeito como conceito parcial. Assim, o sujeito dessa proposição é apenas uma criação lógica, uma relação entre conceitos, construída segundo a possibilidade lógica. Pelo fato do Ser não ser idêntico à possibilidade lógica, ele não é um conceito parcial contido no sujeito, isto é, ele não é um predicado. Conclui-se prontamente daí que uma proposição existencial desse tipo não possa ser provada, pois, a prova acontecerá se se conseguir chegar, por meio da análise, à identidade do sujeito e do objeto.

Invertamos a sentença: se algo existe, é Deus. Dessa forma, ela estaria mais de acordo com a origem de nosso conceito, mas nem por isso essa sentença teria maior possibilidade de ser provada, pois o sujeito aqui, mais uma vez, não é lógico, mas real. Além disso, fica claro que a substância lógica (Deus) não está contida no conceito de existência, pois + é tudo o que é possível = + em toda realidade? Que o sentido aqui imaginado possa ser objeto de esclarecimento por nosso professor: não se deve buscar provar a priori nenhum conceito da experiência. Somente em dois casos se buscou provar conceitos existenciais: uma vez contra os idealistas e outra contra os ateístas, ambas com péssimas consequências. Se poderá concluir do que foi visto até agora que nunca se poderá refutar o idealismo partindo do logicamente possível. Mas de que forma então se poderá realizar tal façanha? A única prova possível da existência de Deus venceu todos os cavaleiros, gigantes e aventureiros até o momento e — se me permitir a ousadia —, se existe algo destituído de toda realidade material, ele também não possui nenhuma possibilidade interna, ou seja, ele é a própria impossibilidade absoluta. Por consequência disso, a existência de possibilidade interna já pressupõe a existência de algo. A sentença média não deve significar exclusivamente que: o que não possui possibilidade interna, não possua também existência (essas são expressões dotadas do mesmo sentido) Aqui aparece uma sentença negativa sendo dita infinitamente. Ao invés de *non est possibile; est non possibile* (*impossibile*). Uma possibilidade interna não pode ser equiparada a uma impossibilidade interna, pois a negação de sua

possibilidade material a suprimiu. A impossibilidade de ambas pressupõe uma realidade material, o que causa espécie é somente a supressão da forma. A última é um falso *phaenomenon substantiale*, pois pressupõe um *tectim* material que a negação da possibilidade interna anulou. Ser é um conceito que tende ao nada, tal como a não coisa em oposição ao não Ser real. (Cap. I sec. I) Mesmo o uso da linguagem parece contrapor-se: toda subsunção do pensamento material, subsume também a possibilidade interna (como ausência de determinação) *atque* do mesmo modo que (para um fundamento ausente) etc. etc. De onde concluo que se não há um algo passível de ser pensado, ele não possui possibilidade interna

sem possibilidade interna o nada é possível, portanto,

onde o nada é possível, não há existência

Portanto algo existe — consequentemente etc. etc.

o pensável pressupõe o material etc. etc. dessa maneira esse é um resultado que se chega após uma longa volta, que os wolffianos puderam refinar e tornar mais universais sem rigor demonstrativo.

Dito de forma sucinta: toda a possibilidade lógica se encerra na seguinte barreira: se não pode ser pensado, não possui possibilidade interna, nem fundamento, nem consequência, nada etc. No entanto, eu disse: Se há *um* nada: então ele é uma impossibilidade lógica.

[nas margens] Além disso, um resultado que tem a possibilidade como consequência, não é um resultado *a posteriori*? E quando é que possível que ele possa ser demonstrado? — Além disso — se se toma unicamente de maneira hipotética a frase: se não há possibilidade interna, a consequência é algo unicamente hipotético: então, etc. A não ser que, eu assegure a hipótese por meio de uma sentença experimental: afinal. [interrupção].

SEÇÃO II

Ser é imperscrutável. A existência de Deus é imperscrutável. Não se poderá contrapor nenhum idealista — todas as sentenças existenciais, que constituem a maior parte do conhecimento humano, não poderão ser provadas — tudo é incerto. Não, não incerto, nem também incerto no conhecimento, mas certo, no entanto, não passível de ser conhecido. O Ser tal como apresentamos nunca foi negado por ninguém. Os experts em filosofia chegaram a duvidar dele e procuraram prová-lo. Dentre todas as sentenças que merecem ainda ser investigadas as melhores são: sem esse Ser

não há nada, apenas relações. Ele é o primeiro conceito da percepção, de cuja certeza tudo depende. Essa certeza nos é inata, a natureza aliviou os sábios do mundo do esforço de prová-la, pois dela ela já os convenceu. Ele é o núcleo central de toda certeza. Todo objeto da percepção e todo objeto da razão dependem dele. O mais alto grau de demonstração vê nele sua fronteira *quidquid est, illud est*, antes de tudo é no Ser que estão seus limites. Quais são as mais proposições dotadas de maior certeza: as oriundas da razão ou da percepção? Um tipo de comparação como essa realizada, a partir de conceitos completamente diversos, tais como proposições lógicas e existenciais, implica em pressuposições diversas: umas graus e outras a existência de um algo. Vê-se aqui a contradição ao se querer demonstrar proposições existenciais, uma vez que elas são completamente heterogêneas. Quem irá exigir que um ente lógico como é o caso do gênero, possa ser posto enquanto proposição existencial *in individuo*? Cai por terra a vontade de se demonstrar as proposições existenciais relativas à existência de Deus, uma vez que a existência, um algo, deve aparecer nas premissas. Se melhorarmos as consequências causais, então poderemos atingir o mais alto grau de certeza de seu gênero, sem que se precise sonhar com demonstrações absolutas.

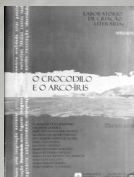
Então o Ser é indivisível e imperscrutável, o núcleo central de toda a certeza.

CONCLUSÃO

Acaso existe alguma ordem, alguma unidade no caos dos conceitos indivisíveis e indissolúveis? Enquanto tomarmos os objetos de maneira somente objetiva e permitirmos com isso, que a filosofia do sujeito avance em seu caminho, duvidaremos que ela exista. Mas esses princípios fundamentais da matéria não devem ter um ponto de relação em nós mesmos? Sim! E sob sua unidade podemos somente balbuciá-las. Todos os conceitos externos da percepção enquanto conceitos sensíveis *qua strictissime tales* são indivisíveis. O Ser é o conceito mais indivisível, ele é completamente indivisível e todos os outros conceitos também o são em parte, pois todos nele se anulam. Acrescente-se que, na medida em que consigamos percebê-lo, todo conceito conservará em si algo de indivisível, fato que o transformará num conceito particular. Em todos os conceitos, Ser é algo que permanece, e o maior ou menor grau de divisibilidade está relacionado com maior ou menor proporção do Ser a partir do qual tais conceitos possam ser

divididos. Quanto mais Ser possa ser encontrado na solução junto do próprio conceito mais ele será divisível e vice versa. Dessa maneira, além do conceito de Ser talvez o *juxta*, o *post* e o *per* sejam os conceitos mais indivisíveis. Posso deixar que eles se diluam no conceito de Ser (de onde surge o conceito de *quoties*) e todos os três possuem juntamente com Ser algo de próprio, que no primeiro pode ser chamado de *ubi*, no segundo quando e no terceiro *per*. Uma vez que o modo de tornarem-se conceitos é o que determina a indivisibilidade, observa-se a diferença por meio dos diferentes sujeitos. Quanto mais puro e curto seja o caminho por meio do qual tenhamos acesso aos conceitos, quanto menos eles permanecerem colados a eles, mais eles serão passíveis de divisão. Todas as partes do universo podem ser extensivas ao número, mas intensivamente não possuem o mesmo grau de indivisibilidade. (e Deus, que não conhece nenhum conceito externo a si, não tem nenhum outro senão o conceito de Ser como algo indivisível, no entanto só se pode chegar a essa conclusão por meio da infantilidade) Para nós que possuímos um eu bastante dividido, que nos encontramos ligados a ambas instâncias dessa divisão, que a abstração em nada nos facilita e que permanecemos aguardando a liberdade, todos os conceitos indivisíveis continuam sendo bastante indivisíveis. Para nós o Ser divide-se em ser ideal e ser existencial, ambos são conceitos independentes que não podem explicar um ao outro. Por isso, tanto Descartes com seu 'penso, logo existo' como Crusius com seu 'eu sou consciente de mim mesmo, por isso existo', realizaram suas deduções de forma errada pois ambos ao partir de um Ser ideal inferiram um Ser existencial. No entanto, nossas amarras, criadas pela exterioridade de nossos conceitos, fazem com que cada um desses seres possua em si o *ubi* e o *quando*. Se falarmos da substância, sem atentar para o fato de ela fazer parte de um todo, do qual recebe os conceitos, então temos que abstrair desse Ser duplo o que ambos os conceitos possuem em comum, tal como fizemos anteriormente.

contos | excertos

(n.t.) | Bratislava

O texto: Este conto e poesia fazem parte do livro *O Crocodilo e o Arco-Íris*. Foi criado por 12 escritores do Timor-Leste, durante um Laboratório de criação literária, promovido em 2010. Esta antologia de contos e poesias timorenses faz despertar o desejo pela leitura de fruição ao passo que desperta o desejo por conhecer a história e a cultura do país. Os dois textos apresentados foram escritos em tétum, que é a língua materna do povo de Timor-Leste. Em 2002, o idioma foi escolhido, constitucionalmente, junto ao português, a serem línguas co-oficiais do país. O português, por sua vez, é considerado a língua da história da resistência do povo *Maubere*.

Textos traduzidos: Félix, Gladcya da Silva (Org.). *O Crocodilo e o Arco-íris*. Díli, Timor-Leste: Universidade Nacional Timor Lorosa'e - UNTL, 2010.

A seleção: A tradição oral é algo que se mantém presente, como o livro, nas novas gerações da cultura timorense. Na hora matinal ou quando o sol se põe, os velhos, ou *Lia-Na'in*, como são conhecidos, abraçam os netos para adormecê-los, contando-lhe belas passagens da vida transmitidas através da memória. Para os timorenses, o autor ou *lia-na'in* é como um sábio sagrado, um *lulik*, uma vez que têm o poder de transmitir a sabedoria.

A tradutora: Irta Sequeira Baris de Araújo nasceu em 1978, em Ainaro, Timor-Leste. Em 2007, graduou-se no curso de licenciatura em Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas. Trabalhou como tradutora de tétum-português para portal de notícia (www.sapo.tl). E Atualmente é aluna da Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina.

EMARKULTURA - TIMOR LOROSA'E

"Hó hamnasa, há'u hatudu iha mapa, há'u nia nasaun
Ikus mai, há'u iha istória ida atu haktuir"

SELEÇÃO

ILLA HUSI AVÓ LAFAHEK

Se'e maka dehan mai há'u, katak há'u iha
Mundu ida rasik,
Identidade ida rasik,
Lian ida rasik,
Pátria ida rasik,
Istória ida rasik?
Há'u moris mai lahatene konabá há'u ninia istória
Wainhira há'u hatene,
Hó hamnasa, há'u hatudu iha mapa, há'u nia nasaun
Ikus mai, há'u iha istória ida atu haktuir
Obrigadu, há'u nia avó lafahek.

RAMELAU, Ó KETA LARAN-MUKIT

Iha foho Ramelau ninia tutún, haree hetan fatin ida furak liu iha mundu, wainhira loro-matan haku'ak ninia naroman hodi hamanas nabilan tomak ne'ebé moris hadulas ninia hún. Loro matán ne'e, maka fó vida ba ai-horis, mota, wee-horis, manu-fu'ik nó ai-funan sira hotu, liuliu ba labarik-oan sira ne'ebé maka hamahón-an wainhira fulan hamnasa nó grilu sira kanta.

Iha fatin ida ne'e duni, Bi-noi hó ninia família moris ba nu'udar to'ós-na'in. Ramaliana maka nia naran sarani, maibé ema koñese liu hó Bi-noi. Nia feto-ra'an ida hó tinan 20, maibé, ora ne'e dadaun la hala'o atividade hanesan feto-ra'an normál ida, tamba mosu asidente ida wainhira nia sei labarik hó tinan neen. Husi ne'ebá kedas, la haree ona hamnasa furak iha ninia oin, tamba nia matán-delek.

Wainhira Ramaliana nó ninia família fila-rai. Hanesan baibain, Ramaliana nia amam, ida ne'ebé maka nu'udar agrikultór, molok atu kuda fini sira, ba dala uluk, sunu-rai. Tamba hahalok ida ne'e, Ramaliana ida ne'ebé maka sei inosente, ne'ebé maka la hatene bu'at ida, bá halimar fali iha du'ut-le'et ne'ebé maka lakan hela. Primeiru nia hakilar, wainhira nia amam sira hakfodak ahi ninia lakán kona ona ninia matán sira. Nia amam, mane ida ne'ebé forte, halai ba hako'us ninia-oan-feto nó halori kedas bá dayak tradisional sira atu bele kura. Maibé esforsu hirak ne'e la konsege ona salva labarik ne'e ninia matán, Bi-noi labele ona haree lorosa'e ninia furak.

Wainhira Bi-noi feto-ra'an, maske la haree mundu, nia sente katak fatin ida ne'ebé nia moris bá lakon ona ninia haksolok, nó hó nune'e nia hakarak hatene, motivu saida maka halo mudansa ida ne'e, "tamba sa'a" foho ida ne'e la hatudu ona ninia furak. Saudade nó hakarak hirak ne'e, halori iha ninia laran lorón-bá-lorón iha ninia hanoin sira, iha bebeik ideia ida ne'e: "Há'u iha hakarak nó esperansa bo'ot ida hodi halori hikas fali ó nia hamnasa ne'ebé lakon ona, ó Ramelau, atu hadutu hikas fali ó nia naroman nó atu há'u hodi bele haree nafatin dalan nó kalohán ninia nabilan liu husi ó roman".

GENTES E CULTURAS - TIMOR-LESTE

"Com o sorriso, mostrei no mapa a minha nação
Finalmente tenho uma história para contar"

SELEÇÃO

A ILHA DO AVÔ CROCODILO

Quem me diz que eu tenho
Um próprio mundo,
Uma própria identidade,
Uma própria língua,
Uma própria pátria,
Uma própria história?
Nasci sem conhecer a minha história
Quando conheci,
Que orgulho que eu tenho
Com o sorriso, mostrei no mapa a minha nação
Finalmente tenho uma história para contar
Obrigada, meu avô crocodilo.

RAMELAU, NÃO FIQUES TRISTE

No pico do Ramelau, descobre-se o mais lindo lugar do mundo, quando os raios solares abraçam seus brilhos para aquecer toda a beleza que vive à volta no sopé da montanha. Este sol dá vida às árvores, rios, nascentes, andorinhas e a todas as flores, especialmente às crianças, que se abrigam quando a lua ilumina e os grilos cantam.

Neste mesmo sítio, Bi-noi e sua família vivem como agricultores. Ramaliana é o nome de batismo, mas é conhecida como Bi-noi. Ela é uma jovem de vinte anos, mas agora já não faz as atividades como uma moça normal, porque aconteceu um acidente quando ainda era criança, aos seis anos. Desde aquele momento, já não se vê sorriso em seu rosto, porque estão cegos os olhos.

Esta tristeza aconteceu quando Ramaliana e sua família estavam na horta. Como de costume, o pai, que é agricultor, ao plantar as sementes, queimava primeiro a terra. Por causa desse hábito, Ramaliana, que era inocente, que ainda não sabia de nada, foi brincar entre as ervas queimadas. Primeiro, ela gritou, e quando os pais se deram conta, as chamas já tinham atingido seus olhos. O pai, um homem forte, correu e abraçou a filha, levando-a imediatamente aos curandeiros tradicionais para que fosse curada. Mas esse esforço não conseguiu salvar os olhos da menina, ela já não conseguia ver a beleza do *lorosa'e.*

Quando Bi-noi cresceu, mesmo sem ver o mundo, sentia que o lugar onde vivia havia perdido o sorriso, e assim queria saber qual era o motivo dessa mudança, o "porquê" da montanha já não lhe contemplar com sua beleza. Essas saudades e desejos, ela tem todos os dias; nos pensamentos, sempre esta ideia: "Eu tenho um grande desejo e esperança de devolver o sorriso que perdeste, ó Ramelau, para evidenciar outra vez sua luz e para que eu possa ver o caminho e a beleza das nuvens através do seu brilho".

Repolhos e Reis

O. Henry

O texto: O livro *Cabbages and Kings* foi originalmente publicado em 1904. Esta obra consiste numa série de histórias que exploram diferentes aspectos de uma cidadezinha extremamente tranquila da América Central. Cada história, entretanto, está interligada às outras, e contribui com a trama maior que perpassa toda a obra formando uma complexa estrutura. As histórias devem ser lidas em sequência para compreensão do todo. Esta foi a primeira coleção de histórias escritas pelo autor. O excerto aqui apresentado traz a parte introdutória e o primeiro capítulo da obra.

Texto traduzido: Henry, O. *Cabbages and Kings*. New York : McClure, Phillips & Co., 1904.

O autor: O norte-americano William Sydney Porter, que posteriormente adotaria o pseudônimo de O. Henry, viveu de 1862 a 1910. Desde sua infância tinha prazer na leitura, mas trabalhou em muitas outras atividades antes de se tornar escritor. Foi em 1884 que iniciou sua carreira escrevendo, trabalhando como repórter e colunista. Em 1896 o autor foi acusado de peculato, e fugiu para evitar ser preso. Foi neste período que passou meses em Honduras, onde escreveu *Cabbages and Kings*. Em 1898 O. Henry foi preso, e passou três anos na prisão, mas nem mesmo nesse período deixou de escrever. O autor é mais conhecido por suas narrativas curtas cheias de humor, sagacidade, que contam com finais inteligentes e surpreendentes. No Brasil há muito pouco de sua obra publicada, sendo somente uns poucos contos.

A tradutora: Vanessa Lopes Lourenço Hanes é doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, e pesquisa a tradução de literatura norte-americana, em especial autores da região sul dos Estados Unidos.

Cabbages and Kings

"So, there is a little tale to tell of many things."

O. HENRY [William S. Porter]

"The time has come," the Walrus said,
"To talk of many things;
Of shoes and ships and sealing-wax,
And cabbages and kings."
THE WALRUS AND THE CARPENTER

THE PROEM
BY THE CARPENTER

They will tell you in Anchuria, that President Miraflores, of that volatile republic, died by his own hand in the coast town of Coralio; that he had reached thus far in flight from the inconveniences of an imminent revolution; and that one hundred thousand dollars, government funds, which he carried with him in an American leather valise as a souvenir of his tempestuous administration, was never afterward recovered.

For a *real*, a boy will show you his grave. It is back of the town near a little bridge that spans a mangrove swamp. A plain slab of wood stands at its head. Some one has burned upon the headstone with a hot iron this inscription:

RAMON ANGEL DE LAS CRUZES
Y MIRAFLORES

PRESIDENTE DE LA REPUBLICA
DE ANCHURIA
QUE SEA SU JUEZ DIOS

It is characteristic of this buoyant people that they pursue no man beyond the grave. “Let God be his judge!” — Even with the hundred thousand unfound, though greatly coveted, the hue and cry went no further than that.

To the stranger or the guest the people of Coralio will relate the story of the tragic end of their former president; how he strove to escape from the country with the public funds and also with Doña Isabel Guilbert, the young American opera singer; and how, being apprehended by members of the opposing political party in Coralio, he shot himself through the head rather than give up the funds, and, in consequence, the Señorita Guilbert. They will relate further that Doña Isabel, her adventurous bark of fortune shoaled by the simultaneous loss of her distinguished admirer and the souvenir hundred thousand, dropped anchor on this stagnant coast, awaiting a rising tide.

They say, in Coralio, that she found a prompt and prosperous tide in the form of Frank Goodwin, an American resident of the town, an investor who had grown wealthy by dealing in the products of the country — a banana king, a rubber prince, a sarsaparilla, indigo, and mahogany baron. The Señorita Guilbert, you will be told, married Señor Goodwin one month after the president's death, thus, in the very moment when Fortune had ceased to smile, wresting from her a gift greater than the prize withdrawn.

Of the American, Don Frank Goodwin, and of his wife the natives have nothing but good to say. Don Frank has lived among them for years, and has compelled their respect. His lady is easily queen of what social life the sober coast affords. The wife of the governor of the district, herself, who was of the proud Castilian family of Monteleon y Dolorosa de los Santos y Mendez, feels honoured to unfold her napkin with olive-hued, ringed hands at the table of Señora Goodwin. Were you to refer (with your northern prejudices) to the vivacious past of Mrs. Goodwin when her audacious and gleeful abandon in light opera captured the mature president's fancy, or to her share in that statesman's downfall and malfeasance, the Latin shrug of the shoulder would be your only answer and rebuttal. What prejudices there were in Coralio concerning Señora Goodwin seemed now to be in her favour, whatever they had been in the past.

It would seem that the story is ended, instead of begun; that the close of tragedy and the climax of a romance have covered the ground of interest;

but, to the more curious reader it shall be some slight instruction to trace the close threads that underlie the ingenuous web of circumstances.

The headpiece bearing the name of President Miraflores is daily scrubbed with soap-bark and sand. An old half-breed Indian tends the grave with fidelity and the dawdling minuteness of inherited sloth. He chops down the weeds and ever-springing grass with his machete, he plucks ants and scorpions and beetles from it with his horny fingers, and sprinkles its turf with water from the plaza fountain. There is no grave anywhere so well kept and ordered.

Only by following out the underlying threads will it be made clear why the old Indian, Galvez, is secretly paid to keep green the grave of President Miraflores by one who never saw that unfortunate statesman in life or in death, and why that one was wont to walk in the twilight, casting from a distance looks of gentle sadness upon that unhonoured mound.

Elsewhere than at Coralio one learns of the impetuous career of Isabel Guilbert. New Orleans gave her birth and the mingled French and Spanish creole nature that tinctured her life with such turbulence and warmth. She had little education, but a knowledge of men and motives that seemed to have come by instinct. Far beyond the common woman was she endowed with intrepid rashness, with a love for the pursuit of adventure to the brink of danger, and with desire for the pleasures of life. Her spirit was one to chafe under any curb; she was Eve after the fall, but before the bitterness of it was felt. She wore life as a rose in her bosom.

Of the legion of men who had been at her feet it was said that but one was so fortunate as to engage her fancy. To President Miraflores, the brilliant but unstable ruler of Anchuria, she yielded the key to her resolute heart. How, then, do we find her (as the Coralians would have told you) the wife of Frank Goodwin, and happily living a life of dull and dreamy inaction?

The underlying threads reach far, stretching across the sea. Following them out it will be made plain why “Shorty” O'Day, of the Columbia Detective Agency, resigned his position. And, for a lighter pastime, it shall be a duty and a pleasing sport to wander with Momus beneath the tropic stars where Melpomene once stalked austere. Now to cause laughter to echo from those lavish jungles and frowning crags where formerly rang the cries of pirates' victims; to lay aside pike and cutlass and attack with quip and jollity; to draw one saving titter of mirth from the rusty casque of Romance

— this were pleasant to do in the shade of the lemon-trees on that coast that is curved like lips set for smiling.

For there are yet tales of the Spanish Main. That segment of continent washed by the tempestuous Caribbean, and presenting to the sea a formidable border of tropical jungle topped by the overweening Cordilleras, is still begirt by mystery and romance. In past times buccaneers and revolutionists roused the echoes of its cliffs, and the condor wheeled perpetually above where, in the green groves, they made food for him with their matchlocks and toledos. Taken and retaken by sea rovers, by adverse powers and by sudden uprising of rebellious factions, the historic 300 miles of adventurous coast has scarcely known for hundreds of years whom rightly to call its master. Pizarro, Balboa, Sir Francis Drake, and Bolivar did what they could to make it a part of Christendom. Sir John Morgan, Lafitte and other eminent swash-bucklers bombarded and pounded it in the name of Abaddon.

The game still goes on. The guns of the rovers are silenced; but the tintype man, the enlarged photograph brigand, the kodaking tourist and the scouts of the gentle brigade of fakirs have found it out, and carry on the work. The hucksters of Germany, France, and Sicily now bag its small change across their counters. Gentleman adventurers throng the waiting-rooms of its rulers with proposals for railways and concessions. The little *opéra-bouffe* nations play at government and intrigue until some day a big, silent gunboat glides into the offing and warns them not to break their toys. And with these changes comes also the small adventurer, with empty pockets to fill, light of heart, busy-brained — the modern fairy prince, bearing an alarm clock with which, more surely than by the sentimental kiss, to awaken the beautiful tropics from their centuries' sleep. Generally he wears a shamrock, which he matches pridefully against the extravagant palms; and it is he who has driven Melpomene to the wings, and set Comedy to dancing before the footlights of the Southern Cross.

So, there is a little tale to tell of many things. Perhaps to the promiscuous ear of the Walrus it shall come with most avail; for in it there are indeed shoes and ships and sealing-wax and cabbage-palms and presidents instead of kings.

Add to these a little love and counterplotting, and scatter everywhere throughout the maze a trail of tropical dollars — dollars warmed no more by the torrid sun than by the hot palms of the scouts of Fortune — and, after

all, here seems to be Life, itself, with talk enough to weary the most garrulous of Walruses.

I
"FOX-IN-THE-MORNING"

Coralio reclined, in the mid-day heat, like some vacuous beauty lounging in a guarded harem. The town lay at the sea's edge on a strip of alluvial coast. It was set like a little pearl in an emerald band. Behind it, and seeming almost to topple, imminent, above it, rose the sea-following range of the Cordilleras. In front the sea was spread, a smiling jailer, but even more incorruptible than the frowning mountains. The waves swished along the smooth beach; the parrots screamed in the orange and ceiba-trees; the palms waved their limber fronds foolishly like an awkward chorus at the prima donna's cue to enter.

Suddenly the town was full of excitement. A native boy dashed down a grass-grown street, shrieking: "*Busca el Señor Goodwin. Ha venido un telégrafo por el!*"

The word passed quickly. Telegrams do not often come to anyone in Coralio. The cry for Señor Goodwin was taken up by a dozen officious voices. The main street running parallel to the beach became populated with those who desired to expedite the delivery of the despatch. Knots of women with complexions varying from palest olive to deepest brown gathered at street corners and plaintively carolled: "*Un telégrafo por Señor Goodwin!*" The *comandante*, Don Señor el Coronel Encarnación Rios, who was loyal to the Ins and suspected Goodwin's devotion to the Outs, hissed: "Aha!" and wrote in his secret memorandum book the accusive fact that Señor Goodwin had on that momentous date received a telegram.

In the midst of the hullabaloo a man stepped to the door of a small wooden building and looked out. Above the door was a sign that read "Keogh and Clancy" — a nomenclature that seemed not to be indigenous to that tropical soil. The man in the door was Billy Keogh, scout of fortune and progress and latter-day rover of the Spanish Main. Tintypes and photographs were the weapons with which Keogh and Clancy were at that time assailing the hopeless shores. Outside the shop were set two large frames filled with specimens of their art and skill.

Keogh leaned in the doorway, his bold and humorous countenance wearing a look of interest at the unusual influx of life and sound into the street. When the meaning of the disturbance became clear to him he placed a

hand beside his mouth and shouted: “Hey! Frank!” in such a robustious voice that the feeble clamour of the natives was drowned and silenced.

Fifty yards away, on the seaward side of the street, stood the abode of the consul for the United States. Out from the door of this building tumbled Goodwin at the call. He had been smoking with Willard Geddie, the consul, on the back porch of the consulate, which was conceded to be the coolest spot in Coralio.

“Hurry up,” shouted Keogh. “There's a riot in town on account of a telegram that's come for you. You want to be careful about these things, my boy. It won't do to trifle with the feelings of the public this way. You'll be getting a pink note some day with violet scent on it; and then the country'll be steeped in the throes of a revolution.”

Goodwin had strolled up the street and met the boy with the message. The ox-eyed women gazed at him with shy admiration, for his type drew them. He was big, blonde, and jauntily dressed in white linen, with buckskin *zapatos*. His manner was courtly, with a sort of kindly truculence in it, tempered by a merciful eye. When the telegram had been delivered, and the bearer of it dismissed with a gratuity, the relieved populace returned to the contiguities of shade from which curiosity had drawn it — the women to their baking in the mud ovens under the orange-trees, or to the interminable combing of their long, straight hair; the men to their cigarettes and gossip in the cantinas.

Goodwin sat on Keogh's doorstep, and read his telegram. It was from Bob Englehart, an American, who lived in San Mateo, the capital city of Anchuria, eighty miles in the interior. Englehart was a gold miner, an ardent revolutionist and “good people.” That he was a man of resource and imagination was proven by the telegram he had sent. It had been his task to send a confidential message to his friend in Coralio. This could not have been accomplished in either Spanish or English, for the eye politic in Anchuria was an active one. The Ins and the Outs were perpetually on their guard. But Englehart was a diplomatist. There existed but one code upon which he might make requisition with promise of safety — the great and potent code of Slang. So, here is the message that slipped, unconstrued, through the fingers of curious officials, and came to the eye of Goodwin:

His Nibs skedaddled yesterday per jack-rabbit line with all the coin in the kitty and the bundle of muslin he's spoony about. The boodle is six figures short. Our crowd in good shape, but we need the spondulicks. You collar it.

The main guy and the dry goods are headed for the briny. You know what to do.

Bob.

This screed, remarkable as it was, had no mystery for Goodwin. He was the most successful of the small advance-guard of speculative Americans that had invaded Anchuria, and he had not reached that enviable pinnacle without having well exercised the arts of foresight and deduction. He had taken up political intrigue as a matter of business. He was acute enough to wield a certain influence among the leading schemers, and he was prosperous enough to be able to purchase the respect of the petty office-holders. There was always a revolutionary party; and to it he had always allied himself; for the adherents of a new administration received the rewards of their labours. There was now a Liberal party seeking to overturn President Miraflores. If the wheel successfully revolved, Goodwin stood to win a concession to 30,000 manzanas of the finest coffee lands in the interior. Certain incidents in the recent career of President Miraflores had excited a shrewd suspicion in Goodwin's mind that the government was near a dissolution from another cause than that of a revolution, and now Englehart's telegram had come as a corroboration of his wisdom.

The telegram, which had remained unintelligible to the Anchurian linguists who had applied to it in vain their knowledge of Spanish and elemental English, conveyed a stimulating piece of news to Goodwin's understanding. It informed him that the president of the republic had decamped from the capital city with the contents of the treasury. Furthermore, that he was accompanied in his flight by that winning adventuress Isabel Guilbert, the opera singer, whose troupe of performers had been entertained by the president at San Mateo during the past month on a scale less modest than that with which royal visitors are often content. The reference to the “jack-rabbit line” could mean nothing else than the mule-back system of transport that prevailed between Coralio and the capital. The hint that the “boodle” was “six figures short” made the condition of the national treasury lamentably clear. Also it was convincingly true that the ingoing party — its way now made a pacific one — would need the “spondulicks.” Unless its pledges should be fulfilled, and the spoils held for the delectation of the victors, precarious indeed, would be the position of the new government. Therefore it was exceeding necessary to “collar the main guy,” and recapture the sinews of war and government.

Goodwin handed the message to Keogh.

“Read that, Billy,” he said. “It's from Bob Englehart. Can you manage the cipher?”

Keogh sat in the other half of the doorway, and carefully perused the telegram.

“'Tis not a cipher,” he said, finally. “'Tis what they call literature, and that's a system of language put in the mouths of people that they've never been introduced to by writers of imagination. The magazines invented it, but I never knew before that President Norvin Green had stamped it with the seal of his approval. 'Tis now no longer literature, but language. The dictionaries tried, but they couldn't make it go for anything but dialect. Sure, now that the Western Union indorses it, it won't be long till a race of people will spring up that speaks it.”

“You're running too much to philology, Billy,” said Goodwin. “Do you make out the meaning of it?”

“Sure,” replied the philosopher of Fortune. “All languages come easy to the man who must know 'em. I've even failed to misunderstand an order to evacuate in classical Chinese when it was backed up by the muzzle of a breech-loader. This little literary essay I hold in my hands means a game of Fox-in-the-Morning. Ever play that, Frank, when you was a kid?”

“I think so,” said Goodwin, laughing. “You join hands all 'round, and —”

“You do not,” interrupted Keogh. “You've got a fine sporting game mixed up in your head with 'All Around the Rosebush.' The spirit of 'Fox-in-the-Morning' is opposed to the holding of hands. I'll tell you how it's played. This president man and his companion in play, they stand up over in San Mateo, ready for the run, and shout: 'Fox-in-the-Morning!' Me and you, standing here, we say: 'Goose and the Gander!' They say: 'How many miles is it to London town?' We say: 'Only a few, if your legs are long enough. How many comes out?' They say: 'More than you're able to catch.' And then the game commences.”

“I catch the idea,” said Goodwin. “It won't do to let the goose and gander slip through our fingers, Billy; their feathers are too valuable. Our crowd is prepared and able to step into the shoes of the government at once; but with the treasury empty we'd stay in power about as long as a tenderfoot would stick on an untamed bronco. We must play the fox on every foot of the coast to prevent their getting out of the country.”

“By the mule-back schedule,” said Keogh, “it's five days down from San Mateo. We've got plenty of time to set our outposts. There's only three places on the coast where they can hope to sail from — here and Solitas and

Alazan. They're the only points we'll have to guard. It's as easy as a chess problem — fox to play, and mate in three moves. Oh, goosey, goosey, gander, whither do you wander? By the blessing of the literary telegraph the boodle of this benighted fatherland shall be preserved to the honest political party that is seeking to overthrow it."

The situation had been justly outlined by Keogh. The down trail from the capital was at all times a weary road to travel. A jiggety-joggety journey it was; ice-cold and hot, wet and dry. The trail climbed appalling mountains, wound like a rotten string about the brows of breathless precipices, plunged through chilling snow-fed streams, and wriggled like a snake through sunless forests teeming with menacing insect and animal life. After descending to the foothills it turned to a trident, the central prong ending at Alazan. Another branched off to Coralio; the third penetrated to Solitas. Between the sea and the foothills stretched the five miles breadth of alluvial coast. Here was the flora of the tropics in its rankest and most prodigal growth. Spaces here and there had been wrested from the jungle and planted with bananas and cane and orange groves. The rest was a riot of wild vegetation, the home of monkeys, tapirs, jaguars, alligators and prodigious reptiles and insects. Where no road was cut a serpent could scarcely make its way through the tangle of vines and creepers. Across the treacherous mangrove swamps few things without wings could safely pass. Therefore the fugitives could hope to reach the coast only by one of the routes named.

"Keep the matter quiet, Billy," advised Goodwin. "We don't want the Ins to know that the president is in flight. I suppose Bob's information is something of a scoop in the capital as yet. Otherwise he would not have tried to make his message a confidential one; and besides, everybody would have heard the news. I'm going around now to see Dr. Zavalla, and start a man up the trail to cut the telegraph wire."

As Goodwin rose, Keogh threw his hat upon the grass by the door and expelled a tremendous sigh.

"What's the trouble, Billy?" asked Goodwin, pausing. "That's the first time I ever heard you sigh."

"'Tis the last," said Keogh. "With that sorrowful puff of wind I resign myself to a life of praiseworthy but harassing honesty. What are tintypes, if you please, to the opportunities of the great and hilarious class of ganders and geese? Not that I would be a president, Frank — and the boodle he's got is too big for me to handle — but in some ways I feel my conscience hurting me for addicting myself to photographing a nation instead of running away

with it. Frank, did you ever see the 'bundle of muslin' that His Excellency has wrapped up and carried off?"

"Isabel Guilbert?" said Goodwin, laughing. "No, I never did. From what I've heard of her, though, I imagine that she wouldn't stick at anything to carry her point. Don't get romantic, Billy. Sometimes I begin to fear that there's Irish blood in your ancestry."

"I never saw her either," went on Keogh; "but they say she's got all the ladies of mythology, sculpture, and fiction reduced to chromos. They say she can look at a man once, and he'll turn monkey and climb trees to pick cocoanuts for her. Think of that president man with Lord knows how many hundreds of thousands of dollars in one hand, and this muslin siren in the other, galloping down hill on a sympathetic mule amid songbirds and flowers! And here is Billy Keogh, because he is virtuous, condemned to the unprofitable swindle of slandering the faces of missing links on tin for an honest living! 'Tis an injustice of nature."

"Cheer up," said Goodwin. "You are a pretty poor fox to be envying a gander. Maybe the enchanting Guilbert will take a fancy to you and your tintypes after we impoverish her royal escort."

"She could do worse," reflected Keogh; "but she won't. 'Tis not a tintype gallery, but the gallery of the gods that she's fitted to adorn. She's a very wicked lady, and the president man is in luck. But I hear Clancy swearing in the back room for having to do all the work." And Keogh plunged for the rear of the "gallery," whistling gaily in a spontaneous way that belied his recent sigh over the questionable good luck of the flying president.

Goodwin turned from the main street into a much narrower one that intersected it at a right angle.

These side streets were covered by a growth of thick, rank grass, which was kept to a navigable shortness by the machetes of the police. Stone sidewalks, little more than a ledge in width, ran along the base of the mean and monotonous adobe houses. At the outskirts of the village these streets dwindled to nothing; and here were set the palm-thatched huts of the Caribs and the poorer natives, and the shabby cabins of negroes from Jamaica and the West India islands. A few structures raised their heads above the red-tiled roofs of the one-story houses — the bell tower of the *Calaboza*, the Hotel de los Estranjeros, the residence of the Vesuvius Fruit Company's agent, the store and residence of Bernard Brannigan, a ruined cathedral in which Columbus had once set foot, and, most imposing of all, the Casa Morena — the summer "White House" of the President of Anchuria. On

the principal street running along the beach — the Broadway of Coralio — were the larger stores, the government *bodega* and post-office, the *cuartel*, the rum-shops and the market place.

On his way Goodwin passed the house of Bernard Brannigan. It was a modern wooden building, two stories in height. The ground floor was occupied by Brannigan's store, the upper one contained the living apartments. A wide cool porch ran around the house half way up its outer walls. A handsome, vivacious girl neatly dressed in flowing white leaned over the railing and smiled down upon Goodwin. She was no darker than many an Andalusian of high descent; and she sparkled and glowed like a tropical moonlight.

“Good evening, Miss Paula,” said Goodwin, taking off his hat, with his ready smile. There was little difference in his manner whether he addressed women or men. Everybody in Coralio liked to receive the salutation of the big American.

“Is there any news, Mr. Goodwin? Please don't say no. Isn't it warm? I feel just like Mariana in her moated grange — or was it a range? — it's hot enough.”

“No, there's no news to tell, I believe,” said Goodwin, with a mischievous look in his eye, “except that old Geddie is getting grumpier and crosser every day. If something doesn't happen to relieve his mind I'll have to quit smoking on his back porch — and there's no other place available that is cool enough.”

“He isn't grumpy,” said Paula Brannigan, impulsively, “when he —”

But she ceased suddenly, and drew back with a deepening colour; for her mother had been a *mestizo* lady, and the Spanish blood had brought to Paula a certain shyness that was an adornment to the other half of her demonstrative nature.

Repolhos e Reis

"Assim, há uma pequena história para falar de muitas coisas."

O. HENRY [William S. Porter]

"A hora vem", a Morsa disse,
"Para falar de coisas que sei
De sapatos, e de navios, e de lacre,
E de repolhos e de reis".
A MORSA E O CARPINTEIRO

O PREÂMBULO
PELO CARPINTEIRO

Dir-lhe-ão em Anchuria que o Presidente Miraflores, daquela volátil república, morreu por sua própria mão em Corálio, uma cidade da costa; que ele chegara a tal ponto para fugir das inconveniências de uma revolução iminente; e que os cem mil dólares, recursos públicos, que ele carregava consigo em uma valise de couro americana como souvenir de sua tempestuosa administração, nunca foram recuperados.

Como *prova*, um menino lhe mostrará o túmulo. Fica atrás da cidade, perto de uma pontezinha que se estende por sobre um pântano. Há um pedaço de madeira comum na cabeceira. Alguém usando um ferro em brasa gravou nele a seguinte inscrição:

RAMON ANGEL DE LAS CRUZES
Y MIRAFLORES

PRESIDENTE DE LA REPUBLICA
DE ANCHURIA
QUE SEA SU JUEZ DIOS

É característico deste povo alegre não perseguir ninguém para além de seu túmulo. "Que Deus seja o seu juiz!" — mesmo com os cem mil desaparecidos, e apesar de muito cobiçados, o clamor e o alvoroço nunca foram além disso.

Para o forasteiro ou o visitante, o povo de Corálio contará a história do fim trágico de seu ex-presidente; como ele se empenhou para escapar do país com o dinheiro público e também com Dona Isabel Guilbert, a jovem cantora de ópera americana, e como, ao ser preso por membros do partido de oposição em Corálio, ele preferiu atirar na própria cabeça do que desistir do dinheiro e, consequentemente, da Señorita Guilbert. Eles contarão ainda que Dona Isabel, ao ver sua perspectiva de fortuna se esvair com a simultânea perda de seu distinto admirador e do *souvenir* de cem mil dólares, içou sua âncora nesta costa estagnada para esperar pela maré alta.

Dizem, em Corálio, que ela encontrou sem demora uma maré próspera na forma de Frank Goodwin, um americano que residia na cidade, investidor que havia enriquecido negociando os produtos do país — um rei das bananas, um príncipe da borracha, um barão da salsaparrilha, do índigo e do mogno. A Señorita Guilbert, dir-lhe-ão, casou-se com o Señor Goodwin um mês depois da morte do presidente, ou seja, no exato momento em que a Fortuna parara de lhe sorrir, o que a deturpou de um dote maior do que a recompensa que lhe fora tirada.

Do americano Don Frank Goodwin e de sua esposa, os nativos não tinham nada negativo a dizer. Don Frank vivera entre eles por anos, e os compelira a respeitarem-no. Sua senhora era tranquilamente a rainha de qualquer vida social que a sóbria costa pudesse ter. A própria esposa do governador do distrito, que vinha da orgulhosa família castelhana de Monteleon y Dolorosa de los Santos y Mendez, sentia-se honrada de desdobrar seu guardanapo com suas mãos esverdeadas e cobertas de anéis à mesa da Señora Goodwin. Caso você se referisse (com seus típicos preconceitos) ao animado passado de Mrs. Goodwin, quando seu desprendimento audacioso e vivaz na ópera ligeira atraiu o interesse do maduro presidente, ou à sua parcela de culpa na má conduta e queda daquele homem, a única reação e resposta seria o dar de ombros latino. Quaisquer preconceitos que tivessem existido em Corálio com relação à Señora

Goodwin pareciam agora estar ao seu favor, independentemente do que foram no passado.

Pode parecer que a história está chegando ao fim, em vez de começando; que a conclusão da tragédia e o clímax de um romance já se estenderam até onde o interesse possa alcançar; mas, para o leitor mais curioso, isso servirá como ligeiras instruções para tecer os densos fios sob a engenhosa teia das circunstâncias.

A coroa que traz o nome do Presidente Miraflores é polida diariamente com quilaia e areia. Um velho índio mestiço cuida do túmulo com a fidelidade e a lenta minuciosidade da preguiça herdada. Ele corta as ervas daninhas e o incansável mato com seu facão, retira formigas, escorpiões e besouros com seus dedos pontudos, e borrifa sua grama com água da fonte da praça. Não há em lugar algum um túmulo tão bem cuidado e mantido.

Somente seguindo os fios ocultos será possível esclarecer porque o velho índio, Galvez, é pago em segredo para manter verde o túmulo do Presidente Miraflores, pago por alguém que nunca viu aquele desafortunado homem público em vida nem em morte, e porque este alguém tem o hábito de caminhar durante o crepúsculo e lançar olhares distantes de tênue tristeza sobre aquele desonrado monte de terra.

Fora de Corálio é possível descobrir sobre a impetuosa carreira de Isabel Guilbert. Nova Orleans lhe deu a vida e a mesclada natureza *creole* francesa e espanhola que tingiu sua existência com tanta turbulência e calor. Ela estudou pouco, mas o conhecimento sobre os homens e suas motivações parecia ter surgido instintivamente. Ela era dotada de ousadia intrépida, amava perseguir aventuras até o limiar do perigo, e desejava os prazeres da vida muito além das mulheres comuns. Seu espírito se irritava com qualquer repressão; ela era Eva após a queda, mas antes de sentir a amargura da queda. Ela usava a vida como uma rosa em seu decote.

Da legião de homens que havia se prostrado aos seus pés, dizia-se que somente um tivera a felicidade de atrair sua atenção. Ao Presidente Miraflores, o brilhante porém instável regente de Anchuria, ela rendera a chave de seu resoluto coração. Como então nós a encontramos (conforme os moradores de Corálio lhe contariam) casada com Frank Goodwin, e vivendo feliz em uma vida de vaga e tediosa ociosidade?

Os fios ocultos vão muito longe, chegando a cruzar o mar. Ao segui-los ficará claro porque "Shorty" O'Day, da Agência de Detetives de Columbia, abriu mão de seu posto. E, para um passatempo mais leve, será um dever e uma atividade agradável vagar com Momo sob as estrelas tropicais onde um

dia Melpomene perambulou austeramente. Agora fazer que o riso ecoe naquelas florestas abundantes e penhascos carrancudos, onde antes predominavam os clamores das vítimas dos piratas; deixar de lado o pique e o cutelo e atacar com gracejos e jovialidade; arrancar um salvador risinho de júbilo do casquete enferrujado do Romance — estas seriam coisas prazerosas de se fazer à sombra dos limoeiros naquela costa que é curvada como lábios prontos para sorrir.

Pois ainda há histórias sobre estas Antilhas. Aquele segmento do continente, banhado pelo tempestuoso mar caribenho, brindando o mar com uma formidável margem de florestas tropicais culminadas pelas presunçosas Cordilheiras, ainda está cercado de mistério e romance. Em tempos passados, bucaneiros e revolucionários evocavam os ecos de seus penhascos, e o condor planava perpetuamente sobre o lugar onde, nos verdes bosques, forneciam-lhe comida com seus mosquetes e espadas. Tomadas e retomadas por desbravadores dos mares, por poderes adversos e por súbitas insurreições de facções rebeldes, as históricas 300 milhas de costa aventurosa quase não souberam por centenas de anos a quem por direito chamar de seu mestre. Pizarro, Balboa, Sir Francis Drake e Bolívar fizeram o possível para torná-la parte da cristandade. Sir John Morgan, Lafitte e outros eminentes aventureiros a bombardearam e saquearam em nome de Abaddon.

E o jogo ainda vai mais adiante. As armas dos aventureiros se silenciaram; mas o homem do retrato, o bandido da fotografia ampliada, o turista Kodak e os exploradores da gentil brigada dos faquires a encontraram, e prosseguem com o trabalho. Os mascates da Alemanha, da França e da Sicília agora embolsam seus trocados em seus balcões. Especuladores bem-educados se aglomeram nas salas de espera de seus governantes com propostas de ferrovias e concessões. As pequenas nações *opéra-bouffe* brincam de governar e fazer intrigas, até que algum dia uma grande e silenciosa canhoneira desliza horizonte adentro e os adverte a não quebrarem seus brinquedos. E com estas mudanças vem também o aventureiro de pouca consequência, com bolsos vazios para encher, coração leve, cabeça a mil — o príncipe encantado moderno, possuindo um despertador com o qual, mais seguramente do que com um beijo sentimental, acordará os belos trópicos de seu sono de séculos. Geralmente ele usa um trevo amarelo, o qual contrasta orgulhosamente com as palmeiras, e foi ele quem levou Melpomene até as asas, e fez a Comédia dançar diante das luzes do Cruzeiro do Sul.

Assim, há uma pequena história para falar de muitas coisas. Talvez, para os promíscuos ouvidos da Morsa, ela será de muito proveito; pois nela

realmente há sapatos, e navios, e lacre, e palmeiras em vez de repolhos, e presidentes em vez de reis.

Adicione a isso um pouco de amor e conspiração, e espalhe por todo o labirinto uma trilha de dólares tropicais — dólares aquecidos não mais pelo tórrido sol do que pelas palmas quentes dos perseguidores da Fortuna — e, depois disso tudo, aqui está a Vida, em pessoa, com conversa suficiente para cansar a mais loquaz das Morsas.

I
"RAPOSA-DA-MANHÃ"

Corálio se reclinava, ao calor do meio-dia, como uma vã beldade se espreguiçando em um harém. A cidade se localizava a beira-mar, em uma faixa de costa aluvial. Jazia ali como uma pequena pérola em uma faixa de esmeralda. Atrás dela, e parecendo prestes a engoli-la a qualquer momento, levantava-se, imponente, a cadeia das Cordilheiras, seguindo o mar. Frente a ela se desenrolava o mar, um carcereiro sorridente, mas ainda mais incorruptível do que as carrancudas montanhas. As ondas chicoteavam ao longo da praia macia; os papagaios gritavam nas laranjeiras e ceibas; as palmeiras agitavam suas frondes flexíveis desastradamente, como um coro desajeitado na deixa de entrada da *prima donna*.

Subitamente, a cidade se inquietou. Um menino local desceu a toda velocidade por uma rua gramada, berrando: "*Busca el Señor Goodwin. Ha venido un telégrafo por el!*"

A notícia logo se espalhou. Telegramas não eram comuns para ninguém em Corálio. Dezenas de vozes intrometidas engrossaram o clamor pelo Señor Goodwin. A rua principal, paralela à praia, encheu-se daqueles desejosos por abreviar o tempo de entrega da mensagem. Grupos de mulheres de diversas cores, desde as pálidas esverdeadas até as muito amarronzadas, juntavam-se pelas esquinas e tagarelavam em alto som dizendo: "*Un telégrafo por Señor Goodwin!*" O comandante, Don Señor el Coronel Encarnación Rios, que era leal aos De Dentro e suspeitava da devoção de Goodwin aos De Fora, exclamou: "Aha!", e escreveu em sua caderneta secreta sobre o fato acusatório de o Señor Goodwin haver, naquela importante data, recebido um telegrama.

Em meio à algazarra um homem saiu de uma pequena construção de madeira e olhou para fora. Sobre a porta havia uma placa onde se lia "Keogh and Clancy" — uma nomenclatura que não parecia nativa daquele solo tropical. O homem naquela porta era Billy Keogh, explorador da fortuna e do progresso e, atualmente, um aventureiro das Antilhas. Fotografias e reproduções eram as armas com que Keogh e Clancy estavam atacando o desesperançado litoral no momento. Fora da loja se viam duas grandes molduras preenchidas com espécimes de sua arte e ofício.

Keogh se apoiou sobre o batente com um olhar de interesse em sua face audaz e jocosa diante do incomum fluxo de vida e sons pela rua. Quando o

significado do tumulto ficou claro para ele, Keogh colocou uma mão ao lado da boca e gritou: “Ei! Frank!” em uma voz tão robusta que o débil clamor dos nativos foi embargado e silenciado.

A cinquenta jardas dali, no lado da rua que beirava o mar, encontrava-se a residência do cônsul dos Estados Unidos. Da porta desta casa saiu Goodwin, titubeante, ao ouvir o chamado. Ele estivera fumando com Willard Geddie, o cônsul, na varanda dos fundos do consulado, considerada o local mais fresco em Corálio.

“Corra,” gritou Keogh. “Há um tumulto na cidade por causa de um telegrama que chegou para você. Você deve tomar cuidado com essas coisas, meu caro. Não dá certo brincar com os sentimentos das pessoas assim. Logo você receberá um bilhete rosa com cheiro de violetas; e aí o país se inflamará com a agonia de uma revolução”.

Goodwin subiu pela rua ao encontro do menino com a mensagem. As mulheres o olhavam com seus olhos esbugalhados, admirando-o timidamente, pois seu tipo as atraía. Ele era grande, loiro, e estava garbosamente vestido de linho branco, com *zapatos* de couro de veado. Suas maneiras eram corteses, com uma nota de gentil truculência, moderada por um olhar misericordioso. Quando o telegrama foi entregue, e seu portador dispensado com uma gorjeta, a população aliviada retornou para as sombras contíguas das quais havia sido tirada pela curiosidade — as mulheres voltaram a preparar seus assados nos fornos de argila sob as laranjeiras, ou para o infindável pentear de seus longos cabelos lisos; os homens voltaram aos seus cigarros e aos mexericos nos bares.

Goodwin se sentou na entrada da loja de Keogh e leu seu telegrama. Era de Bob Englehart, um americano que vivia em San Mateo, a capital de Anchuria, oitenta milhas no interior. Englehart era uma raridade: um revolucionário ardente e uma “boa pessoa”. O fato de ser alguém de recursos e de imaginação foi provado pelo telegrama que havia enviado. Sua tarefa era enviar uma mensagem confidencial para seu amigo em Corálio. Isto não poderia ter sido feito em espanhol nem em inglês, pois o olho político em Anchuria sempre estava ativo. Os De Dentro e os De Fora estavam perpetuamente a postos. Mas Englehart era um diplomata. Havia somente um código pelo qual ele poderia requerer algo com certeza de segurança — o maravilhoso e potente código da gíria americana. Portanto, eis aqui a mensagem que escorregou, sem danos, pelos dedos dos oficiais curiosos, e chegou até Goodwin:

O ponta se escafedeu ontem pela fila de lebres com as moedas no gatinho e a trouxa de musselina pela qual é apaixonado. O pacote tem seis figuras a menos. Nossa multidão está em boa forma, mas precisamos dos fundos. Coloque a coleira nele. O homem principal e as mercadorias estão indo para a água. Você sabe o que fazer.

Bob.

Estas linhas, tão extraordinárias, não representavam mistério algum para Goodwin. Ele era o mais bem-sucedido da pequena vanguarda de americanos especuladores que havia invadido Anchuria, e não havia atingido esta invejável posição sem exercitar muito bem as artes de previsão e dedução. Goodwin considerava intrigas políticas uma questão de negócios. Era perspicaz o suficiente para exercer certa influência sobre os principais maquinadores, e próspero o suficiente para conseguir comprar o respeito dos cargos de pouca importância. Sempre havia um partido revolucionário, e ele próprio sempre era parte destes, pois os adeptos de uma nova administração recebiam as recompensas por seu labor. Havia agora um partido liberal buscando depor o Presidente Miraflores. Se tudo corresse bem, Goodwin era candidato a ganhar a concessão de mais de 40.000 hectares das melhores plantações de café no interior. Certos incidentes na recente carreira do Presidente Miraflores haviam levantado na mente de Goodwin sérias suspeitas de que o governo estava próximo de uma dissolução por outra causa que não a revolução, e agora o telegrama de Englehart corroborara com sua sensatez.

O telegrama, que se mantivera ininteligível para os linguistas de Anchuria, embora tivessem em vão aplicado sobre ele seus conhecimentos de espanhol e inglês elementar, trazia notícias interessantes sob o ponto de vista de Goodwin. Ele informava que o presidente da república havia fugido da capital com o conteúdo do tesouro nacional. Ademais, ele estava acompanhado nesta fuga pela encantadora aventureira Isabel Guilbert, a cantora de ópera cuja trupe havia sido entretida pelo presidente em San Mateo durante o último mês de maneira menos modesta do que aquela com que visitantes reais frequentemente se contentam. A referência à "fila de lebres" só poderia se referir ao sistema de transporte no lombo de mulas que prevalecia entre Corálio e a capital. A dica de que o "pacote" tinha "seis figuras a menos" deixava a condição do tesouro nacional lamentavelmente clara. Também era convincentemente verdade que o partido a assumir o poder — com seu caminho agora livre — precisaria de "fundos". A não ser que seu clamor fosse atendido, e os despojos fossem mantidos para o deleite dos vencedores, a posição do novo governo seria muito precária. Desta

forma, era excessivamente necessário “encoleirar o homem principal” e recuperar o vigor da guerra e do governo.

Goodwin deu a mensagem para Keogh.

“Leia isso, Billy,” ele disse, “é de Bob Englehart. Consegue ler o código?”

Keogh se sentou ao lado de Goodwin e examinou o telegrama cuidadosamente.

“Isto não é um código,” ele disse, finalmente. “Isto é o que chamam de literatura, e literatura é um sistema de língua colocado por escritores imaginativos nas bocas de pessoas às quais nunca foram apresentados. As revistas a inventaram, mas eu ainda não sabia que o presidente Norvin Green a havia carimbado com seu selo de aprovação. Isto agora não é mais literatura, mas língua. Os dicionários tentaram, mas não puderam fazê-la passar por nada além de dialeto. Mas com certeza, agora que a União Ocidental a apoia, não levará muito tempo até surgir uma raça de pessoas que a fale”.

“Você está tendendo demais à filologia, Billy”, disse Goodwin. “Você entende alguma coisa do significado?”

“É claro”, respondeu o filósofo da Fortuna. “Todas as línguas são fáceis para o homem que precisa sabê-las. Eu não deixei de entender nem uma ordem de evacuação em chinês clássico quando acompanhada pelo cano de uma arma de fogo. Esta composição literária que tenho em minhas mãos é como um jogo de Raposa-da-Manhã. Já brincou disso Frank, quando era criança?”

“Acredito que sim,” disse Goodwin, sorrindo. “Você faz um círculo de mãos dadas e...”

“Você nunca brincou”, interrompeu Keogh. “Está confundindo um excelente jogo com uma cantiga de roda. O espírito de ‘Raposa-da-Manhã’ não combina com dar as mãos. Vou lhe explicar como se joga. Este homem, o presidente, e sua companheira de jogo, eles se levantam lá em San Mateo, prontos para correr, e gritam: ‘Raposa-da-Manhã!’. Você e eu dizemos daqui: ‘Pato e Ganso!’. Eles dizem: ‘Quantas milhas até a cidade de Londres?’. Nós dizemos: ‘Poucas, se suas pernas forem longas o bastante. Quantas pernas aparecem?’. Eles dizem: ‘Mais do que você consegue pegar’. E aí o jogo começa”.

“Entendo a ideia”, disse Goodwin. “Não teria como deixar o pato e o ganso escaparem debaixo de nossas barbas, Billy; suas penas são muito valiosas. Nosso pessoal está preparado e capacitado para assumir o governo

imediatamente, mas com o tesouro vazio ficaríamos no poder por tanto tempo quanto um cavaleiro inexperiente ficaria no lombo de um cavalo chucro. Precisamos bancar a raposa em cada centímetro da costa para impedir que fujam do país".

"No lombo de uma mula", disse Keogh, "levariam cinco dias partindo de San Mateo. Temos muito tempo para tomar nossos postos. Há somente três lugares na costa de onde eles poderiam pensar em partir — aqui, Solitas e Alazan. Estes são os únicos pontos que teremos que vigiar. É tão simples quanto um jogo de xadrez — a raposa vai jogar, e dar um xeque-mate em três jogadas. Ó gansinho, gansinho e pato, por onde andam errantes? Graças ao telegrama literário os recursos dessa pátria em trevas serão preservados para o honesto partido político que tenta conquistá-la".

A situação havia sido muito bem exposta por Keogh. A trilha que vinha da capital era sempre um caminho muito cansativo. Era uma viagem desengonçada, fria e quente, molhada e seca. A estrada subia por montanhas apavorantes, enrolava-se como um barbante apodrecido nas margens de precipícios aterradores, mergulhava em gélidos córregos formados pela neve derretida, e movia-se sinuosamente, como uma cobra, por florestas tenebrosas repletas de insetos perigosos e vida animal ameaçadora. Ao descer para as montanhas mais baixas, o caminho se tornava um tridente, com o dente central levando a Alazan. Outro levava a Corálio; e o terceiro entrava em Solitas. Entre o mar e as montanhas mais baixas se estendiam as cinco milhas de costa aluvial. Aqui se encontrava a flora tropical em pleno e exuberante crescimento. Áreas esparsas da floresta haviam sido derrubadas e plantadas com bananeiras, cana e laranjeiras. O restante era uma riqueza de vegetação nativa, lar de macacos, antas, onças, jacarés e incríveis répteis e insetos. Onde nenhum caminho havia sido aberto, era quase impossível mesmo para uma serpente passar por entre os emaranhados cipós e trepadeiras. Poucas criaturas sem asas conseguiam cruzar com sucesso os pântanos traiçoeiros. Desta maneira, os fugitivos só poderiam chegar até a costa por um dos caminhos mencionados.

"Mantenha segredo, Billy", recomendou Goodwin. "Nós não queremos que os De Dentro saibam que o presidente está fugindo. Acredito que as informações de Bob ainda são desconhecidas na capital. Caso contrário ele não teria tentado mandar a mensagem de forma confidencial; e, além disso, todos já saberiam da notícia. Agora irei visitar o Dr. Zavalla, e mandarei um homem cortar o fio do telégrafo".

Quando Goodwin se levantou, Keogh arremessou seu chapéu sobre a grama que beirava a porta e suspirou longamente.

"Qual o problema, Billy?" perguntou Goodwin, fazendo uma pausa. "Essa é a primeira vez que o ouço suspirar".

"'É o fim", disse Keogh. "Com este pesaroso sopro de vento eu me resigno a uma vida de louvável, mas atormentadora, honestidade. O que são fotografias, diga-me, comparadas com as oportunidades da maravilhosa e jovial classe dos gansos e patos? Não que eu aspire ser um presidente, Frank — e o dinheiro que ele leva é demais para mim — mas, de certa forma, eu sinto minha consciência me incomodar por me acostumar a fotografar uma nação em vez de fugir com ela. Frank, você já viu a "trouxa de musselina" que Sua Excelência embrulhou e levou consigo?"

"Isabel Guilbert?" disse Goodwin, rindo. "Não, eu nunca a vi. Mas, de acordo com o que ouvi sobre ela, creio que não se apegaria a nada que se colocasse em seu caminho. Não seja romântico, Billy. Algumas vezes eu duvido que houvesse sangue irlandês em seus ancestrais".

"Eu também nunca a vi", continuou Keogh; "mas dizem que ela supera todas as mulheres da mitologia, das esculturas, e da ficção. Dizem que ela pode olhar para um homem uma única vez, e ele enlouquece. Pense naquele presidente com Deus sabe quantas centenas de milhares de dólares em uma mão e esta sereia de musselina na outra, galopando montanha abaixo no lombo de uma mula bem-disposta em meio a flores e canto de pássaros! E aqui está Billy Keogh, porque ele é virtuoso, condenado ao golpe pouco lucrativo de recriar faces com a fotografia em lata para viver honestamente! Isso é uma injustiça da natureza".

"Anime-se", disse Goodwin. "Você é uma raposa muito miserável para estar invejando um ganso. Talvez a encantadora Guilbert vá se agradar de você e de seu trabalho depois de empobrecer seu companheiro real".

"Ela poderia fazer algo pior", refletiu Keogh; "mas não fará. Ela não serve para adornar uma galeria de fotos, mas sim uma galeria dos deuses. Ela é uma dama muito perversa, e o presidente é muito sortudo. Mas estou ouvindo Clancy reclamar lá atrás por ter que fazer todo o trabalho". E Keogh desapareceu rumo aos fundos da "galeria", assobiando alegremente de maneira tão espontânea que desmentia seu recente suspiro sobre a questionável boa sorte do presidente em fuga.

Goodwin deixou a rua principal e se embrenhou por uma muito mais estreita, que cruzava a outra em um ângulo reto.

As ruas laterais eram cobertas por uma grama espessa e viçosa mantida curta o suficiente para permitir o trânsito através dos facões da polícia. Calçadas de pedra muito estreitas se estendiam às margens das monótonas e humildes casas de adobe. Nos arredores do vilarejo estas ruas se reduziam a nada, e era ali que se encontravam as cabanas cobertas com folhas de palmeiras dos caribenhos e dos nativos pobres, e as choupanas miseráveis dos negros da Jamaica e das Índias Ocidentais. Poucas estruturas se levantavam acima dos tetos vermelhos das casas de um só pavimento — a torre do sino de *Calaboza*, o Hotel de los Estranjeros, a residência do agente da Vesuvius Fruit Company, a loja e residência de Bernard Brannigan, uma catedral em ruínas na qual Colombo havia estado uma vez, e, a mais imponente de todas, a Casa Morena — a "Casa Branca" de verão do presidente de Anchuria. Na principal rua à beira-mar — a Broadway de Corálio — havia lojas maiores, a *bodega* do governo e o correio, o *cuartel*, as tavernas e o mercado.

Em seu caminho Goodwin passou pela casa de Bernard Brannigan. Era uma construção moderna em madeira, com dois andares. O andar térreo era ocupado pela loja de Brannigan, e o superior continha a área residencial. Uma ampla e fresca varanda cercava a casa até a metade de suas paredes externas. Uma bonita garota, cheia de vida e impecavelmente vestida em branco fluído, debruçava-se sobre o parapeito e sorria para Goodwin. Ela não era mais escura do que as várias andaluzas de alta descendência; era brilhante e cintilante como o luar tropical.

"Boa tarde, senhorita Paula", disse Goodwin, tirando o chapéu, com seu pronto sorriso. Havia pouca diferença em seu modo de tratar homens e mulheres. Todos em Corálio gostavam de ser cumprimentados pelo grande americano.

"Tem alguma novidade, Senhor Goodwin? Por favor, não diga que não. Está tão quente, não é? Eu me sinto como a Mariana de Tennyson".

"Nao, creio que não tenho novidades para lhe contar", disse Goodwin, com um olhar travesso, "a não ser que o velho Geddie está a cada dia mais rabugento e mal-humorado. Se nada acontecer para acalmá-lo, terei que deixar de fumar em sua varanda — e não há nenhum outro lugar que seja fresco o suficiente".

"Ele não é rabugento", disse Paula Brannigan, impulsivamente. "Quando ele..."

Mas ela parou subitamente e se afastou, corada, pois sua mãe era uma mestiça, e o sangue espanhol trouxe a Paula certa timidez que funcionava como adorno para a outra metade efusiva de sua natureza.

Três heróis
José Martí

O texto: O texto *Três heróis* faz parte dos escritos de *A idade de Ouro* que, na realidade, foi uma revista mensal que Martí publicou para o público infantil, durante a sua larga estadia em Nova Iorque, enquanto preparava uma revolução para libertar Cuba dos abusos cometidos pelo Império Espanhol. Com grande esforço, o escritor conseguiu publicar quatro números da revista em 1889, que hoje se encontram reunidos em forma de livro. Com o intuito de educar as crianças e por depositar nelas a esperança de um mundo melhor, escreveu esses textos nos quais se mesclam a realidade política hispanoamericana, a história desses povos, o seu idealismo revolucionário e a arte da narração, para envolver seu público nesse mundo de histórias inefáveis de lutas e conquistas. *Três Heróis* é uma narrativa em que José Martí apresenta às crianças, com grande maestria, os três grandes revolucionários americanos: Bolívar, San Martín e Hidalgo, responsáveis pela libertação das Américas sob domínio espanhol, ressaltando suas batalhas e conquistas, e, principalmente, os seus valores e seu caráter. Os textos de *A Idade de Ouro* são lidos até hoje em escolas hispano-americanas.

Texto traduzido: Martí, José. *La edad de oro*. Buenos Aires: Nueva Senda, 1972.

O autor: José Julián Martí Pérez (Cuba, 1853-1895) foi político, jornalista, filósofo, poeta e criador do Partido Revolucionário Cubano. Aos 17 anos, devido a seu posicionamento e atividade política, foi condenado a seis anos de trabalhos forçados e exilado pelo governo Espanhol. Publicou em 1871 seu primeiro trabalho de importância *El presídio Político en Cuba*, no qual expôs as crueldades e os horrores vividos no período em que esteve na prisão. Nesta obra já se encontravam presentes o idealismo e o estilo vigoroso martiniano, o que fez com que ele se tornasse conhecido nos círculos internacionais e um dos nomes da modernidade hispanoamericana. Morreu em combate na Guerra Necessária, idealizada e planejada por ele, na tentativa de libertar Cuba do domínio espanhol.

A tradutora: Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento é graduada em Língua Portuguesa e Espanhola, mestre e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente realiza pesquisas em literatura portuguesa e hispanoamericana do início do século XX. Entre seus interesses está a poesia erótica, poesia feminina e mitocrítica.

Tres héroes

"Estos tres hombres son sagrados: Bolívar, de Venezuela; San Martín, del Río de la Plata; Hidalgo, de México."

JOSÉ MARTÍ

Cuentan que un viajero llegó un día a Caracas al anochecer, y sin sacudirse el polvo del camino, no preguntó donde se comía ni se dormía, sino cómo se iba a donde estaba la estatua de Bolívar. Y cuentan que el viajero, solo con los árboles altos y olorosos de la plaza, lloraba frente a la estatua, que parecía que se movía, como un padre cuando se le acerca un hijo. El viajero hizo bien, porque todos los americanos deben querer a Bolívar como a un padre. A Bolívar, y a todos los que pelearon como él por que la América fuese del hombre americano. A todos: al héroe famoso, y al último soldado, que es un héroe desconocido. Hasta hermosos de cuerpo se vuelven los hombres que pelean por ver libre a su patria.

Libertad es el derecho que todo hombre tiene a ser honrado, y a pensar y a hablar sin hipocresía. En América no se podía ser honrado, ni pensar ni hablar. Un hombre que oculta lo que piensa, o no se atreve a decir lo que piensa, no es un hombre honrado. Un hombre que obedece a un mal gobierno, sin trabajar para que el gobierno sea bueno, no es un hombre honrado. Un hombre que se conforma con obedecer a leyes injustas, y permite que pisen el país en que nació, los hombres que se lo maltratan, no es un hombre honrado. El niño, desde que puede pensar, debe pensar en todo lo que ve, debe padecer por todos los que no pueden vivir con honradez, debe trabajar porque puedan ser honrados todos los hombres, y debe ser un hombre honrado. El niño que no piensa en lo que sucede a su alrededor, y se contenta con vivir, sin saber si vive honradamente, es como un hombre que vive del trabajo de un bribón, y está en camino de ser bribón. Hay hombres que son peores que las bestias, porque las bestias necesitan ser libres para

vivir dichosas: el elefante no quiere tener hijos cuando vive preso: la llama del Perú se echa en la tierra y se muere, cuando el indio le habla con rudeza, o le pone más carga de la que puede soportar. El hombre debe ser, por lo menos, tan decoroso como el elefante y como la llama. En América se vivía antes de la libertad como la llama que tiene mucha carga encima. Era necesario quitarse la carga, o morir.

Hay hombres que viven contentos aunque vivan sin decoro. Hay otros que padecen como en agonía cuando ven que los hombres viven sin decoro a su alrededor. En el mundo ha de haber cierta cantidad de decoro, como ha de haber cierta cantidad de luz. Cuando hay muchos hombres sin decoro, hay siempre otros que tienen en sí el decoro de muchos hombres. Esos son los que se rebelan con fuerza terrible contra los que les roban a los pueblos su libertad, que es robarles a los hombres su decoro. En esos hombres van miles de hombres, va un pueblo entero, va la dignidad humana. Esos hombres son sagrados. Estos tres hombres son sagrados: Bolívar, de Venezuela; San Martín, del Río de la Plata; Hidalgo, de México. Se les deben perdonar sus errores, porque el bien que hicieron fue más que sus faltas. Los hombres no pueden ser más perfectos que el sol. El sol quema con la misma luz con que calienta. El sol tiene manchas. Los desagradecidos no hablan más que de las manchas. Los agradecidos hablan de la luz.

Bolívar era pequeño de cuerpo. Los ojos le relampagueaban, y las palabras se le salían de los labios. Parecía como si estuviera esperando siempre la hora de montar a caballo. Era su país, su país oprimido que le pesaba en el corazón, y no le dejaba vivir en paz. La América entera estaba como despertando. Un hombre solo no vale nunca más que un pueblo entero; pero hay hombres que no se cansan, cuando su pueblo se cansa, y que se deciden a la guerra antes que los pueblos, porque no tienen que consultar a nadie más que a sí mismos, y los pueblos tienen muchos hombres, y no pueden consultarse tan pronto. Ese fue el mérito de Bolívar, que no se cansó de pelear por la libertad de Venezuela, cuando parecía que Venezuela se cansaba. Lo habían derrotado los españoles: lo habían echado del país. Él se fue a una isla, a ver su tierra de cerca, a pensar en su tierra.

Un negro generoso lo ayudó cuando ya no lo quería ayudar nadie. Volvió un día a pelear, con trescientos héroes, con los trescientos libertadores. Libertó a Venezuela. Libertó a la Nueva Granada. Libertó al Ecuador. Libertó al Perú. Fundó una nación nueva, la nación de Bolivia. Ganó batallas sublimes con soldados descalzos y medios desnudos. Todo se estremecía y se llenaba de luz a su alrededor. Los generales peleaban a su lado con valor sobrenatural. Era un ejército de jóvenes. Jamás se peleo tanto, ni se peleo

mejor, en el mundo por la libertad. Bolívar no defendió con tanto fuego el derecho de los hombres a gobernarse por sí mismos, como el derecho de América a ser libre. Los envidiosos exageraron sus defectos. Bolívar murió de pesar del corazón, más que de mal del cuerpo, en la casa de un español en Santa Marta. Murió pobre, y dejó una familia de pueblos.

México tenía mujeres y hombres valerosos, que no eran muchos, pero valían por muchos: media docena de hombres y una mujer preparaban el modo de hacer libre a su país. Eran unos cuantos jóvenes valientes, el esposo de una mujer liberal, y un cura de pueblo que quería mucho a los indios, un cura de sesenta años. Desde niño fue el cura Hidalgo de la raza buena, de los que quieren saber. Los que no quieren saber son de la raza mala. Hidalgo sabía francés, que entonces era cosa de mérito, porque lo sabían pocos. Leyó los libros de los filósofos del siglo XVIII, que explicaron el derecho del hombre a ser honrado, y a pensar y a hablar sin hipocresía. Vio a los negros esclavos, y se lleno de horror. Vio maltratar a los indios, que son tan mansos y generosos, y se sentó entre ellos como un hermano viejo, a enseñarles las artes finas que el indio aprende bien: la música, que consuela; la cría del gusano, que da la seda; la cría de la abeja, que da miel. Tenía fuego en sí, y le gustaba fabricar: creó hornos para cocer los ladrillos. Le veían lucir mucho de cuando en cuando los ojos verdes. Todos decían que hablaba muy bien, que sabía mucho nuevo, que daba muchas limosnas el señor cura del pueblo de Dolores. Decían que iba a la ciudad de Querétaro una que otra vez, a hablar con unos cuantos valientes y con el marido de una buena señora. Un traidor le dijo a un comandante español que los amigos de Querétaro trataban de hacer a México libre. El cura montó a caballo, con todo su pueblo, que lo quería como a su corazón; se le fueron juntando los caporales y los sirvientes de las haciendas, que eran la caballería; los indios iban a pie, con palos y flechas, o con hondas y lanzas. Se le unió un regimiento y tomó un convoy de pólvora que iba para los españoles. Entró triunfante en Celaya, con músicas y vivas. Al otro día juntó el Ayuntamiento, lo hicieron general, y empezó un pueblo a nacer. El fabricó lanzas y granadas de mano. Él dijo discursos que dan calor y echan chispas, como decía un caporal de las haciendas. Él declaró libres a los negros. Él les devolvió sus tierras a los indios. Él publicó un periódico que llamó El Despertador Americano. Ganó y perdió batallas. Un día se le juntaban siete mil indios con flechas, y al otro día lo dejaban solo. La mala gente quería ir con él para robar en los pueblos y para vengarse de los españoles. Él les avisaba a los jefes españoles que si los vencía en la batalla que iba a darle los recibiría en su casa como amigos. ¡Eso es ser grande! Se atrevió a ser magnánimo, sin miedo a que lo abandonase la

soldadesca, que quería que fuese cruel. Su compañero Allende tuvo celos de él; y él le cedió el mando a Allende. Iban juntos buscando amparo en su derrota cuando los españoles les cayeron encima. A Hidalgo le quitaron uno a uno, como para ofenderlo, los vestidos de sacerdote. Lo sacaron detrás de una tapia, y le dispararon los tiros de muerte a la cabeza. Cayó vivo, revuelto en la sangre, y en el suelo lo acabaron de matar. Le cortaron la cabeza y la colgaron en una jaula, en la Alhóndiga misma de Granaditas, donde tuvo su gobierno. Enterraron los cadáveres descabezados. Pero México es libre.

San Martín fue el libertador del sur, el padre de la República Argentina, el padre de Chile. Sus padres eran españoles, y a él lo mandaron a España para que fuese militar del rey. Cuando Napoleón entró en España con su ejército, para quitarles a los españoles la libertad, los españoles todos pelearon contra Napoleón: pelearon los viejos, las mujeres, los niños; un niño valiente, un catalancito, hizo huir una noche a una compañía, disparándole tiros y más tiros desde un rincón del monte: al niño lo encontraron muerto, muerto de hambre y de frío; pero tenía en la cara como una luz, y sonreía, como si estuviese contento. San Martín peleó muy bien en la batalla de Bailen, y lo hicieron teniente coronel. Hablaba poco: parecía de acero: miraba como un águila: nadie lo desobedecía: su caballo iba y venía por el campo de pelea, como el rayo por el aire. En cuanto supo que América peleaba para hacerse libre, vino a América: ¿que le importaba perder su carrera, si iba a cumplir con su deber?: llegó a Buenos Aires; no dijo discursos: levantó un escuadrón de caballería: en San Lorenzo fue su primera batalla: sable en mano se fue San Martín detrás de los españoles, que venían muy seguros, tocando el tambor, y se quedaron sin tambor, sin cañones y sin bandera. En los otros pueblos de América los españoles iban venciendo: a Bolívar lo había echado Morillo el cruel de Venezuela: Hidalgo estaba muerto: O'Higgins salió huyendo de Chile; pero donde estaba San Martín siguió siendo libre la América. Hay hombres así, que no pueden ver esclavitud. San Martín no podía; y se fue a libertar a Chile y al Perú. En diez y ocho días cruzo con su ejército los Andes altísimos y fríos: iban los hombres como por el cielo, hambrientos, sedientos; abajo, muy abajo, los árboles parecían yerba, los torrentes rugían como leones. San Martín se encuentra al ejército español y lo deshace en la batalla de Maipo, lo derrota para siempre en la batalla de Chacabuco. Liberta a Chile. Se embarca con su tropa, y va a libertar el Perú. Pero en el Perú estaba Bolívar, y San Martín le cede la gloria. Se fue a Europa triste, y murió en brazos de su hija Mercedes. Escribió su testamento en una cuartilla de papel, como si fuera el parte de una batalla. Le habían regalado el estandarte que el conquistador Pizarro trajo hace cuatro siglos, y él le regaló el

estandarte en el testamento al Perú. Un escultor es admirable, porque saca una figura de la piedra bruta: pero esos hombres que hacen pueblos son como más que hombres. Quisieron algunas veces lo que no debían querer; pero ¿que no le perdonará un hijo su padre? El corazón se llena de ternura al pensar en esos gigantescos fundadores. Esos son héroes; los que pelean para hacer a los pueblos libres, o los que padecen en pobreza y desgracia por defender una gran verdad. Los que pelean por la ambición, por hacer esclavos a otros pueblos, por tener más mando, por quitarle a otro pueblo sus tierras, no son héroes, sino criminales.

Três heróis

"Estes três homens são sagrados: Bolívar, da Venezuela;
San Martín, do Rio da Prata; Hidalgo, do México."

JOSÉ MARTÍ

Contam que um viajante chegou um dia a Caracas ao anoitecer, e sem sacudir o pó do caminho, não perguntou onde se comia nem onde se dormia, apenas como se chegava à estátua de Bolívar. E contam que o viajante, sozinho com as árvores altas e perfumadas da praça, chorava em frente à estátua, que parecia se mover, como um pai quando se aproxima do filho. O viajante fez bem, porque todos os americanos devem amar Bolívar como um pai. Bolívar e todos aqueles que lutaram como ele para que a América fosse do homem americano. Todos: o herói famoso, e o último soldado, que é um herói desconhecido. Até belos de corpos ficam os homens que lutam para ver livre a sua pátria.

Liberdade é o direito que todo homem tem a ser honrado e a pensar e a falar sem hipocrisia. Na América não se podia ser honrado, nem pensar, nem falar. Um homem que oculta o que pensa, ou não se atreve a dizer o que pensa, não é um homem honrado. Um homem que obedece a um mau governo, sem trabalhar para que o governo seja bom, não é um homem honrado. Um homem que se conforma em obedecer a leis injustas, e permite que pisem no país em que nasceu, os homens que o maltratam, não é um homem honrado. A criança, desde que esteja apta a pensar, deve pensar em tudo o que vê, deve padecer por todos que não podem viver com honradez, deve trabalhar para que possam ser honrados todos os homens, e deve ser um homem honrado. A criança que não pensa no que acontece ao seu redor, e se contenta em viver, sem saber se vive honradamente, é como um homem que vive do trabalho de um velhaco, e está no caminho de ser um. Há homens que são piores que os animais, porque os animais necessitam ser livres para

viver felizes; o elefante não que ter crias quando vive preso; a lhama do Peru se lança a terra e morre quando o índio lhe fala com rudeza ou lhe põe mais carga do que pode suportar. O homem deve ser, pelo menos, tão decoroso como o elefante e a lhama. Na América se vivia antes a liberdade como a lhama que leva muita carga. Era necessário desfazer-se da carga, ou morrer.

Há homens que vivem contentes, ainda que vivam sem decoro. Há outros que padecem em agonia quando veem que os homens vivem sem decoro ao seu redor. No mundo há de haver certa quantidade de decoro, como há de haver certa quantidade de luz. Quando há muitos homens sem decoro, há sempre outros que têm em si o decoro de muitos homens. Estes são os que se rebelam com força terrível contra os que roubam dos povos sua liberdade, que é roubar aos homens o seu decoro. Nesses homens vão milhares de homens, vai um povo inteiro, vai a dignidade humana. Esses homens são sagrados. Estes três homens são sagrados: Bolívar[1], da Venezuela; San Martín[2], do Rio da Prata; Hidalgo[3], do México. Seus erros devem ser perdoados, porque o bem que fizeram foi maior que suas faltas. Os homens não podem ser mais perfeitos do que o sol. O sol queima com a mesma luz que aquece. O sol tem manchas. Os ingratos não falam mais do que das manchas. Os gratos falam da luz.

Bolívar era pequeno de corpo. Seus olhos relampejavam, e as palavras lhe saíam dos lábios. Parecia estar sempre esperando a hora de montar a cavalo. Era o seu país, o seu oprimido país que lhe pesava no coração, e não lhe deixava viver em paz. A América inteira estava despertando. Um homem sozinho nunca vale mais que um povo inteiro; mas há homens que não se cansam, quando o seu povo se cansa, e que decidem ir à guerra antes que os povos, porque não têm que consultar ninguém mais que a si mesmos, e os povos têm muitos homens, e não podem se consultar prontamente. Esse foi o mérito de Bolívar, que não se cansou de lutar pela liberdade da Venezuela, quando parecia que a Venezuela se cansava. Os espanhóis o derrotaram e o retiraram do país. Ele se foi a uma ilha, para ver sua terra de perto, para pensar nela.

Um negro generoso lhe ajudou quando ninguém mais já queria lhe ajudar. Voltou um dia a lutar, com trezentos heróis, com os trezentos libertadores. Libertou a Venezuela. Libertou a Nova Granada. Libertou o Equador.

[1] Simón Bolívar (1783-1830): militar e político venezuelano, fundador da Colômbia e uma das figuras mais destacadas da emancipação americana frente ao império espanhol. Sua contribuição foi decisiva para a independência da Bolívia, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela.

[2] José Francisco de San Martín (1778-1950): militar argentino cujas campanhas foram decisivas para a independência da Argentina, Chile e Peru.

[3] Miguel Hidalgo y Costilla (1753-1811), religioso liberal conhecido como o Pai da Pátria mexicana.

Libertou o Peru. Fundou uma nova nação. A nação da Bolívia. Ganhou batalhas sublimes com soldados descalços e quase despidos. Tudo se estremecia e se enchia de luz ao seu redor. Os generais lutavam ao seu lado com valor sobrenatural. Era um exército de jovens. Jamais se lutou tanto, nem se lutou melhor, no mundo, pela liberdade. Bolívar não defendeu com tanto ardor o direito dos homens de governarem a si mesmos, como o direito da América de ser livre. Os invejosos exageraram seus defeitos. Bolívar morreu antes de pesar do coração do que mal do corpo, na casa de um espanhol em Santa Marta. Morreu pobre, e deixou uma família de povos.

No México havia mulheres e homens valorosos, que não eram muitos, mas valiam por muitos: meia dúzia de homens e uma mulher planejavam o modo de tornar o seu país livre. Eram uns quantos jovens valentes, o esposo de uma mulher liberal e um padre do povoado que gostava muito dos índios, um padre de sessenta anos. Desde criança, o padre Hidalgo foi da raça boa, dos que querem saber. Os que não querem saber são da raça ruim. Hidalgo sabia francês, o que então era mérito, porque poucos o sabiam. Leu os livros dos filósofos do século XVIII, que explicavam o direito do homem a ser honrado, a pensar e falar sem hipocrisia. Viu os negros escravos e se encheu de horror. Viu maltratarem os índios, que são tão mansos e generosos, e se sentou entre eles como um irmão velho, para ensinar-lhes as artes finas que o índio aprende bem: a música, que consola; a criação do bicho-da-seda, que dá a seda; a criação de abelhas, que dá o mel. Tinha fogo em si e gostava de construir: criou fornos para cozer os tijolos. De vez em quando, viam seus olhos verdes brilharem muito. Todos diziam que falava muito bem, que sabia muito do que era novo, que dava muitas esmolas ao padre do povoado de Dolores. Diziam que ia à cidade de Querétaro uma vez ou outra, para falar com uns quantos valentes e com o marido de uma boa senhora. Um traidor disse a um comandante espanhol que os amigos de Querétaro planejavam tornar o México livre. O padre montou a cavalo, com todo o seu povo, que o amava de coração; foram se juntando a ele os capatazes e os serventes das fazendas, que eram a cavalaria; os índios iam a pé, com paus e flechas, ou com atiradeiras e lanças. Uniu-se a ele um regimento e raptou um comboio de pólvora que ia para os espanhóis. Entrou triunfante em Celaya, com música e vivas. No dia seguinte, reuniu o Conselho Municipal, tornaram-no general, e um povo começou a nascer. Ele fabricou lanças e granadas de mão. Ele fez discursos que aquecem e lançam faíscas, como dizia um capataz das fazendas. Ele declarou os negros livres. Ele devolveu as terras aos índios. Ele publicou um jornal chamado *O Despertar Americano*. Ganhou e perdeu batalhas. Num dia, juntavam-se a ele sete mil índios com flechas, e no seguinte, deixavam-no

sozinho. A gente ruim queria ir com ele para roubar nos povoados e se vingar dos espanhóis. Ele avisava aos chefes espanhóis que, caso os vencesse na batalha que ia acontecer, os receberia em sua casa como amigos. Isso é ser grande! Atreveu-se a ser magnânimo, sem medo que a soldadesca o abandonasse, que queria que ele fosse cruel. Seu companheiro Allende teve ciúmes dele; e ele cedeu o comando a Allende. Iam juntos buscando amparar-se da derrota quando os espanhóis caíram em cima. De Hidaldo tiraram uma a uma, como para ofendê-lo, as roupas de sacerdote. Jogaram-no atrás de um muro, e lhe dispararam os tiros mortais na cabeça. Caiu vivo, revolto em sangue, e no chão acabaram de matá-lo. Cortaram sua cabeça e penduraram-na em uma jaula, na própria Alhóndiga de Granaditas[4], onde teve o seu governo. Enterraram os cadáveres decapitados. Mas o México é livre.

San Martín foi o libertador do sul, o pai da República Argentina, o pai do Chile. Seus pais eram espanhóis, e mandaram-no à Espanha para que fosse militar do rei. Quando Napoleão entrou na Espanha com o seu exército, para tomar a liberdade dos espanhóis, todos os espanhóis lutaram contra Napoleão: lutaram os velhos, lutaram as mulheres, as crianças; um menino valente, um catalãozinho, fez uma companhia fugir uma noite, disparando-lhes tiros e mais tiros de um canto do monte. Encontraram o menino morto, morto de fome e de frio; mas tinha no rosto uma luz, e sorria, como se estivesse contente. San Martín lutou muito bem na batalha de Bailen, e tornaram-no tenente-coronel. Falava pouco; parecia de aço; mirava como uma águia; ninguém o desobedecia; seu cavalo ia e vinha pelo campo de batalha, como o raio pelo ar. Logo que soube que a América lutava para ser livre, veio para a América: que lhe importava perder sua carreira se ia cumprir com seu dever? Chegou a Buenos Aires, não fez discursos: levantou um esquadrão de cavalaria. Em San Lorenzo foi sua primeira batalha: com o sabre na mão Martín correu atrás dos espanhóis, que vinham muito confiantes, tocando o tambor, e ficaram sem tambor, sem canhões e sem bandeira. Nos outros povos da América os espanhóis iam vencendo: Bolívar fora deposto por Morillo[5], o cruel da Venezuela[6]; Hidalgo estava morto; O'Higgins escapara do Chile; mas onde estava San Martín seguiu sendo livre a América. Há homens assim, que não podem ver escravidão. San Martín não podia; e seguiu para libertar o Chile e o Peru. Em dezoito dias cruzou com seus homens os altos e gelados Andes: iam os homens como pelo céu,

[4] Alhóndiga de Granaditas, edifício construído em Guanajuato, México, no final do séc. XVIII, usado como armazém se tornou um dos principais cenários da luta de independência do país, em 1810.
[5] Pablo Morillo: general espanhol que lutou no exército de Fernando VII na guerra de independência da Espanha contra os exércitos de Napoleão e chegou à Venezuela no ano de 1815, quando iniciou sua campanha militar.
[6] Morillo ficou assim conhecido na Venezuela pelo alto número de vítimas inocentes mortas em suas campanhas.

famintos, sedentos; abaixo, muito abaixo, as árvores pareciam relva, as torrentes rugiam como leões. San Martín se depara com o exército espanhol e o dispersa na batalha de Maipo, e o derrota para sempre na batalha de Chacabuco. Liberta o Chile. Embarca com sua tropa e vai libertar o Peru. Mas no Peru estava Bolívar, e San Martín lhe cede a glória. Voltou triste à Europa, e morreu nos braços de sua filha Mercedes. Escreveu seu testamento em um bilhete de papel, como se fora ele parte de uma batalha. Presentearam-lhe o estandarte que o conquistador Pizarro trouxe há quatro séculos atrás, e ele o presenteou em seu testamento ao Peru. Um escultor é admirável, pois cria uma figura a partir de uma pedra bruta, mas esses homens que fazem nações são mais que homens. Quiseram algumas vezes o que não deveriam querer: Mas o que não perdoará um filho a seu pai? O coração se enche de ternura ao pensar nesses gigantes fundadores. Esses são heróis: os que lutam para libertar os povos, ou os que padecem na pobreza e na desgraça por defender uma grande verdade. Os que lutam pela ambição, para escravizar outros povos, para ter mais poder, para tirar de outro povo suas terras, não são heróis, senão criminosos.

A flor vermelha
Vsêvolod Gárchin

O texto: O conto *A flor vermelha* escrito em 1883 é considerado uma das obras-primas da literatura russa. Ao abordar o clássico tema da luta de um individualista fadado à morte contra o mal universal, Vsêvolod Gárchin usa como pano de fundo a detalhada e clinicamente exata descrição de um grave distúrbio psíquico e, dessa maneira, leva sua obra às dimensões deveras transcendentais. "É difícil imaginar aquela época remota em que este (...) conto cesse de comover e enternecer os corações com o seu conteúdo profundamente trágico e de deixá-los admirados com sua beleza extraordinária e a severa simplicidade de suas imagens" — assim a caracteriza Vladímir Korolênko, grande escritor e crítico russo.

Texto traduzido: Всеволод Гаршин. *Сочинения*. Москва-Ленинград, 1960.

O autor: Vsêvolod Mikháilovitch Gárchin nasceu em fevereiro de 1855, numa fazenda situada na região de Yekaterinoslav (Ucrânia). Estudou no 7º Ginásio e no Instituto de Minas de São Petersburgo. Sem ter completado o curso, ingressou, como voluntário, no exército russo (1877) e participou da guerra contra a Turquia. Ferido na perna, foi promovido a oficial e, pouco depois, reformado. As impressões da campanha militar serviram de base para o conto *Quatro dias*, o qual deu início à carreira literária de Gárchin. Diversas estórias de cunho simbólico – *O acidente, O poltrão, O encontro, Pintores, Attalea princeps*, entre outras – tornaram-no conhecido nos círculos letrados da Rússia. Na década de 1880, o escritor sofria de uma profunda depressão, sendo repetidamente internado em hospitais psiquiátricos. Cometeu suicídio em março de 1888, atirando-se no vão da escadaria do prédio em que morava.

O tradutor: Nascido na Bielorrússia e radicado no Brasil, Oleg Almeida é poeta e tradutor. Além dos livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (7Letras: 2008) e *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (7Letras: 2011), publicou várias traduções do russo e do francês. É idealizador do projeto "Stéphanos: enciclopédia virtual da poesia lusófona contemporânea", mantido no site: www.olegalmeida.com, e colaborador das mídias impressas e eletrônicas.

Красный цветок

“Цветок в его глазах... впитал в себя всю невинно пролитую кровь, все слёзы, всю жёлчь человечества.”

ВСЕВОЛОД ГАРШИН

Памяти Ивана Сергеевича Тургенева

I

– Именем его императорского величества, государя императора Петра Первого, объявляю ревизию сему сумасшедшему дому!

Эти слова были сказаны громким, резким, звенящим голосом. Писарь больницы, записывавший больного в большую истрёпанную книгу на залитом чернилами столе, не держался от улыбки. Но двое молодых людей, сопровождавшие больного, не смеялись: они едва держались на ногах после двух суток проведённых без сна, наедине с безумным, которого они только что привезли по железной дороге. На предпоследней станции припадок бешенства усилился; где-то достали сумасшедшую рубаху и, позвав кондукторов и жандарма, надели на больного. Так привезли его в город, так доставили и в больницу.

Он был страшен. Сверх изорванного во время припадка в клочья серого платья куртка из грубой парусины с широким вырезом обтягивала его стан; длинные рукава прижимали его руки к груди накрест и были завязаны сзади. Воспалённые, широко раскрытые глаза (он не спал десять суток) горели неподвижным горячим блеском; нервная судорога подёргивала край нижней губы; спутанные курчавые волосы падали гривой на лоб; он быстрыми тяжёлыми шагами ходил из угла в угол конторы, пытливо

осматривая старые шкапы с бумагами и клеёнчатые стулья и изредка взглядывая на своих спутников.

— Сведите его в отделение. Направо.

— Я знаю, знаю. Я был уже здесь с вами в прошлом году. Мы осматривали больницу. Я всё знаю, и меня будет трудно обмануть, — сказал больной.

Он повернулся к двери. Сторож растворил её перед ним; тою же быстрою, тяжёлою и решительною походкою, высоко подняв безумную голову, он вышел из конторы и почти бегом пошёл направо, в отделение душевнобольных. Провожавшие едва успевали идти за ним.

— Позвони. Я не могу. Вы связали мне руки.

Швейцар отворил двери, и путники вступили в больницу.

Это было большое каменное здание старинной казённой постройки. Два больших зала, один — столовая, другой — общее помещение для спокойных больных, широкий коридор со стеклянною дверью, выходившей в сад с цветником, и десятка два отдельных комнат, где жили больные, занимали нижний этаж; тут же были устроены две тёмные комнаты, одна обитая тюфяками, другая досками, в которые сажали буйных, и огромная мрачная комната со сводами — ванная. Верхний этаж занимали женщины. Нестройный шум, прерываемый завываниями и воплями, нёсся оттуда. Больница была устроена на восемьдесят человек, но так как она одна служила на несколько окрестных губерний, то в ней помещалось до трёхсот. В небольших каморках было по четыре и по пяти кроватей; зимой, когда больных не выпускали в сад и все окна за железными решётками бывали наглухо заперты, в больнице становилось невыносимо душно.

Нового больного отвели в комнату, где помещались ванны. И на здорового человека она могла произвести тяжёлое впечатление, а на расстроенное, возбуждённое воображение действовала тем более тяжело. Это была большая комната со сводами, с липким каменным полом, освещённая одним, сделанным в углу, окном; стены и своды были выкрашены тёмно-красною масляною краскою; в почерневшем от грязи полу, в уровень с ним, были вделаны две каменные ванны, как две овальные, наполненные водою ямы. Огромная медная печь с цилиндрическим котлом для нагревания воды и целой системой медных трубок и кранов занимала угол против окна; всё носило необыкновенно мрачный и фантастический для расстроенной головы характер, и заведовавший ваннами сторож, толстый, вечно молчавший хохол, своею мрачною физиономиею увеличивал впечатление.

И когда больного привели в эту страшную комнату, чтобы сделать ему ванну и, согласно с системой лечения главного доктора больницы, наложить ему на затылок большую мушку, он пришёл в ужас и ярость. Нелепые мысли, одна чудовищнее другой, завертелись в его голове. Что это? Инквизиция? Место тайной казни, где враги его решили покончить с ним? Может быть, самый ад? Ему пришло, наконец, в голову, что это какое-то испытание. Его раздели, несмотря на отчаянное сопротивление. С удвоенною от болезни силою он легко вырывался из рук нескольких сторожей, так что они падали на пол; наконец четверо повалили его, и, схватив за руки и за ноги, опустили в тёплую воду. Она показалась ему кипятком, и в безумной голове мелькнула бессвязная отрывочная мысль об испытании кипятком и калёным железом. Захлёбываясь водою и судорожно барахтаясь руками и ногами, за которые его крепко держали сторожа, он, задыхаясь, выкрикивал бессвязную речь, о которой невозможно иметь представления, не слышав её на самом деле. Тут были и молитвы и проклятия. Он кричал, пока не выбился из сил, и, наконец, тихо, с горячими слезами, проговорил фразу, совершенно не вязавшуюся с предыдущей речью:

— Святой великомученик Георгий! В руки твои предаю тело моё. А дух — нет, о нет!..

Сторожа всё ещё держали его, хотя он и успокоился. Тёплая ванна и пузырь со льдом, положенный на голову, произвели своё действие. Но когда его, почти бесчувственного, вынули из воды и посадили на табурет, чтобы поставить мушку, остаток сил и безумные мысли снова точно взорвало.

— За что? За что? — кричал он. — Я никому не хотел зла. За что убивать меня? О-о-о! О Господи! О вы, мучимые раньше меня! Вас молю, избавьте...

Жгучее прикосновение к затылку заставило его отчаянно биться. Прислуга не могла с ним справиться и не знала, что делать.

— Ничего не поделаешь, — сказал производивший операцию солдат. — Нужно стереть.

Эти простые слова привели больного в содрогание. “Стереть!.. Что стереть? Кого стереть? Меня!” — подумал он и в смертельном ужасе закрыл глаза. Солдат взял за два конца грубое полотенце и, сильно нажимая, быстро провёл им по затылку, сорвав с него и мушку и верхний слой кожи и оставив обнажённую красную ссадину. Боль от этой операции, невыносимая и для спокойного и здорового человека, показалась больному концом всего. Он отчаянно рванулся всем телом, вырвался из рук сторожей, и его нагое тело покатилось по каменным плитам. Он думал, что ему

отрубили голову. Он хотел крикнуть и не мог. Его отнесли на койку в беспамятстве, которое перешло в глубокий, мёртвый и долгий сон.

II

Он очнулся ночью. Всё было тихо; из соседней большой комнаты слышалось дыхание спящих больных. Где-то далеко монотонным, странным голосом разговаривал сам с собою больной, посаженный на ночь в тёмную комнату, да сверху, из женского отделения, хриплый контральто пел какую-то дикую песню. Больной прислушивался к этим звукам. Он чувствовал страшную слабость и разбитость во всех членах; шея его сильно болела.

“Где я? Что со мной?” пришло ему в голову. И вдруг с необыкновенною яркостью ему представился последний месяц его жизни, и он понял, что он болен и чем болен. Ряд нелепых мыслей, слов и поступков вспомнился ему, заставляя содрогаться всем существом.

— Но это кончено, слава Богу, это кончено! — прошептал он и снова уснул.

Открытое окно с железными решётками выходило в маленький закоулок между большими зданиями и каменной оградой; в этот закоулок никто никогда не заходил, и он весь густо зарос каким-то диким кустарником и сиренью, пышно цветшею в то время года... За кустами, прямо против окна, темнела высокая ограда, высокие верхушки деревьев большого сада, облитые и проникнутые лунным светом, глядели из-за неё. Справа подымалось белое здание больницы с освещёнными изнутри окнами с железными решётками; слева — белая, яркая от луны, глухая стена мертвецкой. Лунный свет падал сквозь решетку окна внутрь комнаты, на пол, и освещал часть постели и измученное, бледное лицо больного с закрытыми глазами; теперь в нём не было ничего безумного. Это был глубокий, тяжёлый сон измученного человека, без сновидений, без малейшего движения и почти без дыхания. На несколько мгновений он проснулся в полной памяти, как будто бы здоровым, затем чтобы утром встать с постели прежним безумцем.

III

— Как вы себя чувствуете? — спросил его на другой день доктор.

Больной, только что проснувшись, ещё лежал под одеялом.

— Отлично! — отвечал он, вскакивая, надевая туфли и хватаясь за халат. — Прекрасно! Только одно: вот!

Он показал себе на затылок.

— Я не могу повернуть шеи без боли. Но это ничего. Всё хорошо, если его понимаешь; а я понимаю.

— Вы знаете, где вы?

— Конечно, доктор! Я в сумасшедшем доме. Но ведь, если понимаешь, это решительно всё равно. Решительно всё равно.

Доктор пристально смотрел ему в глаза. Его красивое холёное лицо с превосходно расчёсанной золотистой бородой и спокойными голубыми глазами, смотревшими сквозь золотые очки, было неподвижно и непроницаемо. Он наблюдал.

— Что вы так пристально смотрите на меня? Вы не прочтёте того, что у меня в душе, — продолжал больной, — а я ясно читаю в вашей! Зачем вы делаете зло? Зачем вы собрали эту толпу несчастных и держите её здесь? Мне всё равно: я всё понимаю и спокоен; но они? К чему эти мученья? Человеку, который достиг того, что в душе его есть великая мысль, общая мысль, ему всё равно, где жить, что чувствовать. Даже жить и не жить... Ведь так?

— Может быть, — отвечал доктор, садясь на стул в углу комнаты так, чтобы видеть больного, который быстро ходил из угла в угол, шлёпая огромными туфлями конской кожи и размахивая полами халата из бумажной материи с широкими красными полосами и крупными цветами. Сопровождавшие доктора фельдшер и надзиратель продолжали стоять навытяжку у дверей.

— И у меня она есть! — воскликнул больной. — И когда я нашел её, я почувствовал себя переродившимся. Чувства стали острее, мозг работает, как никогда. Что прежде достигалось длинным путём умозаключений и догадок, теперь я познаю интуитивно. Я достиг реально того, что выработано философией. Я переживаю самим собою великие идеи о том, что пространство и время — суть фикции. Я живу во всех веках. Я живу без пространства, везде или нигде, как хотите. И поэтому мне всё равно, держите ли вы меня здесь или отпустите на волю, свободен я или связан. Я заметил, что тут есть ещё несколько таких же. Но для остальной толпы такое положение ужасно. Зачем вы не освободите их? Кому нужно...

— Вы сказали, — перебил его доктор, — что вы живёте вне времени и пространства. Однако нельзя не согласиться, что мы с вами в этой комнате и

что теперь, — доктор вынул часы, — половина одиннадцатого 6-го мая 18** года. Что вы думаете об этом?

— Ничего. Мне всё равно, где ни быть и когда ни жить. Если мне всё равно, не значит ли это, что я везде и всегда?

Доктор усмехнулся.

— Редкая логика, — сказал он, вставая. — Пожалуй, вы правы. До свидания. Не хотите ли вы сигарку?

— Благодарю вас. — Он остановился, взял сигару и нервно откусил её кончик. — Это помогает думать, — сказал он. — Это мир, микрокосм. На одном конце щёлочи, на другом — кислоты... Таково равновесие и мира, в котором нейтрализуются противоположные начала. Прощайте, доктор!

Доктор отправился дальше. Большая часть больных ожидала его, вытянувшись у своих коек. Никакое начальство не пользуется таким почётом от своих подчинённых, каким доктор-психиатр от своих помешанных.

А больной, оставшись один, продолжал порывисто ходить из угла в угол камеры. Ему принесли чай; он, не присаживаясь, в два приёма опорожнил большую кружку и почти в одно мгновение съел большой кусок белого хлеба. Потом он вышел из комнаты и несколько часов, не останавливаясь, ходил своею быстрою и тяжёлой походкой из конца в конец всего здания. День был дождливый, и больных не выпускали в сад. Когда фельдшер стал искать нового больного, ему указали на конец коридора; он стоял здесь, прильнувши лицом к стеклу стеклянной садовой двери, и пристально смотрел на цветник. Его внимание привлёк необыкновенно яркий алый цветок, один из видов мака.

— Пожалуйте взвеситься, — сказал фельдшер, трогая его за плечо.

И когда тот повернулся к нему лицом, он чуть не отшатнулся в испуге: столько дикой злобы и ненависти горело в безумных глазах. Но увидав фельдшера, он тотчас же переменил выражение лица и послушно пошёл за ним, не сказав ни одного слова, как будто погружённый в глубокую думу. Они прошли в докторский кабинет; больной сам встал на платформу небольших десятичных весов: фельдшер, свесив его, отметил в книге против его имени 109 фунтов. На другой день было 107, на третий 106.

— Если так пойдёт дальше, он не выживет, — сказал доктор и приказал кормить его как можно лучше.

Но, несмотря на это и на необыкновенный аппетит больного, он худел с каждым днём, и фельдшер каждый день записывал в книгу всё меньшее и

меньшее число фунтов. Больной почти не спал и целые дни проводил в непрерывном движении.

IV

Он сознавал, что он в сумасшедшем доме; он сознавал даже, что он болен. Иногда, как в первую ночь, он просыпался среди тишины после целого дня буйного движения, чувствуя ломоту во всех членах и страшную тяжесть в голове, но в полном сознании. Может быть, отсутствие впечатлений в ночной тишине и полусвете, может быть, слабая работа мозга только что проснувшегося человека делали то, что в такие минуты он ясно понимал своё положение и был как будто бы здоров. Но наступал день; вместе со светом и пробуждением жизни в больнице его снова волною охватывали впечатления; больной мозг не мог справиться с ними, и он снова был безумным. Его состояние было странною смесью правильных суждений и нелепостей. Он понимал, что вокруг него все больные, но в то же время в каждом из них видел какое-нибудь тайно скрывающееся или скрытое лицо, которое он знал прежде или о котором читал или слыхал. Больница была населена людьми всех времён и всех стран. Тут были и живые и мёртвые. Тут были знаменитые и сильные мира и солдаты, убитые в последнюю войну и воскресшие. Он видел себя в каком-то волшебном, заколдованном круге, собравшем в себя всю силу земли, и в горделивом исступлении считал себя за центр этого круга. Все они, его товарищи по больнице, собрались сюда затем, чтобы исполнить дело, смутно представлявшееся ему гигантским предприятием, направленным к уничтожению зла на земле. Он не знал, в чём оно будет состоять, но чувствовал в себе достаточно сил для его исполнения. Он мог читать мысли других людей; видел в вещах всю их историю; большие вязы в больничном саду рассказывали ему целые легенды из пережитого; здание, действительно построенное довольно давно, он считал постройкой Петра Великого и был уверен, что царь жил в нём в эпоху Полтавской битвы. Он прочёл это на стенах, на обвалившейся штукатурке, на кусках кирпича и изразцов, находимых им в саду; вся история дома и сада была написана на них. Он населил маленькое здание мертвецкой десятками и сотнями давно умерших людей и пристально вглядывался в оконце, выходившее из её подвала в уголок сада, видя в неровном отражении света в старом радужном и грязном стекле знакомые черты, виденные им когда-то в жизни или на портретах.

Между тем наступила ясная, хорошая погода; больные целые дни проводили на воздухе в саду. Их отделение сада, небольшое, но густо заросшее деревьями, было везде, где только можно, засажено цветами. Надзиратель заставлял работать в нём всех сколько-нибудь способных к труду; целые дни они мели и посыпали песком дорожки, пололи и поливали грядки цветов, огурцов, арбузов и дынь, вскопанные их же руками. Угол сада зарос густым вишняком; вдоль него тянулись аллеи из вязов; посредине, на небольшой искусственной горке, был разведён самый красивый цветник во всём саду; яркие цветы росли по краям верхней площадки, а в центре её красовалась большая, крупная и редкая, жёлтая с красными крапинками далия. Она составляла центр и всего сада, возвышаясь над ним, и можно было заметить, что многие больные придавали ей какое-то таинственное значение. Новому больному она казалась тоже чем-то не совсем обыкновенным, каким-то палладиумом сада и здания. Все дорожки были также обсажены руками больных. Тут были всевозможные цветы, встречающиеся в малороссийских садиках: высокие розы, яркие петунии, кусты высокого табаку с небольшими розовыми цветами, мята, бархатцы, настурции и мак. Тут же, недалеко от крыльца, росли три кустика мака какой-то особенной породы; он был гораздо меньше обыкновенного и отличался от него необыкновенною яркостью алого цвета. Этот цветок и поразил больного, когда он в первый день после поступления в больницу смотрел в сад сквозь стеклянную дверь.

Выйдя в первый раз в сад, он прежде всего, не сходя со ступеней крыльца, посмотрел на эти яркие цветы. Их было всего только два; случайно они росли отдельно от других и на невыполотом месте, так что густая лебеда и какой-то бурьян окружали их.

Больные один за другим выходили из дверей, у которых стоял сторож и давал каждому из них толстый белый, вязанный из бумаги колпак с красным крестом на лбу. Колпаки эти побывали на войне и были куплены на аукционе. Но больной, само собою разумеется, придавал этому красному кресту особое, таинственное значение. Он снял с себя колпак и посмотрел на крест, потом на цветы мака. Цветы были ярче.

— Он побеждает, — сказал больной, — но мы посмотрим.

И он сошёл с крыльца. Осмотревшись и не заметив сторожа, стоявшего сзади него, он перешагнул грядку и протянул руку к цветку, но не решился сорвать его. Он почувствовал жар и колотьё в протянутой руке, а потом и во всём теле, как будто бы какой-то сильный ток неизвестной ему силы исходил от красных лепестков и пронизывал всё его тело. Он придвинулся ближе и протянул руку к самому цветку, но цветок, как ему казалось,

защищался, испуская ядовитое, смертельное дыхание. Голова его закружилась; он сделал последнее отчаянное усилие и уже схватился за стебелек, как вдруг тяжёлая рука легла ему на плечо. Это сторож схватил его.

— Нельзя рвать, — сказал старик-хохол. — И на грядку не ходи. Тут много вас, сумасшедших, найдётся: каждый по цветку, весь сад разнесут, — убедительно сказал он, всё держа его за плечо.

Больной посмотрел ему в лицо, молча освободился от его руки и в волнении пошёл по дорожке. "О несчастные! — думал он. — Вы не видите, вы ослепли до такой степени, что защищаете его. Но во что бы то ни стало я покончу с ним. Не сегодня, так завтра мы померяемся силами. И если я погибну, не всё ли равно..."

Он гулял по саду до самого вечера, заводя знакомства и ведя странные разговоры, в которых каждый из собеседников слышал только ответы на свои безумные мысли, выражавшиеся нелепо-таинственными словами. Больной ходил то с одним товарищем, то с другим и к концу дня ещё более убедился, что "всё готово", как он сказал сам себе. Скоро, скоро распадутся железные решётки, все эти заточённые выйдут отсюда и помчатся во все концы земли, и весь мир содрогнётся, сбросит с себя ветхую оболочку и явится в новой, чудной красоте. Он почти забыл о цветке, но, уходя из сада и поднимаясь на крыльцо, снова увидел в густой потемневшей и уже начинавшей роситься траве точно два красных уголька. Тогда больной отстал от толпы и, став позади сторожа, выждал удобного мгновения. Никто не видел, как он перескочил через грядку, схватил цветок и торопливо спрятал его на своей груди под рубашкой. Когда свежие, росистые листья коснулись его тела, он побледнел как смерть и в ужасе широко раскрыл глаза. Холодный пот выступил у него на лбу.

В больнице зажгли лампы; в ожидании ужина большая часть больных улеглась на постели, кроме нескольких беспокойных, торопливо ходивших по коридору и залам. Больной с цветком был между ними. Он ходил, судорожно сжав руки у себя на груди крестом: казалось, он хотел раздавить, размозжить спрятанное на ней растение. При встрече с другими он далеко обходил их, боясь прикоснуться к ним краем одежды. "Не подходите, не подходите!" — кричал он. Но в больнице на такие возгласы мало кто обращал внимание. И он ходил всё скорее и скорее, делал шаги всё больше и больше, ходил час, два с каким-то остервенением.

— Я утомлю тебя. Я задушу тебя! — глухо и злобно говорил он.

Иногда он скрежетал зубами.

В столовую подали ужинать. На большие столы без скатертей поставили по нескольку деревянных крашеных и золочёных мисок с жидкою пшённою кашицею; больные уселись на лавки; им раздали по ломтю чёрного хлеба. Ели деревянными ложками человек по восьми из одной миски. Некоторым, пользовавшимся улучшенной пищей, подали отдельно. Наш больной, быстро проглотив свою порцию, принесённую сторожем, который позвал его в его комнату, не удовольствовался этим и пошёл в общую столовую.

— Позвольте мне сесть здесь, — сказал он надзирателю.

— Разве вы не ужинали? — спросил надзиратель, разливая добавочные порции каши в миски.

— Я очень голоден. И мне нужно сильно подкрепиться. Вся моя поддержка в пище; вы знаете, что я совсем не сплю.

— Кушайте, милый, на здоровье. Тарас, дай им ложку и хлеба.

Он подсел к одной из чашек и съел ещё огромное количество каши.

— Ну, довольно, довольно, — сказал, наконец, надзиратель, когда все кончили ужинать, а наш больной ещё продолжал сидеть над чашкой, черпая из неё одной рукой кашу, а другой крепко держась за грудь. — Объедитесь.

— Эх, если бы вы знали, сколько сил мне нужно, сколько сил! Прощайте, Николай Николаич, — сказал больной, вставая из — за стола и крепко сжимая руку надзирателя. — Прощайте.

— Куда же вы? — спросил с улыбкой надзиратель.

— Я? Никуда. Я остаюсь. Но, может быть, завтра мы не увидимся. Благодарю вас за вашу доброту.

И он ещё раз крепко пожал руку надзирателю. Голос его дрожал, на глазах выступили слёзы.

— Успокойтесь, милый, успокойтесь, — отвечал надзиратель. — К чему такие мрачные мысли? Подите, лягте да засните хорошенько. Вам больше спать следует; если будете спать хорошо, скоро и поправитесь.

Больной рыдал. Надзиратель отвернулся, чтобы приказать сторожам поскорее убирать остатки ужина. Через полчаса в больнице всё уже спало, кроме одного человека, лежавшего нераздетым на своей постели в угловой комнате. Он дрожал как в лихорадке и судорожно стискивал себе грудь, всю пропитанную, как ему казалось, неслыханно смертельным ядом.

V

Он не спал всю ночь. Он сорвал этот цветок, потому что видел в таком поступке подвиг, который он был обязан сделать. При первом взгляде сквозь стеклянную дверь алые лепестки привлекли его внимание, и ему показалось, что он с этой минуты вполне постиг, что именно должен он совершить на земле. В этот яркий красный цветок собралось всё зло мира. Он знал, что из мака делается опиум; может быть, эта мысль, разрастаясь и принимая чудовищные формы, заставила его создать страшный фантастический призрак. Цветок в его глазах осуществлял собою всё зло; он впитал в себя всю невинно пролитую кровь (оттого он и был так красен), все слёзы, всю жёлчь человечества. Это было таинственное, страшное существо, противоположность Богу, Ариман, принявший скромный и невинный вид. Нужно было сорвать его и убить. Но этого мало, — нужно было не дать ему при издыхании излить всё своё зло в мир. Потому-то он и спрятал его у себя на груди. Он надеялся, что к утру цветок потеряет всю свою силу. Его зло перейдёт в его грудь, его душу, и там будет побеждено или победит — тогда сам он погибнет, умрёт, но умрёт как честный боец и как первый боец человечества, потому что до сих пор никто не осмеливался бороться разом со всем злом мира.

— Они не видели его. Я увидел. Могу ли я оставить его жить? Лучше смерть.

И он лежал, изнемогая в призрачной, несуществующей борьбе, но всё-таки изнемогая. Утром фельдшер застал его чуть живым. Но, несмотря на это, через несколько времени возбуждение взяло верх, он вскочил с постели и по-прежнему забегал по больнице, разговаривая с больными и сам с собою громче и несвязнее, чем когда-нибудь. Его не пустили в сад; доктор, видя, что вес его уменьшается, а он всё не спит и всё ходит и ходит, приказал впрыснуть ему под кожу большую дозу морфия. Он не сопротивлялся: к счастью, в это время его безумные мысли как-то совпали с этой операцией. Он скоро заснул; бешеное движение прекратилось, и постоянно сопутствовавший ему, создавшийся из такта его порывистых шагов, громкий мотив исчез из ушей. Он забылся и перестал думать обо всём, и даже о втором цветке, который нужно было сорвать.

Однако он сорвал его через три дня, на глазах у старика, не успевшего предупредить его. Сторож погнался за ним. С громким торжествующим воплем больной вбежал в больницу и, кинувшись в свою комнату, спрятал растение на груди.

— Ты зачем цветы рвёшь? — спросил прибежавший за ним сторож. Но больной, уже лежавший на постели в привычной позе со скрещёнными руками, начал говорить такую чепуху, что сторож только молча снял с него забытый им в поспешном бегстве колпак с красным крестом и ушел. И призрачная борьба началась снова. Больной чувствовал, что из цветка длинными, похожими на змей, ползучими потоками извивается зло; они опутывали его, сжимали и сдавливали члены и пропитывали всё тело своим ужасным содержанием. Он плакал и молился Богу в промежутках между проклятиями, обращёнными к своему врагу. К вечеру цветок завял. Больной растоптал почерневшее растение, подобрал остатки с пола и понес в ванную. Бросив бесформенный комочек зелени в раскалённую каменным углём печь, он долго смотрел, как его враг шипел, съёживался и наконец превратился в нежный снежно-белый комочек золы. Он дунул, и всё исчезло.

На другой день больному стало хуже. Страшно бледный, с ввалившимися щеками, с глубоко ушедшими внутрь глазных впадин горящими глазами, он, уже шатающеюся походкой и часто спотыкаясь, продолжал свою бешеную ходьбу и говорил, говорил без конца.

— Мне не хотелось бы прибегать к насилию, — сказал своему помощнику старший доктор.

— Но ведь необходимо остановить эту работу. Сегодня в нем девяносто три фунта веса. Если так пойдёт дальше, он умрёт через два дня.

Старший доктор задумался.

— Морфий? Хлорал? — сказал он полувопросительно.

— Вчера морфий уже не действовал.

— Прикажите связать его. Впрочем, я сомневаюсь, чтобы он уцелел.

VI

И больного связали. Он лежал, одетый в сумасшедшую рубаху, на своей постели, крепко привязанный широкими полосами холста к железным перекладинам кровати. Но бешенство движений не уменьшилось, а скорее возросло. В течение многих часов он упорно силился освободиться от своих пут. Наконец однажды, сильно рванувшись, он разорвал одну из повязок, освободил ноги и, выскользнув из-под других, начал со связанными руками расхаживать по комнате, выкрикивая дикие, непонятные речи.

— О, щоб тоби!.. — закричал вошедший сторож. — Який тоби бис помогае! Грицко! Иван! Идите швидче, бо вин развязавсь.

Они втроём накинулись на больного, и началась долгая борьба, утомительная для нападавших и мучительная для защищавшегося человека, тратившего остаток истощённых сил. Наконец его повалили на постель и скрутили крепче прежнего.

— Вы не понимаете, что вы делаете! — кричал больной, задыхаясь. — Вы погибаете! Я видел третий, едва распустившийся. Теперь он уже готов. Дайте мне кончить дело! Нужно убить его, убить! убить! Тогда всё будет кончено, всё спасено. Я послал бы вас, но это могу сделать только один я. Вы умерли бы от одного прикосновения.

— Молчите, паныч, молчите! — сказал старик-сторож, оставшийся дежурить около постели.

Больной вдруг замолчал. Он решился обмануть сторожей. Его продержали связанным целый день и оставили в таком положении на ночь. Накормив его ужином, сторож постлал что-то около постели и улёгся. Через минуту он спал крепким сном, а больной принялся за работу.

Он изогнулся всем телом, чтобы коснуться железной продольной перекладины постели, и, нащупав её спрятанной в длинном рукаве сумасшедшей рубахи кистью руки, начал быстро и сильно тереть рукав об железо. Через несколько времени толстая парусина подалась, и он высвободил указательный палец. Тогда дело пошло скорее. С совершенно невероятной для здорового человека ловкостью и гибкостью он развязал сзади себя узел, стягивавший рукава, расшнуровал рубаху и после этого долго прислушивался к храпению сторожа. Но старик спал крепко. Больной снял рубаху и отвязался от кровати. Он был свободен. Он попробовал дверь: она была заперта изнутри, и ключ, вероятно, лежал в кармане у сторожа. Боясь разбудить его, он не посмел обыскивать карманы и решился уйти из комнаты через окно.

Была тихая, тёплая и тёмная ночь; окно было открыто; звёзды блестели на чёрном небе. Он смотрел на них, отличая знакомые созвездия и радуясь тому, что они, как ему казалось, понимают его и сочувствуют ему. Мигая, он видел бесконечные лучи, которые они посылали ему, и безумная решимость увеличивалась. Нужно было отогнуть толстый прут железной решётки, пролезть сквозь узкое отверстие в закоулок, заросший кустами, перебраться через высокую каменную ограду. Там будет последняя борьба, а после — хоть смерть.

Он попробовал согнуть толстый прут голыми руками, но железо не подавалось. Тогда, скрутив из крепких рукавов сумасшедшей рубахи верёвку, он зацепил ею за выкованное на конце прута копьё и повис на нём всем телом. После отчаянных усилий, почти истощивших остаток его сил, копьё согнулось; узкий проход был открыт. Он протискался сквозь него, ссадив себе плечи, локти и обнажённые колени, пробрался сквозь кусты и остановился перед стеной. Всё было тихо; огни ночников слабо освещали изнутри окна огромного здания; в них не было видно никого. Никто не заметит его; старик, дежуривший у его постели, вероятно, спит крепким сном. Звёзды ласково мигали лучами, проникавшими до самого его сердца.

— Я иду к вам, — прошептал он, глядя на небо.

Оборвавшись после первой попытки, с оборванными ногтями, окровавленными руками и коленями, он стал искать удобного места. Там, где ограда сходилась со стеной мертвецкой, из неё и из стены выпало несколько кирпичей. Больной нащупал эти впадины и воспользовался ими. Он влез на ограду, ухватился за ветки вяза, росшего по ту сторону, и тихо спустился по дереву на землю.

Он кинулся к знакомому месту около крыльца. Цветок темнел своей головкой, свернув лепестки и ясно выделяясь на росистой траве.

— Последний! — прошептал больной. — Последний! Сегодня победа или смерть. Но это для меня уже всё равно. Погодите, — сказал он, глядя на небо: — я скоро буду с вами.

Он вырвал растение, истерзал его, смял и, держа его в руке, вернулся прежним путём в свою комнату. Старик спал. Больной, едва дойдя до постели, рухнул на неё без чувств.

Утром его нашли мёртвым. Лицо его было спокойно и светло; истощённые черты с тонкими губами и глубоко впавшими закрытыми глазами выражали какое-то горделивое счастье. Когда его клали на носилки, попробовали разжать руку и вынуть красный цветок. Но рука закоченела, и он унёс свой трофей в могилу.

A flor vermelha

"Aos olhos dele, a flor... teria absorvido todo o sangue inocente, todas as lágrimas, todo o fel da humanidade."

VSÊVOLOD GÁRCHIN

À memória de Ivan Serguéievitch Turguênev

I

— Em nome de Sua Majestade, imperador Dom Pedro Primeiro, declaro a inspeção deste asilo de loucos!

Essas palavras foram ditas por uma voz alta, brusca, estridente. O escrivão do hospital, que registrava o doente num grande livro posto numa mesa toda manchada de tinta, não pôde conter o sorriso. Mas dois rapazes, que acompanhavam o doente, não riam: eles mal se mantinham em pé ao passar dois dias sem dormir, a sós com o louco que acabavam de trazer por estrada de ferro. Na penúltima estação sua crise de fúria recrudescera; então os rapazes arranjaram, nalgum lugar, uma camisa de força e, chamando os condutores e um gendarme, amarraram o doente. Assim o transportaram até a cidade, assim o trouxeram para o hospital.

Ele estava medonho. Vestido por cima das roupas cinza, que o doente fizera em pedaços durante a crise, um blusão de áspera lona com um largo recorte prendia-lhe o torso; as mangas compridas, atadas por trás, apertavam seus braços cruzados ao peito. Seus olhos arregalados e inflamados (ele não dormia havia dez dias) brilhavam fixos e ardentes; um espasmo nervoso contraía-lhe o lábio inferior; a cabeleira crespa e emaranhada caía sobre a testa, como uma juba; a passos rápidos e pesados, ele percorria a antessala,

examinando as velhas estantes com papéis e as cadeiras oleadas, e, vez por outra, olhando de soslaio para seus acompanhantes.

— Levem-no para a enfermaria. A da direita.

— Eu sei, sei. Já estive aqui no ano passado. A gente viu o hospital. Eu sei tudo, será difícil enganar-me! — disse o doente.

Ele se virou para a porta. O vigia abriu-a, e, com o mesmo passo rápido, pesado e resoluto, erguendo sua cabeça insana, o doente saiu da antessala e, quase correndo, dirigiu-se à enfermaria do lado direito. A escolta mal conseguia acompanhá-lo.

— Toca a campainha. Eu não posso. Vocês me amarraram os braços.

O porteiro abriu as portas, e todos entraram no hospital.

Era um grande prédio de pedra, construído, outrora, por conta pública. O andar de baixo ocupavam duas grandes salas, uma das quais servia de refeitório e a outra de aposento para doentes mansos, um largo corredor com uma porta envidraçada que dava para o jardim com seu canteiro de flores, e duas dezenas de quartos separados onde moravam os doentes; ali mesmo, havia dois quartos escuros, um acolchoado e o outro forrado de tábuas, em que trancavam os furiosos, e um enorme cômodo lúgubre, de teto abobadado: o banheiro. O andar de cima era ocupado por mulheres. Um ruído confuso, mesclado com uivos e berros, vinha de lá. Feito para oitenta pacientes, o hospital atendia vários municípios vizinhos, e, portanto, cabiam nele até trezentas pessoas. Cada um de seus cubículos tinha quatro ou cinco leitos; no inverno, quando os doentes não podiam ir ao jardim e todas as janelas com grades de ferro estavam bem fechadas, o ar do hospital ficava irrespirável.

O novo paciente foi conduzido ao cômodo em que se encontravam as banheiras. Capaz de apavorar mesmo uma pessoa saudável, a impressão que este causava era ainda mais forte para sua imaginação perturbada e excitada. Iluminado por uma só janela de canto, esse grande cômodo de teto abobadado e chão de pedra, todo visguento, tinha as paredes e abóbadas pintadas de óleo vermelho escuro; duas banheiras de pedra embutidas no chão preto de lama pareciam duas fossas ovais cheias d'água. Um enorme forno de cobre com sua caldeira cilíndrica para esquentar a água e todo um sistema de tubos e torneiras de cobre ocupava o canto oposto à janela; para uma mente transtornada, tudo ali tinha um aspecto excepcionalmente sinistro e fantástico, e o vigia responsável pelas banheiras, um gordo ucraniano sempre calado, aumentava essa impressão com sua lúgubre fisionomia.

E quando trouxeram o doente para esse terrível cômodo, a fim de banhá-lo e, conforme o sistema de tratamento do médico-chefe, aplicar-lhe na nuca um grande adesivo, ele foi tomado de pavor e cólera. Os pensamentos absurdos, um mais monstruoso do que o outro, rodopiavam na sua cabeça. O que seria aquilo? A inquisição? Um local de execuções secretas onde seus inimigos decidiram acabar com ele? Talvez o próprio inferno? Ficou pensando, enfim, que era uma provação. Tinham-no despido, apesar da resistência desesperada. Com as forças dobradas pela doença, ele se livrava facilmente das mãos de vários vigias, os quais caíam no chão; por fim, quatro homens derrubaram-no e, segurando pelos braços e pernas, puseram na água quente. Achou-a férvida, e um pensamento breve e desconexo, algo sobre a tortura com água e ferro, surgiu na sua cabeça insana. Engasgando-se com água e agitando espasmodicamente os braços e pernas, que os vigias seguravam com toda a força, o doente gritava, sufocado, as palavras sem nexo que não seria possível imaginar sem tê-las ouvido de fato. Eram, ao mesmo tempo, orações e maldições. Ele gritou assim até perder as forças; então, chorando lágrimas amargas, disse em voz baixa uma frase que não tinha nada a ver com suas falas precedentes:

— Ó santo mártir Jorge! Entrego-te o meu corpo. E meu espírito, não – oh, não!..

Os vigias continuavam a segurá-lo, conquanto ele se tivesse acalmado. O banho quente e a bolsa com gelo, que lhe haviam posto na cabeça, surtiram efeito. Mas quando o retiraram, quase desacordado, da água e fizeram sentar-se num tamborete para aplicar o adesivo, o resto das forças e os pensamentos insanos como que explodiram de novo.

— Por quê? Por quê? — gritava ele. — Eu não quis mal a ninguém! Por que vocês me matam? O-o-oh! Ó Senhor! Ó vós que fostes torturados antes de mim! Peço-vos, poupai...

Um toque abrasador na nuca fez com que ele voltasse a debater-se com desespero. A escolta não conseguia rendê-lo nem sabia mais o que fazer.

— Nada a fazer — disse o soldado que efetuava a operação. — Temos que apagar.

Essas palavras simples fizeram o doente estremecer. “Apagar!.. Apagar o quê? Apagar a quem? A mim!” — pensou ele e, mortalmente assustado, fechou os olhos. O soldado pegou nas duas pontas de uma áspera toalha e, com forte aperto, passou-a pela sua nuca, arrancando o adesivo e a camada superior de pele, e deixando à mostra uma escoriação vermelha. A dor provocada por essa operação, insuportável mesmo para uma pessoa calma e

saudável, pareceu-lhe a ele o fim de tudo. Desesperado, o doente juntou todas as forças, livrou-se das mãos dos vigias, e seu corpo nu foi rolando pelas lajes de pedra. Pensava que tivessem cortado sua cabeça. Queria gritar e não podia. Levaram-no para a cama num desmaio a que se seguiria um sono longo e profundo, um sono de chumbo.

II

Ele acordou de noite. Estava tudo silencioso; no grande quarto vizinho ouvia-se a respiração dos doentes adormecidos. Algures ao longe, um doente trancado, até a manhã seguinte, no quarto escuro conversava consigo mesmo com uma estranha voz monótona, enquanto em cima, na enfermaria feminina, um contralto rouquenho entoava uma cantiga selvagem. O doente passou a escutar esses sons. Ele sentia imensa fraqueza e fadiga em todos os membros; seu pescoço doía muito.

"Onde estou? O que está acontecendo comigo?" — foi isso que lhe veio à cabeça. E de repente, com uma clareza extraordinária, ele imaginou o último mês de sua vida e entendeu que estava doente e qual era sua doença. Lembrou uma série de ideias, palavras e ações absurdas, e todo o seu ser ficou tremendo.

— Mas já passou, graças a Deus, já passou! — murmurou ele e adormeceu outra vez.

A janela aberta com grades de ferro dava para uma viela entre uns grandes prédios e o muro do hospital; ninguém entrava jamais nessa viela tomada por um arbusto inculto e pelo lilás que florescia, exuberante, nessa estação do ano... Atrás das moitas, bem em frente à janela, havia uma alta cerca escura; todos banhados de luar, os ápices das altas árvores de um vasto jardim viam-se detrás dela. Do lado direito, erguia-se o prédio branco do hospital, cujas janelas com grades de ferro estavam iluminadas por dentro; do lado esquerdo, o muro surdo e branco do necrotério que iluminava a lua. Atravessando as grades da janela, o luar adentrava o quarto, caía no chão e alumiava parte da cama e o rosto do doente, exausto e pálido rosto de olhos fechados; agora não havia nele nada de insano. Era o profundo e pesado sono de um homem extenuado: sem sonhos nem mínimos movimentos, e quase sem respiração. Por alguns instantes, ele acordara em pleno juízo, como se estivesse curado, para amanhecer na mesma loucura.

III

— Como o senhor se sente? — perguntou o doutor no dia seguinte.

O doente, que acabava de acordar, ainda estava deitado sob a coberta.

— Muito bem! — respondeu ele, pulando da cama, calçando suas pantufas e pegando o roupão. — Estou ótimo! Só uma coisa: aqui!

E apontou para sua nuca.

— Não posso virar o pescoço sem dor. Mas isso passa. Está tudo bem, quando a gente entende; eu cá entendo.

— O senhor sabe onde está?

— Claro, doutor! Estou num asilo de loucos. Mas, quando a gente entende, isso não é nada. Absolutamente nada.

O doutor encarava-o com toda a atenção. Seu rosto bonito e bem cuidado, com uma barba fulva perfeitamente penteada e os olhos azuis, que olhavam, tranquilos, através dos óculos de ouro, estava imóvel e impassível. O doutor observava.

— Por que é que o senhor me encara desse jeito? Não vai ler o que tenho na alma, — prosseguiu o doente — e eu leio a sua claramente! Por que o senhor faz mal? Por que reuniu essa multidão de desgraçados e a retém aí? Para mim, tanto faz — entendo tudo e estou tranquilo —, mas eles? Para que servem esses suplícios? Uma pessoa que chegou a criar em sua alma uma grande ideia, uma ideia geral, não se importa com sua morada nem suas sensações. Mesmo com a vida e a morte... Não é bem assim?

— Quem sabe, — respondeu o doutor, ao sentar-se, no canto do quarto, numa cadeira, de modo que pudesse ver o doente, o qual andava rápido de um lado para o outro, arrastando as enormes pantufas de couro cavalar e agitando as abas de seu roupão de algodão com largas listras vermelhas e grandes flores. O enfermeiro e o vigia, que acompanhavam o doutor, continuavam plantados perto da porta.

— Eu também a tenho! — exclamou o doente. — E quando a encontrei, senti-me renascido. Meus sentidos ficaram mais aguçados, o cérebro funciona como nunca. O que antes alcançava através de muitas deduções e suposições, agora o concebo por intuição. Eu realmente compreendi o que tinha elaborado a filosofia. Eu, em pessoa, vivencio aquelas grandes ideias de que o espaço e o tempo são meras ficções. Eu vivo em todos os séculos. Vivo fora do espaço, em qualquer lugar ou, se quiserem, em lugar algum. Portanto não me importa que esteja solto ou amarrado, que vocês me detenham aqui

ou ponham em liberdade. Já percebi que havia aí mais pessoas iguais a mim. Mas, para o resto da multidão, essa situação é horrível. Por que não os soltam? Quem estará precisando...

— O senhor disse, — interrompeu o doutor — que vivia fora do tempo e do espaço. Porém, não podemos negar que nós dois estamos neste quarto, e que agora (o doutor tirou o relógio) são dez horas e meia do dia 6 de maio de 18**. O que está pensando disso?

— Nada. Para mim, não faz diferença onde estejamos nem quando vivamos. E se for assim para mim, isso não significa que estou em toda parte e sempre?

O doutor sorriu.

— Rara lógica, – disse, levantando-se. — Talvez o senhor tenha razão. Até a vista. Aceita um charutinho?

— Obrigado. — O doente parou, pegou o charuto e, nervoso, mordeu-lhe a ponta. — Isso ajuda a pensar, — disse. — É o mundo, o microcosmo. Numa ponta, há álcalis, e na outra, ácidos... Assim é o equilíbrio do mundo em que os princípios opostos se neutralizam. Adeus, doutor!

O doutor foi embora. A maioria dos doentes esperava por ele de pé, ao lado de suas camas. Não há chefia que goze de tanto prestígio junto dos subalternos quanto possui um doutor psiquiatra junto dos loucos.

E o doente, que ficara sozinho, continuava a percorrer impetuosamente a sua cela. Serviram-lhe chá; sem se sentar, ele despejou, em dois tragos, uma grande caneca e, quase num instante, engoliu uma grossa fatia de pão branco. Depois saiu do quarto e, durante várias horas, ficou andando sem parar, com esse seu passo rápido e pesado, ao longo de todo o prédio. O dia estava chuvoso, e os doentes não podiam ir ao jardim. Quando um enfermeiro veio buscar o novo paciente, apontaram-lhe para o fim do corredor; ele estava lá, de rosto contra a porta envidraçada do jardim, fitando o canteiro de flores. Uma flor rubra, de cor excepcionalmente viva — uma espécie de papoula —, tinha-lhe atraído a atenção.

— Venha pesar-se, — disse o enfermeiro, tocando seu ombro.

E, quando o doente se virou para ele, recuou de susto, tanta fúria animalesca e tanto ódio brilhavam nos olhos enlouquecidos. Mas, vendo o enfermeiro, o doente logo mudou de expressão e, resignado, seguiu-o sem uma palavra, como que imerso numa meditação profunda.

Eles entraram no gabinete do doutor; o doente se pôs na plataforma de uma pequena balança decimal, e o enfermeiro, ao medir-lhe o peso, anotou

no livro, frente ao nome dele: 109 libras. No dia seguinte, ele pesava 107 libras, e no terceiro dia, 106.

— Se continuar assim, não sobreviverá, — disse o doutor e mandou alimentá-lo da melhor maneira possível.

Mas, apesar disso e não obstante o apetite extraordinário do doente, ele ficava cada dia mais magro, e, cada dia, o enfermeiro anotava no livro menos e menos libras de peso. O doente quase não dormia e passava dias inteiros num movimento ininterrupto.

IV

Ele compreendia que estava num asilo de loucos, compreendia mesmo que estava doente. Às vezes, como na primeira noite, ele acordava, no meio do silêncio, após um dia inteiro de agitação violenta, sentindo dor em todos os membros e um peso terrível no crânio, mas plenamente consciente. A ausência de impressões em silêncio e penumbra da noite, ou então a fraca atividade do cérebro de um homem que acabava de acordar, faziam, talvez, com que nesses momentos ele se desse conta de sua situação e como que estivesse saudável. Mas começava o dia e, com a luz e o despertar da vida no hospital, uma onda de impressões voltava a dominá-lo; seu cérebro doente não conseguia resistir, e ele ficava outra vez louco. Seu estado apresentava uma estranha mistura de opiniões certas e disparatadas. Ele entendia que todos ao seu redor estavam doentes, mas, ao mesmo tempo, percebia em cada um destes uma figura oculta ou dissimulada que teria conhecido antes, sobre a qual teria ouvido falar ou lido. O hospital era povoado de pessoas advindas de todos os séculos e países. Havia nele vivos e mortos. Havia celebridades e donos do mundo, e soldados que pereceram na última guerra e ressuscitaram. O doente se via num mágico círculo vicioso, que continha toda a força da terra, e considerava-se, num delírio orgulhoso, o centro desse círculo. Todos eles, seus companheiros do hospital, haviam-se reunido ali para cumprir a tarefa que vagamente lhe parecia um empreendimento colossal destinado a extinguir o mal na terra. Ele não sabia em que consistia tal empreendimento, mas sentia-se forte o suficiente para realizá-lo. Conseguia ler os pensamentos de outrem, percebia nas coisas toda a sua história; os grandes ulmos, que se erguiam no jardim do hospital, contavam-lhe várias lendas do passado; quanto ao prédio, de fato bastante antigo, tomava-o por uma edificação de Pedro, o Grande, e tinha a certeza de o czar ter morado lá na época da batalha de Poltava. O doente lera aquilo nos

muros, na argamassa despencada, nos pedaços de tijolos e azulejos encontrados no jardim; toda a história do asilo e do jardim estava escrita neles. Povoara o pequeno prédio do necrotério de dezenas e centenas de pessoas mortas há tempos e, fitando a janelinha de seu subsolo que dava para um canto do jardim, enxergava na luz refletida no velho e sujo vidro irisado as feições familiares que tinha visto, um dia, na vida real ou nos retratos.

Entrementes, instalara-se um tempo ensolarado; os doentes passavam dias inteiros no jardim, ao ar livre. Seu trecho do jardim — pequeno, mas bem arborizado – estava, por toda parte, coberto de flores. O vigia obrigava a todos os que tivessem a mínima capacidade de trabalhar a cuidar dele; os doentes ficavam dias inteiros varrendo as sendas e recobrindo-as de areia, capinando e regando os canteiros de flores, pepinos, melancias e melões que eles mesmos haviam plantado. O canto do jardim estava tomado por um espesso ginjal; ao longo dele, estendiam-se as aleias de ulmos; bem no meio, sobre uma pequena colina artificial, encontrava-se o canteiro mais lindo de todo o jardim: as vistosas flores cresciam pelas margens da quadra de cima, em cujo centro se ostentava uma grande e rara dália exuberante, amarela com pintas vermelhas. Essa flor constituía o centro de todo o jardim, dominando-o, e podia-se perceber que muitos doentes atribuíam a ela um significado misterioso. O novo paciente também via nela algo incomum: um paládio do jardim e do prédio. Todas as flores, que ladeavam as sendas, eram igualmente plantadas pelos doentes. Havia ali diversas flores próprias dos jardinzinhos ucranianos: altas rosas, belas petúnias, moitas de tabaco com suas florzinhas rosa, hortelãs, tagetes, capuchinhas e papoulas. Lá mesmo, perto da escadaria de entrada, havia três pezinhos de papoula, de certa espécie peculiar que era bem menor que a planta normal e diferia desta pela intensidade extraordinária de sua cor rubra. Fora essa flor que espantara o doente, quando, no primeiro dia de sua estada no hospital, ele examinava o jardim através da porta envidraçada.

Indo, pela primeira vez, ao jardim, ele ficou, antes de tudo e sem ter descido os degraus da escadaria, de olho nessas flores vistosas. Eram somente duas; por casualidade, cresciam separadas das outras flores, num lugar inculto, de modo que a espessa anserina e ervas daninhas as rodeavam.

Um por um, os doentes saíam porta afora, e o vigia entregava a cada um deles uma grossa carapuça branca de algodão, com uma cruz vermelha na frente. Essas carapuças, já usadas em guerra, foram compradas num leilão. Mas o doente, bem entendido, atribuía à cruz vermelha um significado particular e misterioso. Ele tirou a carapuça e olhou para a cruz, depois para as flores de papoula. A cor das flores era mais viva.

— Ela está vencendo, — disse o doente —, mas vamos ver.

E desceu os degraus. O doente olhou ao redor de si e, sem avistar o vigia que estava atrás dele, passou por cima do canteiro, estendeu a mão em direção à flor, mas não se atreveu a colhê-la. Sentiu calor e pontadas, primeiro, na mão estendida, e depois em todo o corpo, como se uma intensa corrente de força desconhecida viesse das pétalas vermelhas e penetrasse-lhe o corpo todo. Aproximou-se ainda mais, quase tocando a flor, mas esta, parecia-lhe, estava na defensiva, emanando um mortífero hálito venenoso. Tonto, o doente fez o último esforço desesperado e pegou na haste da flor, e de repente, uma mão pesada pousou no seu ombro. Fora o vigia que o flagrara.

— Não pode colher — disse o velho ucraniano. — E no canteiro, nem triscar, viu? Vocês, doidos, são muitos por aqui; cada um leva uma flor, no jardim nada sobra — disse, convincente, segurando o ombro dele.

O doente encarou-o sem dizer nada, livrou-se da sua mão e, aflito, foi embora. "Ó desgraçados!" — pensava ele. — "Vocês não enxergam, vocês estão cegos a ponto de defendê-la. Mas, custe o que custar, vou acabar com ela. Entre hoje e amanhã, vamos medir nossas forças. E mesmo se eu morrer, não faz diferença..."

Até altas horas da noite, ele continuou passeando pelo jardim, conhecendo outros doentes e travando com estes conversas estranhas em que cada interlocutor só ouvia respostas aos próprios pensamentos loucos, expressas com palavras absurdas e abstrusas. O doente abordou uns e outros companheiros e, pelo fim do dia, ficou ainda mais convencido de que "estava tudo pronto", como havia dito consigo mesmo. Logo, logo cairiam as grades de ferro, todos esses detentos deixariam sua prisão e iriam correndo para todos os cantos da terra, e o mundo inteiro estremeceria, livrar-se-ia do seu vetusto invólucro e apresentaria uma nova beleza maravilhosa. O doente quase se esquecera da flor, mas, ao sair do jardim e subir a escadaria, voltou a ver como que dois pedacinhos de carvão a cintilarem na espessa relva que, escurecida, já começava a cobrir-se de orvalho. Então ele se afastou dos outros doentes e veio postar-se atrás do vigia, esperando pelo momento oportuno. Ninguém o viu saltar o canteiro, pegar a flor e escondê-la apressadamente no seu peito, debaixo da camisa. Quando as folhas frescas e orvalhadas tocaram em sua pele, o doente ficou mortalmente pálido, e seus olhos arregalaram-se de pavor. Um suor frio semeou-lhe a testa.

Os candeeiros do hospital estavam acesos; à espera do jantar, a maioria dos doentes fora deitar-se, à exceção de alguns irrequietos que andavam

rapidamente pelo corredor e pelas salas. O doente da flor estava entre eles. Ele andava, apertando convulsivamente seus braços cruzados ao peito; parecia que procurava esmagar, esmigalhar a planta escondida. Ao encontrar outros doentes, esquivava-se deles por medo de roçarem a sua roupa. “Não se aproximem de mim!” — gritava. — “Não se aproximem!” Mas, lá no hospital, poucas pessoas davam atenção a tais gritos. E ele andava cada vez mais depressa, fazia passos cada vez maiores, uma e duas horas seguidas, tomado por um frenesi.

— Vou exauri-la. Vou esganá-la! — dizia surda e furiosamente.

Às vezes, rangia os dentes.

Serviram o jantar. Nas grandes mesas sem toalhas foram colocadas várias tigelas de madeira pintada e dourada, com um ralo mingau de painço; os doentes sentaram-se nos bancos e receberam suas fatias de pão preto. Umas oito pessoas comiam, com colheres de madeira, da mesma tigela. Os que usufruíam da alimentação reforçada eram servidos à parte. O nosso doente engoliu rápido a porção que o vigia trouxera para o quarto dele, mas não se satisfez com isso e foi ao refeitório.

— Deixe-me sentar aqui, — disse ao inspetor.

— Será que o senhor não jantou? — perguntou o inspetor, pondo porções complementares de mingau nas tigelas.

— Estou com muita fome. E preciso de forte sustento. Todo o meu arrimo é a comida; o senhor sabe que eu nunca durmo.

— Coma à vontade, meu caro. Tarás, dá-lhe pão e uma colher.

O doente sentou-se junto de uma das tigelas e comeu uma porção enorme de mingau.

— Mas chega, chega, — disse, enfim, o inspetor, quando todos já tinham jantado e o nosso doente ainda estava perto da tigela, com uma mão tirando dela o mingau e apertando a outra ao peito. — Vai passar mal.

— Ah, se o senhor soubesse de quantas forças estou precisando, de quantas forças! Adeus, Nikolai Nikoláitch, — disse o doente, levantando-se e dando ao inspetor um forte aperto de mão. — Adeus.

— Aonde vai? — perguntou, sorrindo, o inspetor.

— Eu? A lugar nenhum. Eu fico. Mas pode ser que não nos vejamos mais amanhã. Agradeço-lhe sua bondade.

E mais uma vez apertou fortemente a mão do inspetor. Sua voz estava tremendo, os olhos haviam-se enchido de lágrimas.

— Acalme-se, meu caro, acalme-se, — respondeu o inspetor. — Por que tem esses pensamentos tristes? Vá para a cama e durma bem. O senhor precisa dormir mais; se dormir bem, logo se curará.

O doente soluçava. O inspetor virou-lhe as costas para mandar os vigias retirarem depressa as sobras do jantar. Meia hora depois, todos estavam dormindo no hospital, exceto um só homem que se deitara vestido no seu quarto de canto. Ele tremia todo, como se estivesse com febre, e apertava convulsivamente seu peito que lhe parecia impregnado de um veneno extremamente letal.

V

O doente não dormiu a noite toda. Tinha colhido aquela flor, porque era, para ele, uma proeza que precisava fazer. Quando as rubras pétalas vistas através da porta envidraçada atraíram, pela primeira vez, sua atenção, pareceu-lhe que, naquele exato momento, ele compreendeu o que devia realizar na terra. A linda flor vermelha concentrava em si todos os males do mundo. Ele sabia que da papoula se fazia o ópio; decerto fora essa ideia que o levara, crescendo e adquirindo formas monstruosas, a criar um espectro fantástico e medonho. Aos olhos dele, a flor personificava todo o mal existente; ela teria absorvido todo o sangue inocente (por isso é que era tão vermelha assim), todas as lágrimas, todo o fel da humanidade. Era um ser misterioso, aterrador, o antípoda de Deus, Arimã que teria tomado um aspecto humilde e inocente. Devia, pois, colher a flor e matá-la. Mas não era só isso: devia impedi-la de espalhar, perecendo, todo o seu mal pelo mundo. Fora essa a razão pela qual o doente escondera a flor no seu peito. Esperava que, até a manhã seguinte, ela perdesse toda a força. O mal passaria para o seu peito, para a sua alma e lá acabaria vencido ou vencendo: neste caso, ele mesmo morreria, mas como um honesto guerreiro, como o primeiro guerreiro da humanidade, já que ninguém se atrevera antes a enfrentar todos os males do mundo juntos.

— Eles não a viram. Mas eu vi. Posso deixá-la viver? Antes a morte.

Deitado, esgotava-se numa luta ilusória, inexistente, mas ainda assim se esgotava. De manhã, o enfermeiro achou-o semimorto. Mas apesar disso, a excitação voltou a dominá-lo, o doente pulou da cama e, algum tempo depois, estava percorrendo o hospital, como dantes, falando com outros doentes e consigo mesmo mais alto e menos coerente do que nunca. Não o deixaram ir ao jardim; vendo que seu peso vinha diminuindo e que ele

próprio não dormia, mas só andava sem trégua, o doutor ordenou que lhe injetassem uma grande dose de morfina. O doente não resistia: felizmente seus pensamentos loucos coincidiam, nesse momento, com a operação. Daí a pouco adormeceu; o movimento furioso cessou, e a ruidosa cantiga, que se fizera do ritmo de seus passos impetuosos e não o deixava em paz um minuto sequer, interrompeu-se nos seus ouvidos. Desmaiado, ele parou de pensar em qualquer coisa, mesmo na outra flor que precisava colher.

Porém a colheu três dias depois, diante do velho vigia que não tivera tempo para contê-lo. O vigia correu atrás dele. Com um brado triunfante, o doente entrou no hospital e, precipitando-se ao seu quarto, escondeu a planta no peito.

— Por que é que pegas as flores? — perguntou, acorrendo, o vigia. Mas o doente, que já estava deitado em sua posição costumeira, de braços cruzados, pôs-se a dizer tais disparates que o vigia apenas tirou, calado, a sua carapuça de cruz vermelha, esquecida nessa fuga precipitada, e foi embora. E a luta ilusória recomeçou. O doente sentia a flor expandir à sua volta as compridas e sinuosas, como as cobras, torrentes do mal; elas o amarravam, prensavam-lhe os membros e impregnavam-lhe todo o corpo de seu conteúdo terrível. E, entre as maldições dirigidas ao inimigo, ele chorava e clamava por Deus. De noite, a flor murchou. O doente pisoteou a planta enegrecida, apanhou os restos dela e levou-os ao banheiro. Jogou a bolinha informe no forno cheio de carvão incandescente e ficou, por muito tempo, olhando seu inimigo chiar, encolher-se e finalmente se transformar numa leve bolinha nívea de cinzas. O doente assoprou, e tudo desapareceu.

No dia seguinte, ele se sentia pior. Estava horrivelmente pálido, tinha as faces cavadas, e seus olhos brilhantes se afundavam nas órbitas, porém continuava, cambaleando e tropeçando volta e meia, o seu andar furioso e falava, falava sem parar.

— Eu não queria recorrer à violência, — disse o médico-chefe ao seu ajudante.

— Mas é preciso interromper essa atividade toda. Hoje ele tem noventa e três libras de peso. Se continuar assim, morrerá dentro de dois dias.

O médico-chefe ficou pensativo.

— Morfina? Cloral? — perguntou com certa hesitação.

— Ontem a morfina já não ajudava.

— Mande amarrá-lo. Aliás, duvido que ele escape.

VI

E o doente ficou amarrado. Preso numa camisa de força e cruelmente atado às barras de ferro com largas faixas de lona, ele estava prostrado na sua cama. Mas, em vez de diminuir, a fúria de seus movimentos aumentara. Durante várias horas, o doente teimou em desamarrar-se. Afinal, puxou as amarras com toda a força, rompeu uma delas, livrou as pernas e, passando por baixo das outras faixas, voltou a andar pelo quarto de braços ainda atados, berrando suas medonhas palavras incompreensíveis.

— Ora bolas! — gritou, entrando, o vigia. — Que diabo é que te ajuda? Gritsko! Ivan! Acudam, que ele está solto!

Os três homens avançaram sobre o doente, e começou uma longa peleja, cansativa para os atacantes e exaustiva para o atacado que gastava o resto de suas forças esgotadas. Jogaram-no, enfim, na cama e amarraram mais firme que dantes.

— Vocês não entendem o que fazem! — gritava o doente, arfando. — Vocês vão morrer! Vi a terceira, desabrochando. Agora ela está pronta. Deixem-me terminar a obra! É preciso matá-la, matar, matar! Aí tudo será acabado, tudo salvo. Mandaria vocês, mas só eu é que posso fazer aquilo. Vocês morreriam com um só toque.

— Cale-se, moço, cale-se! — disse o velho vigia que ficara para velar o doente.

De chofre, o doente calou-se. Resolvera enganar os vigias. Mantiveram-no preso o dia inteiro e deixaram no mesmo estado à noite. Ao servir-lhe o jantar, o vigia estendeu um lençol junto da sua cama e deitou-se. Um minuto depois, ele dormia como uma pedra, e o doente se pôs ao trabalho.

Curvou-se todo para alcançar a barra de ferro que contornava a cama e, tocando-a com sua mão escondida na manga comprida da camisa de força, começou a esfregar, rápida e fortemente, a manga contra o ferro. Passado algum tempo, a grossa lona cedeu, e ele livrou o dedo indicador. Então a luta ficou mais fácil. Com a destreza e a flexibilidade absolutamente incríveis numa pessoa saudável, ele desatou, atrás de si, o nó que juntava as mangas, desatacou a camisa e, feito isso, ficou escutando, por muito tempo, o ronco do vigia. Porém o velho dormia profundamente. O doente tirou a camisa e levantou-se da cama. Estava livre. Tentou abrir a porta, mas ela estava trancada, e a chave provavelmente se encontrava no bolso do vigia. Com medo de acordá-lo, o doente não ousou revistar os bolsos e decidiu sair do quarto pela janela.

Era uma noite serena, quente e escura; a janela estava aberta; as estrelas brilhavam no céu negro. O doente olhava para elas, divisando as constelações conhecidas, e alegrava-se por achar que as estrelas o entendiam e tinham piedade dele. Via, pestanejando, os infinitos raios que elas lhe enviavam, e sua coragem louca aumentava. Precisava dobrar um grosso varão de ferro, passar, através desse vão estreito, para a viela tomada pelos arbustos e escalar o alto muro. Ali seria sua última luta e, depois dela, qualquer coisa... nem que fosse a morte.

Ele tentou dobrar o varão com as mãos, porém o ferro não cedia. Então, fazendo uma corda das mangas da camisa de força, o doente enganchou-a na ponteira do varão, forjada em forma de lança, e pendurou-se nela com todo o seu corpo. Após os tentames desesperados, que quase lhe esgotaram o resto das forças, a ponteira entortou-se; um vão estreito estava aberto. Arranhando-se os ombros, os cotovelos e os joelhos nus, o doente passou por ele, atravessou as moitas e parou em frente ao muro. Estava tudo silencioso; as fracas luzes dos candeeiros iluminavam, por dentro, as janelas do enorme prédio, mas não se via ninguém por lá. Ninguém o avistaria; o velho, que ficara ao lado de sua cama, devia estar dormindo. Os raios das estrelas cintilavam carinhosos, chegando ao coração dele.

— Vou encontrar-vos, — disse baixinho o doente, olhando para o céu.

Caindo na primeira tentativa, de unhas quebradas, de mãos e joelhos ensanguentados, ele foi procurar um lugar acessível. Lá onde a cerca se juntava ao muro do necrotério, faltavam, nela e no próprio muro, alguns tijolos. O doente tateou essas cavidades e aproveitou-as. Ele subiu a cerca, agarrou-se aos galhos do ulmo, que crescia do outro lado, e, sem barulho, desceu à terra pelo tronco da árvore.

Arrojou-se ao local conhecido, perto da entrada. De pétalas abrochadas, a flor estava ali, destacando-se nitidamente da relva orvalhada.

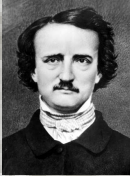
— A última, — disse baixinho o doente. — A última! Hoje é a vitória ou a morte. Mas, para mim, já não faz diferença. Esperai, — acrescentou, olhando para o céu — daqui a pouco estarei convosco.

Ele arrancou a planta, amassou-a, estraçalhou e, segurando-a com a mão, voltou da mesma maneira para o seu quarto. O velho dormia. Mal chegando até a cama, o doente desabou nela sem sentidos.

De manhã, encontraram-no morto. Seu rosto estava calmo e luminoso; as feições descarnadas, os lábios finos e os olhos fundos, fechados expressavam uma orgulhosa felicidade. Ao colocá-lo na maca, tentaram abrir-lhe a mão e

tirar a flor vermelha. Mas a mão estava bem rígida, e o finado levou seu troféu para a sepultura.

Von Kempelen e sua descoberta

Edgar Allan Poe

O texto: Como se sabe, desde 1944, graças ao trabalho de tradução empreendido por Oscar Mendes e Milton Amado (Ed. Globo), dispomos de toda a obra de ficção de Poe no Brasil. Ou melhor, de quase toda. A edição da Globo traz 66 contos, ao passo que o cânone da prosa literária poeana se compõe de 69 textos. Esses três textos faltantes são os seguintes: 1. o inacabado *The Journal of Julius Rodman*, romance inacabado; 2. *The Light-House*, manuscrito incompleto de 4 páginas; 3. *Von Kempelen and His Discovery*, publicado em 14 de abril de 1849 em *Flag of Our Union*. Foi o último conto escrito e publicado em vida por Poe. *Von Kempelen*, mais do que uma sátira, consiste na elaboração literária de um *hoax*, isto é, um artigo jornalístico pseudocientífico que se apresenta como verdadeiro – gênero muito em voga na época, e o que o distingue de um *hoax* habitual são suas pretensões literárias. Como disse Poe a um editor a quem submeteu o conto: "Eu o entendo como uma espécie de 'exercício' ou experiência no estilo da plausibilidade ou verossimilhança. [...] Creio que [este] *quiz* é a primeira tentativa literária desse gênero de que se tem notícia". Com a tradução deste derradeiro conto de Poe, até agora inédito no Brasil, tem-se completa sua obra de ficção entre nós.

Texto traduzido: Poe, Edgar Allan. "Von Kempelen and his Discovery". *Flag of Our Union* (Boston), April 14, 1849, vol. 4, no. 15, p. 2, cols. 1-3. Fonte: <http://www.eapoe.org/works/tales/kmplna.htm>

O autor: Edgar Allan Poe nasceu em 1809, em Boston, de pais pobres, atores teatrais ambulantes. Ingressou na universidade em 1826, quando se inicia sua carreira alcoólica; ficando sem recursos, abandona os estudos no ano seguinte, quando publica sua primeira obra, *Tamerlão e Outros Poemas*. Levando uma existência difícil, Poe escreve poemas, contos, resenhas e críticas literárias. Tido como o pai do romantismo sombrio e do conto policial, poeta de rigor quase matemático, após a morte da esposa em 1847 afunda-se ainda mais no álcool. Tenta se recuperar, mas, em circunstâncias jamais esclarecidas, sucumbe à inconsciência e ao *delirium tremens* numa viagem a Baltimore. Após alguns dias agonizando no hospital, morre em 7 de outubro de 1849, dizendo: "Ó Senhor, ajudai minha pobre alma".

A tradutora: Denise Bottmann, historiadora, pesquisadora e ex-docente do Departamento de Filosofia da Unicamp, dedica-se ao ofício de tradutora desde 1985, com mais de cem obras de tradução publicadas, sobretudo na área de humanidades.

VON KEMPELEN AND HIS DISCOVERY

"And yet, in a case of this kind, it is clear that
the truth may be stranger than fiction."

EDGAR ALLAN POE

After the very minute and elaborate paper by Arago, to say nothing of the summary in 'Silliman's Journal,' with the detailed statement just published by Lieutenant Maury, it will not be supposed, of course, that in offering a few hurried remarks in reference to Von Kempelen's discovery, I have any design to look at the subject in a *scientific* point of view. My object is simply, in the first place, to say a few words of Von Kempelen himself (with whom, some years ago, I had the honor of a slight personal acquaintance), since everything which concerns him must necessarily, at this moment, be of interest; and, in the second place, to look in a general way, and speculatively, at the *results* of the discovery.

It may be as well, however, to premise the cursory observations which I have to offer, by denying, very decidedly, what seems to be a general impression (gleaned, as usual in a case of this kind, from the newspapers), viz.: that this discovery, astounding as it unquestionably is, is *unanticipated*.

By reference to the 'Diary of Sir Humphrey Davy' (Cottle and Munroe, London, pp. 150), it will be seen at pp. 53 and 82, that this illustrious chemist had not only conceived the idea now in question, but had actually made no *inconsiderable progress*, *experimentally*, in the very *identical analysis* now so triumphantly brought to an issue by Von Kempelen, who, although he makes not the slightest allusion to it, is, *without doubt* (I say it unhesitatingly, and can prove it, if required), indebted to the 'Diary' for at least the first hint of his own undertaking. Although a little technical, I cannot refrain from appending two passages from the 'Diary,' with one of

Sir Humphrey's equations. [As we have not the algebraic signs necessary, and as the 'Diary' is to be found at the Athenæum Library, we omit here a small portion of Mr. Poe's manuscript. — ED.]

The paragraph from the 'Courier and Enquirer,' which is now going the rounds of the press, and which purports to claim the invention for a Mr. Kissam, of Brunswick, Maine, appears to me, I confess, a little apocryphal, for several reasons; although there is nothing either impossible or very improbable in the statement made. I need not go into details. My opinion of the paragraph is founded principally upon its *manner*. It does not look true. People who are narrating *facts*, are seldom so particular as Mr. Kissam seems to be, about day and date and precise location. Besides, if Mr. Kissam actually did come upon the discovery he says he did, at the period designated — nearly eight years ago — how happens it that he took no steps, *on the instant*, to reap the immense benefits which the merest bumpkin must have known would have resulted to him individually, if not to the world at large, from the discovery? It seems to me quite incredible that any man, of common understanding, could have discovered what Mr. Kissam says he did, and yet have subsequently acted so like a baby — so like an owl — as Mr. Kissam *admits* that he did. By-the-way, who is Mr. Kissam? and is not the whole paragraph in the 'Courier and Enquirer' a fabrication got up to 'make a talk?' It must be confessed that it has an amazingly moon-hoax-y air. Very little dependence is to be placed upon it, in my humble opinion; and if I were not well aware, from experience, how very easily men of science are *mystified*, on points out of their usual range of inquiry, I should be profoundly astonished at finding so eminent a chemist as Professor Draper, discussing Mr. Kissam's (or is it Mr. Quizzem's?) pretensions to the discovery, in so serious a tone.

But to return to the 'Diary' of Sir Humphrey Davy. This pamphlet was *not* designed for the public eye, even upon the decease of the writer, as any person at all conversant with authorship may satisfy himself at once by the slightest inspection of the style. At page 13, for example, near the middle, we read, in reference to his researches about the protoxide of azote: 'In less than half a minute the respiration being continued, diminished gradually and were succeeded by analogous to gentle pressure on all the muscles.' That the *respiration* was not 'diminished,' is not only clear by the subsequent context, but by the use of the plural, 'were.' The sentence, no doubt, was thus intended: 'In less than half a minute, the respiration [being continued, these feelings] diminished gradually and *were* succeeded by [a sensation] analogous to gentle pressure on all the muscles.' A hundred similar instances

go to show that the MS. so inconsiderately published, was merely a *rough note-book*, meant only for the writer's own eye; but an inspection of the pamphlet will convince almost any thinking person of the truth of my suggestion. The fact is, Sir Humphrey Davy was about the last man in the world to *commit himself* on scientific topics. Not only had he a more than ordinary dislike to quackery, but he was morbidly afraid of *appearing* empirical; so that, however fully he might have been convinced that he was on the right track in the matter now in question, he would never have spoken *out*, until he had everything ready for the most practical demonstration. I verily believe that his last moments would have been rendered wretched, could he have suspected that his wishes in regard to burning this 'Diary' (full of crude speculations) would have been unattended to; as, it seems, they were. I say 'his wishes,' for that he meant to include this note-book among the miscellaneous papers directed 'to be burnt,' I think there can be no manner of doubt. Whether it escaped the flames by good fortune or by bad, yet remains to be seen. That the passages quoted above, with the other similar ones referred to, gave Von Kempelen *the hint*, I do not in the slightest degree question; but I repeat, it yet remains to be seen whether this momentous discovery itself (*momentous* under any circumstances) will be of service or disservice to mankind at large. That Von Kempelen and his immediate friends will reap a rich harvest, it would be folly to doubt for a moment. They will scarcely be so weak as not to '*realize*,' in time, by large purchases of houses and land, with other property of *intrinsic* value.

In the brief account of Von Kempelen which appeared in the 'Home Journal,' and has since been extensively copied, several misapprehensions of the German original seem to have been made by the translator, who professes to have taken the passages from a late number of the Presburg 'Schnellpost.' — '*Viele*' has evidently been misconceived (as it often is), and what the translator renders by'sorrows,' is probably '*lieden*,' which, in its true version,'sufferings,' would give a totally different complexion to the whole account; but, of course, much of this is merely guess, on my part.

Von Kempelen, however, is by no means 'a misanthrope,' in appearance, at least, whatever he may be in fact. My acquaintance with him was casual altogether; and I am scarcely warranted in saying that I know him at all; but to have seen and conversed with a man of so *prodigious* a notoriety as he has attained, or *will* attain in a few days, is not a small matter, as times go.

‘The Literary World’ speaks of him, confidently, as a *native* of Presburg (misled, perhaps, by the account in the ‘Home Journal,’) but I am pleased in being able to state *positively*, since I have it from his own lips, that he was born in Utica, in the State of New York, although both his parents, I believe, are of Presburg descent. The family is connected, in some way, with Mäelzel, of Automaton-chess-player memory. [If we are not mistaken, the name of the *inventor* of the chess-player was either Kempelen, Von Kempelen, or something like it. — Ed.] In person, he is short and stout, with large, *fat*, blue eyes, sandy hair and whiskers, a wide but pleasing mouth, fine teeth, and I think a Roman nose. There is some defect in one of his feet. His address is frank, and his whole manner noticeable for *bonhommie*. Altogether, he looks, speaks and acts as little like ‘a misanthrope’ as any man I ever saw. We were fellow-sojouners for a week, about six years ago, at Earl’s Hotel, in Providence, Rhode Island; and I presume that I conversed with him, at various times, for some three or four hours altogether. His principal topics were those of the day; and nothing that fell from him led me to suspect his scientific attainments. He left the hotel before me, intending to go to New York, and thence to Bremen; it was in the latter city that his great discovery was first made public; or, rather, it was there that he was first suspected of having made it. — This is about all that I personally know of the now immortal Von Kempelen; but I have thought that even these few details would have interest for the public.

There can be little question that most of the marvellous rumors afloat about this affair are pure inventions, entitled to about as much credit as the story of Aladdin’s lamp; and yet, in a case of this kind, as in the case of the discoveries in California, it is clear that the truth *may* be stranger than fiction. The following anecdote, at least, is so well authenticated, that we may receive it implicitly.

Von Kempelen had never been even tolerably well off during his residence at Bremen; and often, it was well known, he had been put to extreme shifts, in order to raise trifling sums. When the great excitement occurred about the forgery on the house of Gutsmuth & Co., suspicion was directed towards Von Kempelen, on account of his having purchased a considerable property in Gasperitch Lane, and his refusing, when questioned, to explain how he became possessed of the purchase money. He was at length arrested, but nothing decisive appearing against him, was in the end set at liberty. The police, however, kept a strict watch upon his movements, and thus discovered that he left home frequently, taking always the same road, and invariably giving his watchers the slip in the

neighborhood of that labyrinth of narrow and crooked passages known by the flash-name of the 'Dondergat.' Finally, by dint of great perseverance, they traced him to a garret in an old house of seven stories, in an alley called Flätzplatz; and, coming upon him suddenly, found him, as they imagined, in the midst of his counterfeiting operations. His agitation is represented as so excessive that the officers had not the slightest doubt of his guilt. After hand-cuffing him, they searched his room, or rather rooms; for it appears he occupied all the *mausarde*.

Opening into the garret where they caught him was a closet, ten feet by eight, fitted up with some chemical apparatus, of which the object has not yet been ascertained. In one corner of the closet was a very small furnace, with a glowing fire in it, and on the fire a kind of duplicate crucible — two crucibles connected by a tube. One of these crucibles was nearly full of *lead* in a state of fusion, but not reaching up to the aperture of the tube, which was close to the brim. The other crucible had some liquid in it, which, as the officers entered, seemed to be furiously dissipating in vapor. They relate that, on finding himself taken, Von Kempelen seized the crucibles with both hands (which were encased in gloves that afterwards turned out to be asbestic), and threw the contents on the tiled floor. It was now that they hand-cuffed him; and, before proceeding to ransack the premises, they searched his person, but nothing unusual was found about him, excepting a paper parcel, in his coat-pocket, containing what was afterwards ascertained to be a mixture of antimony and some *unknown substance*, in nearly, but not quite, equal proportions. All attempts at analyzing the unknown substance have, so far, failed, but that it will ultimately be analyzed, is not to be doubted.

Passing out of the closet with their prisoner, the officers went through a sort of ante-chamber, in which nothing material was found, to the chemist's sleeping-room. They here rummaged some drawers and boxes, but discovered only a few papers, of no importance, and some good coin, silver and gold. At length, looking under the bed, they saw *a large, common hair trunk, without hinges, hasp, or lock*, and with the top lying carelessly across the bottom portion. Upon attempting to draw this trunk out from under the bed, they found that, with their united strength (there were three of them, all powerful men), they 'could not stir it one inch.' Much astonished at this, one of them crawled under the bed, and looking into the trunk, said:

'No wonder we couldn't move it — why, it's full to the brim of old bits of brass!'

Putting his feet, now, against the wall, so as to get a good purchase, and pushing with all his force, while his companions pulled with all theirs, the trunk, with much difficulty, was slid out from under the bed, and its contents examined. The supposed brass with which it was filled was all in small, smooth pieces, varying from the size of a pea to that of a dollar; but the pieces were irregular in shape, although more or less flat — looking, upon the whole, 'very much as lead looks when thrown upon the ground in a molten state and there suffered to grow cool.' Now, not one of these officers for a moment suspected this metal to be anything *but* brass. The idea of its being *gold* never entered their brains, of course; how *could* such a wild fancy have entered it? And their astonishment may be well conceived, when [[the]] next day it became known, all over Bremen, that the 'lot of brass' which they had carted so contemptuously to the police office, without putting themselves to the trouble of pocketing the smallest scrap, was not only gold — real gold — but gold far finer than any employed in coinage — gold, in fact, absolutely pure, virgin, without the slightest appreciable alloy!

I need not go over the details of Von Kempelen's confession (as far as it went) and release, for these are familiar to the public. — That he has actually realized, in spirit and in effect, if not to the letter, the old chimæra of the philosopher's stone, no sane person is at liberty to doubt. The opinions of Arago are, of course, entitled to the greatest consideration; but he is by no means infallible; and what he says of *bismuth*, in his report to the academy, must be taken *cum grano salis*. The simple truth is, that up to this period, *all* analysis has failed; and until Von Kempelen chooses to let us have the key to his own published enigma, it is more than probable that the matter will remain, for years, *in statu quo*. All that as yet can fairly be said to be known, is, that '*pure gold can be made at will, and very readily, from lead, in connection with certain other substances, in kind and in proportions, unknown.*'

Speculation, of course, is busy as to the immediate and ultimate results of this discovery — a discovery which few thinking persons will hesitate in referring to an increased interest in the matter of gold generally, by the late developments in California; and this reflection brings us inevitably to another — the exceeding *inopportuneness* of Von Kempelen's analysis. If many were prevented from adventuring to California, by the mere apprehension that gold would so materially diminish in value, on account of its plentifulness in the mines there, as to render the speculation of going so far in search of it a doubtful one — what impression will be wrought *now*,

upon the minds of those about to emigrate, and especially upon the minds of those actually in the mineral region, by the announcement of this astounding discovery of Von Kempelen? a discovery which declares, in so many words, that beyond its intrinsic worth for manufacturing purposes (whatever that worth may be), gold now is, or at least soon will be (for it cannot be supposed that Von Kempelen can *long* retain his secret) of no greater *value* than lead, and of far inferior value to silver. It is, indeed, exceedingly difficult to speculate prospectively upon the consequences of the discovery; but one thing may be positively maintained — that the announcement of the discovery six months ago would have had material influence in regard to the settlement of California.

In Europe, as yet, the most noticeable results have been a rise of two hundred per cent. in the price of lead, and nearly twenty-five per cent. in that of silver.

VON KEMPELEN E SUA DESCOBERTA

"E no entanto, num caso desses, é claro que a verdade pode ser mais estranha do que a ficção."

EDGAR ALLAN POE

Após o artigo muito minucioso e elaborado de Arago, para não citar o resumo no *Silliman's Journal*, com a detalhada apresentação recém-publicada pelo Tenente Maury, naturalmente ninguém haverá de supor que, ao oferecer alguns comentários apressados sobre a descoberta de Von Kempelen, eu tenha qualquer intenção de examinar o tema de um ponto de vista *científico*. Meu objetivo é simplesmente, em primeiro lugar, dizer algumas palavras sobre o próprio Von Kempelen (com quem, alguns anos atrás, tive a honra de travar um rápido contato pessoal), visto que, neste momento, tudo o que se refere a ele é de interesse obrigatório; e, em segundo lugar, examinar de modo geral e especulativo os *resultados* da descoberta.

Mas, já de antemão, pode-se calçar as observações superficiais que tenho a oferecer, refutando decididamente o que parece ser uma impressão geral (respigada, como costuma acontecer em casos assim, dos jornais), a saber, que esta descoberta, por assombrosa que inegavelmente seja, tenha sido *inesperada*.

Consultando-se o *Diário de sir Humphrey Davy* (Cottle and Munroe, Londres, 150 pp.), vê-se às páginas 53 e 82 que este ilustre químico não só concebera a ideia agora em questão, mas em verdade havia feito *progressos não insignificantes, experimentalmente*, na mesma *análise idêntica* ora levada a cabo de modo tão triunfal por Von Kempelen, o qual, ainda que não lhe faça a mais remota alusão, está *sem dúvida nenhuma* (digo isso sem hesitações e posso prová-lo, se necessário for) em dívida com o *Diário*, pelo menos

quanto à primeira sugestão para seu empreendimento pessoal. Embora um pouco técnicas, não posso me abster de anexar duas passagens do *Diário*, com uma das equações de sir Humphrey. [Como não dispomos dos sinais algébricos necessários, e como há de se encontrar o *Diário* na Athenaeum Library, omitimos aqui um pequeno trecho do manuscrito do sr. Poe — N.E.]

O parágrafo do *Courier and Enquirer*, o qual agora tem circulado por toda a imprensa, e que pretende atribuir a invenção a um tal sr. Kissam, de Brunswick, no Maine, parece-me, devo confessar, um pouco apócrifo, por diversas razões; embora não haja nada de impossível ou demasiado improvável na afirmativa feita, não preciso entrar em detalhes. Minha opinião sobre o parágrafo se baseia sobretudo em seu *estilo*. Ele não *parece* verídico. As pessoas, quando narram *fatos*, raramente descem a tantos pormenores, como parece ser o caso do sr. Kissam, em relação ao dia, à data e ao local exato. Além disso, se o sr. Kissam *realmente* chegou à descoberta conforme afirma, na época indicada — quase oito anos atrás —, como é que ele não deu nenhum passo, *de imediato*, para colher os imensos benefícios que o maior dos tolos haveria de saber que resultariam para si, se não para o mundo em geral? Parece-me absolutamente inacreditável que qualquer homem de entendimento mediano fosse capaz de descobrir o que diz o sr. Kissam ter descoberto, e no entanto, depois disso, tivesse se comportado feito um bebê — feito uma toupeira —, como ele mesmo *admite* tê-lo feito. Aliás, quem *é* o sr. Kissam? E não será o parágrafo inteiro no *Courier and Enquirer* uma invencionice criada para "dar o que falar"? É preciso admitir que tem o ar de um tremendo embuste, como a existência de vida na Lua. Merece pouquíssima confiança, em minha humilde opinião; e, não soubesse eu por experiência própria a facilidade com que os cientistas caem vítimas de *mistificações* em assuntos fora de seus habituais campos de pesquisa, ficaria profundamente surpreso ao ver um químico eminente como o professor Draper discutindo com tanta seriedade as pretensões do sr. Kissam (ou será Quizzem, Embusteiro?) à descoberta.

Mas, voltando ao *Diário* de sir Humphrey Davy. Esse opúsculo *não* se destinava aos olhos do público, mesmo após a morte do autor, como qualquer pessoa com um mínimo de experiência autoral pode comprovar imediatamente ao mais leve exame do estilo. À página 13, por exemplo, quase ao meio, lemos a respeito de suas pesquisas sobre o óxido nitroso: "Em menos de meio minuto, a respiração, prosseguindo, *diminuíram* gradualmente e se seguiu semelhante a uma pressão suave em todos os músculos". Que não foi a *respiração* que "diminuíram", fica evidente não só

pelo contexto subsequente, como também pelo uso do plural no verbo. A frase, sem dúvida, pretendia ser: "Em menos de meio minuto, a respiração prosseguindo, [essas sensações] diminuíram gradualmente e se seguiu [algo] semelhante a uma pressão suave em todos os músculos". Uma centena de exemplos semelhantes mostra que o manuscrito, publicado de maneira tão irrefletida, era apenas um *caderno de notas*, destinado somente aos olhos do próprio escritor; mas um exame do opúsculo convencerá praticamente qualquer ser racional da veracidade de minha sugestão. O fato é que sir Humphrey Davy seria o último homem no mundo a *se comprometer* com temas científicos. Não só nutria um extraordinário desprezo pela charlatanice, como também tinha um medo doentio de *parecer* empírico; de modo que, por maior que fosse sua convicção de estar no caminho certo quanto ao assunto agora em pauta, jamais o *exporia* enquanto não estivesse com todos os preparativos prontos para a mais cabal demonstração. Creio sinceramente que teria se amargurado muito nos momentos finais de vida, caso suspeitasse que seus desejos de que se queimasse esse *Diário* (repleto de especulações grosseiras) não seriam respeitados, como de fato aconteceu. Digo "seus desejos", pois, visto que ele pensava em incluir esse caderno de notas entre a miscelânea de papéis a "ser queimados", creio que não há margem de dúvidas. Se foi por sorte ou azar que escapou às chamas, é algo que ainda está por se saber. Mas que as passagens citadas acima, com as outras semelhantes aqui mencionadas, serviram de *sugestão* a Von Kempelen, disso não tenho a mais leve dúvida; porém, repito, ainda está por se saber se essa descoberta momentosa (*momentosa* em qualquer circunstância) prestará um serviço ou um desserviço à humanidade em geral. Que Von Kempelen e seus amigos próximos virão a colher uma rica safra, seria tolice duvidar por um instante sequer. Dificilmente serão néscios a ponto de não "*perceber*", com o tempo, grandes aquisições de terras e casas e outras propriedades de valor *intrínseco*.

No breve relato de Von Kempelen que apareceu no *Home Journal* e desde então tem sido amplamente reproduzido, várias palavras do original alemão parecem ter sido mal entendidas pelo tradutor, que afirma ter extraído as passagens de um número recente do *Schnellpost* de Presburg. "*Viele*" foi visivelmente mal interpretado (como amiúde o é), e o que o tradutor verte por "mágoas" provavelmente é "*lieden*", o que, em sua verdadeira tradução como "sofrimentos", daria um caráter muito diferente ao conjunto do relato; mas, sem dúvida, grande parte disso é mera conjetura de minha parte.

Von Kempelen, porém, não é em absoluto "um misantropo", pelo menos na aparência, como quer que seja na verdade. Meu contato com ele foi

inteiramente fortuito e mal posso dizer que o conheço; mas ter visto e conversado com um homem com a notoriedade tão *prodigiosa* que ele adquiriu, ou *virá* a adquirir em poucos dias, não é coisa pouca nos tempos de hoje.

The Literary World afirma com segurança que ele é *natural* de Presburg (enganado, talvez, pelo relato no *Home Journal*), mas tenho a satisfação de poder afirmar *categoricamente*, pois o soube de sua própria boca, que ele nasceu em Utica, no estado de Nova York, embora seus pais, creio eu, sejam originários de Presburg. A família está ligada de alguma maneira a Mäelzel, famoso pelo Autômato enxadrista. [Salvo engano nosso, o nome do *inventor* do enxadrista era Kempelen, Von Kempelen ou algo assim. N.E.]. Em pessoa, ele é baixo e robusto, com olhos azuis grandes e *untuosos*, cabelos e suíças cor de areia, uma boca larga, mas agradável, belos dentes e, penso eu, um nariz romano. Tem algum defeito num dos pés. Sua atitude é franca e nota-se uma *bonhommie* em suas maneiras. No conjunto, mostra-se, fala e age como o indivíduo menos "misantropo" que já vi. Cerca de seis anos atrás, ambos ficamos hospedados durante uma semana no Earl's Hotel, em Providence, Rhode Island; e suponho que conversei com ele, somando as diversas ocasiões, durante três ou quatro horas ao todo. Seus assuntos principais eram os do dia, e nada de sua parte me fez suspeitar de suas capacidades científicas. Saiu do hotel antes de mim, com intenção de ir a Nova York e depois a Bremen; foi nesta segunda cidade que sua grande descoberta veio a público pela primeira vez; ou, melhor, foi lá que pela primeira vez suspeitou-se que ele a fizera. — Isso é praticamente tudo o que sei a respeito do agora imortal Von Kempelen; mas pensei que mesmo esses poucos detalhes poderiam interessar ao público.

Não há muita dúvida de que os incríveis rumores que pairam sobre este caso são, na maioria, puras invencionices, merecedoras de tanto crédito quanto a história da lâmpada de Aladim; e no entanto, num caso desses, como no caso das descobertas na Califórnia, é claro que a verdade *pode ser* mais estranha do que a ficção. O seguinte episódio, pelo menos, está tão bem comprovado que podemos acolhê-lo irrestritamente.

Von Kempelen nunca esteve em situação financeira sequer remediada durante o tempo que morou em Bremen; e muitas vezes, fato que é sabido, tivera de recorrer a expedientes extremos para conseguir levantar quantias irrisórias. Quando surgiu o grande alvoroço sobre a falsificação na empresa Gutsmuth & Cia., as suspeitas recaíram sobre Von Kempelen, pois ele havia comprado uma propriedade considerável em Gasperitch Lane e, indagado, recusara-se a explicar como entrara na posse do dinheiro necessário para a

aquisição. Acabou detido, mas, como não apareceu nada de decisivo contra ele, finalmente foi posto em liberdade. A polícia, porém, manteve seus movimentos sob estrita vigilância, e assim descobriu que ele saía de casa com grande frequência, sempre tomando o mesmo caminho, e invariavelmente escapando a seus vigias nas cercanias daquele labirinto de ruelas estreitas e tortuosas conhecido na gíria do submundo como a "Quebrada do Malandro". Finalmente, usando de grande perseverança, seguiram-no até um sótão num velho edifício de sete andares, numa viela chamada Flätzplatz; e, chegando de surpresa, encontraram-no, segundo o que imaginaram, em plena atividade de falsificação. Consta que seu nervosismo foi tão grande que os policiais não tiveram a menor dúvida sobre sua culpa. Depois de algemá-lo, revistaram o aposento, ou melhor, os aposentos; pois, ao que parece, ele ocupava toda a *mansarde*.

Dando para o sótão onde o flagraram, havia um aposento de dez por oito pés, equipado com alguns instrumentos de química, cujo objetivo ainda não foi esclarecido. Num dos cantos do aposento havia uma minúscula fornalha, com um fogo muito vivo, e no fogo uma espécie de cadinho duplo — dois cadinhos ligados por um tubo. Um desses cadinhos estava quase cheio de *chumbo* em estado de fusão, mas sem chegar à abertura do tubo, que ficava perto da borda. No outro cadinho havia um líquido que, quando os policiais entraram, parecia estar se evaporando intensamente. Eles relatam que, ao se ver apanhado, Von Kempelen agarrou os cadinhos com as duas mãos (que estavam protegidas com luvas que, depois, descobriu-se serem de asbesto) e atirou o conteúdo no piso de lajota. Foi então que o algemaram; e, antes de passar a esquadrinhar o recinto, eles o revistaram, mas não encontraram nada de anormal, exceto um embrulho no bolso do casaco, contendo o que, depois, verificou-se ser uma mistura de antimônio com outra *substância desconhecida*, em proporções quase, mas não inteiramente iguais. Todas as tentativas de analisar a substância desconhecida falharam até o momento, mas não há dúvida de que acabará por ser identificada.

Saindo do aposento com o prisioneiro, os policiais passaram por uma espécie de antecâmara, onde não encontraram nada de significativo, e foram ao dormitório do químico. Ali reviraram caixas e gavetas, mas encontraram apenas alguns papéis, sem nenhuma importância, e algumas moedas legítimas, de ouro e prata. Finalmente, olhando sob a cama, viram *uma grande mala comum de couro, sem dobradiças, fecho ou ferrolho*, e a tampa apoiada descuidadamente *de atravessado* sobre o corpo da mala. Ao tentar puxá-la de sob a cama, viram que, mesmo juntando suas forças (estavam em três, e eram todos robustos), "não conseguiram mover uma polegada". Muito

espantado com aquilo, um deles rastejou para baixo da cama e, espiando dentro da mala, disse:

— Não admira que não conseguimos puxar — ora, está abarrotada de pedaços velhos de latão!

Então firmando os pés contra a parede, para conseguir um bom apoio, e empurrando com toda a sua força, enquanto seus companheiros puxavam com todas as deles, com grande dificuldade removeram a mala de debaixo da cama e examinaram o conteúdo. O suposto latão que lotava a mala consistia inteiramente em pequenas peças lisas, com tamanhos que variavam de uma ervilha a uma moeda de um dólar; mas as peças tinham formato irregular, embora todas mais ou menos planas — de modo geral, parecendo "muito como parece o chumbo derretido quando é atirado ao chão e ali fica a esfriar". Ora, nenhum desses policiais suspeitou um momento sequer que aquele metal fosse outra coisa *a não ser* latão. A ideia de que fosse *ouro* jamais lhes passou pela cabeça, claro; como uma fantasia tão desvairada *poderia* lhes ocorrer? E pode-se bem imaginar o espanto deles quando, no dia seguinte, toda a Bremen veio a saber que o "monte de latão" que tinham transportado tão desdenhosamente até a delegacia, sem se dar ao trabalho de embolsar o mais insignificante pedacinho, não só era ouro — ouro legítimo — mas um ouro muito melhor do que qualquer um utilizado na cunhagem de moedas — ouro, de fato, absolutamente puro, virgem, sem o menor sinal de liga alguma!

Não preciso me deter nos detalhes da confissão (até onde ela se estendeu) e da soltura de Von Kempelen, pois são conhecidos ao público. — Que ele realmente materializou no espírito e na prática, se não literalmente, a antiga quimera da pedra filosofal, disso ninguém em sã consciência tem o direito de duvidar. As opiniões de Arago, naturalmente, merecem a maior consideração; mas ele não é infalível, de modo algum; e o que diz sobre o *bismuto*, em seu relatório para a academia, deve ser tomado *cum grano salis*. A simples verdade é que, até este momento, *todas* as análises falharam; e, enquanto Von Kempelen não resolver nos dar a chave de seu enigma trazido a público, é mais do que provável que o assunto se mantenha durante anos *in statu quo*. Por ora, a única coisa que sabemos, a bem dizer, é que "*se pode fazer ouro puro à vontade e com grande facilidade a partir do chumbo, ligado a certas outras substâncias, de espécie e em proporções desconhecidas*".

Naturalmente, especula-se muito sobre os resultados imediatos e últimos desta descoberta — uma descoberta que poucos indivíduos sensatos hesitarão em relacionar com um interesse pelo tema do ouro em geral,

intensificado pela recente evolução dos fatos na Califórnia; e esta reflexão nos leva inevitavelmente a outra: a extrema *inconveniência* da análise de Von Kempelen. Se muitos desistiram de se aventurar na Califórnia pela simples percepção de que o valor do ouro iria diminuir significativamente por causa de sua abundância naquelas minas, a ponto de tornar duvidoso o interesse de ir procurá-lo tão longe — que impressão se criará *agora* no espírito dos preparados para emigrar e, sobretudo, no espírito daqueles que já estão na região do minério, com o anúncio dessa assombrosa descoberta de Von Kempelen? Uma descoberta que declara com todas as letras que, além de seu valor intrínseco (qualquer que seja ele) para fins manufatureiros, o ouro agora é, ou pelo menos logo virá a ser (pois não é possível supor que Von Kempelen consiga guardar seu segredo *por muito tempo*), de *valor* não maior do que o do chumbo e de valor muito inferior ao da prata. De fato, é extremamente difícil especular sobre as futuras consequências da descoberta; mas uma coisa pode-se afirmar com toda a segurança: o anúncio da descoberta seis meses atrás teria tido um grande impacto sobre a colonização da Califórnia.

Na Europa, até agora, os resultados mais sensíveis foram um aumento de 200% no preço do chumbo e de quase 25% no da prata.

memória da tradução

(n.t.) | Göreme

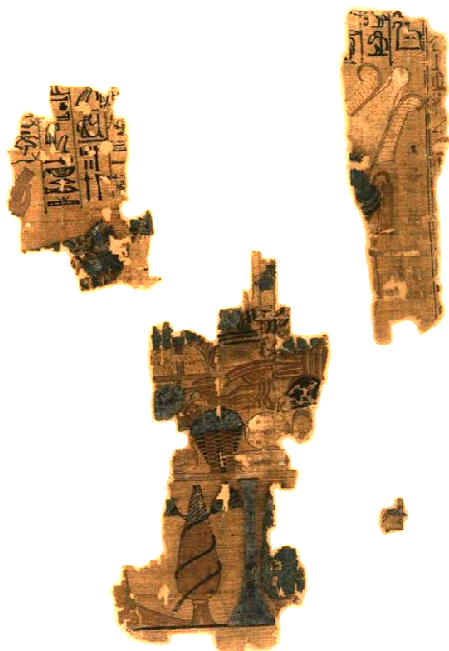
Papiro de Nu

[Livro dos Mortos]

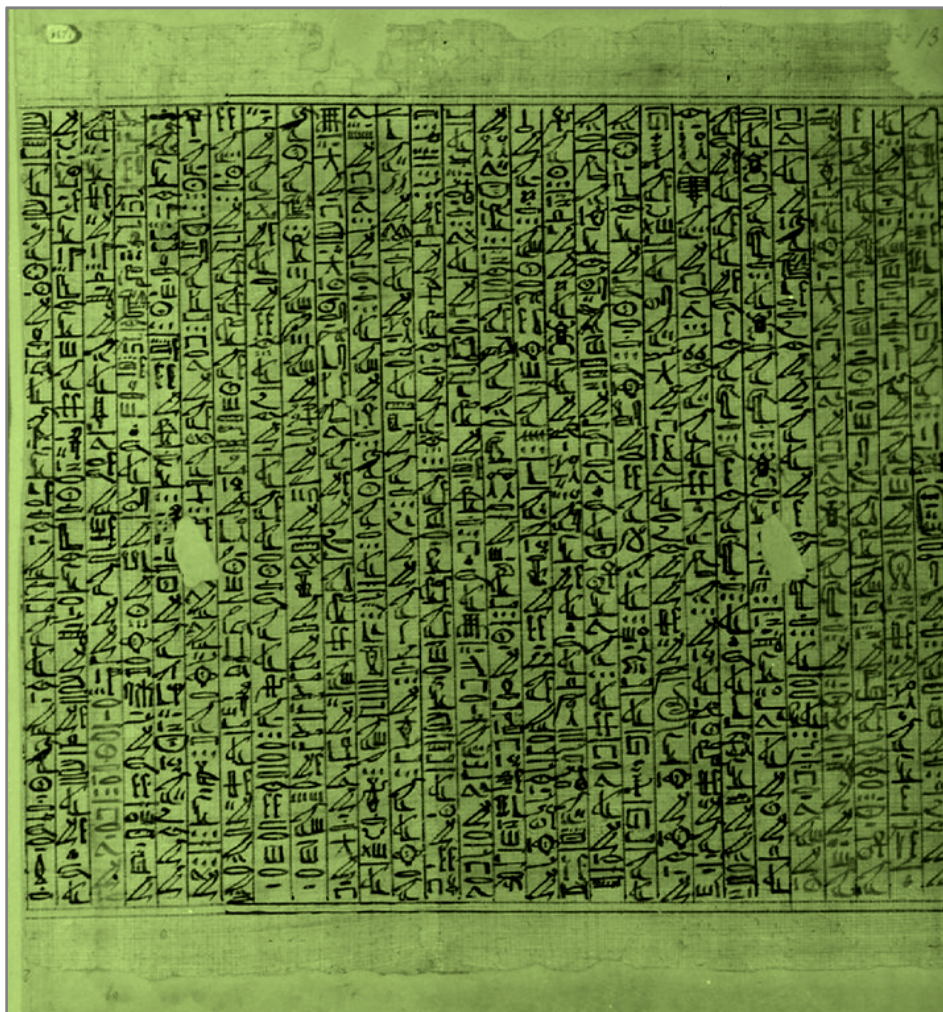
O texto: O *Livro dos Mortos* é uma compilação póstuma de orações, hinos, feitiços e litanias do Antigo Egito, escrito em rolos de papiro. Os rolos eram depositados ao lado das múmias nas tumbas funerárias com o objetivo de auxiliar o morto em sua viagem a uma região de trevas conhecida como *Aukert*, ou "Mundo Subterrâneo", para afastá-lo de eventuais perigos ao longo de sua viagem ao Além. Os egípcios, porém, não chamavam os textos de *Livro dos Mortos*, mas "A Manifestação do Dia" ou "Livro de Sair para a Luz", ao qual faz parte o "Papiro de Nu". Exposto no Museu Britânico (BM 10477) desde 1888, quando fora adquirido através do arqueólogo E. A. Wallis Budge, o papiro permite observar não só a abrangência do código moral egípcio, que continha uma série de "confissões" a serem proferidas, mas ilustra também o percurso final da alma após sua viagem ao "Mundo Subterrâneo", momento em que é conduzida por Hórus para fazer a "Confissão Negativa", que consta no "Papiro de Nu". O trecho selecionado refere-se ao capítulo LXIV (nº 10477, folha 13), intitulado "De como conhecer os 'Capítulos de sair à luz' num único capítulo". Em outras palavras, se trata de uma versão sucinta de todo o conjunto que conforma o "Papiro de Nu". O papiro "folha 13" não traz ilustrada nenhuma vinheta, apenas os hieróglifos em cursivo.

Texto de referência: Budge, E. A. Wallis. "Papiro de Nu". *O livro egípcio dos mortos*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Pensamento, 1995, pp. 252-255;

O autor: Os textos que integram o *Livro dos Mortos* não foram escritos por um único autor nem são todos da mesma época histórica, abrangendo uma série de dinastias egípcias. O "Papiro de Nu" é um "Livro da Morte" da cidade de Tebas, escrito durante a 18ª dinastia, que reinou no Antigo Egito entre 1550 a.C. e 1295 a.C. "Nu" era o nome do proprietário deste papiro, que foi, em vida, "Supervisor do Tesouro", segundo as inscrições em seu sarcófago.

O tradutor: Octávio Mendes Cajado é o tradutor dessa tradução realizada a partir da versão inglesa proposta pelo egiptologista, arqueólogo e tradutor E. A. Wallis Budge (1857-1934).

PAPIRO DE NU

Livro dos Mortos

(n.t.)

Papiro de Nu – nº 10477, folha 13

PAPIRO DE NU

"'Conheço os abimos' é o teu nome."

ANÔNIMO

CAPÍTULO LXIV

Texto: DE COMO CONHECER OS "CAPÍTULOS DE SAIR À LUZ" NUM ÚNICO CAPÍTULO. O intendente da casa do intendente do selo, Osíris Nu, triunfante, filho do intendente da casa, Amen-hetep, triunfante, diz: –

"Sou Ontem e Hoje; e tenho o poder de nascer pela segunda vez. [Sou] a divina Alma escondida, que criou os deuses e dá repastos celestiais aos divinos seres escondidos [no Tuat (mundo inferior)], em Amenti e no céu. [Sou o Leme do Este, Possuidor de dois Rostos Divinos onde se veem os seus raios. Sou o Senhor dos que se erguem de entre os mortos, [o Senhor] que sai da escuridão. [Salve,] ó divinos Falcões empoleirados em vossos locais de descanso, que prestais atenção às coisas ditas por ele, a coxa [do sacrifício] está amarrada ao pescoço, e as nádegas [estão colocadas] sobre a cabeça de Amentet. Concedam-me tais dádivas as Deusas Ur-urti quando minhas lágrimas começarem a sair de mim enquanto eu estiver olhando. 'Conheço os abismos' é o teu nome. Trabalho para [vós], ó Espíritos, que sois em número de [quatro] milhões, [seis] centos e um mil, e duzentos, e tendes doze côvados [de altura]. Viajais juntando as mãos, uma à outra, mas a sexta [hora], que pertence à cabeça do Tuat (mundo inferior), é a hora da derrubada do Demônio. Lá cheguei em triunfo, e [sou] o que está na sala (*ou* pátio) do Tuat; e os sete (?) vêm nas manifestações dele. A força que me protege é a que tem meu Espírito sob a sua proteção, [isto é], o sangue, a água fresca, e as matanças que abundam (?). Abro [caminho entre] os cornos de todos os que me fariam mal, que se mantêm escondidos, que se fazem

meus adversários, e os que estão emborcados. O olho não comerá (*ou* absorverá) as lágrimas da deusa Auquert. Salve, deusa Auquert, abre pra mim o lugar fechado e dá-me estradas amenas pelas quais eu possa viajar. Quem és tu, pois, que te consomes nos sítios ocultos? Sou o chefe do Re-stau, e entro e saio em meu nome de 'Hei, senhor de milhões de anos [e da] terra'; [sou] o fazedor do meu nome. A que estava prenhe depôs [sobre a terra] a sua carga. Tranca-se a porta na parede, e as (coisas) de terror são derrubadas e atiradas abaixo sobre o espinhaço (?) do pássaro *Benu* pelas duas deusas *Samait*. Ao Poderoso foi dado o seu Olho, e seu rosto emite luz quando [ele] ilumina a terra, [meu nome é o nome dele]. Não me tornarei corrupto, mas nascerei com a forma do deus-Leão; as flores de Shu estarão em mim. Sou o que nunca submerge nas águas. Feliz, sim, feliz, é o leito funéreo do Coração-que-parou-de-bater; ele deixou-se cair na lagoa (?) e, na verdade, sai [de lá]. Sou o senhor da minha vida. Vim a este [sítio], e saí de Re-aa-urt a cidade de Osíris. Na verdade as coisas que são tuas estão com as divindades *Sariu*. Abracei o Sicômoro e o dividi (?); abri caminho para mim mesmo [por entre] os deuses *Sekhiu* do Tuat. Vim ver o que assiste em seu divino *uraeus*, face a face e olho no olho, e atraio os ventos [que se levantam] quando ele sai. Meus dois olhos (?) estão fracos em meu rosto, ó [deus]-Leão, Infante, que moras em Utent. Estás em mim e estou em ti; e teus atributos são meus atributos. Sou o deus da Inundação (*Bah*) e 'Quem-ur-she' é o meu nome. Minhas formas são as do deus Quépera, o cabelo da terra de Tem, o cabelo da terra de Tem. Entrei como um homem sem compreensão, e sairei como um Espírito forte, e olharei para minha forma que será a dos homens e mulheres para todo o sempre."

Poema de
Anne Sexton

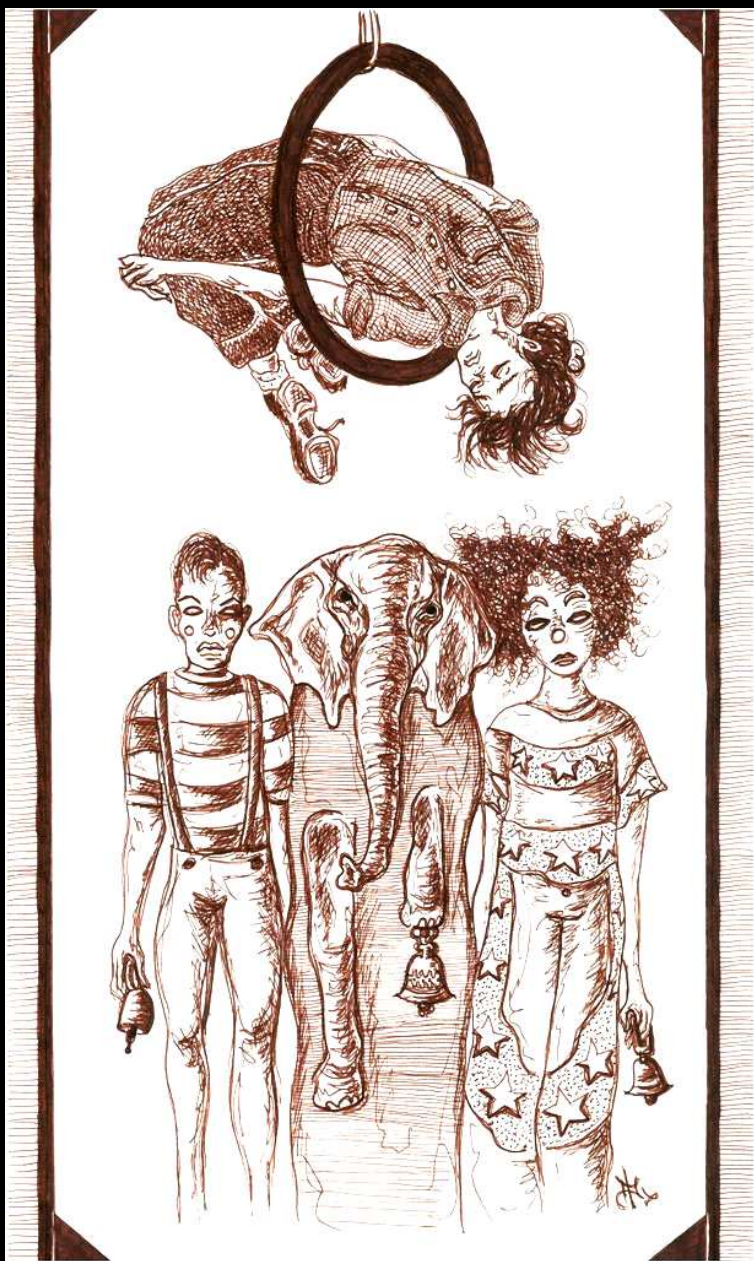
Ilustrações de
Aline Daka

Today the circus poster
is scabbing off the concrete wall
and the children have forgotten
if they knew at all.
Father, do you remember?
Only the sound remains,
the distant thump of the good elephants,
the voice of the ancient lions
and how the bells
trembled for the flying man.
I, laughing,
lifted to your high shoulder
or small at the rough legs of strangers,
was not afraid.
You held my hand
and were instant to explain
the three rings of danger.

Oh see the naughty clown
and the wild parade
while love love
love grew rings around me.
this was the sound where it began;
our breath pounding up to see
the flying man breast out
across the boarded sky
and climb the air.
I remember the color of music
and how forever
all the trembling bells of you
were mine.

Hoje o cartaz do circo
descasca no muro de concreto
e as crianças esqueceram
se alguma vez souberam.
Pai, tu lembras?
Apenas o som permanece,
o rumor remoto dos dóceis elefantes,
a voz dos leões antigos
e como os sinos
tremeram pelo homem que voava.
Eu, rindo,
alçada ao teu ombro alto
ou pequena às pernas ásperas de
estranhos,
não tive medo.
Seguraste minha mão
e explicaste sem demora
os três anéis do perigo.

Oh, veja o palhaço obsceno
e o desfile selvagem
enquanto o amor
o amor o amor criou anéis em meu redor.
Foi esse o som onde começou;
nossa respiração ofegante ao ver
o homem voador atirar-se
de um lado a outro do céu coberto
e subir no ar.
Lembro-me da cor da música
e de como para sempre
todos os teus sinos trêmulos
foram meus.

In. *The Complete Poems: Anne Sexton*. Boston: Houghton Mifflin, 1981.
Tradução de Ana Santos.

"O desfile selvagem"

(n.t.) | Aline Daka

"Os anéis do perigo"

(n.t.) | Aline Daka

Índice das **Ilustrações**

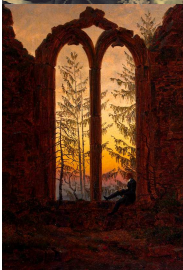
Remedios Varo (p. 92)
Detalhe de *O flaustista*, 1955
Óleo sobre painel em nácar incrustado
MUSEO DE ARTE MODERNO, MÉXICO D.F.

Tommaso Pincio (p. 104)
Retrato de Pier Paolo Pasolini com vaga-lumes, 2012
Técnica mista sobre quadro
WWW.TOMMASOPINCIO.NET

Antonio Berni (p. 118)
Detalhe de *Manifestação*, 1934
Têmpera sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

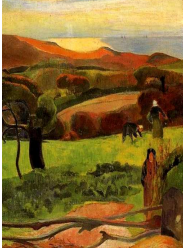
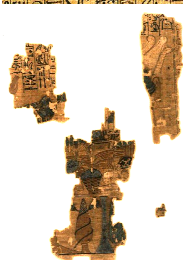
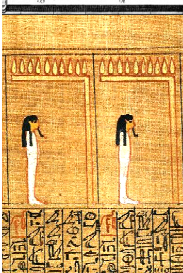
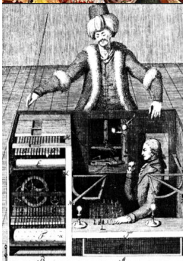
Prospero Fontana (p. 123)
Sem título, 1555
Ilustração para o livro de Achille Bocchi, *Symbolicarum quaestionum*
NOVAE ACADEMIAE BOCCHIANAE, BOLONHA

Herman Heyn (p. 134)
Chefe Bone Necklace, de Oglala, Sioux, 1899
Fotografia
LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON

Caspar David Friedrich (p. 144)
Um sonhador (Ruínas do Mosteiro de Oybin), c. 1835
Óleo sobre tela
STATE HERMITAGE MUSEUM, SÃO PETERSBURGO

Warren Wright (p. 168)
Uma Lulik, 2009
Técnica com fotografia
WWW.INTERNATIONALPEACEANDCONFLICT.ORG

Paul Gauguin (p. 173)
Detalhe de *Breton Paisagem – Campos do Mar (Le Pouldu)*, 1889
Óleo sobre tela
NATIONALMUSEUM, ESTOCOLMO, SUÉCIA

Mario Perez (p. 198)
Detalhe de *A Morte de José Martí*, c. 2003
Óleo sobre tela
WWW.ONECUBANARTIST.COM

James Ensor (p. 209)
Retrato do artista rodeado de máscaras, 1899
Óleo sobre tela
COLLECTION JUSSIANT, ANTUÉRPIA

Wolfgang von Kempelen (p. 239)
O jogador de xadrez turco, 1789
Gravura em metal para o livro *O jogador de xadrez do Sr. Von Kempelen*
J.G.I. BREITKOPF, LEIPZIG E DRESDEN

TEXTO ILUSTRADO:

Papiro de Nu nº 10477 (pp. 255-257)
Detalhe da *Folha 25*
Detalhe da *Folha 1* (cinco fragmentos)
Detalhe da *Folha 13*
> c. 1550-1295 a.C.
Tinta sobre papiro
BRITISH MUSEUM, LONDRES

ILUSTRAÇÕES:

Aline Daka (pp. 261-262)
O desfile selvagem, 2012
Os anéis do perigo, 2012
Sobre poema "Os sinos", de Anne Sexton
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Gleiton Lentz
Túnis (Centro Nacional de Tradução), 2011
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

Centre National de Traduction
National Translation Centre
Centro Nacional de Traducción
Nationales Zentrum für Übersetzung
Centro Nazionale di Traduzione

(n.t.)
UMA REVISTA COSMOPOLITA